

Sarah Waters

AUTORA DE ESTRANHA PRESENÇA E TOQUE DE VELUDO



AFINIDADE

“Sensual e assustador, um livro maravilhoso.” *The Guardian*

ROMANCE



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Sarah Waters

AUTORA DE ESTRANHA PRESENÇA E TOQUE DE VELUDO



AFINIDADE

"Sensual e assustador, um livro maravilhoso." *The Guardian*

ROMANCE







Sarah Waters

AFINIDADE

Tradução de
Léa Viveiros de Castro



EDITORIA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2012



CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Waters, Sarah, 1966

W313a Afimidade / Sarah Waters; tradução de Léa Viveiros de Castro.
- Rio de Janeiro: Record, 2012.

Tradução de Affinity
ISBN 978-85-01-08462-0

1. História de fantasmas. 2. Romance inglês. I. Castro, Léa
Viveiros de II. Título.

11-6649

CDD: 823
CDU: 821.111-3

TÍTULO ORIGINAL EM INGLÊS:
Affinity

Copyright © 1999 by Sarah Waters

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Edição eletrônica: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel. 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso no Brasil

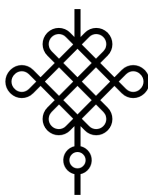
ISBN 978-85-01-08462-0

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



AGRADECIMENTOS

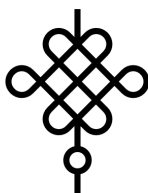


Agradeço a Laura Gowing, Judith Murray, Sally Abbey, Sally O-J, Judith Skinner, Simeon Shoul, Kathy Watson, Leon Feinstein, Desa Philippi, Carol Swain, Judy Easter, Bernard Golfier, Joy Toperoff, Alan Melzak e Ceri Williams.

Sou extremamente grata ao prêmio de literatura New London Writers Award da London Arts Board, que financiou parte deste livro.

Para Caroline Halliday

3 DE AGOSTO DE 1973



EU NUNCA TIVE TANTO MEDO QUANTO agora. Eles me deixaram sentada no escuro, tendo apenas a luz que vem da janela para escrever. Puseram-me no meu próprio quarto, trancaram-me aqui dentro. Queriam que Ruth fizesse isso, mas ela se recusou.

— O quê? Vocês querem que eu tranque a minha patroa, que não fez nada? — No fim, o médico tirou a chave da mão dela e trancou a porta ele mesmo, depois a obrigou a me deixar ali. Agora a casa está cheia de vozes, todas dizendo meu nome. Se eu fechasse os olhos e prestasse atenção, esta poderia ser uma noite comum, como qualquer outra. Eu poderia estar esperando a Sra. Brink vir me buscar para me levar a uma sessão, e Madeleine ou qualquer outra moça talvez estivesse lá, ruborizada, pensando em Peter, nas suíças escuras dele e em suas mãos brilhantes.

Contudo, a Sra. Brink está deitada, sozinha em sua cama fria, e Madeleine Silvester está lá embaixo, chorando loucamente. E Peter Ligeiro foi embora, acho que para sempre.

Ele foi muito bruto e Madeleine ficou muito nervosa. Quando eu lhe disse que podia senti-lo bem perto, ela estremeceu e fechou os olhos.

— É só Peter. Você não tem medo dele, tem? Veja, ele está aqui, olhe para ele, abra os olhos. — Mas ela não abriu, respondeu apenas:

— Ah, eu estou apavorada! Srta. Dawes, por favor, não deixe que ele chegue mais perto!

Bem, muitas damas já falaram o mesmo ao verem Peter aproximar-se delas pela primeira vez, sozinho. Quando ele escutou o que ela disse, deu uma gargalhada.

— O que é isso — disse ele. — Venho de tão longe só para ser mandado embora outra vez? Você sabe como a viagem é difícil e quanto eu sofri, e tudo por sua causa?

Então Madeleine começou a chorar — é claro, algumas choram.

— Peter, você precisa ser mais delicado, Madeleine só está com medo — pedi. — Seja mais delicado e ela vai deixar você se aproximar dela, tenho certeza. — No entanto, quando ele se aproximou delicadamente para encostar a mão

nela, ela deu um grito e ficou branca e toda dura.

— O que é isso, sua tola? — perguntou Peter. — Você está estragando tudo. Você quer ou não quer melhorar? — Mas ela tornou a gritar e depois caiu no chão e começou a agitar as pernas, chutando. Eu nunca tinha visto uma dama fazer isso e exclamei:

— Meu Deus, Peter!

— Ora, sua cadela — resmungou e segurou as pernas. Eu tapei a boca de Madeleine com as mãos. Só fiz isso para ela ficar quieta e parar de se debater, mas quando tirei as mãos, havia sangue nelas. Acho que ela deve ter mordido a língua ou seu nariz deve ter sangrado. Eu nem vi que era sangue inicialmente, era tão preto, quente e grosso que parecia cera.

E mesmo com o sangue na boca ela gritou, até que finalmente o barulho atraiu a atenção da Sra. Brink. Eu ouvi os passos dela no corredor e depois sua voz de assustada.

— Srta. Dawes, o que houve? A senhorita está machucada? — perguntou ela. E quando Madeleine ouviu isso, ela se sacudiu e gritou:

— Sra. Brink, Sra. Brink, eles estão tentando me matar!

Imediatamente Peter se inclinou e bateu no rosto dela, e depois disso ela ficou deitada em silêncio, imóvel. Então eu achei que a tínhamos matado mesmo.

— Peter, o que foi que você fez? Volte! Você tem que voltar. — Mas quando ele se dirigiu para a cabine, a maçaneta da porta fez barulho e a Sra. Brink entrou usando a própria chave. Ela estava segurando um lampião.

— Feche a porta, Peter está aqui e a luz o está incomodar! — eu disse. Mas ela respondeu apenas:

— O que foi que aconteceu? O que foi que você fez? — Ela olhou para Madeleine estendida no chão, com o cabelo vermelho espalhado em volta dela, e depois para a minha combinação rasgada, e para o sangue em minhas mãos, que agora não estava preto, e sim vermelho. Então ela olhou para Peter. As mãos dele cobriam o rosto e ele gritava:

— Leve essa luz embora! — Mas a camisola de Peter estava aberta e suas pernas brancas eram visíveis. A Sra. Brink não levou o lampião embora e este começou a tremer.

— Oh! — gritou ela de repente e tornou a olhar para mim e depois para Madeleine, e pôs a mão no coração. — Até ela? — E então: — Oh, mamãe, mamãe! — Depois ela largou o lampião e virou o rosto para a parede, e quando eu me aproximei dela, ela encostou a mão no meu peito e me empurrou.

Então eu olhei na direção de Peter, mas ele fora embora. Só o que restava era a cortina, escura e esvoaçante, com uma marca prateada feita pela mão dele.

E no final quem morreu foi a Sra. Brink, não Madeleine. Madeleine só tinha desmaiado, e quando a criada a vestiu, levou-a para o outro quarto e eu a ouvi andando de um lado para outro, chorando. No entanto, a Sra. Brink foi ficando cada vez mais fraca, até não conseguir mais ficar em pé. Então Ruth veio correndo.

— O que foi que houve? — gritou, e a fez deitar-se no sofá da sala,

apertando sua mão e dizendo: — A senhora vai melhorar logo, eu tenho certeza. Veja, eu estou aqui, e a Srta. Dawes, que gosta tanto da senhora, está aqui também. — Eu tive a impressão de que a Sra. Brink quis falar alguma coisa, mas não conseguiu, e quando Ruth percebeu, mandou chamar o médico. Então ela ficou segurando a mão da Sra. Brink enquanto este a examinava, chorando e dizendo que não a deixaria partir. A Sra. Brink morreu logo depois. Ela não disse mais uma palavra, a não ser para chamar sua mamãe. Segundo o médico, era muito comum as senhoras se tornarem iguais a crianças na hora da morte. Explicou que o coração dela estava muito inchado e provavelmente sempre fora fraco, e que era um espanto que ela tivesse vivido tanto tempo naquelas condições.

O doutor poderia ter ido embora naquele momento, sem perguntar o que a tinha assustado, mas a Sra. Silvester chegou enquanto ele estava lá e o mandou examinar Madeleine. Esta tinha marcas no corpo, e quando o médico as viu, ficou sério e disse que aquela história estava ficando muito estranha. Na mesma hora, a Sra. Silvester exclamou:

— Estranha? Eu diria criminosa!

Ela chamou um policial e foi por isso que me trancaram no meu quarto. O policial está perguntando a Madeleine quem foi que a machucou. Ela está dizendo que foi Peter Ligeiro, e os cavalheiros indagam:

— Peter Ligeiro? Peter Ligeiro? Que história é essa?

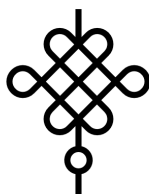
Não há uma lareira acesa nesta casa enorme e, embora seja agosto, eu estou com muito frio. Nunca mais vou me aquecer! Acho que nunca mais vou ficar calma. Acho que nunca mais vou voltar ao normal. Olho em volta no meu quarto e não vejo nada que seja meu. Ele tem o cheiro das flores do jardim da Sra. Brink, e dos perfumes sobre a mesa da mãe dela e do lustre-móveis, as cores do tapete, os cigarros que eu preparei para Peter, o brilho das joias no porta-joias, o reflexo do meu rosto no espelho... No entanto, tudo me parece estranho. Eu queria fechar os olhos, tornar a abri-los e estar de novo em Bethnal Green, vendo minha tia sentada na sua cadeira. Eu até preferia estar em meu quarto no hotel do Sr. Vincy, com a parede de tijolos do lado de fora da minha janela. Eu preferia cem vezes estar lá a estar onde estou agora.

Está tão tarde, já apagaram as lâmpadas do Palácio de Cristal. Só consigo enxergar sua silhueta negra contra o céu.

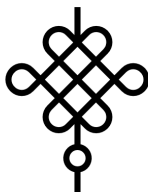
Agora ouço a voz do policial, e a Sra. Silvester grita e faz Madeleine chorar. O quarto da Sra. Brink é o único lugar silencioso da casa, e eu sei que está deitada lá dentro, sozinha no escuro. Eu sei que ela está deitada, imóvel, com o cabelo solto e um cobertor sobre ela. Ela poderia estar escutando os gritos e lamentos, ela ainda poderia querer abrir a boca e falar. Eu sei o que ela diria se pudesse falar. Eu sei tão bem que quase posso ouvir.

Sua voz calma, que só eu consigo ouvir, é a voz mais assustadora de todas.

PARTE UM



24 DE SETEMBRO DE 1874



PAPAI COSTUMAVA DIZER QUE QUALQUER PARTE da história podia ser transformada num conto: era apenas uma questão de resolver onde ele começa e onde termina. Era essa, ele dizia, sua habilidade. E talvez, afinal, as histórias com que ele lidava fossem fáceis de manipular, de dividir e classificar — as grandes vidas, as grandes obras, cada uma delas perfeita, brilhante, completa, como letras de metal numa caixa de tipos.

Eu queria que papai estivesse comigo agora. Eu lhe perguntaria como ele começaria uma história em que me envolvi hoje. Eu perguntaria como ele contaria a história de um presídio — da penitenciária de Millbank — que tem tantas vidas diferentes em seu interior, um formato tão curioso, e caminhos tão misteriosos, que passam por muitos portões e corredores sinuosos. Ele começaria com a própria construção da prisão? Eu não poderia fazer isso, porque, embora tenham me informado esta manhã a data em que ela foi construída, eu já esqueci; além disso, Millbank é tão sólida e tão antiga que não consigo acreditar que tenha havido uma época em que ela não existia nesse lugar terrível ao lado do Tâmis, lançando sua sombra na terra negra. Ele talvez começasse com a visita do Sr. Shillitoe a esta casa, há três semanas; ou talvez começasse às 7 horas desta manhã, quando Ellis trouxe meu traje cinzento e meu casaco — não, é claro que ele não iria começar a história, com uma dama e sua criada, e combinações e cabelos soltos.

Eu acho que ele a começaria no portão de Millbank, no lugar pelo qual todo visitante tem que passar quando chega para visitar a prisão.

Portanto, deixe que eu comece lá o meu relato: sou recebida pelo porteiro do presídio, que anota o meu nome num grande livro; em seguida, um guarda me conduz por um arco estreito e eu percorro o terreno que vai até o prédio da prisão...

Mas, antes de fazer isso, sou obrigada a parar para ajeitar minha saia, que é simples, mas rodada, e prendeu num pedaço de ferro ou de tijolo. Eu imagino que papai não mencionaria o detalhe da saia; entretanto, eu o mencionarei pois, ao erguer os olhos da bainha, vi pela primeira vez os pentágonos de Millbank — que pareceram terríveis, porque eu os olhei de súbito quando já estavam muito

próximos. Sinto o coração bater com força e fico com medo.

O Sr. Shillitoe me dera uma planta dos prédios de Millbank havia uma semana, e eu a mantenho presa na parede ao lado desta escrivaninha desde então. A prisão, com seus contornos, tem um estranho encanto, os pentágonos parecem pétalas de uma flor — ou, como cheguei a pensar, eles são como os espaços coloridos dos tabuleiros de xadrez que pintávamos na infância. Vista de perto, é claro, Millbank não tem o menor charme. Ela é enorme, e suas linhas e seus ângulos, quando consolidados em paredes e torres de tijolo amarelo e janelas gradeadas, parecem simplesmente errados ou impróprios. É como se a prisão tivesse sido desenhada por um homem tomado por um pesadelo ou pela loucura — ou tivesse sido feita de propósito para *enlouquecer* os internos. Eu acho que ficaria louca se eu tivesse que trabalhar como carcereira ali. Caminhei amedrontada ao lado do homem que me conduzia, e só parei uma vez para olhar para trás para o pedaço de céu que se podia ver no alto. O portão interno de Millbank fica na junção de dois dos pentágonos e, para alcançá-lo, portanto, é preciso percorrer uma faixa cada vez mais estreita de cascalho, e sentir as paredes de cada lado avançando, como as rochas do estreito de Bósforo. As sombras lançadas pelos tijolos amarelos são da cor de hematomas. O solo onde as paredes estão pousadas é úmido e escuro como tabaco.

Esse solo deixa o ar aqui muito desagradável; ele ficou ainda pior quando eu entrei na prisão e o portão foi fechado atrás de mim.

Meu coração bateu com mais força ainda, e continuou assim quando me fizeram sentar numa salinha, vendo guardas atravessarem a porta aberta, franzindo a testa e cochichando. Quando finalmente o Sr. Shillitoe chegou, eu apertei a mão dele.

— Que bom ver o senhor! Eu estava começando a ficar preocupada, achando que os guardas iam me tomar por uma condenada, me levar para uma cela e me deixar lá. — Ele riu e explicou que nunca houve uma confusão desse tipo em Millbank.

Em seguida, entramos juntos nos prédios da prisão. Ele achou melhor me levar direto para a ala feminina, para o escritório da supervisora, a principal encarregada de lá, Srta. Haxby. Nós fomos andando e ele explicou o caminho para mim, e eu tentei equipará-lo à lembrança que eu tinha da planta, mas a organização da prisão é tão peculiar que, evidentemente, logo me perdi. Sei que não entramos nos pentágonos onde ficam os homens. Só passamos pelos portões que vão dar nas alas do prédio hexagonal, que se situa no meio da prisão, o prédio onde se localizam os depósitos, a casa do médico, os escritórios do Sr. Shillitoe, de todos os seus assistentes, as enfermarias e a capela.

— Isso aqui é uma verdadeira cidade! — disse ele, indicando com um aceno de cabeça as chaminés amarelas, de onde saíam rolos de fumaça da lavanderia da prisão. — Uma cidade autossustentável. Sempre penso que a gente se viraria muito bem se sofrêssemos um cerco.

Ele falou com certo orgulho, mas riu, e eu sorri em resposta. Mas, se eu tinha ficado assustada ao ver a luz e o ar serem trancados atrás de mim quando

passamos pelo portão interno, agora então, quando nos embrenhamos mais ainda na prisão e atravessamos um portão no final de uma passagem escura e complicada que eu jamais seria capaz de percorrer novamente sozinha, tornei a ficar nervosa. Na semana anterior, ao folhear uns papéis no escritório de papai, achei um volume com os desenhos da prisão feitos por Piranesi e passei uma hora estudando-os, cheia de ansiedade, pensando em todas as cenas terríveis e assustadoras que eu talvez fosse assistir hoje. É claro que não ocorreu nada semelhante ao que eu tinha imaginado. Nós apenas atravessamos uma sucessão de corredores limpos, pintados de branco, e fomos cumprimentados, na junção deles, por guardas usando os uniformes escuros da prisão. Mas a própria limpeza e a semelhança dos corredores e dos homens os tornavam perturbadores: se eu tivesse sido levada pelo mesmo caminho dez vezes, nunca me daria conta disso. Enervante também é o terrível *ruído* do lugar. Onde quer que os guardas estejam, existem portões que têm que ser destrancados, abertos com um rangido alto e depois fechados com força e trancados; e os corredores vazios, é claro, ecoam os sons de outros portões e fechaduras, distantes ou próximos. Por isso, a prisão parece estar no centro de uma tempestade perpétua, que deixou um zumbido em meus ouvidos.

Fomos andando até chegarmos a uma porta antiga, adornada de pregos, que tinha uma portinhola e era a entrada da prisão feminina. Aqui nós fomos recebidos por uma agente penitenciária que fez uma reverência para o Sr. Shillitoe; e, como era a primeira mulher que eu tinha visto ali, analisei-a com atenção. Ela era relativamente jovem, pálida, tinha um ar sério e estava vestida com o que eu logo descobri ser o uniforme do lugar: um vestido de lã cinzenta, uma capa preta, uma touca cinzenta debruada de azul e botas pretas de salto baixo. Quando ela reparou que eu a olhava, fez outra reverência, enquanto o Sr. Shillitoe dizia:

— Esta é a Srta. Ridley, nossa carcereira-chefe aqui. — E em seguida dirigiu-se a ela: — Esta é a Srta. Prior, nossa nova visitante.

Ela foi caminhando na frente e eu ouvi um tilintar de metal; vi que, como os guardas, ela também usava um cinto largo de couro com fivela de metal e, pendurada nele, uma argola com as chaves da prisão.

Ela nos conduziu por mais corredores até uma escada em espiral que dava numa torre; é no alto dessa torre, numa sala bem-iluminada, branca, circular, repleta de janelas, que fica o escritório da Srta. Haxby.

— A senhorita vai ver a lógica da disposição disso — disse o Sr. Shillitoe enquanto subíamos, ficando vermelho e sem ar; e é claro que percebi na mesma hora o que ele queria dizer, pois a torre fica no centro do pátio pentagonal, de modo que se avista de lá todas as paredes e janelas gradeadas que formam a face interna do prédio feminino. A sala é muito simples. Nada cobre o chão. Tem uma corda pendurada entre duas colunas, onde as prisioneiras são obrigadas a ficar quando levadas até lá e depois da corda tem uma escrivaninha. Ali, escrevendo num grande livro preto, encontramos a Srta. Haxby, “o Argos da prisão”, como o Sr. Shillitoe a chamou, sorrindo. Quando ela nos viu, levantou-se, tirou os óculos

e, como a Srta. Ridley, fez uma reverência.

Ela é uma senhora pequenina e seu cabelo é todo branco. Seus olhos são atentos. Atrás de sua escrivaninha, presa na parede pintada de branco, há uma tabuleta onde está escrito:

*Expusestes nossos crimes diante de Vós e nossos pecados secretos à luz de Vossa
confiança.*

Era impossível, ao entrar naquela sala, não sentir vontade de se aproximar imediatamente de uma de suas janelas e contemplar a paisagem lá fora, e quando o Sr. Shillitoe me viu olhando, comentou:

— Sim, Srta. Prior, aproxime-se do vidro. — Eu fiquei ali alguns instantes, observando o pátio lá embaixo, depois as feias paredes da prisão à nossa frente, e as fileiras de janelas que espreitam. O Sr. Shillitoe continuou: — Bem, esta não é uma visão maravilhosa e terrível? — Toda a prisão feminina estava ali diante de mim; e atrás de cada uma daquelas janelas havia uma única cela, com uma prisioneira dentro. Ele se virou para a Srta. Haxby: — Quantas mulheres a senhora tem nestas celas, neste momento?

Ela respondeu que havia 270 mulheres.

— Duzentos e setenta! — surpreendeu-se e balançou sacudiu a cabeça. — A senhorita poderia parar um instante, Srta. Prior, para imaginar aquelas pobres mulheres e todos os caminhos escusos e sombrios que percorreram até chegar a Millbank? Elas podem ter sido ladras, prostitutas, brutalizadas pelo vício; elas ignoram, sem dúvida, a vergonha, os deveres e todos os sentimentos mais nobres. Sim, pode ter certeza disso. A sociedade as considerou desprezíveis e transferiu para mim e para a Srta. Haxby a responsabilidade de cuidar delas.

Mas qual era, ele me perguntou, o modo apropriado de fazer isso?

— Nós damos a elas hábitos regulares. Nós as ensinamos a rezar e a serem recatadas. Entretanto, necessariamente, elas têm que passar a maior parte do tempo sozinhas, fechadas em suas celas. E lá elas ficam... — ele tornou a fazer um sinal na direção das janelas — ... talvez por três anos, ou seis, ou sete. Lá estão elas: trancadas, e com as mentes fervilhando. Calamos suas bocas e mantemos suas mãos ocupadas; mas seus corações, Srta. Prior, suas lembranças atrozes, seus pensamentos vis, suas ambições mesquinhas, esses nós não podemos controlar. Podemos, Srta. Haxby?

— Não senhor — respondeu ela.

— No entanto, o senhor acha que uma visitante pode conseguir alguma coisa com elas? — eu disse.

Ele assentiu. Tinha certeza que sim. Aqueles pobres corações abandonados eram como corações de crianças, “ou de selvagens”; eles eram influenciáveis, só precisavam ser moldados.

— Nossas agentes poderiam fazer isso — disse ele — mas os horários de trabalho delas são longos e suas obrigações, pesadas. As mulheres às vezes são azedas com elas e às vezes são estúpidas. Mas, se uma verdadeira dama se

aproximar delas, Srta. Prior, se uma senhora digna fizer isso; se elas souberem que ela deixou sua vida confortável apenas para visitá-las, para conhecer suas histórias sórdidas, se perceberem o contraste entre sua maneira de falar, entre seus modos e os modos delas, elas se tornarão mais dóceis, mais flexíveis e submissas — eu já vi isso acontecer! A Srta. Haxby já viu! É uma questão de influência, de solidariedade, de aplacar suscetibilidades...

E assim por diante. Ele já havia falado muito sobre isso antes, é claro, lá embaixo, em nossa sala de visitas; e lá, com mamãe franzindo a testa, e o relógio sobre a lareira marcando seu lento tique-taque, aquilo tinha soado muito bem. *A senhorita deve estar tristemente ociosa, Srta. Prior, desde a morte do seu pobre pai*, ele me dissera então. Ele só foi até lá para pegar uns livros que tinha emprestado a papai; ele não sabia que eu não estivera ociosa, mas sim doente. Fiquei contente por ele não saber naquele momento. Agora, no entanto, com aquelas paredes sombrias na minha frente, com a Srta. Haxby olhando para mim, e a Srta. Ridley parada na porta, com os braços cruzados no peito e sua argola de chaves balançando, eu me sentia mais amedrontada do que nunca. Por um momento desejei que elas vissem minha fraqueza e me mandassem para casa, como mamãe às vezes fazia quando eu ficava muito ansiosa num teatro por achar que ia ficar doente e chamar atenção naquele salão tão silencioso.

Mas eles não perceberam. O Sr. Shillitoe continuou falando sobre a história de Millbank, sobre sua rotina, seus funcionários e visitantes. Eu fiquei parada, concordando com ele; às vezes a Srta. Haxby também assentia. Após algum tempo, soou uma sineta em algum lugar nos prédios da prisão e, quando a ouviram, o Sr. Shillitoe e as senhoras fizeram movimentos semelhantes, e o Sr. Shillitoe confessou ter falado mais do que pretendia. A campainha era o sinal que mandava os prisioneiros para os pátios. Agora o Sr. Shillitoe teria de me deixar aos cuidados das senhoras — ele disse que eu tinha que procurá-lo alguma outra hora para lhe contar minha opinião sobre as mulheres. Ele segurou minha mão, mas quando eu fiz menção de acompanhá-lo na direção da escrivaninha, ele recusou.

— Não, não, fique aí mais um pouco. Srta. Haxby, quer vir até a janela e observar junto com a Srta. Prior? Fique de olhos atentos e verá algo que vale a pena!

A encarregada abriu a porta e ele foi engolido pela escuridão da escadaria da torre. A Srta. Haxby tinha se aproximado e nós nos voltamos para o vidro, com a Srta. Ridley indo até a outra janela para olhar de lá. Abaixo de nós havia três pátios de terra batida, cada um separado do outro por um muro alto de tijolos, que vinha, como o raio de uma roda de carruagem, da torre da supervisora. Acima de nós estava o céu sujo da cidade, que deixava passar algumas listras de sol.

— Um belo dia, para setembro — disse a Srta. Haxby.

Então ela tornou a olhar para a cena abaixo de nós; e eu também olhei e esperei.

Por algum tempo, tudo continuou da mesma forma: os pátios lá embaixo,

assim como o solo, são muito expostos — só terra e cascalho —, e não têm nem um pedacinho de grama para ser agitado pelo vento, ou uma minhoca ou um besouro para um pássaro voar e agarrar. Mas, passado um minuto mais ou menos, percebi um movimento no canto de um dos pátios, e em seguida um movimento semelhante nos outros. Era a abertura das portas. As mulheres surgiram, e acho que nunca presenciei nada tão impressionante quanto aquela visão das mulheres do alto de nossas janelas, parecendo pequenas — como se fossem formigas ou contas num fio. Elas se espalharam pelos pátios e formaram três grandes elipses, e um segundo depois eu não sabia qual tinha sido a primeira prisioneira nem a última, a entrar no pátio, porque as elipses eram contínuas e as mulheres estavam todas com roupas iguais: vestidos marrons, toucas brancas e lenços azul-claros amarrados no pescoço. Foi só pela postura delas que reconheci sua condição humana, pois embora todas caminhassem com o mesmo passo lento, algumas mantinham a cabeça baixa e outras mancavam; muitas tinham os corpos duros e encurvados por causa do frio, outras pobres almas erguiam os rostos para o céu. Uma, eu acho, ergueu os olhos na direção da janela onde nós estávamos e nos fitou com expressão vazia.

Todas as mulheres da prisão estavam ali, quase trezentas, noventa em cada fila sinuosa. Em cada canto dos pátios havia um par de agentes penitenciárias de capas escuras, que vigiavam as prisioneiras até o final do exercício.

Tive a impressão de que a Srta. Haxby fitava as presas com uma espécie de satisfação.

— Veja como elas sabem o lugar delas — disse ela. — Veja, tem que ser mantida uma certa distância entre uma prisioneira e outra. Se essa distância não for respeitada, a detenta é denunciada e perde privilégios. Quando há mulheres velhas, doentes ou fracas, ou quando há mulheres muito jovens... Nós tivemos meninas de 12 e 13 anos no passado, não é mesmo, Srta. Ridley? — então a agente as faz caminhar num círculo separado.

— Como o andar delas é silencioso! — eu disse. Ela então me explicou que as mulheres têm que ficar caladas, em todas as dependências da prisão; que são proibidas de falar, de assobiar, de cantar, de cantarolar ou “de fazer qualquer ruído involuntário” a menos que uma agente ou um visitante ordenem.

— E por quanto tempo elas têm que andar? — eu perguntei.

— Elas têm que andar durante uma hora.

— E se chover? — Se chover, o exercício é interrompido. Esses dias são ruins para as agentes, ela disse, porque um confinamento muito longo deixava as mulheres “inquietas e agitadas”. Enquanto falava, ela olhava fixamente para as prisioneiras: um dos círculos tinha começado a ficar mais lento e fora de ritmo em comparação aos outros pátios.

— Lá está — e disse o nome de uma mulher —, atrasando o ritmo da fila. Não deixe de falar com ela, Srta. Ridley, quando fizer a sua ronda.

Eu achei maravilhoso que ela conhecesse as mulheres pelo nome; mas quando lhe disse isso, ela sorriu. Falou que via as prisioneiras caminhando nos pátios todos os dias e que “já faz sete anos que sou supervisora em Millbank, e

antes disso eu fui carcereira-chefe aqui.” — Antes, ela me disse, fora agente comum na prisão de Brixton. Ao todo tinha passado 21 anos no presídio; uma sentença mais longa que a da maioria das prisioneiras. No entanto, havia mulheres caminhando lá embaixo que iriam suplantá-la. Ela as tinha visto chegar; mas se aventurava a dizer que não estaria lá para vê-las partir...

Eu perguntei se essas prisioneiras não tornavam o trabalho dela mais fácil, uma vez que deviam conhecer muito bem os hábitos da prisão. Ela disse que sim, e perguntou:

— Não é verdade, Srta. Ridley? Nós preferimos sentenças longas, não é?

— Sim — respondeu a agente. — Preferimos prisioneiras com sentenças longas e um único crime para pagar, isto é, envenenadoras, lançadoras de ácido, assassinas de crianças, mulheres de quem os magistrados tiveram pena e não mandaram para a força. Se a prisão tivesse apenas essas mulheres, poderíamos mandar nossas agentes para casa e deixar as próprias presas se trancarem aqui dentro. São as criminosas contumazes, ladras, prostitutas e falsárias, que mais nos aborrecem — elas são uns demônios, senhorita! Nasceram para enganar, a maioria delas, e é só isso que querem fazer. Quando aprendem nossos hábitos, é só para tentar burlá-los, saber que truques mais irão nos aborrecer. Demônios!

Ela disse tudo isso com muita calma, mas suas palavras me assustaram. Talvez fosse apenas a associação com o molho de chaves — ainda pendurado em sua cintura e que às vezes produzia um ruído nada musical —, mas a voz dela tinha um toque de aço. Era como um parafuso em sua porca: eu imagino que ela poderia retirá-lo com brutalidade ou com delicadeza; mas tenho certeza de que nunca poderia fazê-lo de forma suave. Eu olhei para ela por um segundo, depois tornei a fitar a Srta. Haxby. Ela tinha feito que sim com a cabeça ao ouvir as palavras da carcereira, e agora estava quase sorrindo. “Pode ver como minhas agentes se tornam sentimentais a respeito das mulheres sob seus cuidados!”, disse ela.

A Srta. Haxby me fitava com atenção.

— A senhorita nos acha cruéis, Srta. Prior? — ela perguntou após alguns momentos. Acreditava que eu iria, é claro, formar minha própria opinião acerca do caráter de suas detentas. O Sr. Shillitoe tinha me pedido para ser uma visitante e ela estava agradecida a ele, e eu passaria meu tempo com elas da forma que achasse mais apropriado. Mas ela precisava me dizer, como diria para qualquer dama ou cavalheiro que entrasse em sua prisão: — *Tome cuidado*. — Ela enfatizou lugubrememente estas palavras: — *Tome cuidado ao lidar com as mulheres de Millbank!*

Avisou que eu devia estar atenta, por exemplo, aos meus pertences. Muitas garotas foram batedoras de carteira, e se eu deixasse um relógio ou um lenço largado, seria uma tentação para elas; portanto, pediu para não deixar esses objetos à vista, da mesma forma que segundo ela, eu “manteria minhas joias longe da vista de uma criada para não levá-la a pensar na possibilidade de roubá-las”.

A Srta. Haxby também me alertou para a maneira de falar com as mulheres.

Eu não devia dizer nada a respeito do mundo do outro lado dos muros da prisão, nada do que acontece nele, nem mesmo uma notícia de jornal — especialmente isso, “porque jornais são proibidos aqui”. Ela disse que alguma mulher talvez quisesse me transformar em amiga, conselheira; e se isso acontecesse, então eu deveria aconselhá-la “como sua carcereira faria — isto é, deveria fazê-la envergonhar-se do seu crime e buscar uma vida melhor no futuro”. Mas não devo fazer nenhuma promessa enquanto a detenta estiver na prisão; nem devo carregar objetos ou levar informações para família ou amigos do lado de fora.

— Se uma presa disser que a mãe dela está doente e prestes a morrer, se ela cortar uma mecha de cabelo e pedir para você levar para a mãe moribunda, *você deve recusar*. Caso concorde, Srta. Prior, a prisioneira a terá em seu poder. Ela usará isso contra a senhorita, para causar todo tipo de problema.

Relatou um ou dois casos ocorridos no tempo dela em Millbank, que haviam terminado muito mal para todos os envolvidos...

Acho que esses eram todos os avisos que ela queria dar, e eu lhe agradei por eles — embora enquanto ela estivesse falando eu não conseguisse deixar de prestar atenção na agente silenciosa ali parada: era como agradecer a mamãe por me dar um conselho importante enquanto Ellis tirava os pratos. Tornei a contemplar as mulheres que caminhavam em círculos, sem dizer nada, refletindo.

— A senhorita gosta de olhar para elas — disse a Srta. Haxby então.

Comentou que nunca havia tido um visitante que não gostasse de ficar ali naquela janela vendo as mulheres andando. Era tão terapêutico, na opinião dela, quanto contemplar peixes nadando num tanque.

Depois disso, eu saí de perto da janela.

Acho que conversamos mais um pouco, sobre as rotinas da prisão; mas logo ela consultou o relógio e pediu que a Srta. Ridley me levasse para visitar as diversas alas.

— Sinto não poder fazer isso pessoalmente — disse ela. — Mas veja só — indicou o enorme livro sobre sua mesa —, aqui está o meu trabalho desta manhã. Este é o Livro de Caracterização das presas, que eu preciso preencher com todos os relatórios feitos pelas minhas agentes. — Ela pôs os óculos e seus olhos ficaram ainda mais penetrantes. — Eu vou ver agora, Srta. Prior, se nossas mulheres foram boas ou más esta semana.

A Srta. Ridley me acompanhou e nós descemos a escadaria escura da torre. No andar de baixo, passamos por outra porta.

— O que tem aqui neste andar, Srta. Ridley? — eu disse. Ela respondeu que havia os aposentos da Srta. Haxby, onde ela fazia as refeições e também dormia, e eu então imaginei como seria dormir naquela torre silenciosa, com a prisão do outro lado da janela, erguendo-se de todos os lados.

Eu olho agora para a planta ao lado da minha mesa e vejo a torre ali indicada. Acho que identifico também o caminho que trilhei com a Srta. Ridley. Ela andava rapidamente, percorrendo aqueles corredores monótonos como se fosse a agulha de uma bússola pendendo continuamente para o norte. Há 4 quilômetros de corredores na prisão, ela me disse; mas quando eu perguntei se os

corredores não eram difíceis de distinguir, ela fez um muxoxo. Contou que, quando as mulheres começavam a trabalhar como agentes penitenciárias em Millbank, elas deitavam a cabeça no travesseiro à noite e tinham a sensação de estar caminhando, caminhando, sempre pelo mesmo corredor branco.

— Isso acontece durante uma semana — disse a Srta. Ridley. — Depois disso, a agente aprende o caminho. Depois de um ano, ela tem vontade de se perder de novo, só para variar. — Ela mesma é agente penitenciária aqui há mais tempo que a Srta. Haxby. Ela seria capaz de fazer seu trabalho de olhos vendados.

Aqui ela sorriu, mas de mau humor. O rosto dela é branco e liso, como cera ou banha, e seus olhos são claros, com pálpebras pesadas e sem cílios. Suas mãos, eu notei, são muito limpas e macias — eu diria que ela passa pedra-pomes nelas. Suas unhas são bem cortadas, curtas.

Ela não tornou a falar comigo até chegarmos às alas — isto é, até chegarmos às grades que davam para um corredor comprido, frio, silencioso, parecendo um claustro, onde ficavam as celas. Esse corredor tinha, eu acho, cerca de 2 metros de largura. Havia areia no chão e, nas paredes e no teto, mais cal. Bem alto à esquerda — alto demais para eu alcançar — havia uma fileira de janelas, com vidros grossos e barras de ferro; e ao longo da parede em frente havia portas: todas iguais, as típicas portas escuras, que habitam terríveis pesadelos. As portas lançavam um pouco de luz no corredor, e também certo odor. O cheiro — eu o havia sentido antes nos corredores externos, e ainda o sinto agora, ao escrever isso! — é vago, mas horrível. É o fedor abafado do que chamam aqui de “baldes de dejetos” e a fusão de tantas bocas e membros mal lavados.

Esta era a primeira ala, a ala A, segundo a Srta. Ridley. Há seis alas ao todo — duas em cada andar. A ala A abriga as mulheres que chegaram por último, chamadas de Terceira Classe.

Em seguida, ela entrou comigo na primeira das celas vazias, indicando com um gesto as duas portas fixadas na entrada. Uma delas era de madeira, com ferrolhos; a outra era um portão de ferro, com uma tranca. As carcereiras mantinham os portões de ferro fechados e as portas de madeira abertas durante o dia.

— Isso permite que vejamos as mulheres enquanto caminhamos — observou a Srta. Ridley —, e que o ar da cela fique menos viciado. — Enquanto falava, ela fechou as duas portas, e o aposento ficou imediatamente mais escuro e pareceu encolher. Ela pôs as mãos nos quadris e olhou em volta. Considerava estas celas bem decentes: têm um bom tamanho e “construção bastante sólida”, com uma camada dupla de tijolos entre elas. — Isso evita que uma mulher fique falando com a vizinha...

Virei de costas para ela. A cela, embora escura, era branca e desagradável, e tão nua que, se eu fechar os olhos agora, posso ver claramente seu conteúdo. Havia uma única janela alta, de grade e vidro amarelo — esta era uma das janelas, é claro, que eu tinha contemplado junto com o Sr. Shillitoe da torre da Srta. Haxby. Ao lado da porta estavam uma placa esmaltada com uma lista de “Avisos para Presos” e um “Livro de Orações para Presos”. Sobre uma prateleira de

madeira havia uma caneca, um prato de madeira, uma caixinha de sal, uma Bíblia e um livro religioso: *O guia do preso*. Havia uma cadeira, uma mesa e uma rede dobrada e, ao lado desta, uma bandeja repleta de sacos de lona e rolos de linha vermelha, e um “balde de dejetos” com uma tampa de esmalte lascada. Sobre o estreito parapeito da janela, havia um pente, com os dentes gastos ou quebrados, e cheio de fios de cabelo e caspa.

O pente, como fiquei sabendo, era o que distinguia aquela cela das outras que ficavam próximas. As mulheres não podem ter pertences, e o que lhes é dado — as canecas, pratos e Bíblias — tem de ser mantido bem limpo e arrumado de acordo com o padrão da prisão. Percorrer as alas do térreo com a Srta. Ridley, olhando para dentro de todas aquelas celas feias e iguais, foi uma tortura; também fiquei tonta por causa da geometria do lugar. Porque as alas, evidentemente, acompanham as paredes externas do pentágono, e são estranhamente segmentadas: cada vez que chegávamos ao final de um corredor branco e monótono, víamos que estávamos no início de outro igual, que se estendia num ângulo esquisito. No ponto onde dois corredores se encontram há uma escada espiral. Na junção das alas há uma torre, onde a agente penitenciária de cada andar tem um quartinho.

Enquanto percorríamos as alas, ouvíamos, vindo do outro lado das janelas das celas, o ruído das mulheres que caminhavam nos pátios. Ao chegarmos ao último trecho da segunda ala do térreo, ouvi a sineta tocar pela segunda vez, o que fez diminuir o ritmo dos passos; eles tornaram-se desiguais e após alguns momentos uma porta bateu. Ouviu-se um ruído de grades e depois de novo o som de botas, rangendo na areia dessa vez, provocando eco. Olhei para a Srta. Ridley.

— As mulheres estão vindo — disse ela, nem um pouco animada, e ficamos paradas, ouvindo o som ficar mais alto, e ainda mais alto. No fim, ele pareceu ensurdecedor — nós tínhamos virado três corredores do andar e, embora as mulheres estivessem perto, nós não podíamos vê-las.

— Parecem fantasmas! — afirmei, lembrando-me do que dizem sobre as legiões de soldados romanos que às vezes ouvimos passar pelos porões das casas da cidade. Acho que o solo de Millbank um dia também produzirá ecos dessa forma séculos depois de a prisão ter saído de lá.

Mas a Srta. Ridley se virou para mim.

— Fantasmas! — exclamou, fitando-me de um jeito estranho. E quando ela disse isso, as prisioneiras apareceram no corredor; e então elas de súbito se tornaram horrivelmente reais — não fantasmas, nem bonecas, nem contas num cordão, como tinham parecido antes, mas mulheres e moças de feições grosseiras e andar desleixado. Levantaram a cabeça quando nos viram ali paradas, e ao reconhecerem a Srta. Ridley, fizeram um ar dócil. A mim, entretanto, pareceram estudar abertamente.

Elas nos encararam, mas caminharam ordenadamente para suas celas. Depois de se acomodarem, a carcereira vinha atrás delas, trancando os portões.

O nome dessa agente penitenciária, eu acho, é Srta. Manning.

— A Srta. Prior está visitando a prisão pela primeira vez — disse a Srta. Ridley, e a agente assentiu com a cabeça, dizendo que a tinham avisado sobre a minha visita. Ela sorriu. Para ela, eu havia assumido uma tarefa e tanto, visitando *suas* meninas! Será que eu gostaria de falar com uma delas agora? Concordei. Ela me levou para uma cela que ainda não tinha sido trancada e fez um sinal para a mulher que havia entrado lá.

— Pilling, esta aqui é a nova visitante, que veio conversar um pouco com você. Levante-se para que ela possa vê-la. Ande logo, seja educada!

A presa se aproximou e fez uma reverência. O rosto dela estava corado e seus lábios brilhavam do passeio no pátio.

— Diga quem você é e por que está aqui — disse a Srta. Manning, e a mulher respondeu logo — embora tropeçando um pouco nas palavras.

— Susan Pilling, madame. Estou aqui por roubo.

Então a Srta. Manning me mostrou uma placa esmaltada pendurada numa corrente ao lado da entrada da cela: ali tinha o número e a classe da mulher, seu crime e a data em que deveria ser solta.

— Há quanto tempo você está em Millbank, Pilling? — perguntei. Ela me disse, sete meses. Eu assenti. E quantos anos ela tinha? Eu achei que devia estar beirando os 40. Contudo, disse que tinha 22; eu hesitei ao ouvir isso, então tornei a assentir com a cabeça. E o que ela estava achando da vida ali?

Ela respondeu que achava boa; e que a Srta. Manning a tratava bem.

— Tenho certeza que sim — eu disse.

De repente, houve um silêncio. Vi a mulher me observando, e acho que as agentes também me olhavam. Lembrei de mamãe, ralhando comigo quando eu tinha 22 anos, dizendo que precisava conversar mais quando fazíamos uma visita. Eu devia perguntar às damas sobre a saúde dos seus filhos; ou sobre os lugares agradáveis que já tinham visitado, ou sobre alguma pintura ou bordado. Eu devia admirar o corte do vestido de uma dama...

Olhei para o vestido marrom de Susan Pilling; e perguntei o que ela achava da roupa que era obrigada a usar. Ela era feita de quê? De sarja ou de linhagem? A Srta. Ridley se adiantou e levantou um pouco a saia da presa. O vestido era de linhagem. As meias — azuis com uma listra vermelha e muito grossas — eram de lã. Havia uma anágua de flanela e outra de sarja. Os sapatos, como eu podia ver, era bem sólidos: feitos pelos homens, ela me disse, na prisão.

A presa ficou dura como um manequim enquanto a agente mostrava cada peça, e eu me vi obrigada a sentir o pano do vestido dela entre meus dedos. O cheiro, bem, o cheiro é o mesmo de um vestido de linhagem depois de usado o dia inteiro por uma mulher suada; então, perguntei em seguida com que frequência os vestidos eram trocados. A agente me informou que eles eram trocados uma vez por mês. As combinações, as anáguas e as meias eram trocadas de 15 em 15 dias.

— E com que frequência vocês tomam banho? — perguntei à própria presa.

— Nós podemos tomar banho quando queremos, madame; só que não pode passar de duas vezes por mês.

Percebi que suas mãos, que ela mantinha diante de si, estavam cheias de cicatrizes; e imaginei com que frequência ela costumava tomar banho antes de ser mandada para Millbank.

Imaginei também sobre o que iríamos conversar, se eu ia ficar sozinha com ela numa cela. Mas o que eu disse foi:

— Bem, talvez eu venha visitá-la outra vez, e você poderá me contar mais sobre como passa os dias aqui. Você gostaria?

Ela disse que gostaria muito. Mas será que eu ia lhe contar histórias das Sagradas Escrituras?

A Srta. Ridley explicou que havia outra visitante que vinha às quartas-feiras, lia a Bíblia para as mulheres e depois fazia perguntas sobre o texto. Eu disse a Pilling que não, que não ia ler para elas, mas apenas conversar e talvez ouvir as histórias *delas*. Então ela olhou para mim e não disse nada. A Srta. Manning se aproximou, a mandou de volta para a cela e trancou o portão.

Quando saímos daquela ala, subimos outra escada circular até o outro andar, onde ficavam as alas D e E. Ali eram mantidas as mulheres problemáticas ou incorrigíveis, que criaram confusão em Millbank ou foram enviadas ou devolvidas de outras instituições por terem entrado em confusão lá. Nessas alas, todas as portas são trancadas; os corredores, portanto, são mais escuros que os de baixo, e o ar é mais viciado. A carcereira desse andar é uma mulher robusta, de feições rudes, chamada — que ironia! — Sra. Linda. Ela foi andando na nossa frente e, com uma espécie de satisfação, como a curadora de um museu de cera, ia parando na porta das celas das piores presas ou das mais interessantes, para me relatar seus crimes, do tipo...

— Jane Hoy, madame: assassina de crianças. Má como uma cobra.

— Phoebe Jacobs: ladra. Pôs fogo em sua cela.

— Deborah Griffiths: batedora de carteira. Está aqui porque cuspiu no capelão.

— Jane Samson: suicida...

— *Suicida* — eu disse. A Sra. Linda piscou os olhos.

— Tomou láudano — relatou. — Tomou sete vezes, e da última vez um policial a salvou. Eles a mandaram para cá, por perturbar a ordem pública.

Ouvi isso e fiquei olhando para a porta fechada, sem dizer nada. Após um momento, a carcereira inclinou a cabeça.

— A senhorita com certeza está pensando como sabemos que ela não está lá dentro tentando estrangular a si mesma? — Mas eu não estava pensando nada disso. — Veja — disse ela. A Sra. Linda me mostrou que, ao lado de cada portão, há uma portinhola de metal que pode ser aberta a qualquer momento pela carcereira, para que ela veja a presa: elas chamam isso de “janela de inspeção”; as mulheres chamam de *o olho*. Inclinei-me para olhar e depois me aproximei mais. Quando a Sra. Linda me viu fazer isso, alertou que eu não devia encostar o rosto ali, porque as mulheres eram muito astutas e já tinham cegado algumas agentes no passado. — Uma garota afinou o cabo da colher de sopa até a madeira ficar bem afiada e... — Eu levei um susto e dei um passo para trás. Mas ela sorriu e

abriu delicadamente a portinhola. — Eu diria que Samson não fará mal à *senhorita*. Pode dar uma espiada, com cuidado...

Esse aposento tinha barras de ferro na janela e, portanto, era mais escuro do que as celas do andar de baixo e, em vez de rede, tinha uma cama dura de madeira. Nela, a mulher — Jane Samson — estava sentada, trabalhando numa cesta que tinha no colo, cheia de fibras de coco. Talvez já houvesse desmanchado um quarto da fibra; e havia outra cesta maior ao lado da cama para ela trabalhar depois. Entrava um pouquinho de sol pelas grades da janela. Seus raios estavam tão carregados de fibra marrom e partículas de poeira que ela parecia um personagem de conto de fadas — uma princesa cativa, desempenhando alguma tarefa impossível no fundo de um lago.

Ela ergueu os olhos uma vez enquanto a observava, depois piscou e esfregou os olhos irritados pela poeira da fibra de coco; e eu então parei de encarar e me afastei. Eu tinha começado a achar que ela poderia tentar fazer algum sinal para mim ou então me chamar.

Então pedi à Srta. Ridley para me levar embora daquela ala. Fomos para o terceiro e último andar e nos encontramos com a carcereira. Era uma mulher enérgica, de olhos escuros e expressão simpática chamada Sra. Jelf.

— A senhorita veio ver minha pobres presas? — perguntou quando a Srta. Ridley nos apresentou. As presas dela são na maioria o que eles chamam lá de mulheres de Segunda Classe. Primeira Classe e Classe Estrela: elas têm permissão para ficar com as portas abertas enquanto trabalham, como as detentas nas alas A e B; mas o trabalho delas é mais fácil, elas tricotam meias ou costuram camisas, e podem ter tesouras, agulhas e alfinetes — o que é considerado uma enorme prova de confiança. Suas celas, quando as vi, estavam banhadas pelo sol da manhã, portanto, estavam muito claras e quase alegres. Suas ocupantes se levantaram e fizeram uma reverência quando passamos e, mais uma vez, pareceram me observar abertamente. Por fim compreendi que, assim como eu observava seus cabelos, vestidos e toucas, elas também contemplavam minha aparência e minhas roupas. Suponho que até um vestido de luto seja uma novidade em Millbank.

Muitas presas dessa ala são aquelas com sentenças longas das quais a Srta. Haxby tinha falado tão bem. Agora foi a vez de a Sra. Jelf elogiá-las, dizendo que eram as mulheres mais tranquilas da prisão. A maioria, disse ela, seria transferida, antes de completar o tempo de reclusão, para a penitenciária Fulham, onde as rotinas eram um pouco mais leves.

— Elas são uns cordeirinhos, não são, Srta. Ridley?

A Srta. Ridley concordou que elas não eram como o lixo que havia na C e na D.

— Não são mesmo. Temos uma aqui... matou o marido, que era cruel com ela... que é muito bem-educada. — A carcereira fez sinal para uma cela onde uma presa de rosto fino estava sentada, desembaraçando pacientemente um rolo de linha. — Ora, temos tido damas aqui — continuou ela. — *Damas*, iguais à *senhorita*.

Eu sorri ao ouvir isso, e caminhamos mais um pouco. Até que, da entrada

de uma cela um pouco adiante, veio um grito:

— Srta. Ridley? É a Srta. Ridley que está aí? — Havia uma mulher no portão, com o rosto enfiado entre as grades. — Ah, Srta. Ridley, a senhora já falou sobre o meu caso com a Srta. Haxby?

Aproximamo-nos dela, e a Srta. Ridley parou no portão e passou seu molho de chaves pelas grades, fazendo a presa recuar.

— Quer fazer silêncio? — disse a carcereira. — Você acha que eu não tenho o que fazer, que a Srta. Haxby não tem o que fazer, que eu vou aborrecê-la com suas histórias?

— Mas a senhorita prometeu que ia falar com ela — disse a mulher, falando muito depressa e tropeçando nas palavras. — E quando a Srta. Haxby veio esta manhã, ela passou metade do tempo com Jarvis e não falou comigo. E meu irmão apresentou suas provas diante do tribunal e quer um depoimento da Srta. Haxby...

A Srta. Ridley tornou a bater no portão, e a presa voltou a recuar. A Sra. Jelf cochichou para mim:

— Esta mulher aborrece toda agente que passa pela cela dela. Ela está tentando ser solta mais cedo, pobrezinha; mas eu acho que ainda vai passar alguns anos aqui. Bem, Sykes, você vai deixar a Srta. Ridley passar? Eu avançaria mais um pouco pela ala, Srta. Prior, senão ela vai tentar envolvê-la. Bem, Sykes, que tal se comportar e fazer o seu trabalho?

Sykes, entretanto, ainda insistia em sua argumentação, e a Srta. Ridley ficou ralhando com ela, enquanto a Sra. Jelf assistia desolada. Eu segui adiante. Os pedidos da mulher e as censuras da carcereira pareciam estranhas por causa da acústica da prisão; toda presa pela qual eu passava estava com a cabeça erguida para tentar escutá-las, mas quando me viam em frente aos seus portões, baixavam os olhos e voltavam a costurar. Os olhos delas eram embotados. Seus rostos eram pálidos e seus pescoços, pulsos e dedos eram muito magros. Eu pensei no Sr. Shillitoe dizendo que o coração de uma presa era frágil, influenciável e precisava de uma forma melhor para moldá-lo. Eu pensei nisso e de novo senti meu coração batendo. Imaginei como seria se este órgão fosse retirado de mim e o coração grosseiro daquelas mulheres fosse colocado na cavidade à esquerda do meu peito...

Pus a mão na garganta e senti, acima do coração pulsante, o meu medalhão; então caminhei mais devagar. Fui até o arco que marcava a esquina da ala, depois avancei um pouco mais — o suficiente para não ser vista pelas agentes, mas não para entrar no segundo corredor. Encostei as costas na parede caiada da prisão e esperei.

E ali, após alguns instantes, aconteceu algo curioso.

Eu estava próxima da entrada da primeira cela da fileira seguinte; perto do meu ombro estava sua janela de inspeção — ou “olho” —, e acima disso a placa esmaltada contendo os detalhes da sentença da presa que habitava aquela cela. Foi somente por isso que eu soube que a cela estava ocupada, porque dela parecia emanar uma quietude maravilhosa — um silêncio mais profundo que todo o

sosego imposto a Millbank ao seu redor. Mas enquanto eu refletia sobre aquele silêncio, ele foi quebrado. Foi quebrado por um *suspiro*, um único suspiro — que me pareceu *perfeito*, como numa história; e como o suspiro combinava com meu estado de espírito, exerceu um estranho efeito sobre mim naquele cenário. Eu esqueci a Srta. Ridley e a Sra. Jelf, que a qualquer momento chegariam para guiar meus passos. Esqueci a história da agente incauta e a colher afiada. Pus os dedos e depois os olhos na portinhola. E olhei para a moça que estava dentro da cela — ela estava tão quieta, imóvel que eu prendi a respiração com medo de assustá-la.

Ela estava sentada na cadeira, mas mantinha a cabeça inclinada para trás e os olhos fechados. O tricô estava caído no colo, e as mãos estavam cruzadas; o vidro amarelo da janela refletia o sol, e ela havia virado o rosto para sentir seu calor. Na manga do seu vestido marrom estava preso o emblema da sua classe na prisão, uma estrela — uma estrela de feltro, mal cortada e mal costurada, mas realçada pelo sol. O cabelo dela, que aparecia por baixo da touca, era louro; seu rosto era pálido, e os traços de suas sobrancelhas, lábios e cílios se destacavam contra essa palidez. Eu já tinha visto um rosto parecido, numa santa ou num anjo de um quadro de Crivelli.

Observei-a por cerca de um minuto; e durante todo esse tempo ela manteve os olhos fechados, a cabeça inteiramente imóvel. Parecia haver uma devoção em sua postura, em sua imobilidade, então eu pensei, ela está rezando! E afastei os olhos, envergonhada. De repente, ela se mexeu. Abriu as mãos, erguendo-as até o rosto, e eu vi um clarão de cor no rosado de suas palmas ásperas de tanto trabalhar. Tinha uma flor entre os dedos — uma violeta com a haste inclinada. Enquanto eu olhava, ela encostou a flor nos lábios e respirou sobre ela, e o roxo das pétalas estremeceu e pareceu brilhar...

Quando ela fez isso, eu me dei conta do obscurecimento do mundo ao redor dela — das alas, das presas, das agentes, até de mim mesma. Nós todas parecíamos ter sido pintadas com a mesma tinta aguada; e aqui estava um único borrão de cor, que parecia ter surgido na tela por engano.

Mas na hora não cogitei como uma violeta poderia ter ido parar naquelas mãos pálidas. Só pensei, maldosamente, em qual teria sido o crime que ela cometera. Então eu me lembrei da placa esmaltada pendurada perto da minha cabeça. Fechei a portinhola, sem fazer barulho, e li a placa.

Lá estava o número de prisão dela e a classe, e, embaixo, seu crime: *Fraude e Agressão*. Ela tinha entrado há 11 meses. A data marcada para sua saída era daqui a quatro anos.

Quatro anos! Quatro anos em *Millbank* — o que devia significar anos muito lentos. Eu estava prestes a caminhar na direção do portão para ouvir sua história, mas escutei a voz da Srta. Ridley no corredor, depois o som de suas botas rangendo na areia que cobria o chão frio daquela ala. Isso me fez hesitar. E se as agentes olharem para a moça e descobrirem que ela tem uma flor?, pensei. Eu sabia que elas iriam tomá-la, e sabia que eu ia ficar com remorso se fizessem isso. Então, andei até onde elas podiam me ver e, quando se aproximaram, eu disse — e era verdade, afinal de contas — que estava cansada e já tinha visto tudo o que

queria naquela primeira visita. A Srta. Ridley limitou-se a dizer:

— Como quiser, madame.

Ela deu meia-volta e me levou de volta pelo corredor; e quando o portão se fechou atrás de mim, eu olhei por cima do ombro para a curva da ala e tive uma sensação curiosa, em parte de contentamento, em parte de arrependimento. E pensei: “Bem, ela ainda vai estar aqui, pobre criatura, quando eu voltar na semana que vem.”

A agente me levou até a escadaria da torre e iniciamos nossa descida cuidadosa, em círculos, até as alas inferiores, mais terríveis. Eu me sentia como Dante, seguindo Virgílio até o Inferno. Fui entregue primeiro à Srta. Manning, depois a um guarda, e levada de volta pelos Pentágonos Dois e Um; mandei um recado para o Sr. Shillitoe, atravessei o portão interno e percorri aquele trecho de cascalho. As paredes dos pentágonos pareciam abrir-se diante de mim, mas de má vontade. O sol, que estava mais forte, tornava muito densas as sombras cor de hematoma.

Fomos caminhando, o guarda e eu, e eu pude examinar o chão da prisão, com sua terra preta e seus trechos de vegetação rasteira

— Não há flores aqui, guarda? Margaridas, violetas? — eu perguntei.

Nem margaridas nem violetas, respondeu ele; nem mesmo um dente-de-leão. Elas não cresceriam no solo de Millbank, explicou. Fica perto demais do Tâmis, e “não passa de um pântano”.

Eu disse que tinha imaginado isso, e tornei a pensar naquela flor. Imaginei se haveria brechas entre os tijolos das paredes do prédio das mulheres por onde as raízes de uma planta pudessem penetrar, não sei.

Mas não pensei nisso por muito tempo. O guarda me levou até o portão externo e lá o porteiro chamou uma carruagem para mim; e agora, com as alas, as trancas, as sombras e os cheiros da vida da prisão para trás, seria impossível não ficar feliz com minha própria liberdade. Pensei que tinha agido corretamente em ir lá. E estava contente pelo fato de o Sr. Shillitoe nada saber da minha história. Pensei: o fato de ele e as mulheres não saberem nada irá conservar essa história no seu devido lugar. Imaginei-os fechando o meu passado com um cadeado...

Eu conversei com Helen essa noite. Meu irmão a trouxe aqui, mas junto com três ou quatro de seus amigos. Eles estavam a caminho do teatro, vestidos espalhafatosamente — Helen se distinguia no meio deles, com seu vestido cinzento. Eu descí quando eles chegaram, mas não fiquei muito tempo: a multidão de rostos e vozes, depois do frio e do silêncio de Millbank e do meu próprio quarto, me incomodou. Mas Helen se afastou junto comigo e nós conversamos um pouco sobre minha visita. Falei-lhe a respeito dos corredores monótonos e de como eu havia ficado nervosa ao percorrê-los. Perguntei se ela se lembrava do romance do Sr. Le Fanu sobre a herdeira que finge que é louca.

— Eu cheguei a pensar: E se mamãe estiver mancomunada com o Sr. Shillitoe e ele pretender manter-me na prisão, desnorteada? — eu disse.

Ela sorriu, mas olhou para ver se mamãe não estava escutando. Depois lhe falei um pouco sobre as presas. Helen achava que elas deviam ser assustadoras.

Respondi que elas não eram nada assustadoras, eram apenas fracas.

— Foi o que o Sr. Shillitoe me contou. Ele disse que eu preciso moldá-las. Que esse é o meu trabalho. Que elas devem copiar meu padrão moral.

Helen ficou olhando para as mãos enquanto eu falava, revirando os anéis nos dedos. Ela disse que eu era corajosa. Que tem certeza de que esse trabalho irá distrair-me de “todas as minhas antigas tristezas”.

Então mamãe perguntou por que estávamos tão sérias e caladas. Ela escutou horrorizada quando eu descrevi as alas para ela esta tarde, e me proibiu de contar os detalhes da prisão quando tivéssemos visitas.

— Você não deve deixar a Margaret contar histórias da prisão para você, Helen — acrescentou. — E seu marido está esperando, veja. Vocês vão chegar atrasados no teatro.

Helen foi para perto de Stephen e ele segurou a mão dela e a beijou. Fiquei olhando para eles; depois saí de fininho e vim para cá. Eu pensei: uma vez que não posso falar sobre a minha visita, posso escrever sobre ela no meu caderno...

Já enchi vinte páginas; e, ao ler o que escrevi, percebi que o caminho que percorri em Millbank não foi tão tortuoso quanto eu pensava. Foi mais claro e nítido do que os pensamentos com os quais enchi meu último caderno. Este, pelo menos, nunca vai ser igual àquele.

Já passa da meia-noite. Posso ouvir as criadas subindo a escada do sótão, a cozinheira fechando as trancas — este som nunca mais será o mesmo para mim, eu acho, depois de hoje.

Lá está Boyd, fechando a porta do quarto dela, indo fechar as cortinas: eu posso acompanhar seus movimentos como se meu teto fosse de vidro. Está desamarrando as botas, deixando-as cair com um estrondo. Agora vem o rangido do seu colchão.

Lá está o Tâmisia, preto retinto. E as luzes da ponte Albert, as árvores de Battersea, o céu sem estrelas...

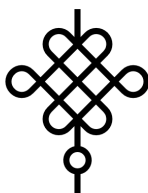
Mamãe veio há meia hora para trazer meu remédio. Eu disse que queria ficar acordada mais um pouco, que queria que ela deixasse o frasco comigo para eu tomar mais tarde, mas ela não quis. Eu ainda “não estou bem o bastante” para ela. Não “para isso”.

Portanto, deixei que ela preparasse o remédio e engoli a mistura enquanto ela observava e aprovava com a cabeça. Nesse momento, estou cansada demais para escrever, mas inquieta demais, eu acho, para dormir.

Porque a Srta. Ridley estava certa hoje. Quando fecho os olhos, eu só vejo os corredores brancos e frios de Millbank, as entradas das celas. Como será que as mulheres se deitam lá? Eu penso nelas — Susan Pilling, Sykes, a Srta. Haxby na sua torre silenciosa; e a moça com a violeta, cujo rosto era tão bonito.

Como será que ela se chama?

2 DE SETEMBRO DE 1872



SELINA DAWES

Selina Ann Dawes

Srta. S.A. Dawes

Srta. S.A. Dawes, médium

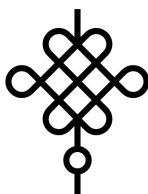
Srta. Selina Dawes, famosa médium, promove sessões diariamente

Srta. Dawes, médium, promove sessões
diariamente — Vincy's Spiritual Hotel,
Lamb's Conduit Street, Londres WC.
Situado em local reservado e agradável.

A MORTE É MUDA QUANDO A VIDA É SURDA

E dizem que, por um xelim extra, irão torná-la muito ousada e dar a ela
contornos negros.

30 DE SETEMBRO DE 1874



A ORDEM DE MAMÃE A RESPEITO das minhas histórias da prisão não durou muito esta semana, porque toda visita que tivemos quis ouvir minha descrição de Millbank e das presas. O que pediam, no entanto, eram detalhes macabros que os fizessem estremecer de horror; e embora minha recordação da prisão se mantivesse bem nítida, não eram aqueles os pontos que eu havia conservado na memória. Ao contrário, eu me impressionara com a *normalidade* do lugar, com o fato de ele simplesmente existir, a 1 quilômetro de distância, a uma corrida de táxi direto de Chelsea — aquele lugar enorme, sombrio, triste, com seus 1.500 homens e mulheres, todos fechados ali dentro e obrigados ao silêncio e à obediência. Eu me peguei pensando neles no meio de algum ato comum — tomando chá porque estou com sede; pegando um livro ou um xale porque estou ociosa ou com frio; dizendo em voz alta algum verso meramente pelo prazer de ouvir aquelas belas palavras pronunciadas. Eu fiz essas coisas, que já fiz mil vezes antes, e me lembrei dos prisioneiros que não podem fazer nenhuma delas.

Eu me pergunto: quantos se deitam em suas celas frias sonhando com xícaras de porcelana, livros e versos? Sonhei com Millbank esta semana, mais de uma vez. Sonhei que era uma das presas, que estava perfilando minha faca, meu garfo e minha Bíblia na minha cela.

Mas não são esses os detalhes que as pessoas perguntam; e embora entendam que eu tenha ido lá uma vez, como uma espécie de diversão, ficam espantadas com a ideia de que voltarei uma segunda vez, depois uma terceira e uma quarta. Apenas Helen me leva a sério.

— Ah! Mas você não pode estar realmente querendo se aproximar dessas mulheres? Elas devem ser ladras ou coisa pior!

Todos olham para mim, depois para mamãe. Como ela pode permitir que eu vá lá? E mamãe, é claro, responde:

— Margaret faz o que quer, como sempre fez. Eu já disse que, se ela quer trabalhar, tem serviço para fazer em casa. Tem as cartas do pai dela, muito bonitas por sinal, que precisam ser organizadas...

Expliquei que tenho a intenção de trabalhar nas cartas, com o tempo; mas que por ora eu quero tentar essa outra atividade, e pelo menos ver como eu me

saio. Disse isso para a amiga de mamãe, Sra. Wallace, que me olhou um tanto especulativamente; cogitei o quanto ela sabe ou conjectura sobre a minha doença e suas causas, porque ela respondeu:

— Bem, não há tônico melhor para a depressão do que fazer caridade, segundo ouvi um médico aconselhar. Mas uma prisão... pense só no ar! O lugar deve ser ideal para a proliferação de todo tipo de doença!

Eu tornei a pensar naqueles corredores monótonos e nas celas vazias. Respondi, que, pelo contrário, as alas são muito limpas e arrumadas; e minha irmã questionou se elas eram limpas e arrumadas, por que as mulheres precisavam da minha compaixão? A Sra. Wallace sorriu. Ela sempre gostou de Priscilla, e a considera mais bonita até do que Helen.

— Talvez *você* vá querer fazer visitas de caridade, meu bem, quando estiver casada com o Sr. Barclay — disse ela. — Existem prisões em Warwickshire? Pensar no seu querido rosto no meio daquelas condenadas... que material de estudo isso daria! Há um epigrama para isso, qual é? Margaret, *você* deve saber: as palavras do poeta sobre mulheres, o céu e o inferno.

Ela se referia a:

*Porque os homens, no máximo, se diferenciam como o Céu e a Terra,
Mas as mulheres, para o bem e para o mal, como o Céu e o Inferno.*

E quando o recitei, ela gritou. “Isso mesmo! Como sou inteligente! Se ela tivesse lido todos os livros que eu fui obrigada a ler, teria no mínimo mil anos.

Mamãe disse que sem dúvida era verdade o que Tennyson disse sobre as mulheres...

Isso foi hoje cedo, quando a Sra. Wallace veio tomar café da manhã conosco. Depois disso, ela e mamãe levaram Pris para sua primeira sessão posando para um retrato. O Sr. Barclay havia encomendado o quadro, ele quer o retrato dela pendurado na sala de visitas de Marishes para quando chegarem da lua de mel. Ele encontrou um homem que tem um estúdio em Kensington para fazer o trabalho. Mamãe me perguntou se eu queria ir assistir junto com elas — Pris disse que eu ia gostar de ver as obras. Enquanto se olhava no espelho, passando a ponta enluvada do dedo pela sobancelha. Tinha escurecido um pouco a sobancelha com lápis para o retrato, e estava usando um vestido azul-claro por baixo do casaco escuro. Mamãe disse que tanto podia ser azul como cinza, já que ninguém ia vê-lo exceto o artista, Sr. Cornwallis.

Não fui com elas. Fui para Millbank, a fim de começar minhas visitas às mulheres em suas celas.

Entrar sozinha na prisão feminina não foi tão assustador quanto eu pensei: acho que nos meus sonhos as paredes da prisão eram mais altas e mais escuras, seus corredores, mais estreitos do que na realidade. O Sr. Shillitoe me aconselha a ir lá uma vez por semana, mas me deixa escolher o dia e a hora: ele diz que se eu vir todos os lugares que as presidiárias frequentam e todas as rotinas que têm de seguir, vou entender melhor a vida delas. Como fui lá muito cedo na semana

passada, hoje eu fui mais tarde. Cheguei no portão às 12h45 e fui recebida, como antes, pela circumspecta Srta. Ridley. Ela estava se preparando para supervisionar a entrega da refeição das presas; então eu a acompanhei nessa tarefa.

Foi uma cena impressionante. Quando cheguei, a sineta da prisão havia soado: quando as agentes encarregadas das alas a escutam, elas têm de tirar quatro mulheres de suas celas e levá-las até a cozinha. Nós as encontramos reunidas na porta da cozinha quando chegamos: Srta. Manning, Sra. Linda, Sra. Jelf e 12 presas pálidas, olhando para o chão e com as mãos na frente do corpo. O prédio das mulheres não tem uma cozinha, as refeições vêm da prisão masculina. Como as alas masculinas e as femininas são inteiramente separadas, as detentas são obrigadas a esperar calmamente até os homens terminarem a sopa e a cozinha ficar vazia.

— Elas não podem ver os homens — explicou-me a Srta. Ridley. — Estas são as regras. — Enquanto ela falava, ouviu-se de trás da porta trancada da cozinha o barulho de botas pesadas e murmúrios — tive uma súbita visão dos homens como *demoníacos*, com focinhos, rabos e pelos...

Então o barulho diminuiu e a Srta. Ridley ergueu as chaves para bater na porta.

— O terreno está livre, Sr. Lawrence?

— Está livre! — E a porta foi destrancada para as presas entrarem. O cozinheiro estava parado de braços cruzados, observando as mulheres.

A cozinha me pareceu ampla e muito quente depois daquele corredor frio e escuro. O ar estava pesado, os cheiros não eram muito agradáveis; o chão é coberto de areia escura e molhada. No centro do aposento havia três mesas grandes, e sobre elas estavam as vasilhas de sopa e carne das mulheres e as bandejas de pão. A Srta. Ridley mandou as presas se aproximarem, de duas em duas, e cada uma pegou a vasilha ou a bandeja da sua ala e saiu cambaleando com ela. Eu voltei com as presas da Srta. Manning. Encontramos as presas das celas do térreo todas a postos em seus portões, segurando as canecas e os pratos, e enquanto a sopa era servida, a agente penitenciária fez uma oração em voz alta, "*Deus abençoe nossa carne e nos torne dignas dela!*", ou algo semelhante. As mulheres deram a impressão de ignorá-la quase completamente. Ficaram ali paradas, em silêncio, com o rosto apertado contra as grades, numa tentativa de acompanhar o progresso de sua refeição pela ala. Quando a comida chegava, cada uma delas a levava até a sua mesa, depois punha nela o sal das caixas que se encontravam em suas prateleiras.

Elas receberam uma sopa de batata com carne e um pedaço de pão, tudo horrível: o pão duro, marrom e tostado demais, parecendo um tijolo, a batata, cozida com casca, tinha manchas pretas. A sopa era turva e tinha uma camada de gordura em cima, que ia ficando mais grossa e mais clara à medida que as vasilhas esfriavam. A carne era crua e dura demais para as facas sem corte das mulheres: diversas presas partiam a carne com os dentes, com uma solenidade selvagem.

Elas aceitavam prontamente a comida, entretanto; algumas só pareciam olhar tristemente para a sopa enquanto ela era servida, outras tocavam na carne

como se estivessem desconfiadas.

— Você não vai comer? — perguntei a uma mulher quando a vi mexendo na carne. Ela respondeu que nem gostava de pensar em quais mãos teriam tocado nela, na prisão masculina.

— Eles põem a mão em coisas sujas — disse ela —, depois enfiam os dedos na nossa sopa, de propósito...

Ela repetiu isso duas ou três vezes, depois não falou mais comigo. Eu a deixei resmungando e me juntei às agentes penitenciárias na entrada da ala.

Então conversei um pouco com a Srta. Ridley sobre a dieta das mulheres e as variações no cardápio — por exemplo, o fato de haver sempre peixe na sexta-feira, por causa do grande número de presos católicos romanos, e pudim de pão no domingo. Eu perguntei se havia alguma judia lá. Ela respondeu que sempre havia certo número de judias, e que elas gostavam de criar problemas a respeito da preparação da comida. Ela tinha visto esse tipo de comportamento entre as judias em outras prisões.

— Mas você vai ver que essas bobagens vão parando com o tempo. Pelo menos na *minha* prisão.

Quando eu descrevo a Srta. Ridley para meu irmão e para Helen, eles sorriem.

— Você está exagerando, Margaret! — disse Helen certa vez.

No entanto, Stephen comentou que vê agentes iguais à Srta. Ridley o tempo todo, no tribunal.

— Elas são uma raça desgraçada, nasceram para tyrannizar, com as correntes penduradas na cintura. Suas mães lhes deram chaves de ferro para chupar, para coçar a gengiva quando os dentes estavam nascendo.

Ele mostrou os dentes, que são perfeitos como os de Priscilla, enquanto os meus são meio tortos. Helen olhou para ele e riu.

— Não tenho certeza — eu disse. — Suponha que ela não tenha nascido para isso, mas dê duro para aperfeiçoar o papel. Suponha que colecionasse um álbum secreto com recortes do *Newgate Calendar*. Eu tenho certeza de que ela tem um livro assim. Ela colou uma etiqueta nele, *Famosas agentes penitenciárias*, e suspira quando o admira de madrugada em Millbank... como uma filha de pastor com uma revista de modas. — Isso fez Helen rir alto, até ficar com os olhos cheios d'água e os cílios bem escuros.

Hoje, eu me lembrei do riso dela e imaginei o olhar que a Srta. Ridley me daria se soubesse que a tinha usado para fazer minha cunhada sorrir. Este pensamento me fez estremecer. Pois, nas dependências de Millbank, é claro, a Srta. Ridley não é nada engraçada.

Aliás, eu suponho que a vida das agentes — até a dela e a da Srta. Haxby — deve ser muito infeliz. Passam tanto tempo na prisão que é quase como se elas também estivessem encarceradas ali. Suas horas de trabalho, a Srta. Manning me informou hoje, são as mesmas de uma copeira: elas têm quartos na prisão para descansar, mas normalmente estão tão exaustas por passar o dia patrulhando as alas que no tempo livre caem na cama e dormem. Suas refeições são preparadas

na cozinha da prisão, exatamente como as das presas, e o trabalho é pesado.

— Peça para ver o braço da Srta. Craven — elas me disseram. — Ela está roxa do ombro até o pulso, de uma pancada que levou de uma moça, semana passada, na lavanderia da prisão. — Contudo, quando encontrei a Srta. Craven um pouco mais tarde, me pareceu tão grosseira quanto as mulheres que vigia. Considerava todas “umas grosseironas” e tinha nojo delas. Quando eu perguntei se ela não tinha vontade de ter outro trabalho, ela me respondeu com amargura:

— Queria saber o que mais posso fazer depois de 11 anos em Millbank! — Não, ela acha que vai percorrer aqueles corredores até cair morta.

Só a Sra. Jelf, a agente penitenciária encarregada das alas mais altas, parecia ser realmente bondosa e amável. Ela é muito pálida e acabada, pode ter qualquer idade entre 25 e 40 anos; mas não se queixou da vida na prisão, exceto para dizer que muitas das histórias que era obrigada a escutar eram realmente trágicas.

Eu fui para o andar dela quando soou a sineta que indica o fim da hora da refeição, e manda as mulheres de volta para o trabalho.

— Tenho que começar a ser uma visitante hoje, Sra. Jelf, e espero que a senhora me ajude a fazer isso, porque estou um pouco nervosa — eu disse. Eu jamais teria admitido uma coisa dessas em Cheyne Walk.

— Estou à disposição para ajudá-la, senhorita — disse e me levou até uma presa que, segundo ela, ficaria contente em falar comigo. Tratava-se de uma mulher idosa, a mulher mais velha da prisão, de fato, uma presa Classe Estrela chamada Ellen Power. Quando entrei em sua cela, ela se levantou e me ofereceu sua cadeira. Eu disse que não, que ela podia ficar sentada, mas ela não quis sentar-se diante de mim. No fim, nós duas ficamos de pé. A Sra. Jelf nos observou por alguns instantes, depois saiu e disse alegremente: — Vou ter que trancar o portão, senhorita. Mas quando quiser sair é só me chamar — explicou que uma agente consegue ouvir um chamado de qualquer lugar da ala. Então ela se virou e fechou o portão; depois o trancou, e eu fiquei vendo a chave girar na fechadura.

Eu me lembrei então que era ela quem estava comigo nos sonhos assustadores que tive com Millbank, na semana passada.

Quando olhei para Power, ela estava sorrindo. Estava presa havia três anos e deve ser solta dentro de quatro meses; foi presa porque gerenciava um bordel. Quando me contou isso fez um gesto de impaciência com a cabeça.

— Casa de tolerância! Era só um salão; rapazes e moças às vezes iam se beijar lá, só isso. Ora, minha própria neta a toda hora entrava e saía, arrumando a casa, e havia sempre flores frescas num vaso. Casa de tolerância! Os rapazes precisam ter algum lugar para levar as namoradas, não é? Senão vão beijá-las no meio da rua. E se eles me davam um xelim ao sair, pela gentileza, e pelas flores, bem, isso é algum crime?

Colocado assim, não parecia ser; mas eu me lembrei de todos os avisos das agentes e disse que não tinha como expressar nenhuma opinião a respeito de condenações. Ela ergueu a mão, que estava muito inchada nas articulações. Power respondeu que sabia disso. Que aquele era “um assunto para os homens”.

Eu fiquei com ela por meia hora. Uma ou duas vezes ela tornou a abordar as finezas da alcovitece; finalmente, entretanto, consegui desviar a conversa para tópicos menos controversos. Eu me lembrei de Susan Pilling, a presa com quem eu tinha falado na ala da Srta. Manning. Perguntei a Power o que ela achava das rotinas de Millbank e dos trajés. Ela ficou pensativa por um segundo, depois levantou a cabeça e disse.

— Quanto às rotinas eu não sei dizer, pois nunca estive em outra prisão; mas imagino que sejam bem duras. Pode anotar isso — eu tinha meu caderno de anotações comigo —, não importa quem vai ler. Mas o uniforme eu posso afirmar que é asqueroso. — Contou que fica muito incomodada com o fato de mandarem as roupas para a lavanderia da prisão e nunca receberem de volta os mesmos vestidos. — E elas voltam todas manchadas, senhorita, e somos obrigadas a usá-las assim ou morrer de frio. Além disso, a roupa de baixo de flanela é muito *áspera* e dá coceira; e ela é tão lavada e esfregada que não parece flanela, sim, um tecido muito fino, que não *esquenta* nada, mas que faz você se *coçar* o tempo todo. Quanto aos sapatos, tudo bem: mas a falta de espartilhos, se me permite dizer, é uma provação para algumas das mulheres mais jovens. Isso não incomoda tanto a uma criatura mais velha como eu, mas as mocinhas... bem, eu diria que elas sentem muito a falta dos espartilhos...

Ela continuou assim, e pareceu satisfeita em conversar comigo; entretanto, ao mesmo tempo, conversar era difícil para ela. Seu discurso era entrecortado. Ela às vezes hesitava, passava a língua ou a mão nos lábios, tossia. Eu pensei, a princípio, que agia assim por algum tipo de consideração a mim — que estava parada diante dela, anotando nossa conversa de vez em quando nas páginas do caderno. Mas as pausas ocorriam em momentos tão estranhos que eu tornei a pensar em Susan Pilling, que havia gaguejado e tossido e também dado a impressão de ter dificuldade em encontrar palavras corriqueiras. Eu a achara apenas um tanto abobalhada... Finalmente, quando me dirigi para o portão e me despedi de Power, ela tornou a tropeçar em palavras muito comuns de despedida. Ela encostou a mão inchada no rosto e se lamentou.

— A senhorita deve achar que eu sou uma velha tola. Deve pensar que mal consigo dizer meu próprio nome! O Sr. Power costumava reclamar da minha língua, dizia que ela era mais afiada do que uma faca. Ele ia rir se me visse agora, não ia, senhorita? Tantas horas sem ter com quem falar. Às vezes você se pergunta se a sua língua não encolheu ou caiu. Às vezes dá mesmo medo de se esquecer do próprio nome.

Ela sorriu, mas seus olhos tinham começado a brilhar, e sua expressão era de infelicidade. Eu hesitei, mas depois disse que ela ia achar que eu é que era tola por não ter adivinhado que o silêncio e a solidão eram tão penosos.

— No meu caso — eu afirmei —, escuto tagarelices o tempo todo e fico feliz quando posso me fechar no quarto e não precisar falar.

Na mesma hora, ela sugeriu que eu fosse lá mais vezes, caso não quisesse falar nada! Afirmei que certamente a procuraria, se ela desejasse; e que ela poderia conversar comigo o quanto quisesse. Power tornou a sorrir e a me abençoar.

— Vou aguardar sua vinda, senhorita — disse quando a Sra. Jelf abriu o portão. — E que seja logo!

Em seguida, visitei outra presa, e mais uma vez a agente a escolheu para mim, dizendo baixinho:

— Esta é uma pobre moça de quem tenho muita pena, porque para ela os hábitos da prisão são muito duros. — A moça era mesmo triste e tremia quando entrei para falar com ela. Seu nome é Mary Ann Cook, e foi condenada a sete anos de prisão por ter matado seu bebê. Ela ainda não tem 20 anos, foi mandada para lá aos 16, pode ter sido bonita antes, mas agora está tão branca e emaciada que não parece uma mocinha; é como se as paredes pálidas da prisão a tivessem desbotado de cor e vida, deixando-a acabada. Quando pedi a ela para me contar sua história, ela o fez mecanicamente, como se já a tivesse contado muitas vezes — para as agentes, para as visitantes, talvez apenas para si mesma — de tal modo que o relato se transformou apenas num conto, mais real do que a lembrança, mas que não significava nada. Eu gostaria de ter dito a ela que entendia uma história assim.

Ela contou que a família era católica, a mãe tinha morrido, e o pai se casara de novo; e por isso foi trabalhar como empregada doméstica, junto com a irmã, numa casa muito rica. Lá, havia uma dama, um cavalheiro e três filhas, todos muitos amáveis, mas também havia um filho:

— E ele, senhorita, não era bom. Enquanto era menino, apenas implicava conosco, ficava ouvindo atrás da porta quando estávamos deitadas e entrava para nos assustar. Nós não nos importávamos com isso; e logo ele foi para a escola e nós mal o víamos. Mas depois de um ou dois anos ele voltou, inteiramente mudado, quase do tamanho do pai e mais dissimulado do que nunca... — Cook contou que ele a obrigou a se encontrar com ele em segredo, se ofereceu para instalá-la num quarto como sua amante, mas ela não aceitou. Então ela descobriu que ele tinha começado a oferecer dinheiro à irmã dela e, “para salvar a mais moça”, se submetera a ele; e logo descobriu que estava grávida. Portanto, deixou o emprego, e diz que, depois de tudo, a irmã se voltou contra ela por causa do rapaz. Ela procurou um irmão, cuja esposa não a aceitou, e foi internada numa instituição de caridade. — Minha filha nasceu, mas eu nunca a amei. Ela se parecia tanto com *ele*! Eu desejei que ela morresse.

Cook levou o bebê para uma igreja e pediu ao padre para abençoá-lo; como o padre se recusou, ela mesma o abençoou.

— Nós podemos fazer isso na nossa igreja — disse ela humildemente.

Ela alugou um quarto, fingindo ser uma moça solteira, escondendo o bebê no xale para ele não chorar; mas o xale ficou muito perto do rosto do bebê e ele acabou morrendo. Sua senhoria encontrou o pequeno cadáver. Cook o tinha colocado atrás de uma cortina e ele havia ficado lá por uma semana.

— Desejei que ela morresse — repetiu —, mas não a matei e quando ela morreu eu fiquei arrependida. Eles encontraram o padre que eu procurei e o fizeram testemunhar contra mim no meu julgamento. Deu a impressão, entende, de que eu queria fazer mal à criança desde o início...

— Uma história horrível essa — eu disse para a agente que me tirou da cela da moça. Não era a Sra. Jelf, que fora obrigada a acompanhar alguma presa até o escritório da Srta. Haxby, e sim a Srta. Craven, a agente de feições grossas, com o braço machucado. Ela veio até o portão quando eu a chamei e olhou para Cook, que voltou docilmente a costurar e abaixou a cabeça. Depois, enquanto andávamos, ela disse ríspidamente que supunha que muitos considerassem essa história horrível. Mas presas como Cook, que maltratavam os próprios filhos... bem, ela não desperdiçava suas lágrimas com gente assim.

Falei que Cook parecia muito jovem; mas segundo a Srta. Haxby, às vezes algumas moças nas celas eram pouco mais que meninas.

Ela assentiu: era um horror. Certa vez, uma delas chorou toda noite durante as duas primeiras semanas, querendo a boneca. Era cruel ter de percorrer os corredores ouvindo o choro.

— Entretanto — acrescentou ela rindo — ela era um demônio quando ficava mal-humorada. E sua língua era imunda! Jamais se ouviria palavras como as que aquela criatura dizia, nem na ala dos homens.

Ela tornou a rir e desviei os olhos. Já tínhamos atravessado quase um corredor inteiro e na nossa frente estava o arco que daria numa das torres. Depois disso ficava um portão que eu identifiquei. Era o portão onde eu tinha parado na semana anterior, que dava na cela da moça com a violeta.

Eu diminuí o passo e falei calmamente sobre uma presa na primeira cela do segundo corredor. Uma moça loura, bem jovem e bonita. Perguntei o que a Srta. Craven sabia sobre ela.

O rosto da agente havia se mantido ríspido ao falar de Cook. Tornou a ficar da mesma forma quando disse:

— Selina Dawes. Que garota esquisita. É muito reservada, isso é tudo o que sei. Já ouvi dizer que ela é a presa mais tranquila desta prisão. Dizem que ela nunca causou um só problema desde que foi trazida para cá. Para mim, ela é profunda.

— Profunda?

— Como o oceano.

Eu concordei com a cabeça, lembrando-me de um comentário da Sra. Jelf. Talvez Dawes, eu disse, seja uma dama. Isso fez a Srta. Craven rir:

— Ela tem ares de dama, sim. Entretanto, nenhuma das carcereiras gosta muito dela, eu acho, exceto a Sra. Jelf, mas a Sra. Jelf tem o coração mole, e sempre uma palavra boa para dizer de todo mundo; e nenhuma das presas quer saber dela, também. Este é um lugar para “fazer camaradagem”, como as criaturas dizem; mas ninguém fez amizade com *ela*. Eu acho que desconfiam dela. Alguém leu a história dela nos jornais e passou adiante. As histórias correm por aqui, sabe, por mais que procuremos evitar! E então, à noite, as mulheres imaginam todo tipo de bobagem. Alguém dá um grito, diz que ouviu sons estranhos vindo da cela de Dawes.

— Sons...?

— Espíritos, senhorita! A moça é... uma médium, não é assim que

chamam?

Eu parei, olhei para ela, surpresa, e também um tanto consternada. Uma médium!, exclamei. E de novo: uma médium, e na prisão! Qual foi o crime dela? Por que a mandaram para cá?

A Srta. Craven deu de ombros. Ela achava que uma senhora tinha sido atacada por ela, e também uma moça; uma delas morreu depois. Mas o ataque tinha sido esquisito. Não haviam conseguido acusá-la de assassinato, apenas de agressão. Ela ouvira dizer que a acusação contra Dawes não passava de um monte de besteiras, tudo engendrado por um advogado esperto...

— Mas sempre se ouve coisas assim em Millbank.

Eu disse que imaginava que sim. Nós tínhamos começado a caminhar de novo pelo corredor, e quando dobramos a esquina eu vi a moça, Dawes. Ela estava sentada, como antes, com o sol batendo nela, mas desta vez estava com os olhos baixos, olhando para o colo, onde puxava um fio de um novelo de lã.

Eu olhei para a Srta. Craven e indaguei:

— A senhora acha que eu poderia...?

O sol ficou mais claro quando eu entrei na cela, e depois da escura monotonia do corredor, suas paredes caiadas de branco eram ofuscantes e me fizeram levar as mãos à testa e piscar. Levei alguns instantes para perceber que Dawes não tinha se levantado e feito uma reverência, como as outras mulheres; não tinha parado de trabalhar e nem sorrira ou dissera alguma coisa. Apenas ergueu os olhos na minha direção com uma espécie de curiosidade paciente, seus dedos mexendo o tempo todo no novelo de lã, como se este fosse um rosário e ela estivesse rezando.

Quando a Srta. Craven trancou o portão e se afastou, eu disse:

— Seu nome é Dawes, eu creio. Como vai, Dawes?

Ela não respondeu, continuou olhando para mim. Não tinha feições tão regulares quanto eu achara na semana anterior, faltava nelas uma simetria, uma curvatura nas sobrancelhas e nos lábios. Os rostos das mulheres na prisão se destacam porque as roupas são muito feias e comuns e as toucas, muito apertadas. Os rostos e as mãos também chamam atenção. As mãos de Dawes são finas, mas ásperas e vermelhas. Suas unhas são rachadas e com manchas brancas.

Ela continuou calada. Sua atitude era tão imóvel, seu olhar tão parado que imaginei por um momento se ela não seria, afinal, apenas estúpida ou tola. Eu disse que esperava que ela quisesse conversar um pouco comigo; que tinha ido a Millbank para fazer amizade com todas as mulheres...

Minha voz soou alta aos meus ouvidos. Eu a imaginei ressoando pela ala silenciosa, vi as presas parando de trabalhar, erguendo as cabeças, talvez sorrindo. Virei-me para olhar para a janela e apontei para a luz que se refletia em sua touca branca e na estrela torta que ela tinha na manga.

— Gosta de sentir o sol sobre você? — perguntei.

— Eu posso trabalhar e sentir o sol também, espero. Posso ter o meu pedacinho de sol? Deus sabe como ele é escasso! — respondeu ela, depressa.

Havia uma paixão em sua voz que me espantou e me fez hesitar. Eu olhei ao

redor. As paredes já não brilhavam tanto, e o pedaço iluminado onde ela estava sentada pareceu encolher, a cela ficou mais cinzenta e mais fria. O sol, é claro, seguia seu caminho, para longe das torres de Millbank. A Srta. Dawes certamente acompanhava seu trajeto, silenciosa como o ponteiro de um relógio de sol, cada vez mais cedo à medida que o ano ia avançando. De janeiro a dezembro, metade da prisão, na realidade, devia ser tão escura quanto a face oculta da lua.

Fiquei sem jeito ali parada diante da garota que puxava o fio do novelo. Fui até seus lençóis dobrados e pus a mão sobre eles. Então ela pediu que, se eu só estivesse mexendo ali por curiosidade, preferia que eu mexesse em outra coisa, no prato ou na sua caneca. Elas tinham que manter a cama e os cobertores dobrados conforme as normas da prisão. Não gostaria de ter que dobrá-los de novo depois que eu sáísse.

Eu retirei a mão na mesma hora.

— É claro — eu disse. E em seguida — Desculpe. — Ela baixou os olhos para as agulhas de madeira. Quando perguntei o que estava fazendo, ela me mostrou, sem entusiasmo, o tricô pardo em seu colo. — Meias para os soldados — disse ela. A linguagem dela é correta. Quando tropeçava em alguma palavra, o que fez algumas vezes, mas não tanto quanto Ellen Power ou Cook, eu me encolhia involuntariamente.

— Está aqui há um ano, não é? Você pode parar de tricotar para falar comigo, sabe: a Srta. Haxby deu seu consentimento. — Ela deixou a lâ cair, mas continuou a mexer nela. — Você está aqui há um ano. O que está achando?

— O que estou achando? — Ela enrugou os lábios. Olhou para mim por um segundo e então disse: — O que *você* acharia disso?

A pergunta me pegou de surpresa, e torna a me surpreender quando penso a respeito. Hesito. Lembrei-me da minha entrevista com a Srta. Haxby. Disse que acharia Millbank um lugar muito rígido, mas que também me faria saber que eu havia agido de forma equivocada. Talvez eu gostasse de ficar tanto tempo sozinha, para pensar no quanto estava arrependida. Talvez fizesse planos.

Planos?

— Para melhorar.

Ela desviou os olhos e não respondeu; e percebi que ela ficara contente, porque minhas palavras soaram vazias até para mim mesma. Alguns cachos dourados apareciam em sua nuca — seu cabelo, eu acho, deve ser ainda mais claro que o de Helen, e muito bonito quando lavado e penteado adequadamente. O sol voltou a brilhar naquele canto, mas prosseguiu implacavelmente em seu caminho, como uma colcha deslizando sobre alguém em um sono agitado. Vi que ela sentiu o calor em seu rosto e levantou a cabeça para a luz.

— Não quer conversar um pouco mais comigo? Talvez encontre algum conforto nisso — eu disse.

Ela só respondeu depois que o sol foi embora. Então se virou, me analisou em silêncio por alguns instantes, e finalmente respondeu que não precisava de *mim* para confortá-la. Disse que tinha “os próprios consolos” ali. Além disso, por que ela deveria contar alguma coisa? O que eu contaria a ela sobre a minha vida?

Ela tentou endurecer a voz, mas não conseguiu, e esta começava a tremer. O efeito não foi de insolência, mas de bravata e desespero. Pensei que, se eu me mostrasse branda agora, ela iria chorar, e eu não queria que Dawes chorasse na minha frente. Falei então com uma voz bem ríspida. Disse que havia uma série de assuntos que a Srta. Haxby tinha me proibido de conversar com ela; mas até onde eu sabia, eu mesma não era um deles. Eu contaria qualquer coisa a meu respeito que ela quisesse saber...

Eu disse a ela o meu nome; e que morava em Chelsea, em Cheyne Walk. Contei que tinha um irmão casado e uma irmã que ia se casar muito em breve; e eu era solteira. Disse que dormia mal e que passava muitas horas lendo ou escrevendo ou ficava na janela olhando para o rio. Então fingi refletir. O que mais?

— Acho que já disse tudo. Não há muito mais...

Depois de me olhar por um longo tempo, virou o rosto e sorriu. Seus dentes são alinhados e muito brancos — “branco-pastinaca”, como dizia Michelangelo; mas seus lábios são ásperos e machucados. Começou a falar comigo com mais naturalidade. Ela me perguntou há quanto tempo eu era uma visitante e por qual motivo. Por que eu tinha ido para Millbank quando podia ficar à toa na minha casa em Chelsea.

— Você acha que as damas deviam ficar ociosas, então? — perguntei.

Ela respondeu que, se fosse como eu, ficaria.

— Ah — eu disse então —, você não ficaria mesmo se fosse como eu!

Minhas palavras a deixaram espantada: tinham soado mais alto do que eu queria. Ela finalmente largou o tricô e me observou cuidadosamente; e eu desejei, então, que ela parasse, pois seu olhar era fixo e perturbador. Comentei que a ociosidade não combinava comigo. Eu tinha permanecido assim por dois anos; tão ociosa, na realidade, que ficara “doente”.

— O Sr. Shillitoe sugeriu que eu viesse para cá. Ele é um velho amigo do meu pai. Ele nos fez uma visita e falou sobre Millbank. Contou sobre o sistema que existe aqui, das visitantes. Eu achei...

O que eu tinha achado? Com os olhos dela fixos em mim eu não sabia. Virei o rosto, mas ainda sentia aqueles olhos me observando. E então Dawes disse, calmamente:

— Veio para Millbank para observar mulheres mais infelizes do que você, na esperança de que isso possa curá-la. — Eu me lembro claramente dessas palavras, porque elas foram tão grosseiras e, no entanto, estavam tão perto da verdade que eu fiquei ruborizada ao escutá-las.

— Bem — continuou ela —, pode olhar para mim, eu sou bastante infeliz. Todo mundo pode olhar para mim, faz parte do meu castigo. — Ela se tornou arrogante outra vez. Eu disse alguma coisa sobre o efeito que esperava que minhas visitas pudessem ter para aliviar a dureza do seu castigo, não para aumentá-la; e ela respondeu na mesma hora, como antes, que não precisava de *mim* para consolá-la. Que tinha muitos amigos que vinham consolá-la sempre que pedia.

Eu fiquei olhando para ela.

— Você tem amigos aqui? — Ela fechou os olhos e passou a mão na testa.

— Eu tenho amigos, Srta. Prior — respondeu —, *aqui*.

Tinha esquecido. Agora, ao lembrar, eu senti meu rosto gelar. Ela ficou sentada com os olhos fechados; eu esperei até ela os abrir de novo.

— Você é espírita. A Srta. Craven me contou. — Ela inclinou um pouco a cabeça ao ouvir isso. — Então, os amigos que a visitam, eles são... espíritos?

Ela assentiu.

— E eles vêm visitá-la... quando?

— Há espíritos perto de nós, sempre — disse ela.

— Sempre? — Acho que eu sorri. — Mesmo agora? Mesmo aqui?

Mesmo agora. Mesmo ali. Eles apenas “não queriam aparecer”, explicou; ou, talvez, “não tivessem o poder para tal...”

Eu olhei ao meu redor. Lembrei-me da suicida Jane Samson na ala da Sra. Linda, o ar espesso com partículas de fibra de coco. Era assim que Dawes acreditava que sua cela estava cheia de espíritos?

— Mas seus amigos encontram um meio, quando querem? — Respondeu que eles a usavam. — E então você os vê claramente? — Ela disse que às vezes eles apenas falavam.

— Eu só escuto as palavras daqui. — Novamente, Dawes pôs a mão na testa.

— Eles a visitam, talvez, quando você está trabalhando? — perguntei e ela assentiu. Contou que vinham quando as alas estavam silenciosas e ela estava descansando. — E eles são bons para você?

— Muito bons. Eles me trazem presentes.

— É mesmo? — Eu com certeza sorri. — Eles trazem presentes? Presentes espirituais?

— Presentes espirituais. — Ela deu de ombros. — Presentes terrenos...

— Presentes terrenos! Tais como...?

— Flores — disse. — Às vezes uma rosa. Às vezes uma violeta...

Quando ela disse isso, um portão bateu em algum ponto da ala e eu dei um pulo, embora Dawes não tenha se abalado. Ela me viu sorrir e apenas continuou olhando firme para mim. Ela falara com simplicidade, quase com indiferença, como se não ligasse para a minha opinião. Agora, com esta única palavra, tinha me deixado encurralada. Senti meu rosto congelar. Como eu podia revelar que a tinha observado em segredo, enquanto segurava uma flor junto à boca? Eu tentara encontrar uma explicação para aquela flor, mas não tive sucesso; acho que quase a tinha esquecido entre a semana passada e hoje. Eu desviei os olhos.

— Bem. — E repeti: — Bem. — E, finalmente, com uma desajeitada tentativa de jovialidade: — Bem, vamos torcer para que a Srta. Haxby não fique sabendo sobre seus visitantes! Ela vai achar que você não está sendo castigada, se fica aqui recebendo visitas...

— Não estou sendo castigada? — respondeu ela baixinho. Será que eu pensava que alguma coisa podia minorar seu castigo? Eu achava isso, eu que vivia como uma dama, e que tinha visto como elas viviam aqui, como eram obrigadas

a trabalhar, o que eram forçadas a vestir e a comer?

— Ter os olhos da carcereira sempre colados em você! Não ter água e sabão em quantidade suficiente. Esquecer palavras, palavras comuns, porque seus hábitos são tão restritos que só é preciso saber uma centena de palavras e expressões grosseiras, *pedra, sopa, pente, Bíblia, agulha, escuro, presa, anelar, parar, prestar atenção!* Ficar deitada sem conseguir dormir, não como *você* fica, na sua cama, com o fogo aceso ali perto, com a família e os criados perto de você. Mas ficar deitada tremendo de frio, ouvir uma mulher gritando numa cela dois andares abaixo porque tem pesadelos ou delírios causados pela abstinência de álcool, ou porque... porque não consegue acreditar que cortaram o seu cabelo e a puseram num quarto e trancaram a porta! — Eu pensava que algo podia fazer com que ela tolerasse melhor esta situação? Eu achava que não se tratava de um castigo porque um espírito às vezes aparecia e encostava os lábios nos dela, depois se dissolvia antes que o beijo fosse dado, e a abandonava, numa escuridão mais profunda do que antes?

As palavras ainda parecem soar em meus ouvidos; e ainda escuto a voz dela, sussurrando, tropeçando no que dizia — porque, evidentemente, ela não falou alto, com medo da carcereira, mas sufocou seu desabafo de modo que apenas eu pudesse ouvi-la. Eu não sorri. Não consegui responder. Acho que me virei e olhei para fora, através das grades do portão, para a parede branca, vazia.

Então ouvi os passos da garota. Tinha se levantado da cadeira e estava ao meu lado e, acho, erguia a mão para tocar em mim.

Mas quando eu me afastei, chegando mais perto do portão, ela abaixou a mão.

Expliquei que não queria que minha visita a perturbasse. Disse que as outras mulheres com quem eu tinha falado talvez refletissem menos do que ela ou tivessem se tornado mais calejadas por causa de suas vidas fora da prisão.

— Sinto muito — disse ela.

— Você não tem que se desculpar. — Como seria grotesco se ela estivesse realmente se *desculpando!* — Mas se preferir que eu saia... — Ela não disse nada, e eu devo ter continuado a fitar o corredor escuro, até perceber que ela não ia tornar a falar. Em seguida, segurei nas grades e chamei a agente.

Foi a Sra. Jelf que veio. Ela olhou para mim, depois para dentro da cela. Ouvi Dawes se sentar, e quando a olhei novamente, ela estava outra vez mexendo no novelo de lã.

— Até logo — eu disse. Ela não respondeu. Só quando a agente abriu o portão foi que levantou a cabeça e vi que ela respirava.

— Srta. Prior — disse, e olhou para a Sra. Jelf. Em seguida: — Nós não dormimos muito bem aqui — murmurou. — Pense em nós, por favor, da próxima vez que tiver insônia.

E o rosto dela, que era pálido como alabastro, ficou cor-de-rosa.

— Vou fazer isso, Dawes, tenha certeza.

Ao meu lado, a agente pôs a mão no meu braço.

— Vamos continuar, senhorita? — propôs. — Posso mostrar Nash ou

Hamer... ou Chaplin, nossa envenenadora.

Mas eu não quis visitar mais ninguém. Deixei as alas e fui para a prisão masculina.

Lá, por acaso, encontrei o Sr. Shillitoe.

— O que está achando? — perguntou.

Respondi que as agentes tinham sido muito amáveis; e que uma ou duas presas pareceram gostar da minha presença.

— É claro — disse. — E elas a receberam bem? Sobre o que conversaram?

— Sobre seus pensamentos e sentimentos.

Ele assentiu.

— Isso é bom! Precisa conquistar a confiança delas. Precisa mostrar que as respeita na situação em que se encontram para incentivá-las a respeitá-la também.

Eu olhei para ele. Ainda estava nervosa por causa do encontro com Selina Dawes. Eu disse que estava insegura.

— Talvez, afinal, eu não tenha nem o conhecimento, nem o temperamento necessários a uma visitante...

Conhecimento? Para o Sr. Shillitoe, eu tinha o conhecimento da natureza humana; e era tudo o que se precisava ter ali! Eu considerava seus funcionários melhores do que eu? Eu os achava mais compassivos do que eu?

Pensei na rude Srta. Craven, e em como Dawes precisou ocultar seu desabafo com medo de ser repreendida.

— Mas há algumas mulheres, eu acho, algumas perturbadas... — eu disse.

Sempre existiam mulheres assim, em Millbank! Mas de acordo com o Sr. Shillitoe quase sempre as presas mais problemáticas eram as que respondiam melhor, no fim, ao interesse das damas por serem frequentemente as mais suscetíveis. Se eu encontrar uma mulher difícil, disse, devo “dar a ela uma atenção especial”. Em toda a prisão, ela será quem mais necessitará da atenção de uma dama...

Ele tinha interpretado mal minhas palavras; mas não pudemos mais conversar porque apareceu um guarda para chamá-lo. Precisava guiar um grupo de homens e mulheres recém-chegados em uma visita à prisão. Eu os vi reunidos do outro lado do portão. Os homens tinham se aproximado de uma das paredes do pentágono e estavam estudando seus tijolos amarelos.

Após o contato com o ar abafado das celas femininas, o dia me pareceu perfeito, assim como na semana anterior. O sol não iluminava mais as janelas da ala das mulheres, mas ainda estava alto o bastante para tornar a tarde bonita. Quando o porteiro me levou para fora e assobiou para chamar um táxi, eu o interrompi e atravessei a rua, indo até a amurada. Eu tinha ouvido falar em um píer de onde os condenados eram embarcados em navios de prisioneiros para as colônias, e fui dar uma olhada. Trata-se de um cais de madeira, com um arco no fundo; o arco leva a uma passagem subterrânea que liga o cais à prisão. Eu fiquei algum tempo ali parada, imaginando aqueles navios e como deviam ter se sentido as presas confinadas dentro deles; depois, ainda pensando nelas — e pensando de novo em Dawes, Power e Cook — eu comecei a andar. Caminhei por toda a

amurada e só parei de novo em frente a minha casa, onde havia um homem pescando com anzol e linha. Ele tinha dois peixes presos numa argola em sua cintura; as escamas dos peixes eram prateadas e suas bocas, bem rosadas.

Fui caminhando porque achei que mamãe ainda estaria ocupada com Pris. Mas quando cheguei em casa eu vi que não, que ela tinha voltado uma hora antes e estava esperando por mim. Quis saber por quanto tempo eu tinha andado a pé pela cidade. Estava prestes a mandar Ellis atrás de mim.

Eu havia sido um tanto impaciente com ela mais cedo; não queria sê-lo de novo.

— Desculpe, mamãe. — Portanto, como penitência, sentei-me e deixei que Priscilla me contasse sobre sua sessão com o Sr. Cornwallis. Ela me mostrou outra vez o vestido azul e a pose que fez para o retrato; senta-se como uma jovem à espera do namorado, segurando um buquê de flores e com o rosto virado para a luz. Contou que o Sr. Cornwallis deu pincéis para ela segurar; mas que eles serão lírios no quadro — eu então pensei em Dawes e naquelas estranhas violetas.

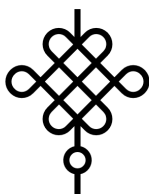
— Os lírios e o fundo vão ser pintados quando estivermos viajando — atalhou Priscilla.

Em seguida, ela me contou para onde iam. Para a *Itália*. E falou com grande naturalidade; pois para ela a Itália não tem o mesmo valor que já teve para mim. Mas quando ouvi o comentário, pensei que meu castigo estava, sem dúvida, completo. Eu saí e só tornei a descer quando Ellis tocou a sineta do jantar.

Entretanto, a cozinheira havia preparado um carneiro que chegou na mesa um tanto frio e com uma camada de gordura por cima; e na hora me lembrei do cheiro azedo da sopa em Millbank e da desconfiança das mulheres sobre as mãos sujas que tinham tocado nela e perdi o apetite. Saí cedo da mesa e passei uma hora folheando livros e gravuras no escritório de papai, depois outra hora aqui, olhando o movimento na rua. Vi o Sr. Barclay chegar para visitar Pris, balançando sua bengala. Ele parou um instante nos degraus e passou os dedos numa folha para umedecê-los, depois alisou o bigode. Não sabia que eu estava na janela observando-o. Após isso, li um pouco e depois escrevi no meu diário.

Neste momento, meu quarto está muito escuro, a única luz é a do lampião; mas o brilho do pavio é refletido numa dúzia de superfícies e se eu virasse a cabeça veria meu próprio rosto, magro e amarelo, no espelho sobre a chaminé. Eu não me viro e olho para a parede onde, esta noite, ao lado da planta de Millbank, preendi uma gravura. Eu a encontrei no escritório de papai, num catálogo da Galeria dos Uffizi: é o quadro de Crivelli em que pensei quando vi Selina Dawes pela primeira vez — só que não se trata de um anjo, como imaginei, mas de sua última *Veritas*. Uma jovem severa e melancólica, que carrega o sol sob a forma de um disco brilhante e um espelho. Eu o trouxe para meu quarto e vou mantê-lo aqui. Por que não? É tão bonito.

30 DE SETEMBRO DE 1872



SRTA. GORDON, POR CAUSA DE UMA dor estranha. Mãe se tornou espírito em maio de 1871, *coração*. 2/-

Sra. Caine, cuja filha Patrícia — *Pixie* — viveu 9 semanas, tornou-se espírito em fevereiro de 1870.3/-

Sra. Bruce e Srta. Alexandra Bruce. Pai tornou-se espírito em janeiro, estômago. *Existe um testamento posterior?* 2/-

Sra. Lewis (não Sra. Jane Lewis, filho aleijado, Clerkenwell). Esta senhora não veio à minha procura, mas o Sr. Vincy a trouxe, dizendo que tinha ido com ela até certo ponto, mas que o recato não permite que ele vá mais além; além disso, ele tem outra cliente esperando. Quando me viu, ela disse:

— Ah! Como ela é jovem! É uma estrela.

O Sr. Vincy respondeu imediatamente:

— Uma estrela em ascensão na nossa profissão, pode ter certeza.

Nós ficamos juntas por meia hora, e seu problema era o seguinte: Toda noite, às 3 horas, ela é acordada por um espírito que põe a mão sobre o coração dela. Ela nunca vê o seu rosto, apenas sente as extremidades frias dos dedos dele. Aparece com tanta frequência que ele deixa marcas no corpo dela, que ela não quis mostrar ao Sr. Vincy.

— Mas a senhora pode mostrá-las para mim — pedi, e ela abriu o vestido e lá estavam elas, claras como dia, cinco marcas vermelhas, lisas, sem inchaço nem secreção. Eu as contemplei por longo tempo. — Bem, está muito claro, não está, que é o seu coração que ele quer? A senhora pode pensar em alguma razão pela qual um espírito viria em busca do seu coração?

— Não consigo pensar em nenhuma razão, só quero que ele vá embora. Meu marido dorme ao meu lado na cama e tenho medo que o espírito o acorde — respondeu e contou que está casada há apenas quatro meses. Eu olhei firme para ela.

— Segure minha mão e me conte a verdade. A senhora sabe muito bem quem é esse espírito e por que ele vem.

É claro que ela o conhecia, era um rapaz com quem prometeu se casar e, quando ela o trocou por outro, ele foi para a Índia e morreu lá. Ela me contou

isso chorando e perguntou:

— Mas você acha mesmo que pode ser ele? — Eu a orientei a descobrir a hora em que ele morreu.

— Aposto que foi às 3 da manhã no horário da Inglaterra. — Expliquei que às vezes um espírito pode ter toda a liberdade no outro mundo, mas continua um prisioneiro da hora em que morreu.

Então pus a mão nas marcas sobre seu coração.

— Ele a chama por um apelido, qual é? — Ela disse que era Dolly.

— Sim, agora eu o vejo, é um rapaz bonito e está chorando. Ele está me mostrando a mão dele e seu coração está nela, eu posso ver Dolly escrito nele, mas as letras são negras como piche. Ele está preso num lugar muito escuro por causa do desejo por você. Quer seguir adiante, mas seu coração é como um pedaço de chumbo que o prende.

— O que devo fazer, Srta. Dawes, o que devo fazer?

— Bem, deu o seu coração a ele, agora não deve chorar por ele querer conservá-lo. Mas temos que convencê-lo a largá-lo. Mas até conseguirmos fazer isso, acho que toda vez que o seu marido a beijar, o espírito desse rapaz vai se intrometer entre as suas bocas. Vai tentar roubar seus beijos. — Avisei que trabalharia para tentar melhorar a situação e pedi que voltasse na quarta-feira.

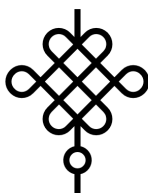
— Como posso pagá-la por isso? — Respondi que se ela quisesse deixar algum dinheiro, deveria entregá-lo ao Sr. Vincy, pois era mais cliente dele do que minha. Neste tipo de estabelecimento, onde há mais de um médium, temos que ser muito honestos.

Mas depois que ela saiu, o Sr. Vincy veio até a porta e me deu a contribuição da moça

— Bem, Srta. Dawes, deve tê-la impressionado. Veja quanto ela pagou. — Ele pôs o dinheiro na minha mão. A mão dele havia esquentado a moeda, a qual me entregou rindo e dizendo que era uma moeda *quente*. Eu recusei, uma vez que a Sra. Lewis era cliente dele. — Mas você, Srta. Dawes, por estar aqui sozinha e não ter ninguém, faz um homem se lembrar das suas responsabilidades como cavalheiro. — Ele ainda não tinha largado a minha mão que segurava a moeda. Quando tentei soltá-la, ele a apertou com mais força, dizendo: — Ela mostrou as marcas para você? — Então eu disse que achava que tinha ouvido a Sra. Vincy no corredor.

Quando ele saiu, eu guardei a moeda na minha caixa, e o resto do dia foi muito sem graça.

4 DE OUTUBRO DE 1872



NUMA CASA EM FARRINGTON, POR CAUSA de uma Srta. Wilson o irmão se tornou espírito em 1858, teve *um ataque e morreu sufocado*. 3/-

Aqui, Sra. Partridge — cinco filhos se tornaram espíritos, a saber, Amy, Elsie, Patrick, John, James, nenhum deles viveu mais de um dia neste mundo. Esta senhora veio usando um véu de renda preta, que eu a fiz tirar.

— Vejo os rostos dos seus bebês perto da sua garganta. Está usando os rostos deles como um colar, e não sabe disso — eu disse. Mas o colar tinha um espaço, havia lugar para mais duas joias no fio. Quando vi isso, deixei cair o véu sobre o rosto dela, dizendo:

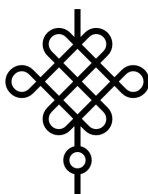
— A senhora tem que ser muito corajosa.

Eu fiquei triste ao atender aquela senhora. Depois dela, eu disse que estava muito cansada e fui para o meu quarto. São 22h. A Sra. Vincy foi se deitar. O Sr. Cutler, cujo quarto se encontra abaixo deste, está fazendo exercícios com um peso e a Srta. Sibree está cantando. O Sr. Vincy veio até aqui uma vez, eu ouvi os passos dele no corredor e o som de sua respiração do lado de fora da porta. Ele ficou respirando ali por cinco minutos. Quando indaguei, “Sr. Vincy, o que o senhor quer?”, ele disse que tinha vindo examinar o carpete da escada, porque achava que estava solto e ficou com medo que eu tropeçasse. Ele disse que um senhorio tem que fazer esse tipo de trabalho, mesmo às 22h.

Quando foi embora, enfiei uma meia no buraco da fechadura.

Então me sentei e pensei na titia; amanhã fará quatro meses que ela morreu.

2 DE OUTUBRO DE 1874



CHOVEU DURANTE TRÊS DIAS — UMA garoa fria, triste, que deixa a superfície do rio áspera e escura, como pele de crocodilo, que faz as embarcações balançarem tanto que eu fico cansada só de olhar. Estou sentada, enrolada numa manta e usando um velho gorro de seda de papai. De algum lugar da casa vem a voz de mamãe, alterada, ralhando com Ellis — acho que ela deixou cair um copo ou derramou água. De repente, uma porta bate e eu ouço os assobios do papagaio.

O papagaio é de Priscilla, foi um presente do Sr. Barclay. Ele fica na sala de visitas, num poleiro de bambu. O Sr. Barclay treina o animal para dizer o nome de Priscilla; até agora, entretanto, ele apenas assobia.

Hoje, a casa tem um ar de insatisfação. A chuva fez a cozinha inundar, há goteiras no sótão; e o pior de tudo, nossa empregada, Boyd, nos deu uma semana de aviso prévio, e mamãe está zangada porque vai ter que contratar outra empregada às vésperas do casamento de Prissy. É curioso. Nós todos achávamos que Boyd estava satisfeita, ela está conosco há três anos; mas ontem ela procurou mamãe e disse que tinha achado outro emprego e iria embora daqui a uma semana. Nem encarou mamãe enquanto falava — inventou alguma história, mas mamãe não acreditou — e quando pressionada, ela começou a chorar convulsivamente. Confessou finalmente que a casa tinha começado a assustá-la quando ficava sozinha lá dentro. Disse que a casa tinha “ficado esquisita” desde a morte de papai e o escritório dele, que ela tinha de limpar, a deixava apavorada. Revelou que não conseguia dormir à noite porque ouvia rangidos e outros sons não identificáveis — uma vez, disse, ouviu alguém murmurando o nome dela! Contou que já ficou diversas vezes deitada, acordada, morta de medo, assustada demais para sair do seu quarto e ir para o de Ellis; tem pena de ir embora, mas está com os nervos em frangalhos, e encontrou outro emprego numa casa em Maida Vale.

Mamãe disse que nunca ouviu tanta bobagem na vida.

— Fantasmas! — exclamou. — Imaginar que existem fantasmas nesta casa! Pensar que a memória do pai de vocês está sendo manchada deste jeito por uma criatura como Boyd.

Priscilla comentou que achava estranho o fantasma de papai andar no sótão

onde a empregada dormia.

— Você fica acordada até muito tarde, Margaret. Já ouviu alguma coisa? — perguntou.

Eu disse que tinha ouvido Boyd roncando; e talvez ela não estivesse dormindo, e sim roncando de medo...

Então mamãe disse que estava contente por eu achar graça naquilo. Que não tinha graça nenhuma o trabalho que ela ia ter agora, de achar outra empregada e treiná-la!

Depois, mandou chamar Boyd outra vez, para intimidá-la mais um pouco.

Como a chuva nos prendeu em casa, a discussão se prolongou interminavelmente. De tarde eu não aguentei mais e, apesar do tempo, fui para Bloomsbury — para a sala de leitura do British Museum. Pedi os livros de Mayhew sobre as prisões de Londres, os artigos de Elizabeth Fry sobre Newgate e um ou dois volumes recomendados pelo Sr. Shillitoe. Um homem que veio me ajudar a carregá-los disse que não sabia por que os leitores mais educados pediam livros tão violentos. Ele virou os volumes para ler a lombada e sorriu.

O fato de estar ali me fez sentir muita saudade de papai. A sala de leitura não mudou nada. Leitores que vi pela última vez, há dois anos, continuavam agarrados com os mesmos papéis, ainda lendo os mesmos livros chatos, e travando as mesmas pequenas batalhas com os mesmos funcionários de má vontade. O cavalheiro que mastiga a barba; o cavalheiro que ri; a dama que copia caracteres chineses, que faz cara feia quando seus vizinhos murmuram... Estavam todos lá, nos seus velhos lugares sob a cúpula, como moscas conservadas em âmbar, pensei.

Será que alguém se lembra de mim? Só um dos bibliotecários deu sinal disso.

— Esta é a filha do Sr. George Prior — disse para um atendente mais jovem quando eu parei diante de seu guichê. — A Srta. Prior e o pai dela foram leitores aqui durante muitos anos. Ora, parece que eu estou vendo o velho cavalheiro solicitando seus livros. A Srta. Prior foi assistente do pai enquanto ele trabalhou em seu estudo sobre o Renascimento. — O atendente disse que tinha lido o artigo.

Os outros, que não me conhecem, agora me chamam de “madame”, eu notei, em vez de “senhorita”. Em dois anos, eu passei de mocinha a solteirona.

Havia muitas solteironas lá hoje, eu acho — mais, com certeza, do que me lembro. Talvez, entretanto, aconteça a mesma coisa com solteironas e fantasmas; é preciso pertencer à categoria para identificá-los.

Eu não fiquei muitas horas lá, estava inquieta, e, além disso, a chuva deixava tudo muito escuro. Mas eu não queria ir para casa, para junto de mamãe e Boyd. Tomei um táxi para Garden Court, imaginando que o tempo tivesse deixado Helen lá, sozinha. E tinha mesmo: ela não recebia visitas desde ontem, estava sentada na frente do fogo fazendo torradas, dando as casquinhas para Georgy comer.

— Veja quem está aqui, sua tia Margaret! — disse quando eu entrei e o

entregou para mim. Ele enganchou as pernas na minha barriga e chutou.

— Que tornozelos gordos e bonitos você tem, que belo rostinho vermelho!

Helen explicou que o rosto dele só estava vermelho por causa de um dente novo que estava doendo. Depois de algum tempo no meu colo, ele começou a chorar, então ela o entregou à babá, que o levou embora.

Eu contei a ela sobre Boyd e os fantasmas; e depois conversamos sobre Pris e Arthur. Ela sabia que eles iam passar a lua de mel na Itália?

— Eu acho que ela já sabia, mas não quis admitir. Só disse que qualquer pessoa podia ir para a Itália se quisesse.

— Você quer que todo mundo pare nos Alpes porque você uma vez quis ir à Itália e foi impedida. Não deixe Priscilla infeliz por causa disso. Seu pai era pai dela também. Acha que não foi difícil para ela adiar o casamento?

Eu disse que me lembrava do chique de Priscilla quando descobriram que papai estava doente — isso porque ela tinha mandado fazer uma dúzia de vestidos novos que tiveram que ser devolvidos para serem tingidos de preto. Quando eu chorei, o que eles fizeram comigo?, perguntei.

Ela respondeu, sem olhar para mim, que comigo tinha sido diferente.

— Priscilla tinha 19 anos e era uma pessoa bem comum. Passou dois anos difíceis. Devemos nos alegrar pelo fato do Sr. Barclay ter sido tão paciente.

Eu disse, um tanto azedadamente, que ela e Stephen haviam tido mais sorte; e ela respondeu no mesmo tom:

— Nós tivemos, Margaret, porque pudemos nos casar na presença do seu pai. Priscilla não terá isso, mas o casamento dela vai ser melhor sem a doença do seu pobre pai apressando os preparativos. Deixe que ela se divirta.

Eu me levantei e fui até a lareira, estendendo as mãos diante do fogo. Finalmente eu lamentei por ela estar muito áspera hoje; o fato de ser mãe e cuidar de um bebê provocou isso.

— Realmente, *Sra. Prior*, você está parecendo a minha mãe. Ou se pareceria com ela se não fosse tão sensata...

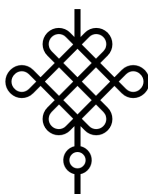
Quando me ouviu dizer isso, ela ficou vermelha e me mandou calar a boca. Mas também vi pelo espelho acima da lareira que Helen também riu e tapou a boca com a mão. Observei que não a via ficar ruborizada assim desde que ela era apenas a Srta. Gibson. Ela se lembrava de como nós ríamos e ficávamos vermelhas?

— Papai costumava dizer que o seu rosto era como o coração de uma carta de copas e o meu, como uma carta de ouros. Você se lembra, Helen, de papai dizendo isso?

Ela sorriu e inclinou a cabeça.

— Estou ouvindo o Georgy — disse. Eu não o tinha ouvido. — Como aquele dente o faz chorar! — E ela tocou a sineta chamando por Burns, a criada, e mandou que trouxessem o bebê de volta; eu não fiquei muito tempo com ela, depois disso.

6 DE OUTUBRO DE 1874



NÃO ESTOU COM NENHUMA VONTADE DE escrever esta noite. Justifiquei que estava com dor de cabeça, e suponho que, em breve, mamãe vá aparecer para trazer meu remédio. Tive um dia horrível na penitenciária de Millbank.

Já me conhecem lá agora e brincam comigo no portão.

— Está aqui outra vez, Srta. Prior? — disse o porteiro quando me viu. — Eu achei que a senhorita já estava cansada de nós nessa altura, mas é incrível como a penitenciária é fascinante para quem não tem que trabalhar aqui.

Ele gosta de chamar a prisão por este nome mais formal, eu já notei; e às vezes chama os guardas de *carcereiros* e as agentes de *supervisoras*, seguindo o mesmo princípio. Uma vez me contou que trabalha em Millbank há 35 anos e, portanto, já viu milhares de condenados passarem por aqueles portões e conhece as histórias mais terríveis do lugar. Como hoje foi mais um dia de chuva, eu o encontrei na janela da portaria, reclamando da chuva que deixava a prisão um lamaçal. Explicou que o solo retém água e dificulta muito o trabalho no local.

— Esta terra é péssima, Srta. Prior — disse ele, e me fez ir até a janela para mostrar o local onde, nos primeiros anos da penitenciária, havia existido uma vala seca que precisava ser atravessada como o fosso de um castelo, com uma ponte levadiça. — Mas o solo não permitia. Assim que os presos a drenavam, o Tâmis voltava a enchê-la; e toda manhã eles a encontravam cheia de água preta. Finalmente, cobriram tudo com terra.

Eu fiquei um pouco ali com ele, aquecendo-me diante do fogo; e quando entrei na prisão feminina, fui recebida, como sempre, pela Srta. Ridley, para que me acompanhasse. Hoje ela me mostrou a enfermaria.

Como a cozinha, esta fica situada longe do centro do prédio feminino, no hexágono central da prisão. É um cômodo de cheiro ácido, mas grande e aquecido, e poderia ser agradável, pois é o único aposento em que as mulheres se reúnem com outros objetivos que não trabalhar ou rezar. Mesmo aqui, no entanto, elas têm que ficar em silêncio. Uma agente vigia as enfermas deitadas, evitando que conversem; e existem celas separadas e camas com correias para as doentes mais agitadas. Na parede, tem um quadro de Cristo com uma corrente partida, e uma única linha de texto: *O teu amor nos sustenta.*

Ali há camas para cerca de cinquenta mulheres. Nós encontramos umas 12 ou 13, e a maioria parecia estar muito doente — doentes demais para levantar a cabeça, elas continuaram dormindo, ou estremeceram, ou viraram o rosto em seus travesseiros cinzentos quando nós passamos. A Srta. Ridley as olhou de cara fechada; e parou ao lado da cama de uma delas.

— Veja aqui — disse, indicando uma moça deitada com a perna exposta, o tornozelo lívido e envolto em ataduras, e tão inchado que estava quase tão grosso quanto a coxa dela. — Bem, esta é uma paciente com quem não vou perder tempo. Diga à Srta. Prior, Wheeler, como sua perna ficou tão machucada.

A mulher abaixou a cabeça.

— Com licença, senhorita — disse —, ela foi cortada com uma faca de cozinha. — Lembrei daquelas facas rombudas e em como as mulheres tinham que serrar os pedaços de carne, e olhei para a Srta. Ridley. — Conte à Srta. Prior como o seu sangue ficou tão envenenado.

— Bem — disse Wheeler num tom um pouco mais brando —, entrou ferrugem no corte e ele infeccionou.

A Srta. Ridley bufou. Era incrível a variedade de coisas que entravam nos cortes em Millbank e os infeccionava, disse ela.

— O médico encontrou um pedaço de ferro de um botão preso no tornozelo de Wheeler que o fez inchar. Realmente, ele tinha inchado tanto que o médico teve que cortá-lo com seu bisturi para retirar o objeto! Como se o cirurgião estivesse aqui à disposição *dela*! — Ela balançou a cabeça e eu tornei a contemplar o tornozelo inchado. O pé sob as ataduras estava preto, o calcanhar branco e rachado como a casca de um queijo.

Quando falei com a agente encarregada da enfermaria um pouco mais tarde, ela me contou que as presas “tentavam todo tipo de truque” para serem admitidas ali.

— Fingem que estão tendo ataques, engolem vidro, se conseguirem, para sangrar. Elas tentam se enforcar, quando acham que vão ser encontradas a tempo. — Contou que umas duas ou três, pelo menos tinham tentado isso e morrido sufocadas. Ela confessou que isso era muito duro. Segundo a agente, uma mulher era capaz de fazer isso por puro tédio; ou para se juntar a uma amiga, que já estivesse na enfermaria; ou então, “simplesmente para ser o centro das atenções”.

É claro que não revelei a ela que um dia tinha tentado um “truque” semelhante. No entanto, minha expressão deve ter mudado, e ela interpretou isso erradamente.

— Ah, elas não são como a senhorita e eu — disse —, os tipos que passam por aqui! Elas dão muito pouco valor às próprias vidas...

Perto de nós estava uma agente jovem, preparando-se para desinfetar o aposento. Elas fazem isso com vinagre e cloreto de cal. Eu a vi pingar o vinagre, produzindo um cheiro forte; depois ela caminhou ao longo da fileira de camas segurando a vasilha como um padre carregando um incensório numa igreja. O cheiro foi ficando tão forte que meus olhos arderam. Portanto, a Srta. Ridley me levou dali e nós fomos para as alas.

As alas não estavam no seu estado normal, mas cheias de movimento e de vozes.

— O que é isso? — perguntei, ainda esfregando os olhos por causa do desinfetante. A Srta. Ridley me explicou que era terça-feira (eu nunca tinha estado lá nesse dia), e nas terças e sextas as mulheres têm aula em suas celas. Eu conheci uma das professoras delas na ala da Sra. Jelf. Ela apertou minha mão quando a agente nos apresentou, e disse que tinha ouvido falar a meu respeito. Eu entendi que havia sido por uma das presas; mas na verdade ela conhecia o livro de papai. O nome dela, eu acho, é Sra. Bradley. Foi contratada para dar aula e tem três assistentes, as quais a Sra. Bradley faz questão de serem jovens, um grupo novo a cada ano, pois mal começam e já arranjam marido; e então a abandonam. Eu pude ver, pelo modo como ela falou comigo, que achou que eu fosse mais velha do que realmente sou.

Quando cruzamos com ela, estava empurrando um carrinho pelas alas, cheio de livros e folhas de papel. Comentou que as mulheres normalmente chegavam em Millbank muito ignorantes, “até mesmo com relação à Bíblia”; muitas presas sabiam ler, mas não escrever, e outras eram analfabetas. Ela acha que, nisso, elas são piores do que os homens.

— Estes aqui — disse ela, apontando para os livros que estavam no carrinho — são para as mais instruídas. — Eu me inclinei para verificá-los. Estavam muito velhos e surrados; eu imaginei todos os dedos calejados de trabalho que os haviam folheado em Millbank com desânimo ou frustração. Achei que poderia encontrar títulos já usados em casa, o *Spelling Book* de Sullivan, um *Catechism of the History of England*, o *Universal Preceptor* de Blair; tenho certeza de que a Srta. Pulver me fez estudá-los quando eu era menina. Durante as férias, às vezes, Stephen pegava esses livros e ria, dizendo que não ensinavam nada.

— É claro — disse a Sra. Bradley ao me ver examinando aquela velharia — que não vale a pena dar livros muito novos para as presas. Elas são tão relaxadas com as obras! Nós encontramos páginas arrancadas e usadas das mais variadas maneiras. — Contou que as mulheres usavam o papel para fazer papelotes nos cabelos por baixo das toucas.

Eu apanhei o *Universal Preceptor*, quando a agente abriu a porta de uma cela próxima para a Sra. Bradley, dei uma folheada para ler alguns trechos de suas páginas estragadas. As perguntas que havia no livro, naquele ambiente, pareciam bizarras, mas tinham, eu achei, um aspecto curiosamente poético. *Que tipo de grão é mais adequado para um solo duro? Qual é o ácido que dissolve prata?* Da extremidade do corredor vinha um murmúrio, o rangido de sapatos de sola grossa sobre areia, e o grito da Srta. Ridley: “Fique quieta e solete as palavras, como a professora está mandando!”

*De onde vem o açúcar, o óleo e a borracha?
O que é relevo e como surge as sombras?*

Finalmente, eu tornei a pôr o livro no carrinho e caminhei pelo corredor,

parando para olhar para as mulheres debruçadas sobre alguns exemplares. Passei pela bondosa Ellen Power; e pela moça católica de rosto triste, Mary Ann Cook, que sufocou o próprio bebê; e por Sykes, a presa descontente que aborrece as agentes penitenciárias querendo notícias de sua libertação. Quando cheguei ao arco próximo da esquina da ala, ouvi um murmúrio que identifiquei, e avancei mais um pouco. Era Selina Dawes. Recitava uma passagem da Bíblia para a professora, que escutava sorrindo.

Já esqueci qual era a passagem. Eu fui atraída pelo tom de voz de Selina, que soa tão estranho nas alas, e por sua postura dócil, pois estava em pé no meio da cela, segurando o avental com as duas mãos e com a cabeça baixa. Eu a tenho imaginado, quando penso nela, igual ao quadro de Crivelli, esguia, severa e melancólica. Às vezes, penso no que revelou sobre os espíritos, os presentes, aquela flor; recordo seu olhar inquietante. Mas hoje, com seu pescoço delicado sob a fita da touca do uniforme da prisão, movendo os lábios rachados, de olhos baixos, sob o olhar da professora elegante, ela parecia apenas jovem e indefesa, triste, mal nutrida, e eu tive pena dela. Ela não sabia que eu a observava até eu dar mais um passo — então ergueu os olhos e se calou. Seu rosto ficou vermelho e eu senti que o meu também ficava. Eu recordei seu desabafo, que o mundo podia olhar para ela, pois fazia parte do seu castigo.

Eu ia me afastar, mas a professora também tinha me visto, se levantou e me cumprimentou. Perguntou se eu queria falar com a presa. Já estavam terminando. Dawes sabia a lição de cor.

— Continue — disse ela então —, você está indo muito bem.

Eu poderia ter ficado ali assistindo a outra presa recitar, ser elogiada e depois ser relegada de novo ao silêncio; mas não queria ver Dawes fazer isso.

— Eu venho falar com você outro dia, está ocupada — eu disse. Cumprimentei a professora e fiz a Sra. Jelf me acompanhar até as celas da ala seguinte. Passei uma hora visitando as mulheres de lá.

Nossa! Como aquilo foi penoso! As mulheres me pareceram todas horríveis. A primeira que eu visitei largou o trabalho para se levantar e fazer uma reverência, e ficou naquela postura serviçal até a Sra. Jelf trancar o portão; mas assim que ficamos sozinhas se aproximou de mim e disse, num sussurro:

— Chegue mais perto! Elas não podem ouvir o que eu vou dizer! Se ouvirem, vão me beliscar! Vão me beliscar até eu gritar!

Ela se queixou de *ratos*. Disse que os ratos vinham à noite; que sentia as patas frias dos animais em seu rosto quando dormia e acordava toda mordida; arregaçou a manga do vestido e me mostrou marcas no braço. Tenho certeza de que eram marcas dos seus próprios dentes. Perguntei como os ratos conseguiam chegar até a cela, e ela disse que as agentes penitenciárias os traziam.

— Elas os enfiam pela abertura — ela estava se referindo à janelinha de inspeção ao lado da porta —, elas os enfiam segurando-os pelo rabo, eu vejo as mãos brancas delas fazendo isso. Elas os soltam no chão, um por um...

Pedi para eu falar com a Srta. Haxby, para ela mandar tirar os ratos.

Respondi que ia falar, só para acalmá-la; e então saí. Mas a mulher que

visitei em seguida me pareceu quase tão louca, e também uma terceira, uma prostituta chamada Jarvis, que considerei a princípio retardada, pois enquanto falávamos ela ficou em pé, agitada, sem me encarar, mas examinando o tempo todo a minha roupa e meu cabelo. Finalmente, não conseguiu se conter e perguntou como eu podia me vestir com tanta simplicidade. Acusou meu vestido de ser tão sem graça quanto os das carcereiras! Já era horrível elas terem que usar aqueles uniformes; ela morreria se tivesse que usar uma roupa igual à minha se estivesse livre de novo e pudesse escolher o que quisesse.

Portanto, eu perguntei o que ela escolheria no meu lugar. E ela respondeu prontamente:

— Eu usaria um vestido de gaze de Chamberry, uma estola de lontra e um chapéu de palha enfeitado com lírios.

— E para calçar?

— Sapatos de seda, com fitas até o joelho!

Mas isso, protestei delicadamente, era apropriado para uma festa ou um baile. Ela não usaria uma vestimenta daquelas em Millbank, usaria?

Como não! Com Hoy e Dowd para vê-la vestida e Griffiths, Wheeler, Banks, a Sra. Linda, e a Srta. Ridley! Ah, como não?

No fim, ela foi ficando tão entusiasmada que começou a me incomodar. Jarvis devia se deitar na cela toda noite imaginando seu vestido, pensando em cada detalhe. De repente, eu me dirigi para o portão para chamar a agente e ela deu um pulo para a frente e ficou bem perto de mim. O olhar dela não era mais abobalhado, mas bem malicioso.

— Tivemos uma conversa agradável, não foi, senhorita? — disse Jarvis. Eu assenti com a cabeça.

— Tivemos sim — e tornei a ir até o portão. Ela chegou ainda mais perto de mim. Onde, ela me perguntou depressa, eu ia fazer minha próxima visita? Era na ala B? Porque se fosse, eu poderia levar uma mensagem para sua amiga, Emma White? Ela estendeu a mão para o meu bolso, para pegar meu bloco e minha caneta. Pediu uma página do meu caderno para eu enfiá-la pelas grades da cela de White, “rápido como um relâmpago.” Só meia página!

— Ela é minha prima, senhorita, eu juro, pode perguntar a qualquer carcereira.

Eu tinha me afastado imediatamente dela e empurrei sua mão.

— Uma mensagem? — perguntei, surpresa e consternada. Ah, mas ela sabia muito bem que eu não podia levar recados! O que a Srta. Haxby pensaria de mim se eu fizesse isso? O que a Srta. Haxby pensaria *dela* por ter pedido? A mulher recuou um pouco, mas continuou insistindo: não era nada demais que White soubesse que sua amiga Jane estava pensando nela! Ela sentia muito ter pedido para eu estragar meu caderno; mas eu não podia levar apenas um recado?

— Não podia fazer isso? — Simplesmente informar White que sua amiga Jane Jarvis estava pensando nela e queria que ela soubesse?

Eu balancei a cabeça e bati nas grades para a Sra. Jelf me soltar.

— Você sabe que não deve pedir — eu disse. — Você sabe que não; e sinto

muito que tenha feito isso. — Ao ouvir isso, sua expressão ladina ficou mal-humorada e ela se virou e cruzou os braços.

— Vá para o inferno! — resmungou, claramente, mas não tão alto que a agente pudesse ouvir por sobre o rangido de suas botas no corredor coberto de arcia.

Foi curioso ver como aquele xingamento pouco me abalou. Eu me assustei ao ouvi-lo, mas olhei calmamente para Jarvis; e ela percebeu e fez uma cara azeda. Em seguida, a agente chegou.

— Ah, agora continue a costurar — disse ela delicadamente, me tirou da cela e trancou o portão. Jarvis hesitou, depois puxou a cadeira e retomou o trabalho. A expressão dela deixou de ser zangada ou ríspida, como a de Dawes, e parecia apenas infeliz e doente.

Ainda ouvia as vozes das jovens assistentes da Sra. Bradley dirigindo-se para as celas da ala E; mas saí daquele andar, fui para as alas da Primeira Classe e as percorri com a encarregada, a Srta. Manning. Ao contemplar as mulheres em suas celas, imaginei para qual delas Jarvis queria tanto mandar uma mensagem. E finalmente eu disse, baixinho:

— A senhora tem uma presa aqui chamada Emma White? — a Srta. Manning confirmou e perguntou se eu queria visitá-la. Hesitei e respondi que uma das presas da ala da Sra. Jelf queria notícias dela. Uma prima, Jane Jarvis.

A Srta. Manning fez um muxoxo.

— Sua prima, foi isso que disse? Ora, ela é tão prima de Emma White quanto eu!

Revelou que White e Jarvis eram conhecidas na prisão como duas “amiguinhas”, e eram “piores que namoradas”. Contou que as presas formavam pares assim, que faziam isso em todas as prisões nas quais ela já tinha trabalhado. Era a solidão que as fazia agir daquela maneira. Ela mesma tinha visto mulheres duras ficarem de coração partido por terem se apaixonado por alguma moça que tinham visto e a moça não ter dado confiança para elas ou já ter outra amiguinha. Ela riu.

— Preste atenção para ninguém querer ficar *sua* amiga, senhorita. Já houve mulheres aqui que se apaixonaram por suas carcereiras e, por esse motivo, tiveram que ser removidas para outras prisões. E a confusão que armaram, quando foram levadas, foi uma comédia!

Ela tornou a rir, depois me conduziu mais para dentro da ala; e eu a acompanhei, mas um pouco nervosa — porque já ouvi falarem sobre “amiguinhas” antes, e eu mesma usei essa palavra, fiquei abalada ao descobrir a conotação do termo. E também não me agradou saber que eu quase tinha desempenhado, inocentemente, o papel de alcoviteira para Jarvis em sua paixão proibida...

A Srta. Manning me levou até um portão.

— Ali está White — murmurou — em quem Jane Jarvis pensa tanto. — Eu olhei para dentro da cela e vi uma garota gorda, de rosto amarelo, examinando uma fileira de pontos malfeitos que tinha dado na sacola de lona que costurava.

Quando nos viu olhando para ela, levantou-se e fez uma reverência. — Tudo bem, White — disse a Srta. Manning. — Alguma notícia da sua filha? White tem uma filha, senhorita, que ficou aos cuidados de uma tia. Mas nós achamos que a tia não presta, não é, White? Estamos com medo que ela deixe a menina seguir o mesmo caminho.

White disse que não tinha notícias. Quando olhou para mim, eu me virei e deixei a Srta. Manning no portão da cela dela e procurei outra agente para me levar até a prisão masculina. Eu fiquei contente de ir embora, contente até de sair e sentir a chuva caindo no meu rosto; pois tudo o que tinha visto e ouvido lá — as mulheres doentes e as suicidas, os ratos da louca, as amiguinhas e a gargalhada da Srta. Manning — me fez um mal horrível. Eu me lembrei de como tinha saído da prisão para o ar fresco depois da minha primeira visita e imaginei meu passado sendo trancado e esquecido. A chuva deixava meu casaco pesado e minha saia mais escura na barra, onde a terra molhada se agarrava nela.

Vim para casa de carruagem, demorei para pagar o coche, torcendo para mamãe me ver. Não viu: estava na sala de visitas questionando nossa nova empregada, uma amiga de Boyd, uma moça mais velha, sem tempo para histórias de fantasma e ansiosa para ocupar a vaga. Eu diria que Boyd tem sido tão aterrorizada por mamãe que subornou sua amiga para ocupar seu lugar, pois esta está acostumada a ganhar mais. Justifica, no entanto, que está disposta a perder um xelim por mês para ter um quarto e uma cama só seus: no seu emprego atual, ela tem que dividir o quarto com a cozinheira, que tem “maus hábitos”; além disso, ela tem uma amiga na região perto do rio e gostaria de ficar próxima dela.

— Não sei. Minha outra empregada não vai gostar se você não começar a mostrar serviço. E sua amiga tem que saber que não vai poder visitá-la aqui. E nem você vai largar o trabalho para visitá-la. — A moça disse que jamais faria isso; e mamãe concordou em fazer uma experiência durante um mês. Ela vai começar no sábado. É uma moça de rosto comprido chamada Vigers. Eu vou gostar de pronunciar este nome, porque jamais gostei muito de Boyd.

— Uma pena que ela seja tão feia! — disse Pris da janela quando ela saiu; e eu sorri, mas depois tive um pensamento horrível. Lembrei-me de Mary Ann Cook, em Millbank, perseguida pelo filho do patrão; e pensei no Sr. Barclay, no Sr. Wallace e nos amigos de Stephen que às vezes iam lá. Fiquei contente por ela não ser bonita.

E talvez mamãe tenha pensado o mesmo, porque ao ouvir o comentário de Prissy, ela assentiu. Achava que Vigers devia ser uma boa moça. As feias sempre eram, e eram mais fiéis. Uma moça sensata, ela saberia o lugar dela. E não haveria mais aquela bobagem sobre rangidos na escada!

Pris ficou séria ao ouvir isso. Ela vai ter muitas criadas para comandar, é claro, em Marishes.

— Ainda é o costume em algumas mansões — disse a Sra. Wallace quando estava jogando cartas com mamãe à noite — manter as empregadas na cozinha, dormindo em balcões. Quando eu era criança, nós tínhamos sempre um garoto dormindo em cima da caixa que guardava a prataria. A cozinheira era a única

criada que tinha um travesseiro. — A Sra. Wallace não sabia como eu conseguia dormir com a criada se remexendo no quarto acima do meu. Eu disse que não me importava de aguentar isso em troca da minha vista do Tâmisia, da qual eu não ia abrir mão; e que, aliás, na minha experiência, criadas — quando não estavam tendo ataques de pânico — geralmente ficavam cansadas demais para fazer outra coisa em suas camas além de dormir. — E é melhor que fiquem! — disse.

Mamãe disse que a Sra. Wallace não devia prestar atenção a nada que eu dissesse a respeito de empregadas.

— Margaret sabe lidar com empregadas tão bem quanto com vacas — acrescentou.

Então, com um tom diferente, ela nos perguntou se podíamos explicar uma coisa para ela. A cidade devia ter umas 30 mil bordadeiras, e, no entanto, ela não tinha encontrado uma única moça capaz de costurar em linha reta um vestido de linho por menos de uma libra etc.

Pensei que talvez Stephen viesse aqui, trazendo Helen com ele; mas não veio — talvez a chuva os tenha impedido. Eu esperei até às 22h, depois subi. Quando mamãe veio me dar meu remédio, eu estava sentada de camisola e enrolada na manta, e como tinha tirado o vestido, meu medalhão estava aparecendo no pescoço. Ela notou, é claro, e disse:

— Ora, Margaret! Você tem tantas joias bonitas e eu nunca vi você com nenhuma, mas você usa essa coisa velha!

— Mas foi presente de papai. — Eu não contei nada sobre a mecha de cabelo que tem lá dentro, ela não sabe que a tenho.

— Mas uma coisa tão feia e velha! — Ela sugeriu que, se eu quisesse uma lembrança de papai, devia usar os broches e anéis que ela tinha mandado fazer depois que ele morreu. Eu não respondi, mas enfiei o medalhão dentro da camisola. Ele estava frio contra a pele do meu peito.

Enquanto eu tomava o remédio, vi que ela estava olhando as gravuras que eu tinha prendido do lado da minha escrivaninha e depois para meu diário. Eu tinha fechado o caderno, mas minha caneta continuava marcando a página que eu estava escrevendo.

— O que é isso? O que você está escrevendo aí? — Alegou que não era saudável ficar tanto tempo escrevendo um diário; que isso ia me deixar outra vez deprimida e ia me cansar. Eu pensei, se você não quer que eu fique cansada, então por que me dá um remédio para dormir? Mas não disse nada. Apenas guardei o caderno — e tornei a pegá-lo quando ela saiu.

Há dois dias, Priscilla abandonou um romance e o Sr. Barclay o pegou, folheou as páginas e riu. Ele não gosta de escritoras, porque, segundo ele, tudo o que as mulheres sabem escrever, são “diários românticos” — a expressão ficou na minha cabeça. Andei pensando no meu último diário, que tinha tanto do meu coração ferido, e que, com certeza, levou tanto tempo para ser destruído quanto dizem que leva um coração humano. Eu quero que esse caderno seja diferente do outro. Não quero que estes textos me façam remoer pensamentos; quero que, como o remédio para dormir, eles impeçam que esses pensamentos surjam.

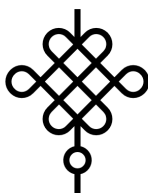
E isso teria acontecido se não fosse pelas situações que presenciei em Millbank hoje. Eu registrei minha visita, refiz meu percurso pela prisão feminina, como tenho feito; mas o trabalho não me acalmou — ele deixou o meu cérebro afiado como um anzol, de modo que todos os meus pensamentos parecem ficar presos nele, pendurados. “Pense em nós”, Dawes me disse na semana passada, “da próxima vez que estiver com insônia”, e agora, bem acordada, é isso que faço. Penso em todas as mulheres de lá, nas alas escuras da prisão; mas em vez de estarem silenciosas e quietas, estão agitadas e andando de um lado para outro em suas celas. Procuram cordas para amarrar no pescoço. Afiam facas para se cortar. Jane Jarvis, a prostituta, está chamando por White, dois andares abaixo dela; e Dawes está murmurando os versos estranhos das alas. Minha mente captou as palavras, e acho que vou recitá-las junto com ela, a noite inteira.

Que tipo de grão é mais adequado para um solo duro?

Qual é o ácido que dissolve prata?

O que é *relevo* e como surgem as sombras?

12 DE OUTUBRO DE 1872



PERGUNTAS COMUNS E SUAS RESPOSTAS

acerca das esferas,

Por

O amigo do médium.

Para onde vai um espírito quando deixa o corpo que habitava?

Para a esfera inferior, para onde todas as novas almas devem ir.

Como o espírito chega lá?

Na companhia de um dos guias ou espíritos guardiões chamados de *anjos*.

Que impressão a esfera inferior causa no espírito que acabou de partir da Terra?

Dá a impressão de grande calma, luminosidade, cor, alegria etc., podendo-se citar aqui todos os atributos agradáveis, esta esfera possui todos eles.

Quem recebe e dá boas-vindas ao novo espírito nesta esfera?

Ao chegar nesta esfera, o espírito é levado pelo guia mencionado antes para um lugar onde estão reunidos todos os familiares e amigos que o precederam lá. Eles o recebem com sorrisos, depois o conduzem até um poço de água clara onde o deixam banhar-se. Eles fornecem roupas para cobrir seu corpo; têm uma casa preparada para ele. As roupas e a casa são feitas de substâncias maravilhosas.

Quais são as obrigações do espírito, enquanto ele residir nesta esfera?

Suas obrigações são purificar seus pensamentos em preparação para a sua elevação à esfera seguinte.

Por quantas esferas um espírito deve passar em sua trajetória?

Por sete, e a mais elevada delas é a casa do AMOR, que chamamos de DEUS!

Qual a expectativa de promoção através dessas esferas que podem ter os espíritos de pessoas apenas medianamente religiosas, benevolentes, bem-situadas etc.?

Pessoas que possuem uma disposição bondosa e cordata irão progredir com facilidade, qualquer que tenha sido sua situação no plano terrestre. Pessoas de índole má, violenta ou vingativa terão sua passagem... — Aqui o papel estava rasgado, acho que a palavra devia ser *prejudicada*. Pessoas especialmente vis não serão admitidas nem nesta esfera inferior que acabamos de descrever. Elas serão levadas para um lugar de escuridão e terão de trabalhar muito lá até terem admitido seus erros e se arrependido deles. Este processo pode levar muitos milênios para ser completado.

Qual é a situação do médium em relação a essas esferas?

O médium não tem permissão para entrar nas sete esferas, mas ele ou ela pode, às vezes, ser levado até o portão delas e vislumbrar suas maravilhas. Ele ou ela também pode ser levado até o lugar escuro onde labutam os espíritos malvados e ser convidado a contemplá-lo.

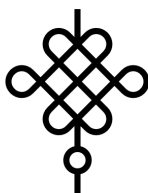
Qual é a casa do médium?

A casa do médium não fica nem neste mundo nem no outro, mas naquele território vago e cambiante que fica entre os dois... — Neste ponto o Sr. Vincy colou uma notícia, *Você é um médium em busca de sua casa? Você a encontrará em...* e dá o endereço deste hotel. Ele ganhou o livro de um cavalheiro em Hackney e pretende passá-lo para outro na Farrington Road. Ele o trouxe para mim reservadamente, dizendo: *Eu não mostro essas coisas para qualquer pessoa. Não vou mostrá-lo, por exemplo, para a Srta. Sibree. Reservo livros como este apenas para aqueles que me causam uma impressão.*

Para evitar que uma flor murche: coloque um pouco de glicerina na água do vaso. Isso evitará que as pétalas caiam ou fiquem escuras.

Para tornar um objeto luminoso: Compre uma quantidade de tinta luminosa, preferivelmente numa loja de um bairro onde não o conheçam. Afine a tinta com um pouco de terebintina e ponha de molho nela tiras de musselina. Quando a musselina secar e for sacudida, um pó luminoso irá cair dela, e pode ser recolhido e usado para cobrir qualquer objeto. O cheiro de terebintina pode ser disfarçado com um pouco de perfume.

15 DE OUTUBRO DE 1874



A CAMINHO DE MILLBANK, EU CHEGUEI ao portão interno e encontrei um pequeno grupo de guardas ali reunidos, e duas carcereiras, a Srta. Ridley e a Srta. Manning, com seus uniformes escondidos por baixo de capas, com os capuzes enfiados na cabeça por causa do frio. A Srta. Ridley me viu e me cumprimentou. Esperavam uma leva de presos, vinda de delegacias e de outras prisões, e ela e a Srta. Manning estavam ali para receber as mulheres.

— Posso esperar aqui com a senhora? — eu disse. Eu nunca tinha visto como elas lidavam com as recém-chegadas. Ficamos algum tempo ali paradas, os guardas soprando ar quente nas mãos; até que o porteiro deu um grito e ouvimos o barulho de cascos e rodas de ferro, e avistamos um veículo feio, sem janelas, a diligência da prisão, entrando no pátio de Millbank. A Srta. Ridley e um guarda se adiantaram para cumprimentar o motorista e para abrir a porta.

— As mulheres vão sair primeiro — informou a Srta. Manning. — Lá vêm elas, veja. — Ela se adiantou, apertando mais a capa em volta do corpo. Eu, no entanto, fiquei para trás, para observar as presas.

Ao todo eram quatro — três moças, bem jovens, e uma mulher de meia idade com um hematoma no rosto. Estavam algemadas com as mãos para a frente; tropeçaram um pouco ao saltar da diligência, depois ficaram um segundo paradas e olharam ao redor, piscando os olhos por causa da claridade e ao ver as torres assustadoras e as paredes amarelas de Millbank. Só a mulher mais velha parecia calma, mas ela, como fiquei sabendo, já estava acostumada com aquela vista, pois quando as agentes se aproximaram para arrumar as mulheres em fila e levá-las para dentro, eu vi a Srta. Ridley apertar os olhos.

— Você aqui de novo, Williams? — O rosto machucado da mulher pareceu fechar-se.

Eu fui andando na retaguarda do pequeno grupo, atrás da Srta. Manning. As mulheres mais jovens continuavam a olhar em volta delas, um tanto assustadas, e uma delas murmurou algo para a vizinha e teve que ser advertida. A insegurança delas me lembrou minha primeira visita à prisão, há menos de um mês; mas eu já tinha me familiarizado, desde então, com os trajetos feios, monótonos, que antes me deixavam tão perplexa! E com os guardas, as agentes,

os próprios portões e portas do lugar, suas fechaduras e trancas — cada qual com um ruído característico, dependendo de sua força ou propósito. Foi curioso pensar assim, era um tanto gratificante e um tanto assustador. Lembrei da Srta. Ridley dizendo que ela já tinha atravessado tantas vezes os corredores da prisão que era capaz de percorrê-los com os olhos vendados; e eu me lembrei que um dia havia sentido pena das pobres agentes por estarem tão submetidas às tristes rotinas de Millbank quanto as presas.

Portanto, fiquei quase satisfeita quando entramos no prédio feminino por uma porta que eu *não* conhecia, e passando por uma série de salas que eu nunca tinha visitado antes. Na primeira delas, encontramos a agente recepcionista, a funcionária responsável por examinar os papéis de todas as presas novas e anotar as informações no livro da prisão. Ela também olhou com cara feia para a mulher com o rosto machucado.

— Não precisa me dizer o *seu* nome — disse ela, fazendo uma anotação em uma página do livro. — Quais são os detalhes pavorosos, Srta. Ridley?

— Roubo — disse secamente a Srta. Ridley, lendo um papel. — E agressão ao policial que a prendeu, com grande violência. Quatro anos — disse a agente recepcionista com reprovação.

— E você saiu daqui no ano passado, não foi, Williams? E com grandes possibilidades de emprego, eu me recordo, na casa de uma senhora cristã. O que aconteceu lá?

A Srta. Ridley respondeu que o roubo foi na casa da senhora cristã; e o policial foi agredido com uma das peças da residência. Depois que todos os detalhes foram anotados, ela fez sinal para Williams se afastar e para uma das outras presas se aproximar. Esta tinha cabelos escuros como os de uma cigana. A agente recepcionista deixou-a ali parada por alguns instantes enquanto escrevia no livro.

— E então, menina dos olhos negros — disse ela finalmente. — Qual é o seu nome?

A moça se chamava Jane Bonn, tinha 22 anos e havia sido mandada para Millbank por ter realizado um aborto.

A seguinte — esqueci o nome dela — tinha 24 anos e era assaltante de rua.

A terceira, de 17 anos, tinha invadido o porão de uma loja e posto fogo lá. Começou a chorar quando interrogada pela agente recepcionista, esfregando o nariz e os olhos até a Srta. Manning se aproximar e lhe entregar um lenço. “Tome”, disse a Srta. Manning. “Você só está chorando porque é tudo muito estranho.” Ela alisou o cabelo da moça.

— Pronto, não chore.

A Srta. Ridley ficou olhando calada. “Ah!” Exclamou a agente recepcionista. Ela tinha cometido um erro no início da página e se inclinou, franzindo a testa, para corrigi-lo.

Quando os procedimentos foram concluídos, as condenadas foram levadas para outra sala; e como ninguém sugeriu que eu fosse para as alas, achei que podia ir junto e acompanhar o processo até o fim. Nesta sala havia um banco

onde as mulheres foram instruídas a se sentar; e uma única cadeira. A cadeira ficava bem no meio da sala, ao lado de uma mesinha. A mesa tinha sobre ela um pente e um par de tesouras, e quando as moças viram esses objetos, estremeceram.

— É isso mesmo — disse a mulher mais velha, com um sorriso mau —, podem tremer. É aqui que vocês vão ficar sem seus cabelos. — A Srta. Ridley ordenou imediatamente que ela ficasse calada; mas as palavras já tinham surtido efeito e as moças estavam mais assustadas do que nunca.

— Por favor, senhorita — implorou uma delas —, não corte o meu cabelo! Por favor, senhorita!

A Srta. Ridley pegou a tesoura, abrindo e fechando suas lâminas duas vezes, depois olhou para mim.

— A senhorita pensaria que eu ia arrancar os olhos dela, não é Srta. Prior? — perguntou, apontando a tesoura para a primeira das moças que tremiam sem parar, a incendiária, e depois para a cadeira. — Venha até aqui — disse, e quando a moça hesitou, ordenou: — Venha *já*! Sua voz me assustou. — Ou quer que eu chame uns guardas para segurar suas mãos e seus pés? Eles acabaram de sair da ala dos homens e costumam ser violentos.

Ao ouvir isso, a moça se levantou e foi se sentar, trêmula, na cadeira. A Srta. Ridley tirou a touca da cabeça dela, depois passou os dedos por seus cabelos, soltando os cachos e tirando os grampos; a touca foi entregue à agente recepcionista, que fez uma anotação no livro, assobiando e revirando uma bala de hortelã na boca com a língua. O cabelo da moça era castanho e estava duro e escuro de suor ou oleosidade em alguns lugares. Quando sentiu as mechas caindo sobre o pescoço, ela começou a chorar outra vez, e a Srta. Ridley suspirou.

— Garota tola, só vamos cortá-lo na altura do queixo. E quem vai ver você, *aqui*? — Isto, é claro, fez a moça chorar ainda mais. Enquanto ela soluçava, a carcereira penteou as tranças engorduradas, depois juntou-as entre os dedos e se preparou para cortar. Tomei uma súbita consciência do meu próprio cabelo, que Ellis tinha penteado com um gesto semelhante, menos de três horas antes. Eu senti meus fios se eriçarem contra os grampos que os mantinham no lugar. Foi horrível ficar ali sentada, vendo a tesoura agir e a menina chorar e tremer. Foi horrível, mas eu não consegui desviar os olhos. Só consegui assistir, junto com as outras presas, fascinada e envergonhada, até o final do corte; e quando uma ou duas mechas ficaram presas no rosto úmido da moça, ela estremeceu, e eu também.

A Srta. Ridley perguntou, então, se ela queria que o cabelo fosse guardado. As presas podem ter seu cabelo guardado junto com o resto dos seus pertences para levá-lo quando forem soltas. A moça olhou para aqueles fios e balançou negativamente a cabeça.

— Muito bem — disse a Srta. Ridley. Ela levou as tranças até uma cesta e as jogou lá dentro. — Temos o que fazer com cabelo em Millbank — comunicou, enigmática.

Em seguida, as outras mulheres foram levadas para o corte — a presa mais

velha com grande frieza; a ladra tão infeliz quanto a primeira moça; e a menina dos olhos negros, a que realizou aborto, cujos cabelos eram compridos, escuros e pesados como uma touca de piche ou de melado, xingando, chutando e virando a cabeça, de modo que a recepcionista teve que ser chamada para ajudar a Srta. Manning a segurar os braços dela, e a Srta. Ridley, ao cortar o cabelo, ficou vermelha e ofegante.

— Pronto, sua ferinha! — disse finalmente. — Puxa, quanto cabelo você tem, mal consigo segurá-lo com a mão! — Ela ergueu os cachos pretos e a recepcionista se aproximou para vê-los e esfregá-los entre os dedos.

— Que cabeleira bonita! — disse com admiração. — Típico cabelo espanhol, como dizem. Vamos amarrá-lo com uma fita, Srta. Manning. Vai dar uma bela peruca. — Ela se virou para a moça. — Não faça essa cara feroz! Vamos ver se você vai ficar contente em ter suas madeixas de volta daqui a seis anos! — A Srta. Manning trouxe um barbante, o cabelo foi amarrado e a moça voltou para o seu lugar no banco. Seu pescoço estava vermelho onde a tesoura o tinha arranhado.

Eu fiquei assistindo a tudo isso, sentindo-me cada vez mais esquisita, com as mulheres me lançando olhares amedrontados, como se imaginassem o papel terrível que eu ia desempenhar em seu encarceramento. Uma hora, enquanto a cigana se debatia, a Srta. Ridley disse:

— Que vergonha, com a dama visitante assistindo! Ela não vai visitar *você*, agora que viu seu mau gênio!

Quando terminou o corte de cabelo e a Srta. Ridley foi limpar as mãos num pano, eu me aproximei e perguntei, baixinho, o que ia acontecer com as mulheres. Ela respondeu com seu tom de voz normal que elas iam se despir, tomar um banho e ser examinadas pelo médico da prisão.

— Aí nós vamos ver se elas não têm nada escondido — disse, explicando que as detentas às vezes levam objetos para dentro da prisão escondidos no corpo, rolos de fumo e até facas. — Após o exame, elas vestem o uniforme da prisão e são recebidas pelo Sr. Shillitoe e pela Srta. Haxby; em suas celas, elas são visitadas pelo capelão, Sr. Dabney.

“Depois disso, não são visitadas por ninguém, madame, durante um dia e uma noite. Isso as ajuda a pensar melhor em seus crimes.”

Ela tornou a pendurar a toalha num gancho na parede, depois olhou para as pobres coitadas sentadas no banco.

— Agora vamos tirar esses vestidos — ordenou. — Vamos logo com isso!

As mulheres, como ovelhas, que ficam dóceis e humildes diante de seus tosadores, começaram a desabotoar os vestidos. A Srta. Manning pegou quatro bandejas de madeira e colocou-as diante dos pés delas. Eu fiquei observando a cena: a pequena incendiária tirando o corpete do vestido e expondo a roupa de baixo imunda; a cigana levantando os braços e mostrando as axilas escuras, depois se virando, com um recato inútil, enquanto soltava os colchetes do espartilho. A Srta. Ridley inclinou-se para mim e perguntou:

— A senhora vai entrar com elas para vê-las tomar banho? — O sopro de

sua respiração no meu rosto me fez piscar e desviei os olhos. Respondi que não, eu ia para as alas. Ela endireitou o corpo e entortou a boca, e eu pensei ver um clarão em seu olhar, uma espécie de satisfação ou de divertimento.

— Como quiser, madame — disse apenas.

Sendo assim, eu deixei as mulheres e não tornei a olhar para elas. A Srta. Ridley chamou uma agente que viu passando no corredor e pediu que ela me levasse para as dependências da prisão. Enquanto caminhava junto dela, eu vi, através de uma porta semiaberta, o provável consultório médico: uma sala lúgubre com uma cama alta e uma mesa cheia de instrumentos. O cavalheiro lá dentro, o próprio médico, suponho, não ergueu os olhos quando eu passei. Ele estava em pé com as mãos estendidas na frente de um lampião, aparando as unhas.

Passei a ser acompanhada por uma jovem, a Srta. Brewer. Eu a acho nova demais para uma agente penitenciária, mas no fim das contas, ela não era agente, no sentido comum, mas assistente do capelão. Usa uma túnica de cor diferente das carcereiras das alas, e tem modos mais gentis que os delas, a fala de forma mais suave. Suas obrigações incluem cuidar da correspondência das presas. As mulheres de Millbank podem enviar e receber cartas de dois em dois meses; mas, como há muitas celas, normalmente ela tem correspondência para entregar todos os dias. Contou que seu trabalho é agradável — o melhor na prisão. Ela nunca se cansa de ver a expressão no rosto das presas quando para no portão de suas celas e entrega as cartas.

Eu vi um pouco disso, ao acompanhá-la quando estava prestes a fazer a ronda. As presas que ela chamava davam gritos de alegria e agarravam as cartas que lhes eram entregues, levando-as ao peito ou à boca. Só uma pareceu temerosa quando nos aproximamos do seu portão. A Srta. Brewer disse depressa:

— Nada para você, Banks. Não fique assustada — e me contou que aquela prisioneira tem uma irmã muito doente, e todo dia espera uma carta com notícias. Segundo a Srta. Brewer esta era a única parte desagradável do trabalho. Ela ficaria muito triste de ter que entregar a carta. — É claro que vou saber o que está escrito nela, antes de Banks.

Todas as cartas que entram e saem da prisão passam pelo escritório do capelão e são examinadas pelo Sr. Dabney ou por ela. “Ora, então você sabe tudo sobre a vida das mulheres daqui! Todos os seus segredos, todos os seus planos...”

O comentário a deixou vermelha, como se nunca tivesse considerado o assunto sob esse prisma.

— As cartas têm que ser lidas — respondeu. — Essas são as regras. Todas as mensagens são bem banais, sabe?

Em seguida, nós subimos a escada, passamos pelas alas penais e, ao chegarmos no último andar, percebi que o pacote de cartas estava menor. Havia uma para Ellen Power, a presa idosa, que piscou o olho dizendo:

— Uma carta da minha neta. Ela nunca se esquece de mim.

Nós fomos passando, nos aproximando da esquina da ala, e finalmente eu perguntei à Srta. Brewer se ela tinha alguma coisa para Selina Dawes. Ela olhou

para mim, espantada. Para Dawes? Ora, nada! E que estranho eu ter perguntado, porque ela era a única mulher da prisão a quem ela *nunca* tinha entregado uma carta!

Nunca?, eu perguntei. Nunca, ela disse. Ela não sabia se tinha chegado alguma carta para Dawes logo que ela foi admitida, o que aconteceu antes da Srta. Brewer começar a trabalhar lá. Mas nunca recebeu nem enviou uma única carta nos últimos 12 meses.

— Será que não tem amigos nem família para se lembrar dela? — perguntei, e a Srta. Brewer deu de ombros.

— Se teve, ela os cortou da vida dela, ou então eles podem tê-la cortado da vida deles. Acho que isso acontece. — O sorriso dela ficou mais duro. — Sabe, há presas aqui que gostam de guardar seus segredos...

Ela disse isso de um jeito meio formal, depois seguiu adiante; e quando eu a alcancei, ela estava lendo em voz alta uma carta para uma mulher que, suponho, não sabia ler. No entanto, as palavras dela tinham me deixado pensativa. Eu passei por ela e atravessei a pequena distância até a segunda fileira de celas. Parei sem fazer barulho, e antes que Dawes erguesse os olhos, tive um ou dois segundos para olhá-la por entre as grades do portão.

Eu nunca tinha pensado antes em quem, no mundo exterior, sentiria saudades de Selina Dawes, a visitaria ou enviaria cartas comuns ou carinhosas. Saber que não havia ninguém tornou maior o isolamento e o silêncio em que ela se encontrava. Refleti que as palavras da Srta. Brewer eram mais verdadeiras do que ela imaginava: Dawes realmente guarda segredos; até mesmo aqui, em Millbank. E eu me lembrei também de outro comentário de uma das agentes — que, embora a Srta. Dawes fosse bonita, nenhuma presa jamais tentou tê-la como sua *amiguinha*. Agora eu entendia por quê.

Desse modo, eu olhei para ela e senti uma onda de piedade. E concluí: *Você é como eu*.

Eu gostaria de ter pensado isso e me afastado, de tê-la deixado sozinha. Mas enquanto eu a observava, ela ergueu a cabeça e sorriu e eu vi, então, que ela tinha um ar de expectativa. Portanto, não pude deixá-la. Fiz um sinal para a Sra. Jelf, que estava mais adiante; e quando ela trouxe as chaves e abriu o portão, Dawes já tinha largado suas agulhas de tricô para me cumprimentar.

Realmente, foi ela — depois que a agente abriu a porta e, apesar de hesitante, nos deixou a sós — quem falou primeiro.

— Estou contente que tenha vindo! — disse. Ela afirmou que tinha ficado com pena de não ter me visto da última vez.

Da última vez?

— Ah, sim. Mas você estava ocupada com a professora.

Ela fez um aceno com a cabeça.

— Ah, a professora — disse.

Contou que a achavam um prodígio porque conseguia recordar às tardes os trechos da Bíblia lidos para elas na capela, de manhã. Selina alegou que não tinha mais nada para ocupar suas horas vazias.

— Eu preferiria ter falado com a senhora, Srta. Prior. Foi amável comigo, quando conversamos pela última vez; sem eu merecer. Eu tenho desejado, desde então... bem, a senhorita disse que veio para ser minha amiga. Eu não recebi nenhuma demonstração de amizade aqui.

Essas palavras foram agradáveis de ouvir, me fizeram sentir ainda mais pena dela. Conversamos um pouco, sobre os hábitos da prisão.

— Acho que, com o tempo, você poderá ser transferida para uma prisão menos rígida, quem sabe para Fulham? — Ela apenas deu de ombros, dizendo que todas as prisões eram iguais.

Eu deveria ter saído para conversar com outra mulher e agora estaria tranquila; mas estava curiosa a respeito dela. Finalmente, não me contive. Eu disse que uma das carcereiras tinha me contado, de uma maneira muito amigável, é claro, que ela não recebia cartas...

Perguntei se era verdade. Se não havia ninguém fora de Millbank que se interessasse por seus sofrimentos ali. Ela me olhou por alguns instantes, e eu pensei que ela tivesse ficado arrogante de novo e não fosse responder. Por fim, revelou que tinha muitos amigos.

Seus amigos-espíritos, sim. Ela já tinha me falado sobre eles. Mas devia haver outros, da vida lá fora, que sentiam sua falta. Ela tornou a dar de ombros e não disse nada.

— Você não tem família?

Respondeu que tem uma tia, “em espírito”, que às vezes a visita.

— Você não tem nenhum amigo que esteja *vivo*? — perguntei.

Então acho que ela ficou um pouco arrogante. Quantos amigos, perguntou, *me* visitariam se eu fosse mandada para Millbank? O mundo em que ela vivia antes não era um mundo elegante, mas também não era um mundo de “ladrões e malfetores”, como o de muitas ali dentro. Além disso, ela “não quer ser vista” num lugar como aquele. Ela prefere os espíritos, que não a julgam, em vez de pessoas que apenas ririam do seu “infortúnio”.

Aquela palavra me pareceu cuidadosamente escolhida. Ao ouvi-la eu pensei, relutantemente, naquelas outras palavras marcadas na sua placa esmaltada do lado de fora do portão: *Fraude e Agressão*. Comentei que as outras mulheres que eu visito às vezes encontram conforto em conversar comigo sobre seus crimes.

— E a senhorita gostaria que eu lhe contasse sobre os meus — disse ela na mesma hora. — Bem, por que não? Só que não houve nenhum crime! Houve apenas...

— Apenas o quê?

— Apenas uma moça tola que viu um espírito e ficou com medo; e uma senhora que ficou assustada com a moça e morreu. E eu levei a culpa por tudo isso — disse, lamentando-se.

Eu já soubera disso tudo pela Srta. Craven. Então eu perguntei a ela o que foi que deixou a moça assustada. Ela disse, após alguns segundos de hesitação, que o espírito havia ficado “travesso” — foi a palavra que usou. O espírito tinha ficado travesso e a dama, a Sra. Brink, viu tudo e ficou muito atemorizada.

— Bem, ela tinha um problema cardíaco que eu ignorava. Ela desmaiou e acabou morrendo. Ela era minha amiga. Ninguém nunca se lembrou disso durante o julgamento. Só queriam encontrar uma causa para a morte, alguma explicação. A mãe da moça foi chamada para dizer que a filha tinha sido agredida, bem como a pobre Sra. Brink; e então acharam que eu era a culpada de tudo.

— Enquanto que o culpado tinha sido o... espírito travesso?

— *Sim.* — Mas que juiz, que júri, a não ser um composto de espíritas, iria acreditar nela? — Só alegaram que não podia ser um espírito, porque eles não existem. — Aqui ela fez uma careta. — No fim, transformaram a acusação em fraude e agressão.

Perguntei o que a moça disse, a que foi agredida. Ela respondeu que a garota tinha sentido o espírito, sem dúvida, mas que ficara confusa.

— A mãe era rica e tinha um advogado competente. O meu advogado não era bom, e mesmo assim custou todo o meu dinheiro, tudo que eu tinha ganhado ajudando as pessoas. E para nada.

Mas a moça não tinha visto um espírito?

— Ela não o *viu*. Apenas o sentiu. Disseram... disseram que ela deve ter sentido a minha mão...

Ela juntou as mãos e, vagarosamente, passou os dedos de uma sobre as articulações avermelhadas da outra. Eu perguntei se ela não havia tido nenhum amigo que a apoiasse e ela fez uma careta. Explicou que muitos deles a consideraram uma “mártir da causa”, mas só no início. Que ela sentia muito em dizer que havia gente invejosa, “mesmo no movimento espírita”, e alguns ficaram muito contentes com a humilhação dela. Outros ficaram apenas assustados. No fim, quando foi declarada culpada, ninguém a defendeu...

Ao dizer isso, o rosto de Dawes pareceu infeliz e extremamente jovem e delicado.

— E você insiste que foi um *espírito* o culpado? — eu perguntei. Ela assentiu. Acho que eu sorri. — Como deve ser difícil você ter sido mandada para cá e ele ficar livre.

Ah, suspirou, eu não devia pensar que “Peter Ligeiro” estava livre! Ela olhou na direção do portão de ferro trancado pela Sra. Jelf depois que eu entrei.

— Eles têm seus próprios castigos — disse ela — no outro mundo. Peter está num lugar tão sombrio quanto eu. Só está esperando, como eu, cumprir sua pena para seguir em frente.

Essas foram as palavras dela; e me parecem ainda mais estranhas ao anotá-las aqui do que quando as pronunciou, com seriedade e confiança, de acordo com sua própria lógica. Mesmo assim, ao ouvi-la falar com familiaridade de “Peter”, de “Peter Ligeiro” — eu tornei a sorrir. Nós estávamos perto uma da outra. Eu então me afastei um pouco, e quando ela viu isso, lançou-me um olhar esperto.

— Você acha que eu sou uma tola ou uma atriz. Que eu sou uma atrizinha astuta, como eles.

— *Não* — respondi na mesma hora. — Não, eu não penso isso de você. — E não penso mesmo, e não pensei na hora, não exatamente. Balancei a cabeça.

Expliquei que apenas estava acostumada a imaginar coisas muito diferentes. Trivialidades. Minha mente, eu suponha, devia ser “muito ignorante acerca dos limites do sobrenatural”.

Então ela riu, muito de leve. A mente *dela*, disse, conhecia demais o sobrenatural.

— E minha recompensa foi terem me colocado aqui...

Fez um pequeno gesto com a mão enquanto falava, que pareceu descrever toda aquela prisão sombria e as tristezas que abrigava.

— É terrível para você estar aqui — disse após alguns instantes.

Ela assentiu.

— A senhorita acha que o espiritismo é um tipo de fantasia. Não lhe parece, agora que está aqui, que *qualquer coisa* pode ser real, uma vez que Millbank é real?

Eu contemplei a parede branca e vazia, a rede dobrada, o balde de excrementos com uma mosca pousada em cima. Eu disse que não tinha certeza. Millbank podia ser dura, mas isso não tornava o espiritismo mais verdadeiro. A prisão era um mundo que eu podia ver, cheirar, ouvir. Seus espíritos, entretanto... bem, podiam ser reais, mas não significavam nada para mim. Não podia falar sobre eles, não sabia como fazer isso.

Ela disse que eu devia falar sobre eles como quisesse, porque iria “dar poder a eles”. Melhor ainda era prestar atenção neles.

— Então, Srta. Prior, talvez conseguisse ouvir o que falam a *seu* respeito.

Eu ri. A meu respeito? Comentei que o Paraíso deve ser muito calmo, se eles só têm Margaret Prior como assunto de conversa lá!

Ela assentiu com a cabeça e me olhou meio de lado. Eu já tinha notado antes que ela muda de humor, de tom, de postura. Ela faz isso com muita sutileza, não como uma atriz, com um gesto que possa ser visto num teatro cheio e escuro, mas como se fosse uma sinfonia, quando sobe ou desce ligeiramente de tom.

Ela fez isso enquanto eu ficava ali sorrindo, dizendo que o mundo espiritual devia ser muito sem graça se só tivesse a mim como tema de conversa. Ela fez uma cara de paciência e de quem sabe muito até que disse, delicadamente:

— Por que a senhorita diz essas coisas? A senhorita sabe que há espíritos que a querem muito bem. A senhorita sabe que há *um* espírito, em particular, e ele está aqui conosco agora, mais perto da senhorita do que eu. E a senhorita é a pessoa mais querida do mundo para ele.

Eu fiquei olhando para Dawes, com a respiração presa na garganta. Isso não era como ouvir falar de presentes e flores oferecidos pelos espíritos: foi como se ela tivesse jogado água no meu rosto, ou me beliscado. Eu pensei estupidamente em Boyd, ouvindo os passos de papai nas escadas do sótão.

— O que você sabe sobre ele? — perguntei. Ela não respondeu. Insisti: — Você viu meu casaco preto e arriscou um palpite...

— A senhorita é esperta — observou. Porém, o que ela é não tem nada a ver com esperteza. Ela tem que ser o que é, assim como precisa respirar, ou sonhar,

ou engolir. Ela tem que ser assim, mesmo lá, mesmo em Millbank! — Mas, sabe de uma coisa — disse —, é estranho. É como ser uma esponja, ou um... que criaturas são aquelas que não gostam de ser vistas e mudam suas peles para combinar com o ambiente? — Eu não respondi. — Bem — continuou — eu costumava pensar, na minha antiga vida, que eu tinha que ser como essas criaturas. As pessoas vinham me procurar, às vezes doentes, e eu ficava doente também. Uma vez, uma grávida me visitou e eu senti o bebê dentro de *mim*. Outra vez um cavalheiro me procurou, querendo falar com o espírito do filho: quando o pobre menino apareceu, eu fiquei sem ar, minha cabeça parecia que ia explodir! O garoto tinha morrido soterrado. A última coisa que ele sentiu, *eu* também senti.

Ela pôs a mão sobre o peito, se aproximou mais de mim e disse:

— Quando a *senhorita* me procurou, eu senti a sua... dor. Eu senti a sua dor como uma escuridão, *aqui*. Ah, que sofrimento! A princípio eu achei que ela a tinha esvaziado, que a senhorita estava oca por dentro, como um ovo sem nada no interior. Acho que a senhorita também deve achar isso. Mas não é verdade. Está cheia, só que inteiramente fechada, como uma caixa. O que tem aqui que precisa manter trancado desse jeito? — Apontou para o próprio peito. Então levantou a outra mão e tocou em mim, de leve, onde tinha tocado em si mesma...

Eu estremeci, como se os dedos dela estivessem carregados de eletricidade. Dawes arregalou os olhos, depois sorriu. Ela tinha achado, por mera coincidência, debaixo do meu vestido, o meu medalhão; e começou a traçar o contorno da joia com as pontas dos dedos. Eu senti a corrente apertar. O gesto foi tão íntimo e insinuante que agora mesmo, enquanto escrevo, começo a achar que ela deve ter acompanhado a fileira de elos da corrente em minha garganta, deve ter enfiado os dedos sob minha gola, abrindo o fecho do medalhão, mas não fez isso, sua mão ficou parada no meu peito, fazendo apenas uma leve pressão. Ela ficou imóvel, com a cabeça ligeiramente inclinada, como se estivesse ouvindo o meu coração bater contra o medalhão de ouro.

De repente, suas feições tornaram a mudar daquele jeito estranho e Dawes falou, num sussurro:

— Ele está dizendo: *Ela pendurou seu amor no pescoço, e não quer largá-lo. Diga que ela precisa deixar isso*. — Ela assentiu com a cabeça. — Ele está sorrindo. Ele era inteligente como a senhorita? Ah era! Mas aprendeu coisas novas agora, e ah! Como ele deseja a presença da senhorita ao lado dele para aprendê-las também! Mas o que ele está fazendo? — O rosto dela tornou a mudar. — Ele está balançando a cabeça, está chorando, dizendo *Não desse jeito! Ah, Peggy, essa não era a maneira! Você irá juntar-se a mim, irá juntar-se a mim, mas não assim!*

Eu estou tremendo ao escrever essas palavras; mas foi bem pior quando ouvi Dawes falando, com a mão encostada em mim e uma expressão estranha no rosto.

— Já chega! — eu disse depressa. Empurrei a mão dela e me afastei; acho que bati nas grades de ferro fazendo o portão vibrar. Pus a mão onde a dela tinha estado. — Já chega — repeti. — Você está dizendo bobagens! — Ela ficou pálida

e, quando tornou a olhar para mim, foi com uma espécie de horror, como se ela estivesse vendo tudo: o choro, os gritos, e o Dr. Ashe e mamãe, o cheiro amargo da morfina e minha língua inchada da pressão do tubo. Eu a tinha procurado pensando apenas nela, entretanto, ela fez ressurgir a minha fragilidade. A Srta. Dawes me fitou e os olhos *dela* estavam cheios de piedade!

Não consegui suportar seu olhar. Eu me virei e encostei o rosto nas grades. Quando chamei a Sra. Jelf, minha voz estava alterada.

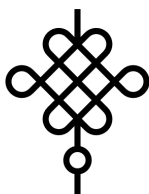
Como se estivesse bem pertinho, a carcereira apareceu imediatamente e me tirou de lá em silêncio. Ela lançou um olhar severo e ansioso por cima do meu ombro ao abrir o portão, talvez tenha percebido minha voz alterada. Depois que fui para o corredor, o portão foi trancado. Dawes tinha apanhado uma quantidade de lã e a enrolava mecanicamente entre os dedos. O rosto dela estava erguido na minha direção e seus olhos ainda pareciam conter um conhecimento terrível. Eu quis dizer alguma coisa, alguma coisa banal. Mas tive medo de que ela começasse de novo a falar de papai, ou *por* ele ou *como* ele, de que começasse a falar de sua tristeza ou sua raiva ou sua vergonha.

Portanto, eu virei o rosto e me afastei.

Nas alas do térreo, encontrei a Srta. Ridley, acompanhando as presas recém-chegadas. Eu não as teria reconhecido se não fosse pelo rosto machucado da mulher mais velha, porque todas se pareciam, com seus vestidos cor de lama e suas toucas. Eu fiquei olhando os portões se fecharem, depois vim para casa. Helen estava aqui, mas eu não queria falar com ela; eu vim direto para cá e fechei a porta. Chamei Boyd; não, Boyd não, ela foi embora, quem apareceu foi Vigers, a empregada nova, para me trazer água para tomar banho; e depois mamãe veio com o remédio. Sinto tanto frio que minhas costas estão arrepiadas. Vigers não colocou lenha suficiente no fogo, não sabe que eu fico acordada até tarde. Mas eu pretendo continuar aqui sentada até o cansaço chegar. Eu deixei a luz do lampião bem baixinha e de vez em quando encosto as mãos no vidro para esquentá-las.

Meu medalhão está pendurado ao lado do espelho, o único brilho no meio de tantas sombras.

16 DE OUTUBRO DE 1874



ACORDEI CONFUSA ESTA MANHÃ, DEPOIS DE uma noite de pesadelos terríveis. Sonhei que meu pai estava vivo, que eu olhava pela janela e o via debruçado no parapeito da ponte Albert, olhando para mim com uma expressão zangada. Eu corri para fora e gritei:

— Meu Deus, papai, pensamos que estivesse morto!

— Morto? — perguntou. — Eu passei dois anos em Millbank! Puseram-me em trabalhos forçados e minhas botas estão gastas, veja só — disse, e levantou a perna para mostrar os sapatos sem sola e os pés machucados; e eu pensei, que estranho, acho que nunca vi os pés de papai antes...

Um sonho absurdo, e com certeza muito diferente dos que me atormentaram nas semanas que se seguiram à morte de papai, nos quais eu me via agachada ao lado do seu túmulo, chamando por ele. Abria os olhos ao acordar e parecia que a terra da sepultura ainda estava presa nos meus dedos. Mas eu acordei assustada esta manhã, e quando Ellis trouxe água eu a fiz ficar e conversar comigo, até que finalmente disse que precisava sair antes que a água esfriasse. Eu mergulhei os dedos nela. Ainda não estava fria, mas tinha embaçado o espelho; e quando eu o limpei, procurei, como sempre fazia, pelo meu medalhão. *Mas meu medalhão tinha desaparecido!* E eu não entendi como. Eu sei que o pendurei ao lado do espelho na noite passada, e talvez, mais tarde, eu o tenha revirado entre os dedos. Não sei ao certo a que horas eu finalmente me deitei; mas não é nada incomum, é o efeito do remédio! E tenho certeza de que não o levei para a cama comigo. Por que teria? Portanto, ele não podia estar perdido no meio dos lençóis. Além disso, eu o procurei cuidadosamente no meio da roupa de cama.

E agora, o dia inteiro, eu me senti horrivelmente nua e infeliz. Eu sinto a falta dele sobre o meu coração, quase como uma dor. Perguntei a Ellis, a Vigers e até a Pris. Mas não disse nada a mamãe. Ela iria pensar que uma das empregadas o tinha roubado; e depois, quando percebesse que isso não fazia sentido, pois, segundo ela, trata-se de uma peça modesta e eu costumo guardá-lo junto com tantas peças mais valiosas, então concluiria que eu tinha ficado doente outra vez. Ela não saberia, nenhuma delas poderia saber, o quanto é estranho que eu o tenha perdido justo nesta noite, depois daquela visita e daquela conversa com Selina

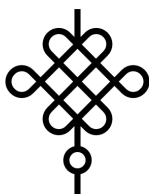
Dawes.

E agora, *eu* começo a ter medo de estar doente outra vez. Talvez seja efeito do calmante. Talvez eu tenha me levantado, apanhado o medalhão e o guardado em algum lugar, como Franklin Blake em *The Moonstone*. Eu me lembro de papai lendo essa cena e sorrindo; mas também mal recordo do ar de reprovação feito por uma senhora que estava nos visitando. Ela contou que em sua avó, o efeito do láudano foi estranho, pois ela tinha se levantado da cama, apanhado uma faca de cozinha e cortado a perna, depois voltara para a cama, com o sangue encharcando o colchão, e ela quase morreu.

Eu não acredito que fosse capaz de fazer uma coisa dessas. O provável afinal é que uma das empregadas esteja com ele. Talvez Ellis o tenha apanhado, quebrado a corrente e agora teme confessar. Uma presa em Millbank quebrou o broche da patroa e o levou para consertar, mas foi apanhada com a peça e presa como ladra. Talvez Ellis tema isso. Talvez esteja com tanto medo que tenha simplesmente jogado fora o medalhão quebrado. Suponho que um lixeiro irá encontrá-lo e dá-lo de presente para a esposa. Ela o abrirá com a unha suja e encontrará a mecha de cabelo lá dentro e imaginará por um segundo quem a cortou e por que a conservou...

Não me importo que Ellis o tenha quebrado, nem que a esposa do lixeiro esteja com ele; ela pode ficar com o medalhão, embora tenha sido um presente de papai. Há mil objetos nesta casa para me lembrar do meu pai. É com o cacho de cabelo de Helen que me preocupo, cortado por ela mesma para que eu guardasse enquanto ela ainda me amava. Tenho muito medo de perdê-lo, porque só Deus sabe o quanto dela eu já perdi.

3 DE NOVEMBRO DE 1872



ACHEI QUE NINGUÉM VIRIA HOJE. O tempo está tão ruim que há três dias ninguém vem aqui, nem mesmo para consultar o Sr. Vincy ou a Srta. Sibree. Nós temos ficado sozinhos, fazendo sessões na sala. Temos tentado materializações. Dizem que um médium deve tentar materializações, nos Estados Unidos todos os clientes pedem isso. Tentamos até 21h ontem, mas como nenhum espírito apareceu, finalmente acendemos a luz e a Srta. Sibree cantou. Experimentamos de novo hoje, mas, como nenhum fenômeno ocorreu, o Sr. Vincy nos mostrou como um médium pode fingir que uma perna se materializou, usando o próprio corpo. Ele fez assim:

Eu segurei o pulso esquerdo dele e a Srta. Sibree pareceu estar segurando o direito. *De fato*, no entanto, nós estávamos segurando o mesmo *braço*. Só que o Sr. Vincy tinha deixado a sala tão escura que nós não conseguíamos enxergar.

— Com minha mão livre — disse —, eu posso fazer qualquer coisa, por exemplo, isto — e ele pôs os dedos no meu pescoço, eu senti e gritei. — Está vendo como uma pessoa pode ser enganada por um médium inescrupuloso, Srta. Dawes? Imagine se a minha mão estivesse muito fria ou muito quente ou molhada, como pareceria ainda mais real — explicou. Sugeri que mostrasse à Srta. Sibree e fui me sentar em outra cadeira. Mas, mesmo assim, gostei de aprender o truque do braço.

Ficamos lá até as 4 ou 5 horas da tarde, com a chuva caindo cada vez mais forte, até termos certeza de que ninguém viria. A Srta. Sibree foi até a janela.

— Ah, quem teria inveja da nossa vocação! Temos que ficar aqui à disposição dos vivos e dos mortos. Sabem que eu fui acordada às 5 da manhã por um espírito rindo no canto do meu quarto? — relatou, esfregando os olhos. Pensei, “eu ouvi esse espírito, ele saiu de uma garrafa ontem à noite, você a estava despejando no seu urinol”, mas a Srta. Sibree tinha sido bondosa comigo a respeito de titia, eu jamais diria uma coisa daquelas em voz alta.

— Nossa missão é muito difícil. Não acha, Srta. Dawes? — perguntou o Sr. Vincy. Então ele se levantou, bocejou e disse que, como ninguém viria mesmo, podíamos cobrir a mesa com uma toalha e jogar cartas. Mas assim que ele trouxe o baralho, a sineta tocou. — Nada de jogo para nós, senhoras! Acho que deve ser para mim — declarou.

Mas quando Betty entrou na sala, não foi para ele que olhou, mas para mim. Estava acompanhada de uma senhora e sua empregada. Quando eu me levantei, a senhora pôs a mão no peito e perguntou:

— É a Srta. Dawes? Ah, eu sei que é! — Na mesma hora, a Sra. Vincy, o Sr. Vincy, a Srta. Sibree e até Betty me olharam. Entretanto, eu fiquei tão surpresa quanto eles, e a única ideia que me veio à cabeça foi que aquela era a mãe da moça que eu tinha recebido há um mês, cujos filhos previ que iriam morrer. Eu pensei que era isso que dava ser honesta demais. Eu devia ser como o Sr. Vincy. Eu achei que a moça tinha feito algum mal a si mesma e agora a mãe tinha vindo me acusar.

Contudo, quando olhei para a senhora, vi dor em seu rosto, mas, por trás da dor, uma certa alegria.

— Bem, acho melhor a senhora vir até o meu quarto — eu disse. — Mas ele fica no último andar da casa. A senhora se importa de subir as escadas?

Ela sorriu para a criada e então respondeu:

— Se eu me importo? Procuro a senhorita há 25 anos. Não é uma escada que vai ficar entre nós.

Achei que talvez ela fosse meio doida. Mas a trouxe para cá e ela olhou em volta, fitou a criada e depois tornou a olhar para mim. Percebi que era uma dama, com mãos muito brancas e tratadas e que usava anéis muito bonitos, embora antiquados. Eu imaginei que ela tivesse uns 50 anos. Seu vestido era preto, uma cor mais bonita do que aquele que eu estava usando.

— Não sabe por que eu vim procurá-la, sabe? Isso é estranho, eu achei que iria adivinhar.

— Alguma tristeza a trouxe até aqui.

— O que me trouxe aqui, Srta. Dawes, *foi um sonho*.

Contou que tinha sonhado, três noites atrás, com meu rosto e meu nome, e o endereço do hotel do Sr. Vincy. Revelou que sonhara com tudo isso, mas que não achava que pudesse ser verdade até olhar o *Médium & Daybreak* aquela manhã e ver o anúncio que coloquei lá há dois meses. Isso a fez vir até Holborn para me procurar, e após ver o meu rosto, descobriu o que os espíritos desejavam. Eu pensei, “Bom, isso é mais do que eu sei”, e olhei para ela e para a criada e esperei. Então a senhora disse:

— Ruth, está vendo esse rosto? Está vendo? Acha que eu devo mostrar a ela?

— Acho que sim, madame — disse a criada. Então a senhora tirou alguma coisa do casaco, enrolada num pedaço de veludo. Desembrulhou e beijou o objeto, depois o entregou para mim. Era um retrato numa moldura, que ela me mostrou quase chorando. Olhei para ele enquanto ela e a criada me observavam. Por fim, a senhora disse:

— *Agora*, eu acho que a senhorita está entendendo, não está?

No entanto, só enxergava a moldura do retrato, que era dourada, e a mão branca da senhora que tremia. Mas quando pôs o retrato nas minhas mãos, gritei:

— Ah!

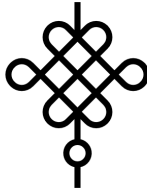
Ela assentiu com a cabeça e tornou a levar a mão ao peito.

— Há tanto trabalho a fazer. Quando vamos começar?

— Imediatamente — respondi.

Ela mandou a criada sair e esperar no corredor, e ficou uma hora comigo. O nome dela é Sra. Brink e ela mora em Sydenham. Veio até Holborn só por minha causa.

6 DE NOVEMBRO DE 1872

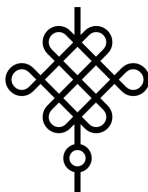


EM ISLINGTON, PARA ATENDER A SRA. Baker a respeito de sua irmã, Jane Gough, que se tornou espírito em março de 1868, *encefalite*. 2/-

Em Kings Cross, para atender o Sr. e a Sra. Martin, a respeito do filho deles, Alec, que caiu de um barco — *Encontrou a Verdade nos Grandes Mares*. 2/-

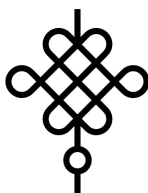
Aqui, Sra. Brink, a respeito do seu espírito especial. 1 libra.

13 DE NOVIEMBRE DE 1872



AQUI, SRA. BRINK 2 HORAS. 1 libra.

17 DE NOVEMBRO DE 1872



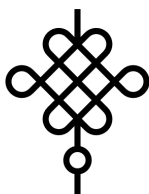
QUANDO SAÍ DO MEU TRANSE HOJE, estava tremendo, e a Sra. Brink me fez deitar na cama e pôs a mão na minha testa. Mandou a criada buscar um copo de vinho com o Sr. Vincy. Porém, quando a bebida chegou, disse que era de péssima qualidade e fez Betty ir correndo até um pub para comprar uma marca melhor.

— Eu a fiz trabalhar demais — disse.

Respondi que não era isso, que eu costumava desmaiar ou me sentir mal, e então ela olhou em volta e disse que não se surpreendia, que morar naquele quarto deixaria qualquer um mal. Ela olhou para a criada.

— Veja aquele lampião. — Ela estava se referindo ao lampião em que o Sr. Vincy pôs tinta vermelha, que solta fumaça. — Veja esse tapete sujo, essa roupa de cama — criticou, referindo-se à velha colcha de seda que eu tinha trazido de Bethnal Green, que titia fez. Ela balançou a cabeça, depois segurou minha mão. Observou que eu era uma joia rara demais para ser guardada numa caixa tão ordinária como aquela.

17 DE OUTUBRO DE 1874



UMA CONVERSA MUITO CURIOSA ESTA NOITE sobre Millbank, o espiritismo e Selina Dawes. O Sr. Barclay veio jantar; depois chegaram Stephen e Helen e a Sra. Wallace, para jogar cartas com mamãe. Como o casamento está perto, devemos chamar o Sr. Barclay de “Arthur”; Priscilla, de modo perverso, o chama simplesmente de *Barclay*. Eles conversam um bocado sobre a casa e o terreno de Marishes, e como vai ser quando ela for a dona da casa. Ela vai aprender a cavalgar, e também a guiar uma carruagem. Eu a vejo claramente, empoleirada na boleia de um cabriolé, segurando um chicote.

Priscilla vai preparar uma grande festa de boas-vindas para nós, na casa, depois do casamento. Há tantos quartos que é possível abrigar todos nós sem que ninguém se dê conta. Aparentemente, há uma prima solteira lá de quem com certeza eu vou gostar: uma dama muito inteligente que coleciona mariposas e besouros, e tem feito exposições em sociedades entomológicas, “ao lado de cavalheiros”. O Sr. Barclay — Arthur — escreveu para contar a ela do meu trabalho com as presas, e ela disse que vai gostar muito de me conhecer.

A Sra. Wallace me perguntou quando foi a última vez que estive em Millbank.

— Como vão aquela tirana, a Srta. Ridley — perguntou —, e a velha que está perdendo a voz? — Ela se referia a Ellen Power. — Pobre criatura!

— Pobre criatura? — disse Pris. — Ela parece abobalhada. Realmente, todas as mulheres descritas por Margaret parecem tolas. — Comentou que não sabia como eu suportava a companhia delas. Você mal consegue suportar a *nossa* companhia. — Ela olhou para mim, mas o comentário foi dirigido para Arthur, sentado no tapete aos pés dela, que respondeu na mesma hora que eu sabia que nada que Pris dizia tinha importância.

— É tudo superficial, não é, Margaret? — Ele agora me chama assim, é claro.

Eu sorri para ele, mas olhei para Priscilla, que tinha se inclinado para dar um beliscão na mão dele. Eu disse que ela estava errada por considerar as presas bobas. A questão era que a vida delas tinha sido muito diferente da dela. Ela podia imaginar quão diferente?

Minha irmã retrucou que não fazia questão de imaginar; ao passo que eu só fazia imaginar coisas do tipo, e essa era a diferença entre nós. Então Arthur segurou os pulsos dela, dois pulsos finos envolvido por uma de suas mãos grandes.

— Mas realmente, Margaret — continuou a Sra. Wallace —, todas elas pertencem a essa classe? E todos os crimes são tão desprezíveis? Não há nenhuma assassina famosa lá? — Ela sorriu e mostrou os dentes, que têm finas rachaduras escuras, verticais, como velhas teclas de piano.

Expliquei que as assassinas normalmente eram enforcadas; mas contei a eles sobre uma moça, Hamer, que surrou a patroa com uma frigideira, mas escapou quando foi provado que a patroa tinha sido cruel com ela. Avisei que Pris devia tomar cuidado com essas situações quando estivesse em Marishes.

— Ha, ha — disse debochando.

— Tem também uma mulher... — eu prossegui — dizem na prisão que ela é bem-educada. Ela envenenou o marido...

Arthur disse que esperava que nada disso fosse acontecer em Marishes.

— Ha, ha — todo mundo achou graça.

E enquanto riam e começavam a falar de outras coisas, eu pensei “Será que devo dizer que tem uma moça esquisita lá, uma espírita...?” Eu resolvi que não, mas depois pensei “Por que não?” E quando eu finalmente falei, meu irmão respondeu na mesma hora, com toda a naturalidade.

— Ah, sim, a médium. Como era mesmo o nome dela? Gates?

— É Dawes — respondi, um tanto surpresa. Eu nunca tinha dito aquele nome em voz alta antes, fora de Millbank. Eu nunca tinha ouvido ninguém, além das agentes carcerárias, falar sobre ela. Mas Stephen assentiu com a cabeça, claro, ele se lembrava do caso. Contou que o advogado de acusação tinha sido um Sr. Locke.

— Um homem muito fino, já aposentado. Eu gostaria de ter trabalhado com ele.

— O Sr. Halford Locke? — perguntou mamãe. — Ele veio jantar aqui uma vez. Você se lembra, Priscilla? Não, você era muito pequena para sentar à mesa conosco. Você se lembra, Margaret?

Não recordo. Fico feliz em não lembrar. Eu olhei para Stephen e para mamãe, depois me virei para a Sra. Wallace e a fitei.

— Dawes, a médium? — perguntou. — Ah, eu a conheço! Foi ela que deu uma pancada na cabeça da filha da Sra. Silvester, ou a esganou, ou quase a matou...

Pensei no quadro de Crivelli que às vezes tinha prazer em contemplar. No momento, era como se eu o tivesse tirado da parede e alguém o tivesse arrancado da minha mão para passá-lo de mão em mão pela sala na minha frente. Eu perguntei à Sra. Wallace se ela conhecia a moça, a que foi ferida. Ela disse que conhecia a mãe; que era americana e “muito mal falada” e a filha tinha uma bela cabeleira vermelha, mas também um rosto branco cheio de sardas.

— Que escândalo a Sra. Silvester fez por causa da médium! Mas a moça, eu

acho, ficou muito nervosa por causa dela.

Eu contei a história de Dawes: que a garota ficou com medo, mas não se machucou, e que a outra senhora ficou assustada por causa disso e morreu. Seu nome era Brink. A Sra. Wallace a conhecia?

— Não, não conhecia.

— Dawes é muito firme. Afirma que foi um espírito que fez isso tudo.

Stephen comentou que também culparia um espírito em vez, dela. Na verdade, ele ficava espantado por não usarem essa desculpa com mais frequência no tribunal. Eu disse a ele que Dawes me parecia inteiramente sincera. Ele respondeu que, evidentemente, uma médium pareceria mesmo sincera, treinavam para isso por causa da profissão.

— São todos do mal — completou Arthur. — Um bando de mentirosos. E ganham um bom dinheiro se aproveitando dos tolos.

Levei a mão ao peito, onde meu medalhão costumava ficar pendurado; não sei se para chamar atenção ou ocultar a falta dele. Eu olhei para Helen, mas ela e Pris sorriam. Já a Sra. Wallace não tinha certeza se todo médium era mau. A amiga dela tinha ido uma vez a uma sessão espírita e um cavalheiro havia feito muitas revelações que ele não poderia saber sobre a mãe dela e sobre o filho de uma prima, morto num incêndio.

— Eles têm cadernos — disse Arthur. — São famosos por anotarem os nomes que circulam entre eles. O da sua amiga deve estar num desses cadernos. E o *seu* também.

A Sra. Wallace soltou um grito ao ouvir isso.

— Uma lista de celebridades! Não é possível, Sr. Barclay! — O papagaio de Pris sacudiu as penas.

— Contavam que era possível ver um fantasma da escada da casa da minha avó. Era de uma moça que tinha caído ali e quebrado o pescoço. Ela ia sair para um baile e estava usando sapatilhas de seda.

— Fantasmas! — exclamou, mamãe.

Nesta casa só se falava nisto. Ela não sabia por que nós não nos juntávamos às empregadas na cozinha...

Após algum tempo eu fui para perto de Stephen e, enquanto os outros conversavam, eu perguntei se ele achava mesmo que Selina Dawes era culpada.

— Ela está em Millbank. Então deve ser culpada — respondeu, sorrindo.

Eu disse que aquele era o tipo de resposta que ele costumava dar para implicar comigo quando éramos crianças; que ele já parecia ser um advogado, mesmo naquela época. Eu vi que Helen nos observava. Usava brincos de pérolas que pareciam gotas de cera. Eu me lembro de vê-los nela antigamente e imaginar que se derreteriam com o calor de sua garganta. Eu me sentei no braço da cadeira de Stephen.

— E pensar que Selina Dawes é tão violenta e calculista. Ela é tão jovem... — eu disse.

Para Stephen, isso não queria dizer nada. Contou que, frequentemente, no tribunal, meninas de 13 e 14 anos tinham que subir em caixas para que os

jurados pudessem vê-las. Mas acrescentou que essas meninas sempre tinham por trás uma mulher ou um homem mais velho, e que, por ser tão jovem, Dawes provavelmente fora vítima de uma má influência. Eu disse a ele que ela parecia muito segura, que as únicas influências eram as espirituais.

— Bem, então ela deve estar querendo proteger alguém — concluiu Stephen.

Alguém por quem ela passaria cinco anos em uma prisão? Na Penitenciária de Millbank?

Esses casos acontecem, disse ele. Dawes não era jovem e bonita?

— E o “espírito” em questão, agora estou me lembrando, não era um sujeito? Você sabe que a maioria dos truques de personificação de fantasmas em sessões espíritas é realizada por atores, que usam roupas de gaze.

Eu balancei a cabeça. Disse que tinha certeza de que não se tratava disso! Eu tinha certeza!

Mas ao dizer isso, eu vi que ele estava me observando, pensando, “O que *você* sabe a respeito das paixões que poderiam levar uma bela moça à prisão por causa do namorado?”

E o que é que *eu* sei a respeito dessas coisas? Senti minha mão subir na direção do peito e ajeitei a gola do vestido para disfarçar o gesto. Eu perguntei se ele achava mesmo o espiritismo uma bobagem, e que todos os médiuns eram uma fraude. Ele levantou a mão.

— Eu não disse *todos*, disse *a maioria*. É Barclay quem acha que todos eles são uns salafraírios.

Eu não queria conversar com o Sr. Barclay.

— O que *você* acha? — Tornei a perguntar. Ele disse que achava o que qualquer homem racional acharia, considerando as evidências: que a maioria não passava de meros ilusionistas; que alguns talvez fossem vítimas de uma doença ou uma mania, e que com Dawes talvez fosse assim. Nesse caso devia ser objeto de piedade mais do que de zombaria; mas que outros... — Bem, nossa época é maravilhosa. Eu posso ir a um posto de telégrafo e me comunicar com um homem, num posto semelhante, do outro lado do Atlântico. Como isso é feito? Não sei. Há cinquenta anos uma coisa dessas pareceria impossível, uma contradição com todas as leis da natureza. Mas quando um homem me envia sua mensagem, eu não acho que fui enganado, que há um sujeito escondido na outra sala e que é ele quem envia o sinal. E nem suponho, como alguns padres pensam em relação ao espiritismo, que o cavalheiro que está se dirigindo a mim é um demônio disfarçado.

Mas os telégrafos, argumentei, são ligados por um fio. Ele disse que já existem engenheiros que acreditam que máquinas semelhantes podem ser desenvolvidas para operar *sem* fio.

— Talvez existam fios na natureza, pequenos filamentos — ele balançou os dedos — tão delicados e estranhos que a ciência ainda nem consegue enxergá-los. Talvez apenas moças delicadas, como sua amiga Dawes, consigam perceber esses fios e ouvir as mensagens passadas através deles.

— Mensagens dos *mortos*, Stephen? — perguntei, e ele respondeu que se os mortos vivem sob outra forma, então nós realmente precisamos dispor de meios muito raros e insólitos para ouvi-los...

Eu disse: “E se fosse verdade que Dawes era inocente?”

Stephen não disse que isso era verdade, é claro; ele só concordou que *poderia* ser verdade.

— E mesmo que fosse verdade, isso não quer dizer que se pode confiar *nela*.

— Mas *se* ela for mesmo inocente...

— Se for, então deixe que os espíritos provem! Além disso, ainda existe a questão da moça nervosa, da senhora que morreu de susto. Eu não gostaria de ter que brigar com *elas*. — Mamãe chamou Vigers, e ele se inclinou para pegar um biscoito na travessa que ela oferecia. — Então eu acho... — Ele tirou um farelo do colete — ... que eu estava com a razão da primeira vez. Eu prefiro o namorado usando uma túnica de gaze aos pequenos filamentos.

Quando ergui os olhos, vi que Helen ainda estava nos observando. Suponho que ela estivesse contente por eu estar sendo simpática e natural com Stephen — nem sempre sou assim, eu sei. Eu teria ido para junto dela naquele momento, mas mamãe chamou-a para a mesa de jogo, para se juntar a Pris, Arthur e a Sra. Wallace. Eles jogaram vinte e um por cerca de meia hora, até que a Sra. Wallace disse que eles iam acabar com todas as suas fichas e se levantou. Quando voltou, eu a interceptei e a questionei sobre a Sra. Silvester e sua filha. Perguntei o que ela tinha achado da filha quando a viu pela última vez. Relatou que ela parecia “muito infeliz”, que a mãe a obrigava a ficar noiva de um cavalheiro com uma longa barba preta e lábios vermelhos, e que a única coisa que a Srta. Silvester dizia para quem perguntava como ela estava era “Eu vou me casar”, mostrando a mão, que tinha uma esmeralda oval, e balançando todo aquele cabelo vermelho, também. Eu deveria saber que ela é uma rica herdeira.

Perguntei onde as Silvesters moravam, e a Sra. Wallace assumiu uma expressão astuta.

— Elas voltaram para a América, meu bem — disse. Ainda viu as duas antes do julgamento terminar, mas logo depois a casa tinha sido vendida, a criadagem despedida, e ela acrescentou que nunca viu uma mulher com tanta pressa de levar a filha para casa e casá-la. — Mas acho que onde há um julgamento há sempre um escândalo. Imagino que eles não se importem tanto com essas coisas em Nova York.

Foi então que mamãe, que estava dando instruções a Vigers, perguntou:

— O quê? Do que estão falando? De fantasmas, ainda? — A garganta dela estava verde como a de um sapo, por causa do reflexo da mesa.

Eu balancei a cabeça e deixei Priscilla falar de novo.

— Em Marishes — disse ela, enquanto as cartas eram distribuídas, e então: — E na *Itália*...

Ouvi conversarem um pouco sobre a viagem de lua de mel. Parei ao lado da lareira e fiquei olhando para o fogo, e Stephen cochilou em cima de um jornal. Finalmente, ouvi mamãe dizer:

— ... Nunca estive lá e não tenho nenhum desejo de ir! Não suportaria o incômodo da viagem, o calor, a comida — Ela ainda estava falando da Itália com Arthur. E contou sobre as viagens que papai fez para lá, quando éramos pequenas; e da visita que ele planejava fazer, comigo e com Helen para ajudá-lo. Arthur comentou que não sabia que Helen era uma estudiosa, e mamãe respondeu:

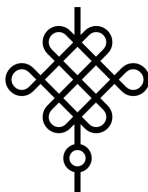
— Ah, mas foi graças ao trabalho do Sr. Prior que conhecemos Helen! Ela frequentava as palestras do Sr. Prior, e Margaret a conheceu lá e a trouxe para a nossa casa. Ela foi sempre uma convidada especial nesta casa depois disso e o Sr. Prior gostava muito dela. É claro que nós não sabíamos, não é, Priscilla, que ela vinha aqui por causa de Stephen. Não precisa ficar vermelha, Helen querida!

Eu fiquei ao lado do fogo, escutando. Vi Helen enrubescer, mas meu rosto continuou impassível. Afinal, eu já ouvi essa história tantas vezes que já quase acredito nela. Além disso, as palavras do meu irmão tinham me deixado pensativa. Eu não falei mais com ninguém; mas antes de subir eu me aproximei de Stephen, acordei-o do seu cochilo e disse:

— Aquele sujeito com uma túnica de gaze a que você se referiu... bem, eu estive com a agente penitenciária que distribui a correspondência e sabe o que ela me disse? Selina Dawes não recebeu uma só carta desde que entrou na prisão, e não mandou nenhuma. Então me diga uma coisa: quem iria voluntariamente para a Penitenciária de Millbank para proteger um amante que *não dá sinal de vida*, não manda um recado, uma carta?

Ele não pôde responder.

25 DE NOVEMBRO DE 1872



UMA BRIGA HORRÍVEL ESTA NOITE! PASSEI a tarde toda com a Sra. Brink, então me atrasei para o jantar. O Sr. Cutler costuma se atrasar e ninguém liga. Entretanto, o Sr. Vincy me viu chegar e disse:

— Bem, Srta. Dawes, espero que Betty tenha guardado um pouco de comida para a senhorita em vez de dar o resto para o cachorro. Nós achamos que a senhorita tinha ficado sofisticada demais para comer conosco. — Retruquei que isso nunca iria acontecer. — Bem, a senhorita, com seus *dons raros*, devia olhar para o futuro e nos dizer. — Reclamou que há quatro meses eu tinha ficado muito contente por conseguir trabalhar com ele, mas agora parecia estar de olho em oportunidades melhores. Ele me passou meu prato com um pouco de carne de coelho e uma batata cozida.

— Bem, com certeza não seria difícil achar coisa melhor do que os jantares que a Sra. Vincy prepara — eu disse, e então todo mundo largou o garfo e olhou para mim. Betty riu e o Sr. Vincy deu um tapa nela.

— Ó! Ó! Eu nunca fui tão insultada, na minha própria mesa, por uma das minhas inquilinas! — A Sra. Vincy começou a gritar. — Sua vagabundazinha, meu marido a acolheu, cobrou um aluguel barato, porque tem bom coração. Não pense que eu não vi você lançando olhares para ele!

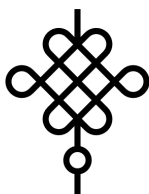
— Seu marido é um médium velho e tosco! — gritei atirando a batata cozida na cabeça do Sr. Vincy.

Não vi se acertei nele. Saí correndo da mesa, subi a escada, me deitei na cama e chorei. Depois ri, e por fim vomitei.

E só a Srta. Sibree veio me ver, para me trazer um pouco de pão com manteiga e um golinho de vinho do Porto em sua própria taça. Eu ouvi o Sr. Vincy falando no hall, embaixo. Esbravejou que nunca mais ia querer outra garota médium na casa dele, nem acompanhada do próprio pai.

— Eu já as ouvi sendo chamadas de poderosas, e talvez sejam mesmo. Mas uma jovem tomada por uma paixão espiritual, meu Deus, Sr. Cutler, é assustador de ver!

21 DE OUTUBRO DE 1874



É POSSÍVEL SE ACOSTUMAR COM CLORAL? Mamãe me dá quantidades cada vez maiores para eu me sentir apenas cansada. Quando consigo dormir, tenho um sono sobressaltado, parece que vejo sombras em meus olhos e ouço murmúrios em meus ouvidos. Eles me acordam e eu me levanto, confusa. Depois me deito por mais uma hora, na esperança de ficar de novo cansada.

Foi a perda do meu medalhão que me deixou assim. Durante a noite eu me sinto inquieta e, durante o dia, apática. Esta manhã banquei a idiota a respeito de algum detalhe do casamento de Prissy, e mamãe disse que não sabe o deus em mim. Ela acha que o fato de eu me misturar com as mulheres grosseiras de Millbank está me deixando abobalhada. Para irritá-la, fui visitar a prisão, mas agora, por causa disso, estou bem agitada...

Primeiro eles me mostraram a lavanderia da prisão. Trata-se de uma sala assustadora, baixa, quente, úmida e fedorenta. Há enormes máquinas de passar lá dentro, de aparência ameaçadora, e caldeirões de goma fervendo, e secadores pendurados no teto, junto de inúmeros artigos branco-amarelados — lençóis, camisetas, combinações, não dava para identificar — pingando água. Eu só consegui ficar ali um minuto, até sentir o calor no meu rosto e na minha cabeça. Entretanto, as agentes dizem que as mulheres preferem o trabalho na lavanderia a qualquer outro. Pois lá têm uma dieta melhor do que as outras presas, e elas recebem uma quantidade maior de ovos, leite fresco e carne para ficarem fortes. E, é claro, elas trabalham juntas e acho que devem conversar.

As alas comuns parecem muito frias e tristes em comparação com aquela sala. Eu não fiz muitas visitas, mas procurei duas presas que ainda não conhecia. A primeira foi uma das “damas”, chamada de Tulley, que está lá por apropriação fraudulenta de joias. Ela tomou minha mão quando me aproximei e disse:

— Ah, uma conversa agradável, finalmente! — Mas ela só queria saber de histórias dos jornais, e essas, é claro, eu não posso transmitir.

— Mas a querida rainha está bem? Pelo menos isso você pode me dizer — insistiu.

Contou que tinha sido convidada duas vezes para festas em Osborne e mencionou o nome de uma ou duas senhoras respeitáveis. Eu as conhecia? Não.

Então ela imaginou “quem seria a minha família”; pareceu se acalmar, eu achei, quando disse a ela que papai tinha sido um pesquisador. Finalmente, perguntou se eu poderia influenciar a Srta. Haxby com relação a espaltilhos e pasta de dente.

Não fiquei muito tempo com ela. Entretanto, a segunda mulher que visitei me agradou muito mais. O nome dela é Agnes Nash e foi mandada para Millbank há três anos por repassar moedas falsas. É uma moça robusta, morena, de olhos bem azuis. Ela se levantou quando entrei na cela, não fez uma reverência, mas me ofereceu a cadeira e ficou encostada, durante o resto da visita, na cama. Suas mãos eram pálidas e muito limpas. Um dos dedos terminava na segunda articulação — ela disse que a ponta fora “arrancada pelo cachorro de um açougueiro quando ela era um bebê”.

Ela foi muito sincera em relação ao seu crime e falou sobre isso de um modo curioso.

— Eu venho de um bairro de ladrões — disse — e pessoas comuns acham que nós somos bandidos, mas somos bondosos com quem é da nossa comunidade. Eu fui criada para roubar quando necessário, e fiz isso várias vezes, não me importo de assumir; mas nunca precisei roubar muito, porque meu irmão era muito habilidoso e nos proporcionava certo conforto. — Ela explicou que foi uma falsificação malfeita que provocou sua prisão. Ela tinha se dedicado a isso porque o trabalho é leve e agradável e disse que muitas moças faziam isso pela mesma razão.

— Eles me prenderam como distribuidora, mas eu nunca fiz isso, só trabalhava em casa nos moldes e deixava essa tarefa para os outros.

Eu já ouvi essas pequenas distinções serem feitas diversas vezes nas alas, entre graus, tipos ou qualidades de crimes. Por isso, perguntei se o crime dela era, então, de menor gravidade. Ela respondeu que não estava dizendo isso, só estava explicando o que fez.

— Esse assunto é pouco compreendido e é por isso que estou aqui.

Perguntei o que queria dizer? Não é correto ser um falsificador, é? Em primeiro lugar, não é justo para quem recebe moedas falsas.

— Não é justo, mas você acha que todas as moedas falsas vão para a *sua* bolsa? Algumas vão, não duvido, e azar o seu! Mas a maioria nós conservamos conosco. Eu posso dar uma moeda para um amigo, em troca de uma lata de tabaco. Meu amigo a passa adiante para um amigo dele, e esse cara irá passá-la para Susie ou Jim, quem sabe por um pouco de carne de carneiro. Susie ou Jim a devolverão para mim. É simplesmente um negócio familiar e ninguém sai prejudicado. Mas os magistrados escutam “falsificadora de moedas” e acham que ouviram “ladra”; e eu vou pagar por isso durante cinco anos...

Confessei que nunca imaginei antes uma “economia” de ladrões; e que a defesa dela era muito convincente. Ela concordou e sugeriu que eu abordasse o assunto da próxima vez que estivesse jantando com um juiz.

— Meu objetivo é mudar isso aos poucos, por meio de damas como a senhorita — disse Nash.

Ela não sorriu. Não sei se estava falando sério ou brincando. Eu disse que,

no futuro, ia examinar com cuidado as minhas moedas, e então ela sorriu.

— Faça isso. Quem pode saber? Talvez a senhorita tenha na bolsa uma moeda feita por mim.

Mas quando eu perguntei como poderia diferenciar uma moeda dessas de outras, ela se mostrou discreta, afirmando que havia uma pequena marca.

— Bem, eu preciso preservar a minha arte, mesmo aqui — afirmou sem querer dar mais detalhes.

Ela me encarou. Eu disse que esperava que ela não estivesse dando a entender que planejava retomar o trabalho depois de solta. Ela deu de ombros e perguntou o que mais poderia fazer. Já não assumira ter sido criada para fazer aquilo? Sua família não ia gostar se ela voltasse para casa recuperada!

Argumentei que achava uma pena que ela não tivesse nada melhor para pensar do que os crimes que iria cometer daqui a dois anos.

— É uma pena. Mas o que mais posso fazer a não ser contar os tijolos da minha cela ou os pontos da minha costura? E já fiz isso. Ou imaginar como meus filhos estão passando sem a mãe? Já fiz isso também. É muito duro.

Sugeri que refletisse por que seus filhos estavam sem a mãe. E também nos seus crimes e aonde eles a tinham levado.

— Eu fiz isso — disse rindo. — Fiz isso durante um ano. Nós todas fazemos, pode perguntar a qualquer uma. O primeiro ano em Millbank é assustador. Você promete qualquer coisa, que mesmo que passe fome com a sua família, nunca mais vai fazer uma coisa errada e voltar para cá. Você promete de tudo a qualquer um, de tanto que está arrependida. Mas só no primeiro ano. Depois disso, o arrependimento acaba. Quando você pensa nos seus crimes, não pensa, “Se eu não tivesse feito isso, não estaria aqui”, mas sim, “Se eu tivesse feito *melhor...*” Pensa em todos os furtos e falsificações que vai fazer quando estiver lá fora. Pensa, “Eles me puseram aqui porque acham que eu sou má. Bem, eu vou mostrar a eles minha maldade daqui a quatro anos.”

Ela piscou o olho para mim. Eu fiquei olhando, espantada, para ela.

— Não pode querer que eu fique contente com o que estou ouvindo — eu disse por fim, e ela respondeu imediatamente, ainda sorrindo, que não esperava isso de jeito nenhum...

Quando me levantei para sair, ela também se levantou e percorreu ao meu lado os três ou quatro passos até o portão da cela, como se estivesse me acompanhando até a porta.

— Bem, fico feliz em ter falado com a senhorita. Não se esqueça das moedas! — ressaltou. Respondi que não ia esquecer, depois olhei para o corredor, procurando a carcereira. — Quem a senhorita vai visitar agora? — perguntou, e como ela não tinha perguntado por mal, eu respondi:

— Talvez a sua vizinha, Selina Dawes.

— Ela! — Ela falou em voz alta. — A moça mal-assombrada... — Revirou os olhos azuis e tornou a rir.

Eu passei a gostar menos dela depois disso. Chamei a carcereira pelas grades e a Sra. Jelf veio e me deixou sair; então fui visitar Dawes.

O rosto dela parecia mais pálido do que antes, e suas mãos estavam, sem dúvida, mais vermelhas e ásperas. Eu vestia um casaco pesado, dobrado de encontro ao peito; não mencionei meu medalhão nem fiz menção a nossa última conversa. Mas disse que tinha pensado nela, no que ela havia me contado sobre si mesma. Eu perguntei se ela me contaria um pouco mais hoje.

Ela perguntou o que eu queria saber.

Eu disse que ela podia me contar como era a vida dela, antes de a mandarem para Millbank.

— Há quanto tempo você é o que é?

— O que eu sou? — Ela inclinou a cabeça.

— O que você é. Há quanto tempo você vê espíritos?

— Ah. — Ela sorriu. — Acho que desde que comecei a enxergar qualquer coisa...

E ela me contou sobre a infância; morava com uma tia e ficara doente muitas vezes. De repente, quando estava pior do que das outras vezes, uma dama aparecera para ela. Depois descobriu que era sua mãe já morta.

— Foi o que minha tia me contou — disse.

— E você não ficou com medo?

— Titia disse que eu não devia ter medo porque mamãe me amava. Era por isso que ela vinha...

Então as visitas tinham continuado, até que, finalmente, a tia achara que elas deviam “aproveitar o dom que ela tinha”, e começou a levá-la a um círculo espírita. A partir disso, vieram mais batidas, gritos e mais espíritos.

— Fiquei um pouco assustada — contou. — Esses espíritos não eram tão bondosos quanto minha mãe! — E quantos anos ela tinha? — Uns 13, talvez...

Eu a imagino esbelta e muito pálida, gritando “Titia!” quando a mesa balançava. Não sei como a tia a expôs a isso; mas ela explicou que isso foi algo bom para ela. Teria sido pior encontrar aqueles espíritos sozinha, como alguns médiuns solitários são obrigados a fazer. E com o tempo, as coisas que ela via foram se tornando familiares.

— Titia me mantinha presa. As outras meninas pareciam tolas, falavam sobre assuntos muito banais, e, é claro, me achavam esquisita. Às vezes, eu conhecia alguém e sabia que também era como eu. Mas isso não adiantava, evidentemente, se a pessoa não soubesse disso, ou, pior, se ela percebesse e ficasse com medo...

Ela me encarou e eu acabei desviando os olhos.

— Bem — continuou, mais bruscamente —, o círculo ajudou a melhorar o meu dom. — Em pouco tempo ela aprendeu a afastar os espíritos “baixos” e a buscar os bons; logo eles começaram a enviar-lhe mensagens “para seus queridos amigos na terra”. E isso era uma coisa boa, não era? Receber mensagens quando estavam tristes e sofriam?

Eu pensei no meu medalhão desaparecido e na mensagem que ela *me* trouxe, mas ainda não tínhamos tocado no assunto.

— E então você se estabeleceu como uma médium. E as pessoas

procuravam você e pagavam por seus serviços?

Ela disse com firmeza que “nunca tinha aceitado um tostão” para si; que às vezes as pessoas lhe davam presentes, o que era muito diferente; e segundo os espíritos não era nenhuma vergonha o médium receber para poder realizar seu trabalho espiritual.

— Foram meses agradáveis — lembrou sorrindo —, embora eu não soubesse disso na época. Minha tia tinha me deixado; ela passara para o mundo dos espíritos. Eu sentia falta dela, mas ela estava mais contente lá do que jamais estivera na terra, eu não podia sentir saudade dela. Morei por algum tempo em um hotel em Holborn, com uma família espírita que foi bondosa comigo, embora tenha se voltado contra mim depois, sinto dizer. Eu fazia o meu trabalho e deixava todos felizes. Conheci muita gente interessante, inteligente, pessoas como a senhorita! Eu fui diversas vezes a casas em Chelsea.

Eu pensei na falsária de joias, gabando-se de suas visitas a Osborne. O orgulho de Dawes me pareceu horrível, confinado pelas paredes daquela cela.

— E foi numa dessas casas que a moça e a senhora que você foi acusada de ferir passaram mal? — perguntei.

Ela desviou os olhos. Não, disse baixinho, isso foi em outra casa, em Sydenham.

Em seguida, perguntou o que eu achava da confusão durante as orações da manhã. Jane Pettit, da ala da Srta. Manning, jogara o livro de orações em cima do capelão...

Seu humor tinha mudado. Eu vi que ela não me contaria mais nada e fiquei com pena; eu queria saber mais sobre aquele espírito “travesso”, “Peter Ligeiro”.

Eu estava sentada, imóvel, escutando Dawes. Comecei a sentir frio e me enrosquei ainda mais no casaco. Com isso, meu caderno apareceu no meu bolso, e ela percebeu. O tempo todo, enquanto conversamos, seu olhar se voltava para o objeto; até que finalmente, quando me levantei para sair, ela perguntou por que eu sempre carregava um caderno comigo. Eu pretendia escrever sobre as mulheres da prisão?

Contei que levava meu caderno onde quer que eu fosse — era um hábito adquirido quando ajudava meu pai com o trabalho dele. Revelei que me sentiria muito estranha sem ele, e que o que eu escrevia ali às vezes era copiado em outro caderno, o meu diário. Eu disse que *aquele* caderno era o meu melhor amigo. Eu contava a ele todos os meus pensamentos, e ele os mantinha em segredo.

Ela assentiu. Meu caderno era como ela, comparou, não tinha com quem falar. Eu também podia contar meus segredos ali naquela cela. Para quem ela os repassaria?

Dawes não falou com tristeza, mas quase com alegria. Eu disse que ela poderia contar aos espíritos.

— Ah — disse, e inclinou a cabeça. — *Eles* veem tudo. Até as páginas do seu caderno secreto. Mesmo que você escreva — ela parou e passou o dedo, bem de leve, pelos lábios — na escuridão do seu quarto, com a porta trancada e o lampião quase apagado.

Eu me espantei. Ora, eu disse, isso era muito estranho, porque era assim mesmo que eu escrevia o meu diário; e ela me encarou por um segundo, depois sorriu. Argumentou que todo mundo escrevia assim. Ela mesma costumava ter um diário, quando estava em liberdade, e sempre escrevia nele à noite, no escuro, o que a fazia bocejar e ficar com sono. Desabafou que era duro, agora que ficava acordada e tinha a noite toda disponível, não poder escrever nada.

Eu pensei nas noites terríveis de insônia que passei quando Helen me contou que ia se casar com Stephen. Acho que não dormi nem três noites durante as semanas que se passaram entre aquele dia e o da morte de papai, quando tomei morfina pela primeira vez. Eu pensei em Dawes deitada, de olhos abertos, na sua cela escura; imaginei a mim mesma levando morfina ou cloral para ela e assistindo enquanto ela bebia...

Então eu tornei a olhar para ela e vi que ela ainda fitava o caderno no meu bolso, o que me fez tocá-lo. E quando ela viu o gesto, sua expressão ficou um tanto amarga.

Dawes disse que eu estava certa em mantê-lo tão perto de mim, pois todas elas lá eram loucas por papel e tinta.

— Quando chegamos na prisão, temos que escrever o nome na página de um grande livro preto. — Essa foi a última vez que ela segurou uma caneta e escreveu o próprio nome. Também foi a última vez que ela ouviu seu nome ser pronunciado. — Aqui eu sou chamada de *Dawes*, como uma empregada. Se alguém chamasse *Selina*, acho que eu nem responderia. *Selina*, *Selina*, já esqueci quem é essa moça! Ela poderia estar morta.

A voz dela tremeu um pouco. Eu me lembrei da prostituta, Jane Jarvis, que tinha me pedido uma folha do meu caderno para mandar uma mensagem para sua amiguinha White; eu nunca mais a visitei depois daquele dia. Entretanto, querer uma folha de papel só para escrever o próprio nome, para se sentir real e viva...

Parecia um desejo muito inofensivo.

Prestei atenção para ver se a Sra. Jelf ainda estava ocupada em outro lugar da ala. Depois tirei o caderno do bolso, abri numa página em branco e o coloquei sobre a mesa; então ofereci minha caneta a ela. Ela olhou para a caneta e depois para mim; ela a segurou e a abriu, meio desajeitada — acho que o peso e a forma não lhe eram familiares. Dawes a segurou, tremendo, acima da página, até que uma gota de tinta surgiu na ponta; escreveu: *Selina*. E depois escreveu o nome todo: *Selina Ann Dawes*. E de novo só o seu nome: *Selina*.

Ela se aproximou da mesa para escrever, com o rosto a poucos centímetros do meu, e sussurrou:

— Fico me perguntando, Srta. Prior, se já escreveu este nome no seu diário...

Eu não consegui responder imediatamente, porque ao ouvir seu murmúrio, ao sentir seu calor naquela cela gelada, eu me espantei com a frequência com que costumava escrever o nome dela. Mas por que eu não deveria, uma vez que escrevia sobre as outras mulheres da prisão? E com certeza é melhor escrever sobre

ela do que sobre Helen.

— Você se importaria se eu escrevesse sobre você?

Se ela se importaria? Sorriu. Ela afirmou que ficaria contente em pensar em alguém — mais especialmente eu, sentada na minha escrivaninha, escrevendo sobre ela, escrevendo *Selina disse isto* ou *Selina fez aquilo*. Ela riu. *Selina me contou uma porção de bobagens sobre os espíritos...*

Ela balançou a cabeça. Mas então, com a mesma rapidez com que tinha surgido, a risada cessou e o sorriso murchou.

— É claro — disse, num tom de voz mais baixo — que a senhorita não diria isso. Diria apenas *Dawes*, como elas.

Prometi que escreveria seu nome do jeito que a agradasse.

— É mesmo? — perguntou. — Ah, senhorita não deve pensar que algum dia eu vá pedir para chamá-la de algo diferente de Srta. Prior, em troca...

Eu hesitei. Respondi que as agentes carcerárias não iriam achar muito apropriado.

— E não iam mesmo! Mas — ela desviou os olhos —, eu não *diria* o nome aqui dentro. Quando penso na senhorita, porque penso na senhorita à noite, quando a prisão está silenciosa, não é “Srta. Prior” que eu digo. É ... bem, a senhorita foi gentil em me contar, aquela vez, quando disse que veio aqui para ser minha amiga...

Com certa dificuldade, ela tornou a erguer a caneta e escreveu, debaixo do próprio nome: *Margaret*.

Margaret. Eu olhei e estremei: era como se ela tivesse posto um feitiço ali, ou desenhado a minha caricatura. Ela disse na mesma hora que não devia ter escrito o meu nome, foi muito indiscreto da parte dela! Eu disse, não, não, não é isso...

— E só que... bem, eu jamais gostei desse nome. Ele parece carregar tudo o que tenho de ruim em mim. Minha irmã tem um lindo nome. Quando o escuto, escuto a voz de minha mãe. Meu pai me chamava de “Peggy”...

— Então deixe-me pronunciar esse nome — disse. Mas então eu me lembrei que ela já o dissera uma vez, e eu ainda não consigo me lembrar disso sem estremeecer. Eu balancei a cabeça. Finalmente ela murmurou:

— Então me diga outro nome para chamá-la. Outro que não seja “Srta. Prior”, que poderia ser o nome de uma carcereira, de qualquer visitante comum que não quer dizer nada para mim. Diga um nome que irá significar alguma coisa, um nome secreto, que tenha não o pior da senhorita, mas o melhor...

Ela continuou assim até que, finalmente, com a mesma impulsividade com que eu tinha dado o caderno para ela, e depois a caneta, exclamei:

— Aurora! Você pode me chamar de Aurora! Pois esse é um nome... é um nome que...

É claro que eu não mencionei que Helen me chamava assim antes de se casar com meu irmão. Eu disse que era um nome que eu usava “quando era mais jovem”. E então eu enrubesci ao ouvir aquela bobagem que tinha acabado de dizer.

No entanto, Selina fez um ar solene. Tornou a segurar a caneta, riscou a palavra *Margaret* e escreveu *Aurora*.

— Selina e Aurora. Como ficam bem! Parecem nomes de anjos, não acha?

De repente, a ala pareceu terrivelmente silenciosa. Eu ouvi a batida de um portão mais adiante no corredor e o rangido de um ferrolho, tive a impressão de ouvir o som de passos na areia, se aproximando. Com certa dificuldade, sentindo os dedos de Selina apertando os meus, eu tirei a caneta da mão dela justificando:

— Acho que cansei você.

— Ah, não.

— Acho que sim. — Eu me levantei e fui até o portão. O corredor estava vazio. — Sra. Jelf chamei.

— Um instante, senhorita! — respondeu ela de dentro de uma cela distante.

Eu me virei e, como não havia ninguém perto para ouvir ou ver, estendi a mão.

— Até logo então, Selina.

Mais uma vez, ela encostou os dedos nos meus e sorriu.

— Até logo, *Aurora* — murmurou no ar frio da cela, e por alguns segundos a palavra flutuou diante dos seus lábios. Eu recolhi a mão e me virei para o portão; e então tive a impressão de que o olhar dela tinha perdido outra vez um pouco da naturalidade.

Eu perguntei por que ela tinha feito isso.

— O que, Aurora?

Por que ela tinha sorrido daquele jeito secreto.

— Eu sorrio de um jeito secreto?

— Você sabe que sim. Por quê?

Ela pareceu hesitar. Então disse:

— É que você é tão orgulhosa. E nossa conversa sobre espíritos, e...

— E o quê?

Voltou a ter um ar travesso e a rir de mim.

— Me dá a caneta de novo — disse finalmente; e antes que eu pudesse responder ela a tirou da minha mão, pegou o caderno e começou a escrever rapidamente. Eu ouvi a Sra. Jelf no corredor.

— Depressa! — eu disse. Meu coração tinha começado a bater tão rápido que minha blusa estremeceu, como se fosse um tambor. Mas ela sorriu e continuou escrevendo. Os passos se aproximavam e meu coração martelava! Por fim, fechou o caderno e devolveu a caneta, no mesmo instante que a Sra. Jelf apareceu no portão. Eu vi seus olhos escuros examinando a cela daquele seu jeito nervoso; mas não havia o que ver, apenas meu peito ofegante, que disfarcei com o casaco enquanto ela girava a chave e abria o portão. Dawes tinha se afastado de mim. Ela cruzou os braços, abaixou a cabeça e, sem sorrir, disse apenas:

— Até logo, Srta. Prior.

Eu a cumprimentei com um aceno de cabeça e saí da cela, atravessando as alas sem dizer nada.

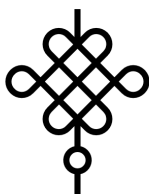
Mas o tempo todo eu sentia meu caderno batendo no meu quadril: ela o transformou em uma carga estranha e terrível. Entre a prisão feminina e a masculina, tirei a luva e pus a palma da mão sobre a capa do caderno, o couro pareceu ainda conservar o calor dos dedos dela. Mas eu não ousei tirá-lo do bolso. Só quando estava dentro da carruagem, com o cocheiro chicoteando os cavalos, foi que tirei o caderno do bolso; então levei alguns instantes para encontrar a página, e mais alguns para enxergar o que estava escrito. Li, depois o fechei e o guardei no bolso, mas fiquei com a mão sobre ele, durante todo o trajeto, até que o couro ficou úmido.

Agora ele está diante de mim. Vejo os borrões de tinta, os nomes que escreveu — Selina e o meu nome secreto. E, mais abaixo, está escrito:

Toda a nossa conversa sobre espíritos e nenhuma menção ao seu medalhão. Você acha que eles não iriam me contar que o tinham levado? Como eles sorriram. Aurora, ao te ver procurando o medalhão!

Eu estou escrevendo à luz de uma vela, a chama está muito fraca e a cera está pingando. É uma noite tempestuosa, o vento entra por baixo da porta e levanta a ponta do tapete do chão. Mamãe e Pris estão adormecidas em suas camas. Cheyne Walk todo deve estar dormindo, toda Chelsea. Só eu estou acordada — só eu e Vigers, porque ouço o barulho que faz acima de mim, no antigo quarto de Boyd. O que será que nossa antiga empregada ouviu para deixá-la tão agitada? Eu costumava pensar que a casa ficava silenciosa à noite; agora tenho a impressão de escutar a batida de cada relógio, o rangido de cada tábua do assoalho e de cada degrau da escada. Eu contemplo meu rosto refletido na janela: ele me parece estranho, tenho medo de olhar com muita atenção para ele. Mas também tenho medo de olhar para fora, para a noite escura. Porque a noite contém Millbank, com suas sombras compactas; e numa delas *Selina* está deitada. *Selina...* ela está me obrigando a escrever seu nome aqui, está ficando mais real, mais sólida e rápida a cada traço da caneta no papel — *Selina*. Numa daquelas sombras *Selina* está deitada. Seus olhos estão abertos, e ela está olhando para mim.

26 DE NOVEMBRO DE 1872



EU QUERIA QUE MINHA TIA PUDESSE ver onde estou agora. Pois estou em Sydenham, na casa da Sra. Brink! Ela me trouxe aqui dizendo que preferia morrer a passar mais uma hora na casa do Sr. Vincy.

— Pode ficar com ela, madame! E espero que ela lhe traga muitos problemas — berrou ele. A Srta. Sibree chorou quando eu passei pela porta do seu quarto, dizendo que sabe que eu vou ser muito importante. A Sra. Brink me levou em sua carruagem, e quando chegamos na casa dela eu achei que ia desmaiar, pois é o lugar mais lindo que eu já vi, com um jardim em volta e um caminho de cascalho que vai dar na porta da frente. A Sra. Brink me viu observando tudo.

— Menina, está branca como giz! — disse. — É claro que deve ser estranho para você. — Então ela pegou minha mão e me levou de sala em sala. — Então, o que acha? Conhece isso? E isto? — Eu disse que não tinha certeza, porque minhas ideias estavam turvas, e ela respondeu: — Bem, acredito que, com o tempo, você irá lembrar.

Por fim, ela me trouxe para este quarto, que foi da mãe dela e agora vai ser meu. É tão grande que a princípio eu achei que fosse outra sala. Então eu vi a cama e a toquei e devo ter ficado branca de novo porque a Sra. Brink disse:

— O choque foi grande demais para você! Quer que eu a leve de volta para Holborn?

Lógico que não, ela nem devia pensar nisso. Eu disse que era provável que eu me sentisse fraca, mas isso não era nada e sem dúvida iria passar.

— Bem, vou deixá-la aqui por uma hora, para se acostumar com tua nova casa — disse a Sra. Brink, e me beijou. — Acho que agora posso fazer isso, não é? — Eu pensei em todas as damas chorosas cujas mãos eu tinha segurado nos últimos seis meses, e também no Sr. Vincy, encostando os dedos em mim e parado na porta do meu quarto. Entretanto, ninguém havia me beijado, ninguém mesmo, desde a morte de titia.

Eu não tinha pensado nisso antes de hoje, só me dei conta quando senti os lábios dela no meu rosto.

Quando ela saiu, eu fui olhar a vista da janela, repleta de árvores e com o

Palácio de Cristal. No entanto, o palácio não me pareceu tão maravilhoso quanto as pessoas dizem. Mas é uma vista mais bonita do que a de Holborn! Depois de contemplá-la por algum tempo, caminhei um pouco pelo quarto e, como o espaço é muito amplo, tentei dançar polca, uma vez que é um estilo que eu sempre desejei dançar numa sala grande. Fiz isso silenciosamente por 15 minutos, tendo primeiro o cuidado de tirar os sapatos para que a Sra. Brink não me ouvisse nas salas embaixo. Então olhei em volta, para os objetos daqui.

Afinal, este é mesmo um quarto estranho, com diversos armários e gavetas, cheio de coisas, como peças de renda, papéis, desenhos, lenços, botões etc. Há um guarda-roupa grande, cheio de vestidos, fileiras de sapatos, prateleiras com meias dobradas e saquinhos de lavanda. Há uma penteadeira com escovas, frascos de perfume pela metade, uma caixa de broches, anéis e um colar de esmeraldas. E embora sejam peças muito antigas, elas estão bem conservadas e limpas e com um cheiro tão fresco que qualquer um que as veja, mesmo que não conheça a Sra. Brink, vai pensar que a mãe dela devia ser uma senhora muito caprichosa. Vão pensar que eu não devia estar aqui mexendo nos pertences dela, que ela vai voltar a qualquer momento, quando, de fato, já está morta há quarenta anos. Sabia disso, mas até eu achei que não devia tocar em nada, achei que, se tocasse, eu a veria parada na porta, olhando para mim.

E ao pensar nisso eu me virei e olhei para a porta e lá estava uma mulher olhando para mim! E ao vê-la o meu coração disparou...

Mas era apenas a empregada da Sra. Brink, Ruth. Ela tinha chegado silenciosamente, não como Betty costumava fazer, mas como a criada de uma dama, como um fantasma. Ela me viu levar um susto.

— Ah, senhorita, me desculpe! A Sra. Brink disse que estaria descansando. — Ela tinha trazido água para eu lavar o rosto e quando despejou-a na bacia de porcelana da mãe da Sra. Brink, perguntou: — Onde está o vestido que a senhorita vai usar para o jantar? Se quiser, posso mandar passá-lo. — Ela manteve os olhos baixos, sem me encarar, e eu acho que deve ter notado que eu estava descalça, e imagino se adivinhou que eu estava dançando. Ela ficou esperando pelo vestido, mas é claro que eu só tenho um vestido mais elegante do que o que estava usando.

— Você acha mesmo que a Sra. Brink espera que eu mude de roupa? — perguntei, e a criada respondeu:

— Acho que sim, senhorita. — Então eu dei a ela o meu vestido de veludo e ela o trouxe mais tarde, ainda bastante quente do ferro.

Eu fiquei sentada com aquele vestido até ouvir uma sineta soar às 8 horas, quando servem o jantar aqui. Ruth veio me buscar, desamarrou o laço na minha cintura e tornou a amarrá-lo.

— Pronto, a senhorita está bonita — disse. Quando ela me levou para a sala de jantar, a Sra. Brink me viu e exclamou:

— Ah, como você está bonita! — Eu vi Ruth sorrir. Elas me fizeram sentar de um dos lados da grande mesa, com a Sra. Brink sentada do outro, dizendo o tempo todo:

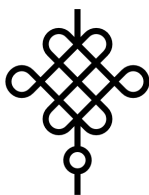
— Ruth, quer servir um pouco mais de batata para a Srta. Dawes? Srta. Dawes, Ruth pode partir um pedaço de queijo para você? — A Sra. Brink perguntou se eu estava gostando da comida e qual a minha preferência. A refeição consistiu em um ovo, uma costeleta de porco e um rim, queijos e figos. Eu pensei no coelho da Sra. Vincy e ri. Quando a Sra. Brink perguntou por que eu achava graça, eu disse que era porque estava contente.

— Agora vamos ver a influência da casa sobre seus poderes? — propôs a Sra. Brink, depois do jantar. Eu me sentei em transe por uma hora, e acho que ela ficou muito satisfeita. Prometeu me levar amanhã para comprar alguns vestidos, e no dia seguinte ou no outro vai organizar uma sessão para suas amigas, que querem muito que eu trabalhe para elas. Ela tornou a me trazer para este quarto e a me beijar, Ruth trouxe mais água quente e levou meu urinol, o que foi muito diferente de Betty levá-lo, e me fez enrubescer. Agora são 23h e eu estou bem acordada, o que sempre acontece depois de um transe, embora eu não quisesse revelar isso aqui. Não há um som nesta enorme casa. Apenas a Sra. Brink, Ruth, a cozinheira, outra empregada e eu. Como se fôssemos freiras num convento.

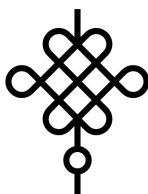
Em cima da cama alta está estendida a camisola branca de renda da mãe da Sra. Brink, que ela esperava que eu usasse. Mas não será surpresa se eu não fechar meus olhos esta noite. Eu fiquei um tempo na janela, vendo as luzes da cidade. Pensei na mudança maravilhosa que aconteceu tão subitamente na minha vida, e tudo por causa do sonho da Sra. Brink!

Admito que o Palácio de Cristal está lindo agora, com todas as luzes acesas.

PARTE DOIS



23 DE OUTUBRO DE 1874



ESTA SEMANA ESFRIOU. O INVERNO CHEGOU cedo, como no ano em que papai morreu, e eu comecei a ver a cidade mudar de novo, exatamente como nas terríveis semanas que ele estava doente. Os vendedores ambulantes no Walk batem as botinas velhas no chão maldizendo o frio; grupos de crianças se encolhem ao lado de cavalos parados para aproveitar o calor do corpo dos animais. Uma mãe e três filhos foram encontrados mortos de fome e frio, Ellis me contou, numa rua do outro lado do rio, há duas noites. E segundo Arthur, quando passa pela Strand antes do amanhecer, vê mendigos encolhidos nos vãos das portas, com as mantas cobertas de gelo.

Também chegou o nevoeiro — amarelo, marrom e depois tão preto que parece fuligem líquida —, o qual parece subir da calçada como se fosse produzido por máquinas diabólicas nos esgotos. Mancha a roupa, entra no pulmão e nos faz tossir, força as janelas — ao se olhar, numa certa luz, é possível vê-lo entrando pela casa pelas brechas das vidraças. A escuridão chega às 3 ou 4 horas da tarde, e quando Vigers acende os lampiões, as chamas são sufocadas e quase não iluminam.

Meu lampião está aceso, mas a luz é muito fraca. É quase tão fraca quanto as velas de junco que costumavam ser acesas à noite quando éramos crianças. Eu me lembro claramente de ficar deitada, contando os espaços iluminados na vela de junco, sabendo que eu era a única acordada na casa, ouvindo minha babá respirando em sua cama, Stephen e Pris às vezes ressonando e outras murmurando sob os lençóis.

Ainda lembro deste quarto como o que dormíamos naquela época. O teto ainda tem marcas onde um balanço ficava pendurado, e ainda há alguns dos nossos livros infantis nas minhas estantes. Tem um aqui — estou vendo a lombada dele —, era um dos favoritos de Stephen. Ele tem ilustrações de demônios e fantasmas, pintadas em cores vivas, e a graça dele é fitar bem cada figura, depois olhar rapidamente para uma parede branca ou para o teto, e, ao fazer isso, dá para ver o fantasma flutuando ali, bem claramente, mas numa cor diferente do original.

Como minha mente anda cheia de fantasmas, atualmente!

Tem sido um tédio ficar em casa. Eu voltei hoje de manhã ao British Museum para ler, mas estava mais escuro do que nunca lá, por causa do nevoeiro, e às 2 horas da tarde mandaram dizer que a sala de leitura ia ser fechada. Sempre há reclamações quando isso acontece, e pedidos para não apagarem a luz; mas eu, que estava fazendo anotações sobre prisões, mais por diversão do que por algum objetivo mais sério, não me importei. Achei até bom sair do museu e ver que o dia tinha ficado tão cinzento e irreal. Eu nunca vi uma rua tão desprovida de cor e profundidade quanto a Great Russell naquela hora. Hesitei em caminhar nela, com medo de ficar tão pálida e vazia quanto as calçadas e os telhados.

É claro que é típico do nevoeiro parecer mais denso a certa distância. Minha visão não ficou mais turva por causa disso, continuei inteiramente atenta. Parecia haver uma cúpula ao meu redor, uma cobertura de gaze, eu a via claramente, do tipo que as empregadas usam para proteger um bolo no verão para evitar que moscas pousem nele.

Fiquei me perguntando se as pessoas que andavam naquela rua viam a cúpula de gaze que se movia junto com elas tão claramente quanto eu via a minha.

Quando a ideia dessas cúpulas começou a me oprimir, eu achei que devia tomar um carro de aluguel para voltar para casa e manter as cortinas da carruagem fechadas até chegar. Comecei a caminhar na direção de Tottenham Court Road; e, no caminho, fui olhando para os nomes nas placas das portas e das janelas, extraindo um triste consolo do fato de que aquelas lojas e escritórios pouco tinham mudado desde que eu caminhava por ali de braço dado com papai...

Enquanto refletia, vi uma placa de metal ao lado de uma porta que me pareceu mais brilhante do que as placas situadas ao lado dela; então me aproximei e li a informação: *Associação Nacional Britânica de Espíritas — Sala de reunião, Sala de leitura e Biblioteca.*

Aquela placa não estava ali, tenho certeza, há dois anos; ou talvez eu nunca a tivesse visto antes, porque o espiritismo não significava nada para mim. Eu parei e me aproximei dela. Não pude deixar de pensar, é claro em *Selina* — ainda é uma novidade para mim escrever o nome dela. Eu pensei que talvez *ela* frequentasse o local quando estava livre; talvez ela tenha passado por mim nesta mesma rua. Eu me lembrei que uma vez fiquei parada naquela esquina esperando por Helen, logo depois de conhecê-la. Talvez Selina tivesse passado por mim naquele dia.

Foi um pensamento curioso. Eu tornei a olhar para a placa de metal, e depois para a maçaneta da porta; então girei a maçaneta e entrei.

A princípio, não havia nada para ver, exceto uma escada estreita — porque as salas ficam todas no primeiro e no segundo andar, sobre uma loja, e é preciso subir. A escada vai dar num pequeno escritório. As paredes são forradas de madeira, as venezianas também — mas hoje elas estavam fechadas por causa do nevoeiro. Entre as janelas há um quadro grande, malfeito, eu achei, de *Saul na casa da feiticeira de Endor*. Tem um tapete vermelho e uma escrivaninha, onde

estava sentada uma senhora com um papel e, ao lado dela, um cavalheiro. A senhora tinha um broche de prata no peito, do feitio de mãos entrelaçadas como algumas esculturas sobre lápides. O cavalheiro usava chinelos de seda. Eles me viram e sorriram, depois fizeram um ar compungido. O homem lamentou que as escadas eram muito íngremes e acrescentou:

— Que pena, a senhora subiu até aqui à toa! Queria ver a demonstração? Foi cancelada por causa do neveiro.

Tinha um tipo comum e era gentil. Eu disse que não tinha ido lá por causa da demonstração, mas — o que era inteiramente verdade — porque descobri o lugar por acaso e tinha entrado por curiosidade. Ao ouvir isso, não pareceram mais compungidos, e sim *sábios*. A senhora balançou a cabeça.

— Acaso e curiosidade. Que conjugação maravilhosa!

O cavalheiro estendeu a mão para me cumprimentar; ele era delicado, com mãos e pés minúsculos.

— Acho que não temos nada de interessante para lhe oferecer neste tempo horrível, que afastou nossos visitantes — disse. Eu mencionei a sala de leitura. Ela estava aberta? Eu poderia usá-la? Ela estava aberta e eu poderia usá-la, mas isso me custaria um xelim. Não era uma soma exorbitante. Eles me fizeram assinar meu nome num livro sobre a escrivania.

— *Srta. Pri-or* — o homem leu, inclinando a cabeça. Apresentou a senhora como Srta. Kislingbury. Era a secretária do lugar e ele, o curador, o Sr. Hither.

Em seguida, ele me levou até a sala de leitura. Ela me pareceu bastante modesta, o tipo de biblioteca de clubes ou pequenas faculdades. Havia três ou quatro estantes, todas muito cheias, e um suporte de madeira com jornais e revistas pendurados como se fossem roupa lavada. Havia uma mesa e cadeiras de couro, uma variedade de quadros na parede, e um armário de portas de vidro. O armário era realmente curioso, ou eu devia dizer horrível, embora só viesse a descobrir mais tarde. Eu só me aproximei dos livros, a princípio. Eles me tranquilizaram. O fato é que eu tinha começado a pensar por que havia entrado lá, e o que estava procurando. Entretanto, numa estante... bem, um livro pode tratar de qualquer assunto, até o mais estranho, mas pelo menos temos a certeza de como virar uma página e ler.

Examinei as prateleiras e o Sr. Hither se inclinou para cochichar com uma dama sentada à mesa. Ela era a única leitora ali, bastante idosa, e estava com a mão enfiada numa luva branca, suja, segurando um folheto aberto. Quando avistou o Sr. Hither, ela fez um gesto urgente, chamando-o.

— Que texto maravilhoso! Tão inspirador! — disse.

Ela levantou a mão e o folheto fechou. Eu vi o título — era *Odic Power*.

Reparei que as prateleiras diante de mim estavam cheias de livros com títulos semelhantes; no entanto, quando examinei um ou dois, os conselhos que eles ofereciam me pareceram insignificantes, como no capítulo “A respeito de cadeiras”, que alertava contra as influências acumuladas em cadeiras estofadas usadas promiscuamente por muitas pessoas, e aconselhava os médiuns a sentar apenas em cadeiras com assento de junco ou de madeira. Quando li isso, tive que

virar a cabeça para o Sr. Hither não ver que eu estava sorrindo. Então eu me afastei das estantes e me aproximei do suporte de jornais, e finalmente contemplei os quadros pendurados na parede acima dele. Estes eram: *Espíritos manifestados através da mediunidade da Sra. Murray, outubro de 1873*, e mostravam uma senhora de aparência plácida numa cadeira ao lado da mão de um fotógrafo enquanto, atrás dela, pairavam três figuras vestidas de branco — “Sancho”, “Annabel” e “Kip” dizia o rótulo na moldura. Os quadros eram ainda mais cômicos do que os livros, e de repente eu pensei: “Ah, como eu queria que papai tivesse visto isto!”

De repente, senti um movimento ao meu lado e levei um susto. Era o Sr. Hither.

— Temos muito orgulho delas — disse ele, indicando as fotografias. — A Sra. Murray tem um grande poder. Está vendo os detalhes do vestido de Annabel? Nós mandamos emoldurar um pedacinho daquela gola, mas em uma ou duas semanas o pano evaporou, bem ao estilo dos espíritos, infelizmente para nós! Ficamos apenas com uma moldura vazia. — Eu olhei para ele que continuou: — Ah, sim. — Em seguida, foi até o armário de porta de vidro e fez sinal para eu me aproximar, informando que estes são os orgulhos da nossa coleção; e ali, pelo menos, tinham evidências um pouco mais permanentes...

A voz e o jeito dele me intrigaram. De longe, parecia que o armário estava cheio de estátuas quebradas, ou de pedras claras. Mas quando me aproximei, vi que as peças atrás do vidro não eram de mármore, e sim de gesso e de *cera* — moldes de gesso e de cera de rostos, dedos, pés e braços. Muitos estavam retorcidos de modo estranho. Alguns estavam rachados ou amarelados pelo tempo e pela exposição. Cada um tinha uma etiqueta, assim como as fotos de espíritos.

Eu olhei para o Sr. Hither, que disse:

— Conhece o processo, não é? Bem, é muito simples e engenhoso! O médium materializa o espírito e fornece dois baldes, um de água e outro de cera derretida. O espírito fornece uma mão ou um pé, ou alguma outra coisa; o membro é mergulhado primeiro na cera, e depois, muito rapidamente, na água. Depois que parte, o espírito deixa um molde. É claro que poucos são perfeitos — acrescentou ele, desculpando-se. — E nem todos são suficientemente robustos para nos arriscarmos a fazer moldes deles em gesso.

Tive a impressão de que a maioria dos objetos diante de nós era horivelmente *imperfeito*, identificável apenas por algum detalhe pequeno e grotesco, uma unha do pé, uma ruga ou marcas de cílios num olho esbugalhado. Muitos eram incompletos, ou tortos, ou estranhamente borrados, como se os espíritos tivessem iniciado a viagem de volta ao seu mundo com a cera ainda quente em seus membros.

— Veja aquele pequeno molde — disse o Sr. Hither. — Foi feito pelo espírito de um bebê. Está vendo os dedinhos, o braço cheio de covinhas? — Eu vi e fiquei enojada. Ele parecia pertencer a um bebê nascido antes do tempo, grotesco e incompleto. Eu me lembro que minha tia teve um bebê assim quando

eu era pequena, e os cochichos dos adultos a respeito me assustaram e fizeram ter pesadelos. Eu olhei para o canto mais escuro do armário. Ali estava o mais medonho. Era o molde de uma mão masculina, feita de cera. Não parecia propriamente uma mão, e sim uma massa inchada, com cinco dedos e um pulso cheio de veias, que brilhava como se estivesse úmida. O molde do bebê tinha me enojado, mas aquilo me deu arrepios, não sei por quê.

Neste momento, vi a etiqueta dele, e estremei.

Mão do espírito “Peter Ligeiro”, dizia a etiqueta. “Materializado pela Srta. Selina Dawes.”

Eu olhei para o Sr. Hither, que ainda contemplava o braço do bebê, e então, trêmula como estava, acabei me aproximando mais do vidro. Fitei a mão inchada de cera e me lembrei dos dedos finos de Selina, dos ossos delicados do seu pulso enquanto tricotava as meias de lã da prisão. A comparação foi horrível. Percebi que estava inclinada sobre o armário, embaçando o vidro com minha respiração ofegante, e imediatamente endireitei o corpo, mas devo ter feito isso depressa demais, pois senti o Sr. Hither segurando o meu braço.

— Minha cara, você está bem? — perguntou. A senhora me olhou da mesa e pôs a mão diante da boca. Seu folheto tornou a fechar e caiu no chão.

Expliquei que tinha ficado tonta por ter me abaixado, e pelo fato de a sala estar muito quente. O Sr. Hither trouxe uma cadeira e me fez sentar. Com isso, meu rosto ficou perto do armário, e mais uma vez eu estremei; mas quando a senhora se levantou e perguntou se devia buscar um copo d’água com a Srta. Kislingbury, afirmei estar bem, que não era preciso se preocupar. Eu achei que o Sr. Hither estava me analisando, mas de forma objetiva; e o vi olhando para meu casaco e meu vestido. É evidente que muitas damas entram ali com roupas de luto, dizendo que o acaso e a curiosidade as fizeram entrar e subir as escadas; talvez algumas cheguem a desmaiar diante do armário de cera. Quando tornei a olhar para os moldes nas prateleiras, a expressão e a voz do Sr. Hither se abrandaram.

— Eles são mesmo um tanto estranhos, não são? Mas realmente maravilhosos, ainda assim.

Eu não respondi, deixei que pensasse o que quisesse. Então ele tornou a me contar sobre a cera, a água, os membros mergulhados; e finalmente eu me acalmei. Eu disse que imaginava que os médiuns que traziam os fantasmas que produziam os moldes eram muito inteligentes, o que o deixou pensativo.

— Eu diria *poderosos* em vez de inteligentes, não mais inteligentes do que eu ou você, talvez, em nível cerebral. Estas são questões espirituais, e isso é bem diferente. — Para o Sr. Hither, é isso que faz com que a fé dos espíritas às vezes pareça “esquisita” para os céticos. Os espíritos não têm tempo, explicou, para idade ou classe social, “nem para qualquer diferença mortal desse tipo”, mas encontram o dom da mediunidade entre as pessoas, como grãos numa plantação. Ele poderia visitar um cavalheiro importante que fosse sensitivo; e se deparar na cozinha do cavalheiro com uma moça engraxando as botas do patrão, e talvez *ela* é que fosse sensitiva. — Veja aqui — ele tornou a apontar para o armário. — A

Srta. Gifford, que fez este molde, era uma copeira, nunca soube dos seus dons até a patroa ter um tumor; na ocasião ela foi guiada a pôr as mãos sobre a pele da dama e o tumor foi curado. E aqui, o Sr. Severn, um rapaz de 16 anos, tem trazido espíritos desde os 10. Já vi médiuns de 3 e 4 anos. Já soube de bebês que acenam dos seus berços, que pegam canetas e escrevem, que são amados pelos espíritos...

Eu tornei a olhar para as prateleiras. Afinal, sabia muito bem por que tinha ido até ali, e o que estava procurando. Eu pus a mão no peito e indiquei com um aceno de cabeça as mãos de cera de “Peter Ligeiro”. Eu perguntei por aquela médium, Selina Dawes. Indaguei se o Sr. Hither sabia algo.

Ah, exclamou na mesma hora, e a senhora da outra mesa tornou a erguer os olhos para nós. Mas é claro! Eu nunca tinha ouvido falar no infortúnio da Srta. Dawes?

— Ora, eles a mandaram para uma prisão!

Ficou com um ar sério e pensativo. Comentei que já tinha ouvido alguma coisa a respeito, mas que não achava que Selina Dawes fosse tão famosa...

Famosa? Perguntou. Ah, não no mundo em geral, talvez. Mas no meio dos espíritas, ora, todo espírita do país deve ter tremido quando soube da prisão da pobre Srta. Dawes! Todo espírita da Inglaterra acompanhou o julgamento dela, e também chorou quando soube do resultado; chorou, ou devia ter chorado, por ela e por si mesmo.

— A lei nos tem como patifes e vagabundos. Acham que praticamos “quiromancia e outras artes sutis”. Do que a Srta. Dawes foi acusada? De agressão, não foi? E fraude? Que *calúnia*!

O rosto dele tinha ficado vermelho. Sua paixão me deixou atônita. Perguntou se eu conhecia os detalhes da prisão da Srta. Dawes, e quando respondi que só sabia de alguns, mas que gostaria de saber mais, deu um passo na direção da estante, passou os olhos e os dedos pelos livros encadernados e selecionou um.

— Veja aqui — declarou. — Este é *The Spiritualist*, um de nossos jornais. Aqui estão os exemplares do ano passado, de julho a dezembro. A Srta. Dawes foi levada pela polícia... quando foi mesmo?

— Acho que foi em agosto — disse a senhora com as luvas sujas. El tinha ouvido a conversa e continuava olhando para nós. O Sr. Hither assentiu, depois virou as páginas do jornal.

— Aqui está. Veja — exclamou.

Eu olhei para a linha indicada. “*Petições espíritas a favor da Srta. Dawes*”, estava escrito. “*Médium que executa materializações presa pela polícia. Testemunhos de espíritas descartados.*” Abaixo havia um breve artigo que descrevia a detenção da médium Srta. Dawes após a morte de sua benfeitora, Sra. Brink, durante uma sessão particular na residência desta senhora em Sydenham. A cliente atendida, Srta. Madeline Silvester, também tinha sido ferida. A perturbação parecia ter tido origem com o espírito de “Peter Ligeiro” controlando a Srta. Dawes, ou com um espírito violento fingindo ser o mentor dela...

Era o mesmo relato que eu tinha ouvido da Srta. Craven, a agente penitenciária, de Stephen, da Sra. Wallace e da própria Selina, embora, na versão em que o espírito era descrito como culpado fosse a primeira vez. Olhei para o Sr. Hither.

— Não sei como interpretar isso. Na verdade, não entendo nada de espiritismo. O senhor acha que Selina Dawes foi maltratada... — eu questioneei.

Violentemente maltratada, afirmou. Ele tinha certeza disso.

— *O senhor* tem certeza disso — eu me lembrara de alguma coisa que Selina havia dito. — Mas todos os espíritos tiveram a mesma opinião? Será que alguns ficaram menos convencidos?

Ele baixou um pouco a cabeça. Confirmou que houve algumas dúvidas, “em certos círculos.”

Dúvidas? Quer dizer, quanto à honestidade dela?

Ele baixou a voz, num tom de surpresa e censura.

— Dúvidas quanto à *sabedoria* da Srta. Dawes. Ela é uma médium poderosa, embora muito jovem. A Srta. Silvester era ainda mais nova, só tinha 15 anos, eu acho. Normalmente, espíritos exaltados buscam médiuns assim; e o mentor da Srta. Dawes, Peter Ligeiro, às vezes era muito exaltado...

De acordo com o Sr. Hither, não foi prudente da parte da Srta. Dawes ter exposto sua cliente, sozinha e sem supervisão, às atenções de um espírito como aquele, embora ela já tivesse feito isso antes, com outras damas. Havia a questão dos próprios dons latentes da Srta. Silvester. Quem sabe a reação que podem ter causado em Peter Ligeiro? Quem sabe se a sessão não foi invadida por alguma força perversa? Essas forças, para ele, se valiam de pessoas inexperientes que as usavam para causar danos.

— E os jornais se apegam ao que é nocivo, não aos assombros do nosso movimento! Não, nunca a esses! Muitos espíritos, alguns dos quais foram os mesmos que celebraram os sucessos da pobre Srta. Dawes, lhe deram as costas quando ela mais precisou deles. Já ouvi dizer que a experiência a deixou amarga. Ela virou as costas para *nós*, mesmo para os que ainda são seus amigos!

Eu olhei para ele em silêncio. Ouvi-lo enaltecer Selina; dizer, respeitosamente, “Srta. Dawes”, “Srta. Selina Dawes”, em vez de “Dawes” ou “presa” ou “mulher”... bem, foi muito desconcertante. Uma coisa foi ouvir a história dos lábios dela, naquele mundo escuro das celas, tão diferente, eu percebo agora, de tudo com o que estou acostumada. Na verdade ninguém lá dentro — nem as detentas, nem as carcereiras, nem mesmo eu quando estou lá — parece concreto e real. Foi muito diferente ouvi-la ali, contada por um cavalheiro.

— E ela era mesmo tão bem-sucedida antes do julgamento? — eu perguntei, e ele juntou as mãos.

— Com certeza sim, suas sessões eram uma maravilha! Ela nunca foi tão famosa, é claro, quanto os melhores médiuns de Londres, como a Sra. Guppy, o Sr. Home, a Srta. Cook, Hackney...

Eu já tinha ouvido falar neles. O Sr. Home, eu sabia, tinha a fama de flutuar

através de janelas e de manejar carvão em brasa. A Sra. Guppy uma vez foi transportada de Highbury para Holborn.

— Transportada enquanto escrevia “cebolas” na sua lista de compras? — indaguei.

— Está sorrindo — disse o Sr. Hither. — A senhorita é igual a todo mundo. Quanto mais extraordinários os nossos poderes, mais gostam, porque então podem declarar que é tudo bobagem.

Contudo, manteve um olhar amável. Eu disse que talvez ele tivesse razão. Porém, os poderes de Selina Dawes normalmente não eram tão surpreendentes quanto os do Sr. Home e da Sra. Guppy, eram?

Ele deu de ombros e disse que sua definição de “surpreendente” podia ser muito diferente da minha. Enquanto falava, ele se aproximou de novo da estante e tirou outro volume de lá — *The Spiritualist* de novo, mas uma edição anterior. Ele levou alguns instantes para encontrar o trecho que queria, depois passou-o para mim, perguntando se era aquilo que eu chamaria de “surpreendente”.

O artigo mencionava uma sessão realizada por Selina em Holborn, na qual surgiram na escuridão sinos tocados por espíritos, e uma voz que murmurava através de um tubo de papel. Ele me entregou um segundo livro, com os exemplares de jornal, descrevendo um encontro particular em Clerkenwell em que mãos invisíveis jogaram flores e escreveram em giz num quadro. Um número anterior do mesmo jornal falava de um cavalheiro enlutado que tinha ficado atônito ao ver uma mensagem do mundo dos espíritos aparecer, com letras vermelhas, no braço de Selina...

Acho que este era o episódio que ela tinha me contado. Ela falara dele com orgulho, como um “tempo feliz”; mas seu orgulho tinha me deixado triste na hora, e a lembrança me deixou ainda mais triste. As flores e os tubos de papel, as palavras marcadas em sua carne — aquilo me parecia um espetáculo de mau gosto, mesmo que realizado por espíritos. Ela tinha se apresentado em Millbank como se fosse uma atriz, contemplando uma carreira fantástica. Por trás dos artigos de jornal, pude ver como era na realidade a carreira de uma borboleta ou mariposa, passada na casa de estranhos, mudando de forma inconstante de um bairro horrível para outro, executando truques espalhafatosos em troca de alguns trocados, como um espetáculo de música.

Eu pensei na tia, que a havia iniciado nessa carreira. Pensei na senhora que morreu, Sra. Brink. Eu não percebera que Selina tinha morado na casa da Sra. Brink até o Sr. Hither me contar.

— Ah, sim — disse. Explicou que o fato foi a principal causa das acusações contra Selina: — Acusações de falsidade e de violência, tão grosseiras. Na verdade a Sra. Brink a admirava muito, tinha dado um lar a ela, “foi uma verdadeira mãe”. Foi com os cuidados dela que os dons de Selina se desenvolveram. E na casa em Sydenham ela recebeu pela primeira vez o espírito de “Peter Ligeiro”.

Comentei que, no entanto, foi Peter Ligeiro quem assustou a Sra. Brink — tanto que ela morreu.

— Nós todos achamos isso muito estranho, um mistério que só os espíritos

podem explicar. Infelizmente, *eles* não foram chamados para falar em defesa da Srta. Dawes.

As palavras dele me intrigaram. Olhei para o primeiro jornal que ele tinha me dado, datado da mesma semana da prisão de Selina. Eu perguntei se ele tinha os números posteriores. Se os jornais noticiaram o julgamento, o veredicto, a ida dela para Millbank. Disse que sim e, após procurar por alguns instantes, achou os jornais e guardou os anteriores. Eu puxei uma cadeira para junto da mesa, colocando-a longe da mulher de luvas brancas, num ângulo em que não dava para ver os moldes dentro do armário. O Sr. Hither sorriu, fez uma reverência e saiu, e aproveitei para me sentar e ler. Eu tinha o meu caderno comigo, com frases copiadas das histórias da prisão no British Museum. Virei essas páginas e comecei a tomar notas sobre o julgamento de Selina.

Primeiro interrogam a Sra. Silvester, a americana, mãe da moça nervosa, amiga da Sra. Wallace.

— Quando a senhora conheceu Selina Dawes?

— Foi numa sessão espírita na casa da Sra. Brink, em julho. Diziam em Londres que era uma ótima médium, e quis vê-la pessoalmente.

— E qual foi sua opinião sobre ela?

— “Eu vi na mesma hora que ela era realmente muito inteligente. Ela também me pareceu recatada. Havia dois rapazes um tanto atrevidos na reunião, e eu achei que ela talvez tentasse flertar com eles. Mas ela não fez isso, e eu fiquei contente. Ela pareceu ser a moça educada que todos diziam que ela era. É claro que se não fosse assim eu não teria permitido nenhuma intimidade entre ela e minha filha.

— E qual foi seu objetivo ao encorajar esta intimidade?

— Foi puramente profissional, médico. Eu tinha esperança de que a Srta. Dawes pudesse ajudar a restaurar a saúde da minha filha, doente há muitos anos. A Srta. Dawes me convenceu de que seu estado tem origem numa doença espiritual e não física.

— E a Srta. Dawes atendeu sua filha na casa em Sydenham?

— Sim.

— Durante quanto tempo?

— Durante duas semanas. Minha filha sentava-se por uma hora, dois dias por semana, numa sala escura, com a Srta. Dawes.

— Ela ficava sozinha com a Srta. Dawes nessas ocasiões?

— Não. Minha filha tinha medo e eu a acompanhava.

— Qual o estado de saúde da sua filha nesse período de duas semanas de tratamento com a Srta. Dawes?

— Ela me pareceu melhor. Mas agora eu acho que a melhora foi resultado de uma excitação perniciosa por parte de minha filha, encorajada pelo tratamento da Srta. Dawes.

— Por que a senhora acha isso?

— Por causa das condições em que encontrei minha filha na noite em que a Sra. Dawes finalmente a maltratou.

— Essa foi a noite em que a Sra. Brink sofreu sua crise fatal? Isto é, 3 de agosto de 1873?

— Sim.

— E nessa noite, ao contrário do habitual, a senhora permitiu que sua filha visitasse a Srta. Dawes sozinha. Por quê?

— A Srta. Dawes me convenceu de que minha presença nas sessões estava atrapalhando o progresso de Madeleine. Alegou que eu atrapalhava certos canais que precisavam ser abertos entre ela e minha filha. Foi muito persuasiva e eu me deixei enganar.

— Bem, é claro que cabe aos cavalheiros aqui decidirem isso. O fato é que a senhora permitiu que a Srta. Silvester fosse sozinha para Sydenham.

— Sim. Estava acompanhada apenas da criada, e, é claro, do nosso cocheiro.

— E como estava a Srta. Silvester quando partiu para o encontro com a Srta. Dawes?

— Ela me pareceu nervosa. Eu agora acredito, como disse antes, que ela estava perniciosamente agitada pelas atenções da Srta. Dawes.

— Agitada de que maneira?

— Envaidecida. Minha filha é uma moça simples. A Srta. Dawes encorajou-a a acreditar que tinha dons de mediunidade. Explicou que a saúde dela iria melhorar quando esses dons comesçassem a ser desenvolvidos.

— A senhora acreditou que sua filha pudesse possuir esses dons?

— Estava preparada para acreditar em qualquer coisa que esclarecesse a doença dela.

— Bem, então sua fé nisso será considerada a seu favor.

— Espero que sim.

— Tenho certeza que sim. Bem, a senhora nos falou do estado de saúde da sua filha quando ela saiu para visitar a Srta. Dawes. Quando foi, Sra. Silvester, que tornou a ver sua filha?

— Só várias horas depois. Eu a estava esperando de volta às 21 horas e fiquei até às 22h30 sem ter notícias.

— O que a senhora pensou desse atraso?

— Eu estava louca de preocupação! Mandeí nosso criado num carro alugado para saber dela. Ele voltou depois de falar com a criada da minha filha; relatou que ela estava ferida e que eu tinha que ir para junto dela imediatamente. Foi o que fiz.

— E o que a senhora achou da casa quando chegou lá?

— Estava agitada, com criados correndo de um andar para outro e todas as luzes acesas.

— E em que condições encontrou sua filha?

— Ah! Eu a encontrei fora de si, com as roupas muito desarrumadas e marcas de violência no rosto e na garganta.

— E qual foi a reação dela ao ver a senhora?

— Não estava em seu juízo perfeito. Ela me empurrou e me xingou. Estava

contagiada por aquela charlatã, a Srta. Dawes!

— A senhora viu a Srta. Dawes?

— Sim.

— Como ela estava?

— Ela me pareceu confusa. Não sei dizer, tenho certeza de que ela estava representando. Contou que minha filha tinha sido maltratada pelo espírito de um homem; nunca tinha ouvido nada tão grotesco. E quando eu disse isso a ela, ficou agressiva. Mandou que eu calasse a boca, e depois chorou. Acusou minha filha de ser uma moça tola, e, graças a ela, ela tinha perdido tudo. Foi então que eu soube que a Sra. Brink havia tido um ataque e estava deitada no andar de cima. Acho que morreu mais ou menos nessa hora, enquanto eu estava cuidando da minha filha.

— A senhora tem certeza das palavras da Srta. Dawes? Tem certeza de que o que ela disse foi: *Eu perdi tudo*?

— Sim.

— E o que a senhora achou que ela quis dizer com isso?

— Na hora eu não achei nada. Eu estava nervosa demais com a saúde da minha filha. Agora, entretanto, eu compreendo muito bem. Ela quis dizer que Madeleine tinha frustrado suas ambições. Ela queria ficar amiga da minha filha e arrancar todo o dinheiro dela. E como ela poderia fazer isso com minha filha naquele estado e a Sra. Brink morta...?

Há pouca coisa mais, mas eu não copieei. O depoimento foi publicado numa edição do jornal; no exemplar da semana seguinte há um artigo sobre o interrogatório da moça, Srta. Madeleine Silvester. Tentaram interrogá-la três vezes, mas ela sempre caía em prantos. Eu não dou muita importância à Sra. Silvester, ela me faz lembrar da minha mãe. Entretanto, odeio a filha: ela me faz lembrar de mim mesma.

Li a descrição do interrogatório.

— O que a senhorita consegue lembrar dos acontecimentos daquela noite?

— Não sei ao certo. Não tenho certeza.

— A senhorita se lembra de ter saído de casa?

— Sim, senhor.

— E de ter chegado à casa da Sra. Brink?

— Sim, senhor.

— Qual foi a primeira coisa que aconteceu com a senhorita lá?

— Eu tomei chá numa sala junto com a Sra. Brink e a Srta. Dawes.

— E como estava a Sra. Brink? Parecia saudável?

— Oh, sim!

— A senhorita observou os modos dela em relação à Srta. Dawes? Eles lhe pareceram frios, antipáticos ou estranhos de alguma forma?

— Eram muito amigáveis. Estavam sentadas muito perto uma da outra e, às vezes, a Sra. Brink segurava a mão da Srta. Dawes ou tocava seu rosto ou seu cabelo.

— E a senhorita se lembra de alguma coisa dita pela Sra. Brink ou pela Srta.

Dawes?

— A Sra. Brink me disse que eu devia estar animada; eu confirmei. Observou que eu era uma garota de sorte, por ter a Srta. Dawes como mentora. Então a Srta. Dawes disse que estava na hora da Sra. Brink nos deixar a sós. E a Sra. Brink saiu.

— A Sra. Brink deixou a senhorita sozinha com a Srta. Dawes? O que aconteceu?

— A Srta. Dawes me levou para a sala onde costumávamos ter as sessões, aquela que tem a cabine.

— É a sala na qual a Srta. Dawes realizava os encontros, as chamadas sessões espíritas?

— Sim.

— E a cabine é o espaço fechado onde a Srta. Dawes se sentava quando ficava em transe?

— Sim.

— O que houve em seguida, Srta. Silvester? [*Testemunha hesita.*]

— A Srta. Dawes sentou-se perto de mim e segurou minhas mãos, avisou que precisava se preparar. Ela foi até a cabine e quando saiu, tinha tirado o vestido e estava apenas de combinação. Nesse momento, explicou que eu devia fazer o mesmo, só que não na cabine, mas ali, na frente dela.

— Ela pediu para a senhorita tirar o vestido? Por que acha que ela fez isso?

— Explicou que era para o desenvolvimento do trabalho.

— A senhorita tirou o vestido? É preciso que nos diga a verdade, sem se importar com os cavalheiros.

— Sim, eu tirei. Isto é, a Srta. Dawes o tirou, porque minha criada estava em outra sala.

— A Srta. Dawes também pediu que a senhorita tirasse alguma joia?

— O broche, porque ele estava preso na roupa de baixo e eu não poderia tirar o vestido sem rasgá-la.

— O que foi que ela fez com o broche?

— Eu não me lembro. Minha criada, Lupin, o apanhou para mim, mais tarde.

— Muito bem. Agora, me diga. Depois que a Srta. Dawes a convenceu a tirar o vestido, como se sentiu?

— Esquisita a princípio, mas então percebi que não me importava. A noite estava tão quente e a Srta. Dawes tinha trancado a porta.

— A sala estava iluminada ou escura?

— Não estava escura, mas também não estava muito iluminada.

— A senhorita podia ver a Srta. Dawes claramente?

— Ah, sim.

— E o que aconteceu em seguida?

— A Srta. Dawes tornou a segurar minhas mãos, depois começou a dizer que um espírito estava chegando.

— Como a senhorita se sentiu ao ouvir isso?

— Eu fiquei com medo. A Srta. Dawes assegurou que eu não precisava temer, porque o espírito era apenas Peter.

— Quer dizer, o espírito supostamente chamado Peter Ligeiro?

— Sim. Ela disse que era apenas Peter, que o tinha visto antes na sessão espírita e ele só queria vir para ajudar no meu progresso.

— A senhorita ficou menos assustada, então?

— Não, eu fiquei mais assustada. Eu fechei os olhos. A Srta. Dawes disse “Veja, Madeleine, ele está aqui”, e eu ouvi um som como se houvesse alguém na sala, mas não olhei, tive medo.

— Tem certeza de que ouviu outra pessoa lá dentro?

— Acho que sim.

— O que aconteceu então?

— Não sei ao certo. Estava tão assustada que comecei a chorar. De repente ouvi Peter Ligeiro dizer “Por que você está chorando?”.

— Tem certeza de que foi outra voz que disse isso, e não a da Srta. Dawes?

— Acho que sim.

— Em algum momento a Srta. Dawes e essa outra pessoa falaram juntas, ao mesmo tempo?

— Não sei dizer. Sinto muito.

— Não precisa se desculpar, Srta. Silvester, é muito corajosa. Diga-nos o que aconteceu em seguida, a senhorita se lembra?

— Eu lembro, senhor, que alguém pôs a mão em mim e essa mão era muito áspera e fria. [*Testemunha chora.*]

— Muito bem, Srta. Silvester, está indo muito bem. Faltam só mais algumas perguntas. A senhorita pode respondê-las?

— Eu vou tentar.

— Ótimo. A senhorita sentiu uma mão tocá-la. Onde?

— No meu braço, senhor, acima do cotovelo.

— A Srta. Dawes alega que neste momento a senhorita começou a chorar. Lembra-se disso?

— Não, senhor.

A Srta. Dawes diz que a senhorita teve uma espécie de ataque e que ela tentou acalmá-la e que, ao tentar, foi obrigada a segurá-la tom força. A senhorita se lembra disso?

— Não, senhor.

— Do que se lembra?

— Eu não me lembro de nada, senhor, até a Sra. Brink chegar e abrir a porta.

— A Sra. Brink veio. Como sabe que era ela? A senhorita estava de olhos abertos?

— Não, eu ainda estava de olhos fechados, porque estava com medo. Mas eu soube que era a Sra. Brink porque a ouvi chamando da porta, depois a porta foi aberta e tornei a ouvir a voz da Sra. Brink, bem perto de mim.

— Sua criada já nos contou que nessa altura ela a ouvia gritando. Que

gritou, “Sra. Brink, Sra. Brink, eles vão me matar!” A senhorita se lembra de ter gritado isso?

— Não, senhor.

— Tem certeza de que não se lembra de gritar nem de dizer essas palavras?

— Não tenho certeza, senhor.

— A senhorita consegue imaginar por que teria dito uma coisa dessas?

— Não senhor. Só que tive muito medo de Peter Ligeiro.

— Teve medo porque achou que ele ia machucá-la?

— Não senhor, tive medo porque ele era um espírito.

— Entendo. Bem, pode nos dizer agora o que aconteceu quando ouviu a Sra. Brink na porta? Pode nos dizer o que ela falou?

— Ela disse “Oh, Srta. Dawes”, e então continuou, “Oh”. Em seguida, eu a ouvi chamar por sua mãe, e sua voz me pareceu esquisita.

— Esquisita como?

— Muito alta e aguda. Logo depois, eu a ouvi cair.

— O que aconteceu então?

— Acho que a criada da Srta. Dawes entrou e ela pediu para a empregada ajudá-la com a Sra. Brink.

— E seus olhos estavam abertos então, ou ainda estavam fechados?

— Eu os abri nessa hora.

— Havia sinal de algum tipo de espírito na sala?

— Não.

— Havia alguma coisa na sala que não estivesse lá antes da senhorita fechar os olhos, por exemplo, alguma peça de roupa?

— Acho que não.

— E o que aconteceu em seguida?

— Eu tentei pôr o meu vestido, e após alguns instantes minha criada, Lupin, entrou. Quando me viu, ela começou a chorar, e isso me fez chorar de novo. Então a Srta. Dawes disse que devíamos ficar quietas e ajudá-la com a Sra. Brink.

— A Sra. Brink tinha caído no chão?

— Sim, e a Srta. Dawes e a criada dela estavam tentando erguê-la.

— A senhorita ajudou, como ela tinha pedido?

— Não, senhor, Lupin não deixou. Ela me levou para baixo e foi buscar um copo d’água para mim. Depois eu não me lembro de mais nada até a chegada da minha mãe.

— A senhorita se lembra de falar com sua mãe quando ela chegou?

— Não, senhor.

— Não se lembra de ter dito nada indelicado para a sua mãe? Não se lembra de ter sido encorajada pela Srta. Dawes a fazer grosserias?

— Não, senhor.

— A senhorita tornou a ver a Srta. Dawes antes de sair?

— Eu a vi falando com minha mãe.

— Como lhe pareceu?

— Ela estava chorando.

Outras testemunhas foram interrogadas — criados, o policial chamado pela Sra. Silvester, o médico que atendeu a Sra. Brink, amigos da casa; mas o jornal não tem espaço para registrar todos os testemunhos, e o depoimento seguinte é o da própria Selina. Hesitei um pouco antes de lê-lo, e a imaginei sendo conduzida pelo sombrio tribunal. O cabelo dela, eu acho, devia estar lindo e brilhante, e todos os cavalheiros ao redor vestiam terno preto. Acho que o rosto dela devia estar muito pálido. Ela “se comportou com coragem”, segundo *The Spiritualist*. Relata que o tribunal estava cheio de gente que foi assistir ao depoimento dela; e a voz de Dawes era baixa e um pouco trêmula às vezes.

Foi interrogada primeiro por seu próprio advogado, Cedric Williams, em seguida pelo promotor, Sr. Locke — Sr. Halford Locke que jantou certa vez em Cheyne Walk e meu irmão considera um homem muito fino.

— Srta. Dawes, morou na casa da Sra. Brink durante quase um ano. Correto? — questionou o Sr. Locke.

— Sim.

— Que posição a senhorita ocupava lá?

— Eu era hóspede da Sra. Brink.

— Não pagava aluguel à Sra. Brink?

— Não.

— Onde morava antes de se mudar para a casa da Sra. Brink?

— Em um quarto de hotel em Holborn, na Lamb's Conduit Street.

— Quanto tempo a senhorita pretendia ficar como hóspede da Sra. Brink?

— Não pensava nesse assunto.

— A senhorita não tinha nenhum projeto para o futuro?

— Eu sabia que os espíritos iam me guiar.

— Entendo. Foram os espíritos que a conduziram à Sra. Brink?

— Sim. A Sra. Brink me procurou no hotel em Holborn e foi levada a me convidar a atendê-la em sua própria casa.

— Realizava sessões espíritas com a Sra. Brink, em particular?

— Sim.

— E continuou a realizar sessões espíritas para clientes pagantes, na casa da Sra. Brink?

— A princípio não. Mais tarde, os espíritos me disseram que eu deveria fazer isso. Mas eu nunca obriguei meus clientes a pagar nada.

— Mas a senhorita realizou sessões; e seus clientes costumavam lhe deixar quantias de dinheiro depois da realização desses serviços?

— Sim, se quisessem.

— Qual a natureza dos serviços que prestava a eles?

— Eu consultava os espíritos em nome deles.

— Como? A senhorita entrava em transe?

— Normalmente sim.

— E o que acontecia então?

— Bem, eu só podia saber depois, por intermédio de meus clientes. Mas

geralmente um espírito falava através de mim.

— E geralmente um “espírito” aparecia?

— Sim.

— É verdade que a maioria dos seus clientes eram senhoras e moças?

— Eu era visitada tanto por cavalheiros quanto por damas.

— A senhorita recebia cavalheiros privadamente?

— Não, nunca. Eu só recebia cavalheiros nas sessões espíritas, quando também havia damas presentes.

— Mas a senhorita recebia damas individualmente, para consultas privadas com os espíritos e para orientação espiritual?

— Sim.

— Essas sessões privadas a colocavam em posição, eu diria, de exercer considerável influência sobre suas clientes?

— Bem, elas vinham justamente para que eu as influenciasse.

— E qual era, Srta. Dawes, a natureza dessa influência?

— Como assim?

— A senhorita diria que era de natureza saudável ou doentia?

— Saudável e muito espiritual.

— E algumas damas achavam esta influência benéfica para o alívio de certas indisposições e queixas. A Srta. Silvester era, de fato, uma delas.

— Sim. Muitas moças me procuravam com sintomas iguais aos dela.

— Sintomas tais como...?

— Tais como fraqueza, nervosismo e dores.

— E o seu tratamento, como era? [*Testemunha hesita.*] Era homeopático? Mesmérico? Galvânico?

— Era espiritual. Verifiquei que damas com os mesmos sintomas que a Srta. Silvester eram normalmente sensitivas, eram videntes, mas precisavam desenvolver seus poderes.

— Esse era o serviço que a senhorita oferecia?

— Sim.

— E englobava o quê? Massagem? Purificação?

— Havia um certo contato manual.

— Massagem e purificação.

— Sim.

— Para isso suas clientes tinham que tirar certas peças de roupa?

— Às vezes. Os vestidos são normalmente incômodos. Eu acho que qualquer médico pede às pacientes que façam o mesmo.

— Entretanto, os médicos, eu espero, não tiram as próprias roupas. [*Risos.*]

— A medicina espiritual e a comum exigem condições diferentes.

— Ainda bem. Deixe-me perguntar-lhe uma coisa, Srta. Dawes: muitas de suas clientes, quer dizer, aquelas que a procuravam para purificação espiritual, muitas delas eram ricas?

— Bem, algumas eram.

— Eu diria que todas elas eram, não? A senhorita não levaria para a casa da

Sra. Brink uma mulher que não fosse uma dama?

— Bem, não, eu não faria isso.

— E Madeleine Silvester, é claro que a senhorita sabia, era uma moça muito rica. Foi por esse motivo, não foi, que quis se tornar amiga dela?

— Não, de jeito nenhum. Eu tive pena dela e quis ajudá-la a melhorar.

— Suponho que a senhorita tenha ajudado muitas damas a melhorar, não?

— Sim.

— Pode nos dar os nomes delas? [*Testemunha hesita.*]

— Acho que isso não seria apropriado. Trata-se de algo particular.

— Acho que tem razão, Srta. Dawes. Trata-se de algo muito particular. Tão particular, na verdade, que meu amigo Sr. Williams não consegue encontrar uma única dama que queira testemunhar diante desta corte acerca da eficácia dos seus dons. Não acha isso curioso? [*Testemunha não responde.*] — Qual é o tamanho da casa da Sra. Brink em Sydenham, Srta. Dawes? Quantos cômodos ela tem?

— Acho que nove ou dez.

— Ela tem 13, eu acho. Quantos cômodos havia à sua disposição no hotel em Holborn?

— Um, senhor.

— E qual a natureza do seu relacionamento com a Sra. Brink?

— Como assim?

— Era profissional? Afetuoso?

— Era afetuoso. A Sra. Brink era viúva e não tinha filhos. Eu sou órfã.

Havia uma afeição entre nós.

— Ela a considerava, talvez, uma espécie de filha?

— Bem, talvez.

— A senhorita sabia que ela sofria do coração?

— Não.

— Ela nunca conversou sobre isso com a senhorita?

— Não.

— Ela alguma vez conversou com a senhorita a respeito de como planejava dispor dos seus bens depois de sua morte?

— Não, nunca.

— Passava muitas horas a sós com a Sra. Brink, eu suponho?

— Sim. Algumas horas.

— A criada dela, Jennifer Wilson, declarou que a senhorita tinha o costume de passar uma hora ou mais a sós com a Sra. Brink toda noite, no quarto dela.

— Era nessa hora que eu consultava os espíritos para ela.

— A senhorita e a Sra. Brink passavam uma hora a sós toda noite consultando espíritos?

— Sim.

— Consultando algum em particular, talvez? [*Testemunha hesita.*]

— Sim.

— Sobre que assunto os consultava?

— Não posso dizer. Era um assunto particular da Sra. Brink.

— O espírito não falou nada sobre doenças cardíacas, ou testamentos?
[Risos.]

— Não, nada.

— O que quis dizer quando declarou à Sra. Silvester, na noite em que a Sra. Brink morreu, que Madeleine Silvester era “uma moça tola, e graças a ela a senhorita tinha perdido tudo”?

— Eu não me lembro de ter dito isso.

— A senhorita está insinuando com isso que a Sra. Silvester mentiu para o tribunal?

— Não, só estou dizendo que não me lembro de ter dito isso. Eu estava muito nervosa, porque achei que a Sra. Brink poderia morrer; e acho que é muito duro de sua parte insistir nesse assunto agora.

— Foi terrível para a senhorita pensar que a Sra. Brink poderia morrer?

— É claro.

— Por que ela morreu?

— O coração dela estava fraco.

— Mas a Srta. Silvester afirmou aqui que a Sra. Brink parecia muito saudável e calma apenas duas ou três horas antes de morrer. Parece que foi ao abrir a porta do seu quarto que ela se sentiu mal. O que foi que a assustou tanto?

— Ela viu a Srta. Silvester tendo um ataque. Viu um espírito maltratando-a.

— Ela não viu a senhorita, disfarçada de espírito?

— Não. Viu Peter Ligeiro e isso a deixou nervosa.

— Ela viu o Sr. Ligeiro, ou melhor, o Sr. Espírito Explosivo, talvez devêssemos chamá-lo assim. Este é o Sr. Ligeiro que a senhorita tinha o hábito de “materializar” nas sessões espíritas?

— Sim.

— Que a senhorita de fato “materializava” na noites de segunda-feira, de quarta-feira e de sexta-feira e em outras ocasiões, para moças solteiras em sessões privadas num período de seis meses, de fevereiro deste ano até a noite da morte da Sra. Brink?

— Sim.

— A senhorita poderia “materializar” o Sr. Ligeiro para nós agora, Srta. Dawes? [Testemunha hesita.]

— Não tenho o equipamento apropriado.

— Do que precisa?

— Eu precisaria de uma cabine. A sala teria que ser escurecida... não, não posso fazer isso.

— Não pode fazer?

— Não.

— O Sr. Ligeiro é muito tímido, então. Ou será que tem medo de ser acusado no seu lugar?

— Ele não poderia aparecer num lugar em que a atmosfera é tão antiespiritual e hostil. Nenhum espírito poderia.

— Isso é uma pena, Srta. Dawes. Pois, o fato é que, sem o Sr. Ligeiro para

falar em sua defesa, as evidências são muito graves. Uma mãe confia a filha de saúde delicada aos seus cuidados, a senhorita a deixa angustiada e a maltrata de tal forma que, ao ver suas mãos sobre ela, sua benfeitora, Sra. Brink, tem um ataque e logo depois morre.

— O senhor entendeu tudo errado. Quem assustou a Srta. Silvester foi Peter Ligeiro. Ela mesma disse isso aqui!

— Ela nos disse o que achou que aconteceu, sob sua influência. Acho que ela ficou muito amedrontada... tão amedrontada, de fato, que gritou que a senhorita ia matá-la! Ora, isso foi um problema, não foi? Acho que faria qualquer coisa para silenciar esses gritos que atrairiam a Sra. Brink e iriam expor a senhorita fantasiada como o espírito com o qual a tinha enganado. Mas a Sra. Brink acudiu assim mesmo. E que visão teve, pobre senhora! Uma visão tão terrível que partiu seu coração, que a fez chamar, em desespero, pela própria mãe! Ela se lembrou, talvez, de que “Peter Ligeiro” tinha aparecido para ela, noite após noite; ela se lembrou, talvez, do modo como ele tinha falado sobre a senhorita, do quanto ele a tinha elogiado, dizendo que a senhorita era a filha que ela nunca tivera, de que ele a tinha feito dar presentes e dinheiro para a senhorita.

— Não! Não é verdade! Eu nunca trouxe Peter Ligeiro para a Sra. Brink. E o que ela me deu foi porque quis, porque gostava de mim.

— Talvez tenha pensado em todas as damas que consultaram a senhorita. Em como a senhorita as tornou suas amigas, em como elas a tinham bajulado e em como a senhorita provocou nelas, nas palavras da Sra. Silvester, uma “excitação doentia”. Como extraiu delas presentes, dinheiro e favores.

— Não, não, isso não é verdade!

— Eu digo que é verdade. De que maneira, então, pode explicar «eu interesse por uma moça como Madeleine Silvester, uma garota mais moça do que a senhorita e de status social muito superior; uma menina rica e de pouca saúde; frágil e vulnerável? Qual era o seu objetivo, senão um interesse mercenário?

— Um interesse elevado, puro e de natureza unicamente espiritual: um desejo de ajudar a Srta. Silvester a conhecer seus dons de clarividência.

— Só isso?

— Sim! Que outro motivo haveria?

Nesse momento, o público na galeria grita e vai. É verdade o que Selina me contou em Millbank: a imprensa a torna uma espécie de heroína a princípio, depois, com o desenrolar do julgamento, a simpatia por ela vai diminuindo. “Por que não há nenhuma dama que deseje relatar suas experiências com os métodos da Srta. Dawes?”, questiona o jornal com certa indignação; pergunta que, entretanto, soa muito diferente quando repetida depois do interrogatório feito pelo Sr. Locke. Depois vem o depoimento de um Sr. Vincy, proprietário do hotel onde Selina morava, em Holborn. “Eu sempre achei a Srta. Dawes uma moça muito ardilosa”, acusa o sujeito, que também a chama de “astuciosa”, “provocadora de ciúmes” e “dada a ataques de raiva...”

Finalmente, há um quadrinho, reproduzido das páginas do *Punch*. Mostra uma médium de rosto astuto tirando um colar de pérolas do pescoço de uma

jovem muito tímida. “Também preciso tirar as pérolas?”, pergunta a moça tímida. A charge tem como título “Influências não magnéticas”. Foi desenhada, talvez, enquanto Selina recebia o veredicto ou estava sendo levada, com as mãos algemadas, para a prisão, ou quando estava sentada, tremendo, com o cabelo sendo cortado pela Srta. Ridley.

Não me agradou vê-la. Em consequência, ergui os olhos e, ao fazer isso, atraí a atenção da senhora sentada no canto na outra mesa.

Ela tinha ficado lá, de cabeça baixa sobre *Odic Power* enquanto eu tomava notas. Acho que tínhamos ficado ali, juntas, por duas horas e meia, sem que eu a notasse. Agora, vendo-me levantar os olhos, ela sorriu. Comentou que nunca tinha visto uma dama tão concentrada! Acreditava que havia uma aura naquela sala que estimulava o aprendizado.

— Mas acho — ela fez sinal para o livro diante de mim — que a senhorita estava lendo sobre a pobre Srta. Dawes. Que história! Pretende ajudá-la? Eu frequentei muito as sessões dela.

Olhei para ela e quase ri. De repente, tive a sensação de que se eu fosse até a rua e mencionasse o nome “Selina Dawes” todo mundo teria alguma coisa para me contar a respeito, alguma história trancafiada fora dos portões de Millbank.

Ah, sim, disse a senhora, ao ver minha expressão. Sim, ela tinha ido às sessões em Sydenham. Tinha visto muitas vezes a Srta. Dawes em transe e também “Peter Ligeiro” — tinha até sentido a mão dele agarrar a dela, e sentido o beijo dele em seus dedos!

— A Srta. Dawes era uma moça muito gentil — afirmou. — Era impossível não admirá-la. A Sra. Brink a trazia para nós e ela estava sempre com um vestido simples e com o cabelo dourado solto. Ela se sentava conosco e nos fazia rezar um pouco; e antes mesmo da prece terminar, já tinha entrado em transe. Ela fazia isso com tanta naturalidade que mal se notava. Só dava para perceber quando ela começava a falar, porque aí a voz não era mais a da senhorita, e sim de um espírito...

Contou que tinha ouvido a própria avó falar através de Selina pedindo para ela não ficar triste; e que a amava.

Eu perguntei se ela trazia mensagens assim para todos os presentes.

— Sim, até as vozes ficarem fracas, ou altas demais. Às vezes, os espíritos se amontoavam em volta dela e, a senhorita sabe, nem sempre eles são educados! Isso a deixava cansada. Até que Peter Ligeiro aparecia, para afugentar os espíritos, só que ele, é claro, às vezes era tão grosseiro quanto eles. A Srta. Dawes dizia que precisávamos levá-la bem depressa para a cabine; que Peter estava chegando e ia sugar toda a energia dela se não a colocássemos imediatamente lá!

Ela se referia à “cabine” como se falasse do próprio pé, ou do rosto nu do dedo. Quando indaguei, ela respondeu, surpresa:

— Ah! Mas todo médium tem sua cabine, o lugar onde invoca os espíritos! — explicou que os espíritos não vinham para a claridade porque esta o machucava. Já tinha visto cabines feitas especialmente para isso, de madeira, com trancas, mas que a de Selina constava apenas um par de cortinas pesadas,

penduradas na frente de um biombo, numa reentrância da parede. Selina ficava entre as cortinas e o biombo; e quando estava sentada ali no escuro é que Peter Ligeiro vinha.

— Como é que ele vinha? — perguntei.

Dava para adivinhar quando ele chegava, porque Selina gritava.

— Essa parte não era agradável, porque ela tinha que fornecer matéria para ele usar, e era doloroso para ela; e eu acho que, em sua ansiedade, ele era bruto com ela. Ele sempre foi um espírito grosseiro, sabe, mesmo antes da morte da pobre Sra. Brink...

Relatou que ele chegava e Selina gritava; nesse momento ele aparecia na frente da cortina. No início, era um pouco maior do que uma bola de vapor. Mas a bola *crescia*, sacudia e se expandia até ficar da altura da cortina; e, aos poucos, tomava a aparência de um homem. Finalmente, virava mesmo um homem, de suíças, fazendo uma reverência para as pessoas e gesticulando.

— Era a coisa mais estranha do mundo, e eu o vi muitas vezes. Ele sempre começava, então, a falar sobre espiritismo. Anunciava a chegada de um novo tempo, quando muitas pessoas iriam saber que o espiritismo é verdadeiro, e os espíritos andariam pelas ruas em plena luz do dia; era o que afirmava. No entanto, bem, ele era travesso. Começava com seu discurso, mas logo se cansava. Aí ele corria os olhos pela sala. Havia uma pequena luz, fosforescente, que os espíritos conseguem suportar. Dava para vê-lo olhando em volta. A senhorita sabe o que ele estava procurando? A moça mais bonita! Quando a encontrava, chegava bem pertinho dela e perguntava se ela gostaria de passear com ele por uma rua de Londres. Em seguida, ele a puxava e os dois andavam ao redor da sala; e por fim, ele a beijava. — Revelou que ele estava sempre beijando, trazendo presentes ou provocando as garotas. — Ele não ligava para os cavalheiros. Já o tinha visto beliscar um rapaz ou puxar sua barba. Uma vez, ela o viu dar um soco no nariz de um moço, com tanta força que sangrou.

Ela riu e ficou vermelha. Contou que Peter Ligeiro continuava assim por uma meia hora; até que se cansava. Voltava para junto das cortinas da cabine e, assim como tinha *crescido*, começava a *encolher*. Até só restar uma coisa brilhante no chão, que ia esmaecendo até sumir.

— Nessa hora, a Srta. Dawes tornava a gritar. Em seguida havia um silêncio. Ouviam-se algumas batidas, para nos dizer para abrir as cortinas; então um de nós ia até lá e desamarrava a Srta. Dawes, e a trazia para fora...

Indaguei, *desamarrava*? Ela tornou a ficar vermelha e explicou:

— A Srta. Dawes fazia questão. Acho que não nos importáramos se ela ficasse solta, ou, talvez, com uma simples fita ao redor da cintura, para prendê-la na cadeira. Porém, argumentava que tinha que fornecer provas tanto para os crentes quanto para os descrentes, e preferia ser bem amarrada no início de cada demonstração. Ela nunca deixou que um cavalheiro fizesse isso; era sempre uma dama que amarrava as cordas; era sempre levada, revistada e amarrada por uma dama...

Declarou que os pulsos e os tornozelos de Selina eram amarrados à cadeira,

e depois os nós cobertos com cera; ou então, os braços ficavam presos atrás e suas mangas costuradas no vestido. Uma tira de seda era colocada nos olhos e outra em sua boca, e às vezes um chumaço de algodão era enfiado em sua orelha — o mais comum era prender “uma pequena coleira de veludo” em seu pescoço, e uma corda era amarrada na fivela da coleira e uma das damas ficava segurando a ponta do lado de fora da cortina.

— Quando Peter chegava, a corda era um pouco repuxada; quando íamos buscá-la, depois, todas as amarras estavam bem presas e a cera intacta. Ela sempre estava muito fraca e cansada. Nós tínhamos que levá-la até o sofá e lhe dar um pouco de vinho, e a Sra. Brink aquecia as mãos de Selina. Às vezes, uma ou duas moças iam se sentar ao lado da Srta. Dawes... mas eu nunca fiz isso. Sempre achava que já a tínhamos cansado demais.

Durante a narrativa, ela fazia pequenos gestos com as mãos, mostrando onde Selina tinha as cordas amarradas, como se sentava, o jeito que a Sra. Brink esfregava as mãos dela. No fim, eu tive que virar a cadeira e desviar os olhos, porque seus gestos estavam me deixando tonta. Pensei no meu medalhão, em Stephen e na Sra. Wallace, e no modo como eu tinha descoberto aquela sala de leitura. Fora mesmo por acaso e, no entanto, descobri tanto sobre Selina ali... Não achei mais graça naquilo, apenas estranhei. Ouvi a mulher se levantar e vestir o casaco, mas mantive os olhos afastados dela. Quando veio guardar o livro na estante, ela se aproximou de mim e, ao ver a página que eu estava lendo, fez um sinal de reprovação.

— Fizeram esse desenho da Srta. Dawes — disse, indicando a caricatura da médium —, mas ninguém que a visse poderia desenhá-la desse jeito. A senhorita já a viu? Tem um rosto de anjo. — Ela se inclinou, virou as páginas até encontrar outro retrato — ou melhor, dois retratos, publicados um mês antes da prisão de Selina. — Olhe aqui — disse. Ficou um instante parada enquanto eu os observava e depois foi embora.

Os retratos estavam um ao lado do outro na página. O primeiro era uma impressão de uma foto datada de 1872, que mostrava Selina aos 17 anos. Ela era bem cheinha, com sobrancelhas escuras e bem-feitas: usava um vestido de gola alta, talvez de tafetá, com pingentes nas orelhas e no pescoço. O cabelo está penteado de forma elaborada; mas se pode ver, mesmo assim, que é louro, cheio e muito bonito. Ela não se parece nada com a *Veritas* de Crivelli. Eu diria que ela nunca foi carrancuda antes de ser mandada para Millbank.

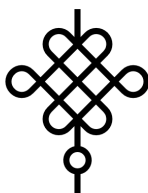
O outro retrato seria cômico se não fosse tão esquisito. É um desenho feito a lápis por um artista espírita, de um busto de Peter Ligeiro do jeito que aparecia nas sessões da casa da Sra. Brink. Usava um pano branco sobre os ombros e um capuz branco na cabeça. O rosto é pálido, as suíças grossas e muito escuras; assim como as sobrancelhas, os cílios e os olhos. Foi desenhado de perfil, virado para o retrato de Selina — parecendo olhar para ela, como se a forçasse também a fitá-lo.

Foi o que me pareceu naquela tarde; depois que a senhora saiu, analisei os retratos até a tinta tremer e eu ter a impressão de que os dois rostos se agitavam.

Enquanto os observava, lembrei do molde de cera da mão de Peter Ligeiro. Eu pensei: “E se aquilo também estiver se mexendo?” Eu imaginei que poderia me virar e ver a mão se mexer, de encontro ao vidro do armário, com um dos dedos chamando.

Eu não me virei; mas fiquei ali sentada mais um pouco. E fitei os olhos escuros de Peter Ligeiro. Eles pareciam... que coisa mais estranha! Pareciam *familiares*, como se eu já os tivesse fitado, talvez em sonhos.

9 DE DEZEMBRO DE 1872



A SRA. BRINK ME ACONSELHOU A nunca me levantar antes das 10 horas. Ela diz que devemos preservar meus poderes e torná-los mais fortes. Ela cedeu sua criada, Ruth, para cuidar exclusivamente de mim e contratou outra moça, chamada Jenny, para si mesma. Para a Sra. Brink, seu conforto em nada se compara ao meu. Ruth me traz o café da manhã e cuida da minha roupa, e se eu deixo cair o guardanapo, um par de meias ou qualquer outra coisa, ela apanha, e se eu digo “Obrigada” ela sorri e diz “A senhorita não precisa me agradecer.” Ela é mais velha do que eu. Contou que veio para a casa quando o marido da Sra. Brink morreu há seis anos. Esta manhã, perguntei:

— A Sra. Brink já trouxe muitos médiuns para cá desde então?

— Já trouxe milhares, senhorita! Todos tentando materializar um pobre espírito. Mas eram todos desonestos. Nós vimos logo. Percebemos seus truques. A senhorita deve entender como uma criada se sente em relação à patroa. Eu preferia partir meu coração dez vezes a ver um fio de cabelo da minha patroa ser arrancado por uma pessoa assim. — Fez o comentário enquanto me ajudava a pôr o vestido, de frente para o espelho. Todos os meus vestidos novos fecham atrás e eu preciso dela para abotoá-los.

Depois que eu me visto, geralmente desço para junto da Sra. Brink e ficamos conversando por uma hora, ou ela me leva para fazer compras, ou para o jardim do Palácio de Cristal. Às vezes suas amigas vêm para uma sessão. Elas me veem e dizem:

— Ah, mas como você é jovem! É mais nova do que a minha filha. — Mas depois da sessão elas seguram minha mão, encantadas. A Sra. Brink revelou a todos os seus conhecidos que eu estou morando com ela, e que sou muito especial, mas eu acho que ela deve ter dito o mesmo a respeito de muitos médiuns.

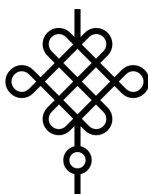
— Pode ver se tem algum espírito perto de mim agora, Srta. Dawes? Pode perguntar se ele tem alguma mensagem para mim? — as pessoas perguntam. Venho fazendo isso há cinco anos, já faço de cor. Mas quando me veem fazendo isso com um vestido bonito, na sala elegante da Sra. Brink, ficam impressionadas. Eu as ouço dizer baixinho para a Sra. Brink, “Ah, Margery, como ela é talentosa!

Pode levá-la à minha casa? Será que ela pode promover uma sessão numa das minhas festas?”

Entretanto, a Sra. Brink argumenta que jamais permitiria que eu desperdiçasse os meus dons em reuniões desse tipo. Aleguei que ela precisa deixar que eu use meus poderes para ajudar outros além dela, uma vez que foi para isso que eu recebi os dons, e ela sempre responde:

— É claro. Sei disso. Eu vou fazer isso, com o tempo. Mas agora que eu tenho você, quero guardá-la só para mim. Vai me achar muito egoísta se eu fizer isso, só mais um pouco? — Sendo assim, suas amigas vêm à tarde, mas nunca à noite, reservada para nós duas. Ela só deixa Ruth entrar, às vezes, para trazer vinho e biscoitos se eu ficar muito fraca.

28 DE OUTUBRO DE 1874



VISITA A MILLBANK. FAZ APENAS UMA semana desde minha última visita, mas a atmosfera da prisão mudou, como se acompanhasse a estação, e o lugar está mais escuro e triste do que nunca. As torres parecem mais altas e mais largas, e as janelas menores; até o odor parece ter mudado desde a última vez em que estive lá — o chão cheira a nevoeiro, a fumaça de chaminé e vara de bambu, as alas fedem a excrementos, corpos, cabelos e bocas sujas, mas também a gás, mofo e doença. Enormes aquecedores pretos deixam os corredores muito abafados. As celas, entretanto, continuam tão frias que as paredes ficam úmidas com a condensação do ar, o limo sobre elas parecendo uma espécie de coalhada que mancha de branco as saias das mulheres. Em consequência disso, há mais gente tossindo nas alas, e muitos rostos aflitos e corpos trêmulos.

O prédio foi tomado por uma escuridão com a qual não estou acostumada. Os lampiões passaram a ser acesos às 16 horas, e com as janelas altas e estreitas, negras contra o céu, com os ladrilhos cobertos de areia iluminados por poças de luz trêmula, as celas sombrias, as mulheres curvadas lá dentro, como duendes, sobre suas costuras ou seu couro, as alas parecem mais terríveis e mais medievais. Até as carcereiras parecem afetadas pela recente escuridão. Caminham pelos corredores com passos mais leves, as mãos e os rostos amarelos por causa da luz dos lampiões, os mantos pretos como sombras sobre os vestidos.

Hoje, elas me levaram à sala de visitas das presas, onde as detentas recebem amigos, maridos e filhos. Acho que foi o lugar mais horrível que já vi. Chamam aquilo de sala, mas não é; parece mais uma espécie de curral, porque é feito de uma série de nichos estreitos, enfileirados, de cada lado de um longo corredor. Quando uma presa recebe uma visita em Millbank, a carcereira a conduz a um dos nichos nos quais estão fixadas ampulhetas cujo sal começa a escorrer a partir do início da visita. Diante do rosto da presa há uma abertura com grades e bem na frente, do outro lado do corredor, outra abertura, com uma tela. É nela que fica o visitante e lá há outra ampulheta.

O corredor entre os nichos tem cerca de 2 metros de largura e é vigiado o tempo todo por uma agente penitenciária para garantir que nada seja passado de um espaço para outro. A presa e o visitante são obrigados a erguer a voz um

pouco para serem ouvidos — às vezes o barulho é insuportável. Outras vezes, a detenta tem de gritar tanto que todo mundo escuta o que ela diz. O sal na ampolheta cai durante 15 minutos, e, quando termina, a visita tem que ir embora e a mulher volta para a cela.

Uma presa em Millbank pode receber amigos e familiares *quatro vezes por ano*.

— E eles não podem se aproximar mais do que isso? — perguntei à agente que me acompanhava enquanto percorria o corredor onde ficam os nichos. — Não se pode abraçar o marido, nem tocar no próprio filho?

A agente — não a Srta. Ridley, mas uma moça mais jovem, loura, chamada senhorita Godfrey — fez um sinal de negação.

— Essas são as regras — respondeu. Quantas vezes eu ouvi essa frase lá? *Essas são as regras*. — Elas lhe parecem duras, Srta. Prior, eu sei. Mas se deixarmos juntas a presa e a visita, tudo pode acontecer. Chaves, tabaco... Podem até ensinar as crianças a passarem lâminas através de um beijo.

Eu estudei as presas ao passar por elas, fitando seus visitantes do outro lado do corredor, vigiados pela agente. Não parecia que elas queriam um abraço só para receber uma faca ou uma chave. Tinham um ar mais infeliz do que nunca. Uma delas, uma mulher com uma cicatriz no rosto, reta como um corte de navalha, pôs a cabeça entre as grades para ouvir melhor o marido; e quando ele perguntou se ela estava bem, ela respondeu:

— Tão bem, John, quanto o possível, o que quer dizer, não muito bem...

Outra — Laura Sykes, da ala da Sra. Jelf, que estava sempre pedindo às agentes para interceder a favor dela junto a Srta. Haxby — recebia a visita da mãe, uma senhora de aparência pobre que só conseguia chorar.

— Vamos, mamãe, pare com isso — disse Sykes. — Quer me contar o que sabe? A senhora já falou com o Sr. Cross? — mas quando a mãe ouviu a voz da filha e viu a agente passando, tremeu ainda mais. Sykes então gritou que metade do seu tempo já tinha passado e a mãe só fazia chorar. — A senhora deve mandar o Patrick da próxima vez. Por que ele não está aqui? Eu não quero que venha só para ficar chorando na minha frente...

A Srta. Godfrey viu meu olhar e balançou a cabeça.

— É muito duro para essas mulheres — admitiu. — Algumas, para falar a verdade, não conseguem suportar. Ficam esperando amigos, contando os dias, nervosas; mas nós as trazemos para cá e a pressão é demais para elas. No fim, pedem aos amigos para não virem mais.

Nós começamos a caminhar de volta para as alas. Eu perguntei a ela se havia mulheres que não recebiam nenhuma visita, e ela respondeu:

— Algumas. Não têm família nem amigos, eu acho. Vêm para cá e parece que foram esquecidas. Não sei dizer o que elas fazem quando vão embora. Collins é uma delas, Barnes, Jennings — ela fez força para enfiar a chave numa fechadura emperrada — e Dawes, eu acho, da ala E.

Já sabia que ela ia mencionar esse nome.

Eu não perguntei mais nada, e ela me levou para a Sra. Jelf. Como sempre,

fui fazendo minhas visitas, a princípio um pouco aflita, porque me pareceu horrível, depois do que presenciei, que eu, que não significava nada para elas, pudesse visitá-las à vontade, e que fossem obrigadas a falar comigo. E no entanto, é claro, elas podiam falar ou ficar em silêncio, eu não podia me esquecer disso; e entendi finalmente que ficavam gratas ao me ver em seus portões e que gostavam de bater papo comigo. Muitas, como eu disse, estavam mal. Talvez por causa disso — e talvez porque, apesar da grossura das paredes e das janelas da prisão, elas tivessem sentido a mudança de estação — conversaram sobre o “tempo” e quando seriam livres.

— Hoje estou completando 17 meses de prisão!

Ou:

— Já cumpri um ano e uma semana da minha sentença, Srta. Prior!

E também:

— Só faltam três meses para eu sair, senhorita. O que acha disso?

Essa última foi declaração de Ellen Power, presa, como justifica, por receber moças e rapazes em seu salão. Eu tenho pensado muito nela desde que o tempo ficou mais frio. Eu a encontrei fraca e um tanto trêmula, mas não tão doente quanto temia. A Sra. Jelf nos deixou a sós e conversamos por meia hora; e quando finalmente eu estendi a mão para Ellen, afirmei que estava contente por ela me dar um forte aperto e estar tão saudável.

Ficou animada com o comentário e respondeu:

— Não diga nada para a Srta. Haxby nem para a Srta. Ridley. Na verdade, perdoe-me por pedir isso, porque sei que a senhorita não contaria. Mas a verdade é que é tudo graças à minha carcereira, a Sra. Jelf, que traz carne tirada do próprio prato, e me dá um pedaço de flanela vermelha para usar em volta do pescoço à noite. E quando está muito frio, ela passa um unguento aqui — tocou o peito e os ombros com suas próprias mãos — e faz muita diferença. Ela é tão boa para mim quanto minha própria filha; na verdade, ela me chama de “mãe”. “Precisamos prepará-la, mãe”, ela diz, “para a sua partida...”

Os olhos dela brilharam ao dizer isso, e então ela apertou seu lenço azul contra o rosto. Eu disse que ficava contente de saber que pelo menos a Sra. Jelf era bondosa com ela.

— Ela é bondosa com todo mundo. É a melhor carcereira da prisão. — Ela balançou a cabeça. — Pobre mulher! Ela está aqui há pouco tempo e ainda não aprendeu qual é o comportamento adotado em Millbank.

Eu fiquei surpresa ao ouvir isso: a Sra. Jelf é tão grisalha e acabada que eu nunca teria adivinhado que ela havia tido uma vida, até pouco tempo, fora dos muros da prisão. Mas Power assentiu. Sim, a Sra. Jelf estava lá havia menos de um ano. Ela não sabia o por que de uma dama assim ser carcereira em Millbank. Nunca tinha visto uma carcereira menos adequada ao trabalho em Millbank!

Ouvimos passos no corredor e vimos a Sra. Jelf passando pelo portão de Power. Ela viu que a observávamos, diminuiu o passo e sorriu.

Power ficou vermelha.

— A senhora me pegou contando à Srta. Prior sobre sua gentileza, Sra. Jelf

— disse. — Espero que não se importe.

A agente levou um susto, pôs a mão no peito e se virou para olhar nervosamente para o corredor. Percebi que ela estava com medo de que a Srta. Ridley estivesse por perto, então eu não disse nada sobre a flanela e a porção extra de carne, apenas acenei para Power e fiz um sinal na direção do portão. A Sra. Jelf o abriu, ainda sem me encarar e retribuir o sorriso. Finalmente, para deixá-la à vontade, comentei que não sabia que era novata em Millbank e perguntei onde trabalhava antes.

Ela levou alguns instantes para prender o molho de chaves na cintura e para limpar uma mancha de limo do punho. Em seguida, ela me fez uma espécie de reverência. Contou que tinha trabalhado como empregada doméstica; mas depois que a patroa foi para o exterior, não quis procurar outro serviço assim.

Nós estávamos caminhando pelo corredor. Eu perguntei se ela gostava daquele trabalho. Confessou que teria pena de deixar Millbank agora.

— E a senhora não acha as tarefas aqui muito pesadas? As horas de trabalho excessivas? E não tem família? Para ela deve ser difícil conviver com seu horário de trabalho — indaguei.

A Sra. Jelf explicou que nenhuma das agentes tinha marido, eram todas solteiras ou viúvas como ela.

— Não se pode ser agente penitenciária e ser casada. — Acrescentou que algumas agentes tinham filhos que tinham que ser cuidados por outras mães; mas que ela não tinha nenhum. Ela manteve os olhos baixos o tempo todo. Observei que talvez ela fosse uma agente melhor por causa disso. Tinha cem mulheres em suas alas, todas indefesas como crianças, precisando dos cuidados dela; e eu achava que ela devia ser uma mãe bondosa para todas.

A Sra. Jelf olhou para mim, mas com olhos escuros e tristes sob a sombra da touca.

— Espero que sim, senhorita. — Ela tornou a tirar a poeira da manga. Tem as mãos grandes, como as minhas, as mãos de uma mulher que ficou magra e ossuda, devido ao trabalho pesado ou a uma grande perda.

Eu não quis perguntar mais nada e voltei para junto das mulheres. Fui visitar Mary Ann Cook, depois Agnes Nash, a falsária; e, finalmente, como sempre, Selina.

Eu já tinha passado em frente à cela dela, para entrar no segundo corredor, mas adiei a visita, da mesma forma que tenho prorrogado escrever aqui sobre ela. Quando passei pelo portão de Dawes, virei o rosto para a parede e não olhei para ela. Foi, eu acho, uma espécie de superstição. Eu me lembrei da sala de visitas: era como se uma ampulheta também fosse virada durante o nosso encontro, e eu não queria que um só grão escorresse antes da hora. Mesmo enquanto eu estava parada no portão com a Sra. Jelf, não olhei para ela. Só após a carcereira girar a chave, se atrapalhar por alguns momentos com o cinto e a argola, trancar a cela e se afastar, foi que ergui os olhos para Selina. E quando o fiz... bem, então percebi que não podia olhar para ela e continuar calma. Vi, por baixo da touca, seu cabelo, que tinha sido bonito e que agora estava maltratado. Observei seu

pescoço, no qual uma coleira de veludo já havia sido afivelada, seus pulsos, que tinham sido amarrados, e sua boca retorcida, que falava com outras vozes. Eu vi tudo isso, todos os indícios de sua estranha carreira que pareciam pairar sobre sua pele pálida e deixá-la borrada, como os estigmas de uma santa. Porém, não foi ela que mudou, mas eu, devido ao que descobri. Esse novo conhecimento teve um efeito secreto e sutil sobre mim — como uma gota de vinho num copo de água pura, ou como fermento na massa de pão.

Portanto, meu coração ficou um tanto *acelerado* enquanto a fitava. Tive esta sensação e, com ela, um arrepio de medo. Pus a mão no peito e me virei de costas.

Nesse momento, ela falou, e a voz dela me deixou contente! Soava tão familiar e normal.

— Achei que a senhorita não ia vir. Eu a vi passar por aqui e se dirigir para a outra ala — revelou.

Eu tinha ido até a mesa e tocado na lá que estava lá. Expliquei que precisava visitar as outras além dela. Ao sentir que ela desviava os olhos, parecendo ter ficado triste, acrescentei que sempre viria visitá-la, se ela quisesse, por último.

— Obrigada — disse Dawes.

É claro que ela é igual às outras mulheres e prefere conversar comigo a ficar relegada ao silêncio. Portanto, conversamos sobre questões relativas à prisão. O tempo úmido trouxe grandes besouros pretos para dentro das celas, chamados de “escurinhos”, e ela acredita que eles vêm todo ano; até me mostrou as manchas na parede onde tinha matado dezenas com o salto da bota. Revelou que algumas mulheres caçam os besouros para serem bichinhos de estimação. Outras chegam a comê-los, levadas pela fome. Não sabe se isso é verdade, mas ouviu as carcereiras dizerem...

Eu fiquei escutando, assentindo e sorrindo — não perguntei de que modo descobriu que meu medalhão sumiu. Não contei que tinha ido à Associação Espírita e ficado lá duas horas e meia falando a respeito dela e tomando notas. Mesmo assim, foi impossível olhar para ela sem me lembrar de tudo. Eu a fitava e pensava nos retratos no jornal. Observei as mãos dela e me lembrei dos moldes de cera nas prateleiras.

Percebi que não ia poder sair sem tocar no assunto. Comentei que esperava que ela me contasse mais sobre sua vida.

— Você falou, da outra vez, o que aconteceu antes de você ir para Sydenham. Pode me contar agora o que aconteceu lá? — perguntei.

Ela franziu a testa e perguntou por que eu queria saber. Esclareci que tinha curiosidade a respeito das histórias de todas as mulheres, mas que a dela... Bem, você mesma sabe que a sua é um pouco diferente das outras...

Argumentou que era diferente para mim; mas que se eu fosse espírita, se tivesse passado a vida toda no meio de espíritas, como ela, não pareceria tão diferente.

— Devia comprar um jornal espírita e ler as notícias. Perceberia o quanto eu sou comum! Veria que há mais médiuns neste mundo do que espíritos no

outro.

Não, ela disse, nunca tinha sido *diferente*, quando morava com a tia e depois no centro espírita em Holborn...

— Foi quando conheci a Sra. Brink e ela me levou para morar em sua casa: foi aí que me tornei diferente, Aurora.

Selina tinha baixado a voz, e eu aprendera a perceber essas nuances. Ao ouvi-la dizer aquele nome tolo, fiquei vermelha.

— Como a Sra. Brink a fez mudar? O que ela fez? — perguntei.

A Sra. Brink a tinha procurado, revelou, enquanto ela ainda morava em Holborn.

— Achei que veio atrás de mim apenas como uma cliente normal, mas o fato é que ela tinha sido guiada até mim. Ela foi até lá por uma razão especial, que só eu podia resolver.

— E que razão era essa?

Ela fechou os olhos e quando tornou a abri-los, eles pareceram maiores, e verdes como os de um gato. Ela falou, e foi como se estivesse maravilhada.

— Ela queria que um espírito fosse trazido. Ela me pediu para abrir mão do meu próprio corpo para que o mundo dos espíritos pudesse usá-lo.

Ela me encarou, e, com o canto dos olhos, eu vi algo escuro se movimentando rapidamente no chão da cela. Tive a visão nítida de uma presa faminta arrancando a casca de um besouro, chupando sua carne e mordendo suas pernas que se debatiam.

— Ela a manteve lá — atalhei —, essa Sra. Brink. Ela a manteve lá para fazer truques espíritos.

— Ela me levou ao encontro do meu destino. Ela me levou ao encontro de mim mesma, e esse encontro estava à minha espera na casa dela. Ela me levou para onde eu pudesse ser encontrada pelos espíritos que me procuravam. Ela me levou para...

— Para *Peter Ligeiro*! — intervim e ela fez uma pausa, depois balançou a cabeça afirmativamente. Lembrei do que os advogados tinham dito durante o julgamento de Selina; pensei em tudo o que eles haviam insinuado acerca da amizade dela com a Sra. Brink.

— Ela a levou para a casa dela, para onde *ele* poderia encontrá-la. Ela a levou para lá para que você pudesse trazê-lo para ela, silenciosamente, à noite...?

Mas enquanto eu falava o olhar dela mudou, e ela pareceu quase chocada.

— Eu nunca o levei para *ela*. Eu nunca levei Peter Ligeiro para a Sra. Brink. Não era por causa *dele* que ela tinha me levado para lá.

— Não foi por causa dele? Então foi por causa de quem? — Não respondeu a princípio, desviou os olhos, balançando a cabeça. — Quem você levou para ela — tornei a perguntar —, se não foi Peter Ligeiro? Quem foi? Foi o marido dela? Sua irmã? Seu filho?

Ela pôs as mãos nos lábios, depois disse baixinho:

— Foi a mãe dela, Aurora. A mãe, que tinha morrido quando a Sra. Brink ainda era menina. Ela tinha dito que não ia embora, que ia voltar. Mas não tinha

voltado; porque a Sra. Brink não encontrara nenhum médium que a trouxesse, apesar de ter passado vinte anos procurando. Até que me encontrou. Ela me achou através de um sonho. Havia uma semelhança entre mim e a mãe dela; havia uma... uma empatia. A Sra. Brink viu isso, ela me levou para Sydenham, deixou que eu ficasse com as coisas da mãe, que vinha através de mim para visitá-la em seu próprio quarto. Ela vinha no escuro, para lhe trazer conforto.

Eu sei que Selina não tinha admitido nada disso no tribunal; e foi com dificuldade que fez a confissão para mim. Ela parecia relutante em falar, no entanto eu acho que havia mais, e queria que eu adivinhasse. Mas eu não consegui. Não dava para descobrir o que seria. Parecia curioso, e não muito agradável, que a Sra. Brink, a dama que eu imaginava ser, tivesse olhado para Selina Dawes, aos 17 anos, e visto a sombra da própria mãe morta, e convencido a jovem a visitá-la à noite para dar corpo àquela sombra.

No entanto, não conversamos sobre isso. Eu só perguntei mais a respeito de Peter Ligeiro. Quis saber se *ele*, então, só tinha aparecido por causa dela. Sim, confirmou. E por quê? Por quê? Ele era seu guardião, seu espírito-familiar. Seu *controle*.

— Ele veio por mim — disse com simplicidade — e o que eu podia fazer? Eu era dele.

O rosto dela ficou pálido, com manchas rosadas nas bochechas. Eu comecei a sentir uma excitação nela, que se sobrepunha ao ar viciado da cela. Senti uma certa inveja.

— O que você sente, quando ele chega?

Ela suspirou. Ah! Como ela podia explicar? Era como perder a si mesma, como ter a sua identidade arrancada, como se sua personalidade fosse um vestido, uma luva, um par de meias...

— Isso parece terrível!

— E era terrível! — confirmou. — Mas era também maravilhoso. Era tudo para mim, era uma transformação. Eu poderia ter me movimentado como um espírito, de uma esfera tediosa para outra esfera mais alta, melhor.

Eu franzi a testa, sem compreender. Selina disse que não sabia como explicar isso para mim. Se ao menos ela conseguisse achar as palavras... Ela começou a olhar em volta, procurando um modo; e finalmente olhou para alguma coisa sobre a prateleira e sorriu.

— Você falou em truques espíritas — disse. — Bem...

Ela se aproximou de mim e estendeu o braço, como se quisesse que eu segurasse sua mão. Eu hesitei, pensando no meu medalhão, na mensagem dela no meu caderno. Mas Selina apenas sorria, imóvel, e então disse baixinho:

— Erga a minha manga.

Eu não podia adivinhar o que ela ia fazer. Eu olhei para ela e em seguida, cautelosamente, ergui sua manga até seu braço ficar exposto até o cotovelo. Ela o virou e me mostrou a parte interna, branca, muito lisa e que ainda conservava o calor do vestido.

— Agora você tem que fechar os olhos.

Eu hesitei um momento, depois obedeci; respirei fundo para me preparar para qualquer coisa estranha que ela pudesse fazer em seguida. Mas tudo o que fez foi estender a mão e pareceu tirar algo da pilha de lã sobre a mesa; logo após, eu a ouvi dirigir-se para a prateleira e pegar alguma coisa lá. Houve um silêncio. Eu mantive os olhos fechados, mas senti minhas pálpebras tremerem, depois começarem a se agitar. Quanto mais o silêncio se prolongava, mais insegura eu me sentia.

— Só um instante disse — E logo depois: — Agora pode olhar.

Eu abri os olhos cautelosamente. Eu só podia imaginar que Selina tinha passado a faca rombuda no braço e o feito sangrar. Mas o braço parecia normal, sem marcas. Ela o estendeu na minha direção — mas não tão perto quanto antes; e o deixou na sombra do vestido, sem estar mais exposto à luz. Eu acho que se eu tivesse olhado bem, teria visto uma vermelhidão lá. Mas ela desviou minha atenção. Enquanto eu ainda a fitava, ela ergueu o outro braço e passou a mão, com força, sobre a pele exposta. Repetiu o gesto umas quatro vezes e, com o movimento dos dedos, eu vi surgir uma palavra em seu braço, em vermelho, um tanto desbotada mas perfeitamente legível.

Estava escrito: VERDADE.

Quando a palavra estava completa, ela retirou a mão e olhou para mim, perguntando se eu não tinha achado o truque inteligente. Eu não soube responder. Ela aproximou mais o braço e mandou tocá-lo, e depois levar os dedos à boca e provar.

Com receio, eu examinei as pontas dos meus dedos. Parecia haver uma substância esbranquiçada neles — pensei nos espíritos. Não consegui levá-lo à língua, e me senti um pouco tonta. Ela percebeu e riu. Então me mostrou o que tinha apanhado quando eu estava de olhos fechados.

Era a agulha de tricô de madeira e a caixa de sal. Ela tinha usado a agulha para escrever a palavra; e o sal havia deixado as letras vermelhas.

Eu tornei a segurar no braço de Selina. As marcas já estavam desaparecendo. Eu pensei no relato no jornal espírita. Eles tinham anunciado este truque como uma prova dos poderes dela, e as pessoas haviam acreditado — inclusive o Sr. Hither. Acho que eu mesma tinha acreditado.

— Você fazia isso para aquelas pobres e tristes pessoas que procuravam sua ajuda?

Ela retirou o braço, baixou a manga do vestido e deu de ombros. Elas não ficariam felizes se não vissem sinais assim, vindos dos espíritos. O fato de ela às vezes passar um pouco de sal na pele, ou deixar uma flor cair, no escuro, no colo de uma dama tornava os espíritos menos verdadeiros?

— Aqueles médiuns a que me referi — disse — que anunciam no jornal: todos fazem esses truques, todos. — Contou que conhecia damas que guardavam agulhas no cabelo para escrever mensagens dos espíritos no próprio corpo. Também sabia de cavalheiros que carregavam cones de papel para fazer a voz parecer esquisita no escuro. Era comum na profissão: tem dias que os espíritos aparecem, mas às vezes precisam ser ajudados...

E tinha sido assim com ela, antes de ir para a casa da Sra. Brink. Depois... bem, os truques perderam o sentido. Todos os seus dons podem ter sido truques antes de Sydenham!

Talvez eu nunca tenha tido poderes... entende o que estou dizendo? Eles não eram nada comparados com o poder que encontrei em mim mesma através de Peter Ligeiro.

Eu a olhei calada. Sei que o que Selina revelou e demonstrou hoje talvez nunca tenha feito para ninguém. Quanto ao poder maior de que filiou, que a torna rara, bem, eu senti um pouco deste poder, não? Não posso descartá-lo, sei que ele significa alguma coisa. Contudo, ainda existe um mistério nela, uma sombra, uma lacuna...

Repeti o comentário que fiz para o Sr. Hither: eu não entendo. O poder dela, que era tão maravilhoso, a tinha levado para lá, para Millbank. Ela considerava Peter Ligeiro seu guardião, entretanto, foi através dele que a moça foi agredida, que a Sra. Brink se assustou de tal modo que morreu! Como ele a tinha ajudado, se provocou a ida dela para a prisão? De que adiantavam os poderes dela agora?

Ela desviou o olhar e disse exatamente o mesmo que o Sr. Hither: Que “os espíritos tinham seus objetivos, e que estes eram insondáveis para nós”.

O que os espíritos poderiam querer ao mandá-la para Millbank era insondável na minha opinião.

— A menos que eles tenham inveja de você e queiram matá-la para torná-la um deles.

Porém, ela apenas franziu a testa, sem entender meu argumento. Respondeu com calma que alguns espíritos tinham inveja dos vivos. Mas mesmo estes não teriam inveja dela, em sua atual condição.

Enquanto falava, Selina pôs a mão na garganta e esfregou a pele. Eu tornei a pensar nas coleiras que ela costumava usar e nas cordas amarradas em seus pulsos.

A cela dela estava fria, e eu estremeci. Não sei por quanto tempo conversamos — acho que deve ter sido muito mais do que eu escrevi aqui — e quando olhei pela janela vi que estava muito escuro. Ela ainda mantinha a mão na garganta; então tossiu e engoliu em seco. Explicou que eu a tinha feito falar demais. Foi até a prateleira, pegou a jarra e bebeu um pouco de água, depois tornou a tossir.

Foi quando a Sra. Jelf chegou no portão e pareceu nos observar, percebi de novo que devia ter passado muito tempo lá dentro. Eu me levantei, com relutância, e fiz sinal para a carcereira abrir a porta. Olhei para Selina avisando que conversaríamos mais da próxima vez, e ela assentiu com a cabeça. Ela ainda estava com a mão na garganta, e quando a Sra. Jelf a viu fazendo isso, seus olhos bondosos se sombream, esperou eu sair para o corredor e foi para junto de Selina.

— O que foi? Está doente? Quer que eu vá buscar o médico? — perguntou.

Eu a vi levar Selina para perto da luz opaca do lampião; nesse momento alguém me chamou. Olhei para dentro da cela vizinha e vi Nash, a moça que

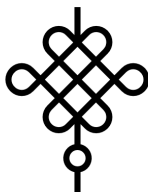
fazia moedas falsas.

— A senhorita ainda está conosco? — indagou. Fez um sinal com a cabeça na direção da cela de Selina e disse, num tom exagerado: — Achei que ela a tivesse feito desaparecer, que tivesse deixado que os espíritos a levassem, ou a transformado num sapo ou num camundongo. — Ela estremeceu. — Ah, os espíritos! A senhorita sabia que eles a visitam aqui, à noite? Escuto quando chegam. E também a ouço falando com eles, e às vezes rindo, às vezes chorando. Confesso, senhorita, que nessas horas eu queria estar em qualquer outra cela menos nesta, ouvindo vozes de fantasmas na calada da noite. — Ela tornou a estremeecer e fez uma careta. Poderia estar brincando, como fez antes a respeito das moedas falsas; mas ela não riu. E quando, ao me lembrar da observação feita pela Srta. Craven certa vez, eu disse que o silêncio das alas provocavam fantasias nas mulheres, ela fez um muxoxo. Fantasia! Nash afirmou que sabia distinguir fantasia de fantasma. Fantasia? Eu devia experimentar dormir em sua cela, tendo Dawes como vizinha, antes de chamá-la de *fantasiosa*!

Ela voltou a costurar, resmungando e balançando a cabeça, e eu retornei pelo corredor. Selina e a Sra. Jelf ainda estavam ao lado do lampião: a carcereira tinha amarrado melhor o lenço em volta do pescoço de Selina. Não me olharam. Talvez achassem que eu já tinha ido embora. Entretanto, vi Selina pôr a mão no braço, no local onde a palavra VERDADE tinha sido escrita e que agora estava coberto pela manga do vestido; foi quando me lembrei das pontas dos meus dedos e provei o sal.

Eu ainda estava fazendo isso quando a carcereira se aproximou para me conduzir pela ala. Laura Sykes nos incomodou, enfiando o rosto na grade para perguntar se poderíamos falar com a Srta. Haxby a respeito dela. Se a Srta. Haxby permitisse que o irmão dela viesse, se ela pudesse receber uma carta do rapaz, com certeza o seu caso seria julgado de novo. Só precisava da palavra da Srta. Haxby, e estaria livre em um mês!

17 DE DEZEMBRO DE 1872



ESTA MANHÃ, A SRA. BRINK VEIO falar comigo depois que me vesti.

— Srta. Dawes, eu tenho uma coisa para acertar com a senhorita. Tem certeza de que não quer que eu lhe pague honorários? — perguntou. Eu não permiti mais isso depois que ela me trouxe para cá, e repeti minha justificativa anterior, que o que ela me dava em vestidos e jantares já era suficiente, e que eu jamais poderia aceitar dinheiro pelo trabalho com os espíritos.

— Minha querida menina, eu sabia que você ia dizer isso. — Ela me pegou pela mão e me levou até a caixa da mãe dela, ainda em cima da minha penteadeira, e a abriu. — Você não quer receber honorários, mas tenho certeza de que não vai recusar o presente de uma senhora, e tem uma coisa aqui que eu gostaria muito que você aceitasse. — Ela estava se referindo a um colar de esmeraldas que colocou no meu pescoço, chegando bem perto de mim para fechá-lo. — Eu achei que nunca daria nada que foi da minha mãe. Mas sinto que isto pertence a você e a mais ninguém, e como ficou bem! As esmeraldas realçam seus olhos, costumavam realçar os olhos *dela* também.

Eu fui até o espelho para ver, e realmente elas ficavam muito bem em mim, embora fossem tão antigas. Eu disse, e era a mais pura verdade, que ninguém jamais tinha me dado um presente tão bonito antes, e eu não merecia isso apenas por fazer o que os espíritos mandavam. A Sra. Brink declarou que se eu não merecia aquilo ela gostaria de saber quem merecia.

Então se aproximou de mim outra vez e pôs a mão no fecho do colar.

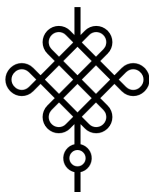
— Você sabe que só estou tentando aumentar seus poderes. Eu faria qualquer coisa para isso. *Você* sabe quanto tempo eu esperei para receber as mensagens que trouxe. Ah! Pensei que jamais ouviria essas palavras! Mas, Srta. Dawes, Margery está ficando voraz. Se ela achar que além de palavras poderia ver uma forma ou sentir uma mão... Bem, ela sabe de médiuns no mundo todo que realizam estes feitos. Ela daria todas as suas joias para uma médium que fizesse isso por ela, e não veria nenhum prejuízo nisso.

Ela acariciou o colar e a minha pele. É claro que toda vez que tentei criar formas com o Sr. Vincy e a Srta. Sibree eu não consegui.

— A senhora sabe que um médium tem que ter uma cabine para fazer uma

trabalho como esse? Sabe que se trata de uma coisa muito séria e ainda não muito bem compreendida? — respondeu que sim. Eu vi o rosto dela no espelho, estava me observando, e meus olhos, que tinham ficado muito verdes por causa das esmeraldas, não pareciam ser meus, mas de outra pessoa. E quando eu os fechei, parecia que eles ainda estavam abertos. Eu vi a Sra. Brink olhando para mim e para o meu pescoço com o colar em volta; a joia não era de ouro, mas cinzenta, como se fosse de chumbo.

19 DE DEZEMBRO DE 1872



ESTA NOITE, QUANDO DESCI PARA O salão da Sra. Brink, encontrei Ruth; ela havia prendido um pano preto numa vara que pendurava em frente à reentrância na parede. Eu só tinha dito que precisava ser um pano preto, mas quando fui olhar, vi que era veludo. Ela me viu tocá-lo e disse.

— É uma bela fazenda, não é? Fui eu que escolhi. Eu a escolhi para a senhorita. Acho que merece veludo. Este é um grande dia para a senhorita e para a Sra. Brink, e para todos nós aqui. E a senhorita não está mais em Holborn, afinal. — Eu olhei para ela e não disse nada, e ela sorriu e estendeu o pano para eu encostar o rosto. Quando parei diante dele com meu vestido de veludo preto, exclamou: — Ora, é como se a senhorita tivesse sido engolida por uma sombra! Só dá para ver o seu rosto e o seu cabelo claro.

Nesse minuto, a Sra. Brink entrou e a dispensou. Ela perguntou se eu estava pronta, e eu disse que achava que sim, que só ia saber depois que começássemos. Ficamos algum tempo sentadas com a luz bem fraquinha, até que eu disse:

— Acho que se for acontecer vai ser agora. — Fui para trás da cortina e a Sra. Brink apagou a luz, e por alguns momentos eu tive medo. Eu não tinha imaginado que o escuro fosse tão negro e tão quente, e o espaço onde eu estava sentada era tão pequeno que tive a impressão de que ia respirar todo o ar que havia lá dentro e depois sufocar. — Sra. Brink, não tenho certeza!

No entanto, ela apenas respondeu:

— Por favor, tente, Srta. Dawes. Por favor, *tente*, por Margery! A senhorita viu algum sinal, alguma coisa? — A voz dela, passando através da cortina de veludo, ficava aguda e diferente, e parecia atravessada por um gancho. Eu senti que ela começava a me puxar, e pareceu arrancar o vestido pelas minhas costas. Então, de repente, a escuridão pareceu encher-se de cores.

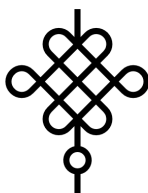
— Oh! Eu estou *aqui*! — gritou uma voz.

— Eu estou vendo você! Eu estou vendo você! — disse a Sra. Brink. Quando me juntei a ela depois, ela estava chorando.

— A senhora não deve chorar. Não está satisfeita? — Explicou que estava chorando de felicidade. Chamou Ruth e dirigiu-se a ela. — Ruth, eu vi coisas impossíveis acontecerem nesta sala. Eu vi minha mãe parada, acenando para

mim, usando uma túnica luminosa. — Ruth disse que acreditava, uma vez que a sala estava com uma aparência estranha, e com um perfume diferente. — Isso significa que os anjos estiveram por perto. Todo mundo sabe que quando os anjos visitam um círculo, eles levam perfume para lá. — Eu disse que nunca tinha ouvido isso antes, e ela olhou para mim e balançou a cabeça. — Ah, isso é verdade — e ela encostou o dedo no lábio, mostrando que os espíritos carregam o perfume em suas bocas.

8 DE JANEIRO DE 1873



NÓS PASSAMOS 15 DIAS EM CASA, sem fazer nada, apenas esperando o fim do dia para a sala ficar escura o suficiente para um espírito aparecer. Orientei a Sra. Brink a não esperar que a mãe aparecesse toda noite, que às vezes só conseguiria ver sua mão pálida ou seu rosto. Apesar de expressar que já sabe disso, toda noite, ela fica mais violenta, me puxa para junto dela, dizendo:

— Você vem? Vem mais para perto. Você me conhece? Vai me dar um beijo?

Contudo, há três noites, quando foi beijada finalmente, a Sra. Brink gritou, pondo a mão no peito, e me assustou tanto que achei que ia morrer. Quando fui para junto dela, Ruth estava ao seu lado, ela viera correndo e acendera um lampião.

— Eu sabia que isso ia acontecer — disse Ruth. — Ela esperou tanto tempo e agora é demais para ela suportar.

A Sra. Brink cheirou saís e ficou um pouco mais calma.

— Não vou mais ficar nervosa. Da próxima vez eu vou estar preparada. Mas, Ruth, você tem que ficar do meu lado, se a sua mão forte me segurar eu não vou ter medo. — Ruth prometeu que sim. Nós não tentamos de novo naquela noite, mas sempre que vou para junto da Sra. Brink, Ruth fica sentada ao lado, assistindo.

— Está vendo, Ruth? Está vendo a minha mãe?

— Sim, madame, estou vendo — responde ela.

A partir daí tenho a impressão de que a Sra. Brink se esquece de Ruth. Ela segura as mãos da mãe e diz.

— Margery é boa?

— Ela é muito boa — responde sua mãe. — Por isso é que eu venho para junto dela.

Ela é boa a ponto de merecer dez beijos? Ou vinte?

— Ela merece trinta beijos — e quando ela fecha os olhos, eu me inclino e aceito os beijos, só os olhos e o rosto, nunca a boca. Depois de beijada trinta vezes, a Sra. Brink suspira, e logo me abraça, encosta a cabeça no peito da mãe. Permanece assim por meia hora, até que finalmente o vestido fica molhado na

altura do peito.

— Agora Margery está feliz — diz, ou: — Margery já está satisfeita!

E Ruth fica assistindo o tempo todo, mas não me toca. Eu disse que ninguém pode tocar no espírito, exceto a Sra. Brink, uma vez que o espírito tem relação com ela e veio por causa dela. Ruth apenas assiste, com seus olhos pretos.

Quando eu me recupero, ela vai comigo até meu quarto e me ajuda a tirar o vestido. Ruth diz que eu não devo cuidar da minha roupa, que uma dama jamais faria isso. Ela tira o meu vestido e o alisa, depois tira meus sapatos, e então me faz sentar na cadeira e escova o meu cabelo, dizendo:

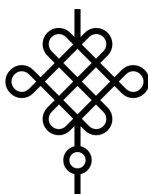
— Eu sei que as damas gostam de ter os cabelos bem escovados. Veja como o meu braço é grande. Posso escovar o cabelo de uma dama do alto da cabeça à cintura até ele ficar macio como água ou seda. — Ruth mantém o cabelo, que é muito preto, preso sob a touca, mas, às vezes, vejo o repartido dele: é branco e reto como uma faca. Esta noite quando o escovou, eu comecei a chorar.

— Por que você está chorando? — perguntou. Respondi que estava machucando.— Que bobagem chorar por causa de uma escova! — ela riu e tornou a escovar com mais força. Avisou que ia me dar cem escovadelas, e me fez contá-las.

Depois, largou a escova e me levou até o espelho. Pôs a mão sobre minha cabeça e alisou com a palma até as pontas. Então eu parei de chorar e ela olhou para mim.

— Pronto, Srta. Dawes, não está bonita? Agora parece mesmo uma dama pronta para atrair a atenção de um cavalheiro.

2 DE NOVEMBRO DE 1874



EU VIM PARA O MEU QUARTO, porque a confusão lá embaixo é horrível. Conforme o casamento de Pris se aproxima, elas encontram mais uma novidade para aumentar o nervosismo de ordens e planejamentos: costureiras ontem, cozinheiros e cabeleireiros anteontem. Eu não suporto ver nenhum deles. Já avisei que Ellis vai pentear o meu cabelo como sempre fez, e, embora eu tenha concordado com saias mais apertadas, vou usar um vestido cinzento e um casaco preto. Isso, é claro, deixou mamãe zangada. Ela brigou tanto que parecia cuspir fogo pelas ventas. Se eu não estiver por perto, ela ralha com Ellis ou Vigers, ou até com Gulliver, o papagaio de Pris. Ela grita até ele assobiar e bater as asas cortadas, cheio de frustração.

Pris fica no meio dessa bagunça, calma como um barco no olho da tempestade. Ela resolveu manter as feições relaxadas até o final do retrato a óleo. O Sr. Cornwallis, segundo ela, é um artista muito fiel. Ela tem medo de ficar com olheiras ou rugas, as quais ele seria obrigado a acrescentar na pintura.

Prefiro ficar com as presas de Millbank do que com Priscilla. Era melhor conversar com Ellen Power do que ser repreendida por mamãe. Prefiro visitar Selina a ir a Garden Court encontrar Helen, porque ela também só fala no casamento, mas Selina foi afastada de tal modo dos hábitos e regras comuns que parece que mora, fria e graciosa, na superfície da lua.

Era o que eu sentia até esta tarde. Pois, quando cheguei, a prisão estava agitada, e Selina e as mulheres muito nervosas.

— A senhorita escolheu uma hora triste para vir — disse a agente no portão. — Uma presa escapou e causou toda sorte de transtornos nas alas. — Eu olhei espantada para ela: é claro que concluí que uma presa tinha fugido. Mas ao ouvir isso, ela riu. O termo *escapou*, aqui, significa que a presa escapou do controle, teve um ataque de fúria e começou a quebrar tudo na cela. A Srta. Haxby me explicou. Eu a encontrei numa das escadarias da torre. Subia com exaustão ao lado da Srta. Ridley.

— É estranha essa crise — disse — e bem típica das prisões femininas. — Revelou que existe uma hipótese de que as mulheres presas têm um instinto para isso; em algum ponto de sua permanência em Millbank, quase todas as suas

moças terão essa crise. — E quando são jovens, fortes e determinadas... bem, ficam parecendo selvagens. Elas berram e jogam coisas, e nós não conseguimos nos aproximar, temos que chamar os homens. A prisão inteira escuta a barulheira e faço um esforço enorme para acalmar as alas. Porque quando uma mulher tem uma crise, outra vem logo em seguida. O impulso, antes adormecido, é despertado; e então ela não consegue se controlar.

A Srta. Haxby passou a mão no rosto. A mulher que tinha surtado dessa vez era Phoebe Jacobs, a ladra da ala D. Ela e a Srta. Ridley tinham sido chamadas para verificar o estrago.

— Quer vir conosco para ver a cela destruída? — perguntou.

Eu me lembrei da ala D, com as portas das celas todas fechadas, as presas tristonhas, o ar fétido, cheirando a couro, como sendo o lugar mais terrível da prisão; agora ele me pareceu mais triste do que nunca e estranhamente silencioso. Fomos recebidas pela Sra. Linda, que desenrolava as mangas e pressionava um pano contra os lábios — parecia ter vindo de um ringue de luta livre. Quando me viu, ela balançou a cabeça, num gesto de aprovação.

— Veio ver o estrago, madame? Bem... ha, ha... é um acontecimento raro! — Ela fez um sinal e nós a seguimos até um portão aberto. — Cuidado com as saias, senhoras — disse quando a Srta. Haxby e eu nos aproximamos da porta. — O demônio virou seu balde de excrementos...

Tentei descrever o caos da cela de Jacobs para Helen e Stephen à noite; eles ficaram ouvindo, assentindo, mas eu vi que não deram muita importância.

— Se as celas são tão desagradáveis — Helen comentou —, como as mulheres podem estragá-las ou deixá-las ainda piores? Eles não conseguiam imaginar a cena de hoje. Era como um quatinho no inferno, ou melhor, como um quarto no cérebro de um epilético, depois de um ataque.

— É incrível a engenhosidade delas. — A Srta. Haxby estava impressionada, enquanto ficamos paradas na porta da cela, olhando em volta. — A janela... veja, a grade de ferro arrancada para expor o vidro, que foi quebrado. O cano de gás rompido... tivemos que tampar com um pedaço de pano, está vendo? Para não deixar o gás escapar e intoxicar as outras presas. Os cobertores rasgados. Elas fazem isso com a boca. Nós já encontramos dentes perdidos durante esses ataques de fúria...

Ela parecia uma corretora de imóveis, mas com um inventário de violência: checava cada item, chamando minha atenção para cada detalhe. A cama de madeira em pedaços; a porta com marcas de saltos de uma bota; as normas da prisão arrancadas e pisadas; a Bíblia — o mais terrível de tudo, Helen ficou pálida quando contei — tinha se transformado em uma papa no fundo do balde de excrementos virado. A descrição continuou naquele murmúrio metucioso; e quando eu fiz uma pergunta num tom de voz normal, a Srta. Haxby pôs um dedo sobre os lábios.

— Não devemos falar muito alto — disse. Ela temia que as outras mulheres a ouvissem e fizessem o mesmo.

Finalmente, ela foi para junto da Sra. Linda para conversar sobre o concerto

da cela. Depois, consultou o relógio indagando:

— Jacobs está na cela escura há quanto tempo, Srta. Ridley?

— Há quase uma hora — respondeu a carcereira.

— Então é melhor irmos vê-la. — Ela hesitou, depois virou-se para mim.

Perguntou se eu gostaria de acompanhá-las. Se eu gostaria de ir até a cela escura.

— A cela escura? — Eu já tinha andado pela prisão diversas vezes e nunca ouvira falar nesse lugar. — A cela escura? — eu tornei a repetir. O que era isso?

Eu tinha chegado na prisão um pouco antes das 16 horas, e enquanto estávamos na cela destruída e observávamos, os corredores tinham ficado escuros. Eu ainda não estou acostumada com a espessura da noite em Millbank, com o brilho fúnebre dos lampiões a gás; as celas e as torres silenciosas me pareceram, de repente, completamente desconhecidas. Nós entramos por um corredor — a Srta. Ridley, a Srta. Haxby e eu — o qual reconheci; para minha surpresa, ele levava para fora das alas, no coração de Millbank. Chegamos até uma escada em espiral e a descemos, e percorremos corredores íngremes até o ar ficar mais frio, mais viciado, e vagamente sulino, e eu tive certeza de que estávamos abaixo do nível do chão talvez abaixo do nível do próprio Tâmsa. Finalmente, chegamos num corredor um pouco mais largo com diversas portas antigas de madeira, todas muito baixas. A Srta. Haxby parou na frente da primeira porta e, a um sinal seu, a Srta. Ridley a abriu e entrou para iluminar o espaço.

— Já que estamos aqui, a senhorita pode ver isto também — disse a Srta. Haxby ao entrarmos. — É a sala das correntes, onde guardamos as algemas, as jaquetas e outras coisas.

Ela apontou para as paredes, e eu olhei com certo horror. Elas não eram caiadas como nos andares de cima, mas cruas, sem acabamento e concentravam umidade. Cada uma era coberta de ferros — argolas, correntes, algemas e outros instrumentos complicados cuja função eu imaginei, estremecendo.

A Srta. Haxby viu minha expressão, eu acho, e deu um sorriso sem nenhuma alegria.

— A maioria desses itens data dos primeiros tempos de Millbank e estão pendurados aqui meramente como uma espécie de exposição. Entretanto, a senhorita vai ver que eles estão limpos e engraxados: nunca podemos ter certeza de que não vamos receber uma detenta cuja crueldade nos obrigue a utilizá-los novamente! Aqui temos algemas para mulheres, veja como são delicadas, parecem pulseiras! Aqui temos mordças. Eram feitas de tiras de couro, com buracos para deixar a presa respirar “sem poder gritar”. E aqui, tiras de contenção. — Explicou que estas só eram usadas em mulheres, nunca em homens. — Nós as usamos para conter uma presa quando ela resolve, como fazem frequentemente, se deitar no chão da cela e bater com os pés na porta. Quando a tira é fixada, ela impede isso. Esta tira amarra o tornozelo à coxa; esta prende as mãos. Uma mulher assim amarrada tem que ficar de joelhos, e uma agente penitenciária só consegue dar de comer a ela. Logo se cansam e ficam dóceis de novo.

Eu segurei a tira de contenção que ela tinha apanhado. Estava claramente marcada, com um sulco e uma ranhura onde a fivela tinha sido ajustada. Eu

perguntei se essas coisas eram usadas frequentemente, e a Srta. Haxby respondeu que sempre que era preciso — cerca de cinco ou seis vezes por ano.

— Não é, Srta. Ridley? — Esta assentiu com um movimento de cabeça.

— Nossa forma principal de contenção, entretanto, é uma forma bastante adequada, é a jaqueta. Veja aqui. — Ela foi até um armário e tirou dois pesados artigos de lona, tão grossos e toscos que eu pensei a princípio que fossem sacos. Ela passou um deles para a Srta. Ridley, e colocou o outro na frente do corpo, como se testasse um vestido diante de um espelho. Desse modo, percebi que a coisa era, na verdade, uma espécie de sobreveste, só que com tiras nas mangas e na cintura em vez de fitas ou laços.

— Nós a colocamos por cima do uniforme das presas, para impedir que elas o rasguem. Veja as presilhas. — Não eram fivelas e, sim, fortes tarraxas de metal. — Temos chaves para elas, e elas podem ficar muito bem apertadas. Já a Srta. Ridley está com uma camisa de força. — A carcereira mostrou a jaqueta que segurava e eu vi que as mangas eram de couro, muito longas, fechadas nos punhos e afunilando-se em tiras. Como as tiras de contenção, as mangas tinham marcas onde foram apertadas com fivelas diversas vezes. Eu olhei para elas e senti minhas mãos suadas dentro das luvas. Começam a suar de novo agora, só de me lembrar dessa noite assustadora.

As duas agentes arrumaram tudo, saímos daquele espaço horrível e avançamos pelo corredor até chegar num arco de pedra. Além desse ponto, as paredes eram pouco mais largas que nossas saias. Não havia lampiões a gás, só uma vela acesa num candeeiro, que a Srta. Haxby pegou e segurou à nossa frente enquanto caminhávamos, protegendo a chama de alguma brisa salgada, subterrânea. Eu olhei ao redor. Não sabia da existência daquele lugar em Millbank. Não sabia que havia um lugar como aquele no mundo e, por um segundo, senti uma onda de terror. Eu pensei: *Elas vão me matar!* Vão levar a vela e me deixar aqui sozinha, sem enxergar, procurando o caminho para a luz ou para a loucura!

Chegamos num conjunto de quatro portas e a Srta. Haxby parou diante da primeira. A Srta. Ridley procurou a chave na argola que trazia na cintura, sob a luz fraca da vela.

Quando ela girou a chave, não empurrou a porta como eu estava esperando, mas a fez deslizar: eu vi então que ela era grossa e acolchoada, para abafar os xingamentos e o choro da presa que está mais adiante, na cela. A detenta, é claro, percebeu o movimento. De repente uma batida repentina, horrível naquele espaço escuro, pequeno e silencioso, uma única pancada na porta, e depois mais outra e um grito:

— Sua vagabunda! Veio me ver apodrecendo! Você vai ver, eu vou me matar quando você sair! — Aberta a porta acolchoada, a Srta. Ridley destrancou uma portinhola na segunda porta de madeira daquele pequeno cômodo. Do outro lado, havia grades. E mais além, uma escuridão tão intensa que eu percebi que meus olhos eram incapazes de penetrá-la. Forcei os olhos e senti a cabeça doendo. A gritaria havia cessado, a cela parecia calma, mas de repente, surgiu um rosto

contra os grades, saído daquelas trevas profundas. Um rosto terrível, branco, sujo e machucado, com sangue e cuspe nos lábios e olhos desvairados, semicerrados, na tentativa de enxergar a luz fraca da nossa vela. Ao vê-lo, a Srta. Haxby hesitou e eu recuei; então o rosto se virou para mim.

— Sua maldita, o que está olhando? — vociferou a presa. A Srta. Ridley bateu com o punho na madeira para silenciá-la.

— Cuidado com os modos, Jacobs, ou vamos deixá-la aí por um mês, está ouvindo?

A mulher encostou a cabeça nas grades, com os lábios cerrados, mas continuou a nos fitar com seus olhos desvairados. A Srta. Haxby se aproximou.

— Você se comportou muito mal, presa, e a Sra. Linda, a Srta. Ridley e eu estamos muito desapontadas com você. Destruiu uma cela. Machucou a cabeça. É isso que você quer, machucar a cabeça?

— Eu tenho que destruir alguma coisa — rosnou. — Quanto à Sra. Linda, aquela vagabunda, vou acabar com ela, e não me importa a pena que tiver que cumprir por causa disso!

— Chega! — gritou a Srta. Haxby. — Chega. Eu virei vê-la outra vez amanhã. Vamos ver se você vai estar arrependida depois de passar a noite no escuro. Srta. Ridley. — A carcereira se aproximou com a chave e Jacobs pareceu mais alucinada do que nunca.

— Não me tranque aqui, sua vaca! Não leve a vela embora! — Ela apertou o rosto de novo contra as grades, e antes que a Srta. Ridley fechasse a portinhola eu vi de relance a jaqueta perto do pescoço, a camisa de força, acho, com as mangas pretas e as fivelas. Depois que a chave foi girada, houve outra pancada; ela deve ter batido com a cabeça na madeira. Depois, um grito abafado, num tom diferente, mais agudo: — Não me deixe aqui, Srta. Haxby! Eu vou me comportar bem!

O grito foi pior do que os xingamentos. Eu me virei para as agentes, alegando que com certeza elas não iam deixá-la ali. Não podiam deixá-la ali sozinha, no escuro. A Srta. Haxby permaneceu impassível. Mandaria funcionárias para vigiá-la; daí a uma hora levariam pão para ela.

— Mas essa escuridão, Srta. Haxby! — insisti.

— A escuridão é um castigo — respondeu com simplicidade e se afastou, levando a vela, com o cabelo branco brilhando no escuro. A Srta. Ridley tinha fechado a porta acolchoada. Os gritos da mulher ficaram abafados, mas ainda eram bastante claros.

— Suas vagabundas! — berrou. — Sejam todas amaldiçoadas, *e a dama também!* — Eu fiquei parada um instante, vendo a luz diminuir; depois os gritos ficaram ainda mais altos e eu saí andando atrás da chama tão depressa que quase tropecei. — Suas vagabundas, suas vagabundas! — Continuou uivando e talvez ela esteja gritando até agora. — Vou morrer no escuro, está ouvindo, madame? Eu vou morrer no escuro como se fosse um rato fedorento!

— É o que todas dizem — a Srta. Ridley comentou azedamente. — Uma pena que nenhuma morra.

Eu achei que a Srta. Haxby fosse repreendê-la. Mas não o fez. Apenas continuou andando, passou pela porta da sala de correntes, entrou no corredor íngreme que levava às celas e nos deixou lá, para voltar para o seu escritório iluminado. A Srta. Ridley me levou para o andar superior. Nós atravessamos as alas e vimos a Sra. Linda encostada, junto com outra carcereira, no portão da cela de Jacobs, enquanto duas presas trabalhavam com baldes de água e vassouras, limpando a sujeira. Eu fui entregue à Sra. Jelf. Olhei para ela e quando a Srta. Ridley se afastou, cobri as pálpebras com as mãos.

— A senhorita esteve no quarto escuro — murmurou, e eu assenti com a cabeça. Indaguei se era certo tratar as mulheres assim. Ela não me respondeu, apenas desviou os olhos e balançou a cabeça.

A ala dela estava tão silenciosa quanto as outras, as mulheres tensas e atentas. Todas falaram imediatamente sobre a crise quando eu as visitei; queriam saber o que tinha sido quebrado, quem era a responsável e as consequências.

— Foi mandada para o quarto escuro, não foi? — perguntavam, estremecendo.

— Ela foi para o quarto escuro, Srta. Prior? Foi a Morris?

— Foi a Burns?

— Ela está muito machucada?

— Ela já deve estar arrependida, nesta altura!

— Eu fui colocada no quarto escuro uma vez, madame — contou Mary Ann Cook. — Foi o lugar mais terrível em que já estive. Algumas moças apenas riam da escuridão, mas não eu, madame. Não eu.

— Nem eu, Cook — respondi.

Até Selina pareceu afetada pela atmosfera das alas. Eu a encontrei andando de um lado para outro na cela, o tricô esquecido. Quando ela me viu entrar, se espantou, cruzou os braços e continuou a se mover agitadamente. Desejei tocá-la para que se acalmasse.

— Uma presa perdeu o controle — disse, enquanto a Sra. Jelf fechava o portão. — Quem foi? Hoy? Ou Francis?

— Você sabe que eu não posso dizer — expliquei, um tanto desapontada. Ela desviou os olhos. Afirmou que a pergunta era para me testar, que sabia muito bem que se tratava de Phoebe Jacobs. Elas a tinham levado para o quarto escuro, numa jaqueta com tarraxas. Eu achava isso gentil?

Eu hesitei e perguntei se ela achava gentil Jacobs criar toda aquela confusão.

— Acho que nós todas esquecemos o que é ser gentil aqui — respondeu. — E não sentiríamos falta disso se não fosse por damas como você que vêm nos provocar com seus modos!

A voz dela era cruel, tanto quanto a de Jacobs e a da Srta. Ridley. Eu me sentei na cadeira e pus as mãos sobre a mesa. Quando estiquei os dedos, vi que tremiam. Argumentei que esperava que aquela não fosse realmente a opinião dela, mas, na mesma hora, ela disse que era sim! Perguntou se por acaso eu sabia como era terrível ter que ficar sentada ouvindo uma mulher destruir a cela, com grades e tijolos sendo quebrados ao redor. Era como se alguém jogasse areia no seu rosto

e você não pudesse piscar os olhos. Era como uma coceira, uma dor.

— Você precisa gritar ou morrer! Mas quando grita, se acha um animal! A Srta. Haxby vem, o capelão vem, *você* vem, e nós não podemos ser animais, temos que ser mulheres. Eu gostaria que você não viesse!

Eu nunca a tinha visto tão nervosa e descontrolada. Expus que se Selina pudesse ver a si mesma como uma mulher através das minhas visitas, eu viria mais vezes, e não menos.

— Ah! — exclamou na hora, agarrando as mangas do vestido até ficar com as juntas dos dedos brancas. — Ah! É isso que *eles* dizem!

Ela tinha começado a andar de novo, do portão até a janela e vice-versa, a estrela em sua manga brilhando quando a luz batia nela, como um sinal de alerta. Eu me lembrei do comentário da Srta. Haxby, que, às vezes, as mulheres eram contaminadas por aqueles ataques de fúria. Nenhum pensamento me pareceu mais terrível do que Selina sendo jogada naquele quarto escuro, usando uma camisa de força com um rosto alucinado, sangrando. Eu falei com uma voz bem calma.

— Quem é que diz isso, Selina? A Srta. Haxby? A Srta. Haxby e o capelão?

— Ha! Como se eles fossem capazes de dizer algo tão sensato!

Pedi que ficasse quieta. Eu tive medo de que a Sra. Jelf pudesse ouvir. Eu olhei para ela. Sabia muito bem de quem estava falando. Eu disse:

— Você se refere aos seus amigos espíritos.

— Sim, *eles*.

Eles. Eles me pareceram reais, aqui, à noite, no escuro. Mas hoje, em Millbank, quando o local ficou subitamente violento e duro, eles pareceram todos uma bobagem. Acho que cobri os olhos com as mãos.

— Estou cansada demais para os seus espíritos, hoje, Selina...

— *Você* está cansada! — gritou. — *Você*, que nunca teve um espírito fazendo pressão sobre você, sussurrando ou berrando, beliscando seu braço? — Os cílios dela estavam molhados de lágrimas. Ela tinha parado de andar pela cela, mas ainda estava com os braços ao redor do corpo, tremendo.

Confessei que não sabia que os amigos dela eram um fardo tão grande, ao contrário, julgava que eles fossem um consolo. Ela respondeu que eles eram um conforto.

— Só que eles vêm assim como você; e depois, como você, eles me abandonam. E, por isso, fico mais confinada, mais infeliz, mais *igual a elas*. — Selina fez um sinal indicando as outras celas.

Ela suspirou e fechou os olhos. E enquanto estava com os olhos fechados, eu me aproximei finalmente, e segurei suas mãos, com a intenção de fazer algum gesto simples que pudesse acalmá-la. Acho que consegui. Ela abriu os olhos, deslizou os dedos pelos meus; e eu me assustei ao senti-los tão duros e frios. Não pensei mais no que podia ou não podia fazer. Tirei as luvas e coloquei-as nas mãos dela, depois tornei a segurá-las.

— Você não devia — disse, mas não retirou as mãos, e após alguns instantes senti seus dedos se mexerem um pouco como se saboreassem a sensação estranha

das luvas nas suas mãos.

Nós ficamos assim por, talvez, um minuto.

— Eu gostaria que você ficasse com elas — disse, mas Selina rejeitou.

Ela balançou a cabeça.

— Então você deve pedir aos espíritos para lhe trazerem luvas. Não seria mais útil do que flores?

Ela se afastou de mim. Murmurou que teria vergonha se eu soubesse o que já pedi para os espíritos trazerem como comida, água e sabão, até mesmo um espelho, para ver seu rosto refletido. Ela disse que eles traziam algumas coisas quando podiam.

— Outras, entretanto...

Contou que certa vez tinha pedido chaves para todas as fechaduras de Millbank; e também uma muda de roupas e dinheiro.

— Você acha isso horrível? — perguntou.

Respondi que não; mas que estava contente que os espíritos não a tivessem ajudado, porque fugir de Millbank seria uma atitude equivocada.

— Foi o que os meus amigos disseram.

— Então seus amigos são sábios.

— São bastante. Só que é difícil às vezes saber que eles poderiam me levar e, em vez disso, me deixam aqui. — Eu devo ter feito um ar surpreso ao ouvir isso. — Ah, sim, são eles que me mantêm aqui! — continuou. — Poderiam me libertar num instante. Eles poderiam levar-me agora mesmo, enquanto você está aí parada. Nem teriam que se preocupar com as fechaduras.

Ela tinha ficado nervosa. Recolhi minhas mãos e mencionei que ela podia pensar assim se isso tornasse suas horas mais leves; mas não devia dar tanto peso à ideia, de tal modo que as outras coisas, as reais, as tornassem estranhas para ela.

— É a Srta. Haxby quem a mantém aqui, Selina. A Srta. Haxby, o Sr. Shillitoe e todas as carcereiras.

— São os espíritos — teimou. — Eles me mantêm aqui e vão me manter aqui até...

— Até o quê?

— Até realizarem seus objetivos.

Fiz um gesto de negação e perguntei a ela que objetivos eram esses. Ela estava se referindo ao seu castigo? E se estava, onde ficava Peter Ligeiro nisso tudo? Eu achava que era ele que devia ser castigado.

— Não é *isso*, eu não me referia a *essa* razão, a razão da Srta. Haxby! Eu estou falando...

Ela tinha em mente um objetivo *espiritual*.

— Já me disse isso antes. — intervim. Eu não entendi na época e continuo sem entender. E acho que nem você entende.

Depois de virar um pouco o rosto, tornou a me fitar, e eu vi que o olhar dela tinha mudado, se tornado muito sério. Quando ela falou, foi num sussurro:

— Acho que estou começando a entender. E estou com medo.

As palavras, o rosto, a melancolia — eu tinha sido severa e apreensiva com

ela, mas tornei a apertar suas mãos, e então retirei as luvas e aqueci seus dedos com os meus. Eu perguntei do que ela tinha medo. Ela não respondeu, apenas virou o rosto. Ao fazer isso, as mãos dela resvalaram nas minhas e as luvas caíram. Eu me abaixei para pegá-las.

Estavam no chão frio. E quando peguei as luvas, eu vi, ao lado delas no chão, uma mancha branca. A mancha brilhava, e quando eu a apertei, ela rachou. Não era limo das paredes.

Era cera.

Cera. Eu olhei para aquilo e comecei a tremer. Levantei-me e olhei para Selina. Ela viu que meu rosto estava pálido, mas não o que eu tinha visto.

— O que foi? — perguntou. — O que aconteceu, Aurora? — As palavras me fizeram recuar porque percebi, por trás delas, a voz de Helen; de Helen, que um dia havia me chamado pelo nome de uma personagem de um livro; e a quem eu havia dito que possuía um nome perfeito, que combinava tão bem com ela...

— O que foi?

Eu pus as mãos nela. Pensei em Agnes Nash, que fazia moedas falsas, contando que ouve vozes de fantasmas na cela de Selina.

— Do que você tem medo? É *dele*? Ainda vem à sua procura? Ele vem à noite, mesmo você estando *aqui*? — perguntei.

Eu senti, por baixo das mangas do uniforme dela, a carne dos seus braços e por baixo da carne os ossos. Ela prendeu a respiração, como se eu a tivesse machucado, e assim que percebi isso, larguei seu braço e me afastei, envergonhada. Eu pensava na mão de cera de Peter Ligeiro. No entanto, o membro estava trancado num armário, longe de Millbank; não passava de um molde oco e não podia machucá-la.

Entretanto, havia uma lógica terrível nisso, que me impressionou e me fez tremer. Aquela mão *era* de cera, mas eu pensei na sala de leitura. Como seria aquele lugar à noite? Ele devia ser muito escuro e silencioso. A cera poderia agitar-se. Os lábios no rosto do espírito poderiam se mexer, e as pálpebras poderiam se abrir; a covinha no braço do bebê poderia ficar mais funda quando o braço se estendesse, e foi o que vi, na cela de Selina, quando me afastei dela e estremei. Os dedos inchados da mão de Peter Ligeiro — eu os vi, eu os vi! Eles se abriam e mexiam. A mão avançava pela prateleira, os dedos arrastando a palma pela madeira. Abriam a porta do armário, deixavam manchas no vidro.

Comecei a ver todos os moldes se arrastarem pela sala silenciosa; e à medida que se arrastavam, eles se tornavam moles e iam se misturando uns aos outros. Eles formaram um rio de cera, eu o vi correr para as ruas, até Millbank, até a prisão silenciosa. Correu pelo cascalho, pelos pavilhões, pelas fendas nas dobradiças das portas, pelas aberturas do portão, pelas portinholas, pelos buracos das *fechaduras*. A cera era clara sob a luz dos lâmpioes, mas ninguém a percebeu; quando ela se arrastou, foi em silêncio. Só Selina, em toda a prisão adormecida, percebeu o ruído sutil do rio de cera sobre o corredor coberto de areia da sua ala. Eu vi a cera subir pelos tijolos cobertos de limo da parede ao lado de sua porta, eu a vi empurrar a aba de ferro, em seguida entrar na sua cela escura e juntar-se no

chão frio de pedra. Eu a vi tomar forma como um estalagmite, e depois começou a endurecer.

Até que se transformou em Peter Ligeiro e a abraçou.

Tive a visão em um segundo, tão nitidamente que me senti mal. Selina chegou perto de mim e eu me afastei dela; e quando olhei para ela, ri — a gargalhada me pareceu horrível.

— Não posso ajudar você hoje, Selina. Eu queria consolá-la. Acabei me assustando por nada.

Mas não tinha sido por nada. Eu sabia que não.

Ao lado do pé dela, a mancha de cera se destacava no chão de pedra, muito branca. Como tinha ido parar lá? Dawes deu mais um passo e a mancha ficou escondida abaixo da bainha da sua saia.

Eu fiquei mais um pouco com ela, mas estava tonta e distraída; finalmente comecei a pensar o que aconteceria se uma carcereira passasse pela cela e me visse ali, tão pálida e desconfortável. Achei que ela iria ver algum sinal em mim, de estranheza ou inspiração. Eu me lembrei de ter sentido o mesmo medo de mamãe, quando voltava para casa depois de visitar Helen. Eu chamei a Sra. Jelf. Mas ela olhou foi para Selina e não para mim, e quando caminhamos juntas pelo corredor permanecemos em silêncio. Só no portão no final da ala foi que ela pôs a mão na garganta.

— Deve ter achado as mulheres muito nervosas hoje, não? Sempre ficam assim quando uma delas tem uma crise.

Fiquei com a sensação de ter agido mal, depois do desabafo de Selina — eu a havia deixado sozinha, assustada, e tudo por causa de um pedacinho de cera! No entanto, eu não podia voltar. Fiquei ali parada, hesitante, enquanto a Sra. Jelf me observava com seus olhos escuros, bondosos e pacientes. Comentei que as mulheres estavam mesmo nervosas; e achava que Dawes — Selina Dawes — era a mais nervosa de todas.

— Fico contente por ser a senhora e não outra carcereira a tomar conta dela — declarei.

Ela baixou os olhos, como que por modéstia, e respondeu que gostava de pensar que era amiga de todas.

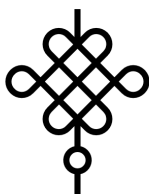
— Quanto à Selina Dawes, entretanto... Bem, Srta. Prior, não precisa ter medo que lhe aconteça algo enquanto *eu* estiver aqui para cuidar dela.

Abriu o portão e eu vi sua mão grande e pálida em meio às sombras. Tornei a pensar na cera escorrendo e me senti de novo tonta.

Do lado de fora, o dia estava escuro, a rua tomada pelo nevoeiro. O porteiro custou a encontrar uma carruagem para mim; quando finalmente entrei numa, tive a impressão de levar comigo uma nuvem de neblina que se depositou na superfície da minha saia, deixando-a pesada. O nevoeiro continua a subir. Já subiu tanto que está saindo pelas cortinas. Quando Ellis veio me trazer o jantar, por ordem de mamãe, ela me achou no chão, ao lado da janela, prendendo as frestas das vidraças com pedaços de papel. Perguntou o que eu estava fazendo ali, pois ia ficar resfriada e machucar as mãos.

Respondi que estava com medo do nevoeiro entrar no meu quarto, no escuro, e me sufocar.

25 DE JANEIRO DE 1873



ESTA MANHÃ EU PROCUREI A SRA. Brink para conversar.

— É sobre os espíritos? — perguntou, e quando confirmei, ela me levou para o seu quarto e nos sentamos de mãos dadas.

— Sra. Brink, eu recebi uma visita — disse e logo seu olhar mudou. Percebi quem achou que fosse, mas neguei. — Não, não foi ela, foi um espírito inteiramente novo. Foi o meu *guia*, Sra. Brink. Foi o meu *mentor*, aquele que todo médium espera. Ele veio e se mostrou, finalmente!

— *Ele* apareceu para você?

Eu sacudi a cabeça. *Ele, ela*, a senhora devia saber que nas esferas não existem essas diferenças. Mas este espírito foi um cavalheiro na terra e agora está obrigado a me visitar dessa forma. Ele veio para demonstrar as verdades do espiritismo. Ele quer fazer isso, Sra. Brink, na sua casa!

Achei que ficaria contente, mas não. Ela retirou as mãos e se virou.

— Oh, Srta. Dawes, eu sei o que isso significa! Significa o final das nossas sessões! Eu sabia que não devia conservá-la aqui, que um dia a perderia. Só nunca pensei que um cavalheiro fosse chegar assim!

Descobri por que a Sra. Brink tinha me conservado tão perto, exposta somente ao seu olhar e ao de suas amigas. Eu ri e tornei a segurar suas mãos.

— Mas como a senhora pôde pensar assim? Acha que eu não tenho poder para o mundo todo e a senhora também? Margery acha que sua mamãe iria embora de novo e nunca mais voltaria? Ora, eu acho que a mamãe de Margery vai poder se manifestar melhor se meu próprio guia estiver aqui para ajudá-la! Porém, se não deixarmos o guia aparecer, então os meus poderes poderão ficar prejudicados. E não posso dizer o que poderá acontecer.

Ela olhou para mim pálida e perguntou baixinho:

O que eu devo fazer? Eu disse a ela para convidar seis ou sete amigas para uma sessão no dia seguinte à noite. Que ela tinha que mover a cabine para um outro local onde o magnetismo era melhor. Que ela tinha que preparar uma jarra de óleo fosforizado, o que proporcionaria uma luz para se ver o espírito, e que ela só devia me dar um pouco de carne branca e vinho tinto.

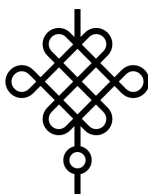
— Vai ser um acontecimento impressionante, eu tenho certeza.

Mas eu não sabia e estava apavorada. Ela chamou Ruth e repetiu minhas palavras, e Ruth foi pessoalmente convidar as amigas da Sra. Brink. E quando voltou, relatou que sete afirmaram que viriam com certeza, e também que a Sra. Morris tinha pedido para trazer suas sobrinhas, as duas Srtas. Adairs, uma vez que elas estavam passando as férias com ela e gostariam muito de participar de uma sessão espírita. Ao todo, seriam nove pessoas, uma plateia maior do que a que eu estava acostumada. A Sra. Brink viu minha expressão.

— O quê, está nervosa? Depois de tudo o que me contou?

— Por que você está assustada? Vai ser maravilhoso — completou Ruth.

26 DE JANEIRO DE 1873



COMO ERA DOMINGO, EU FUI, COMO sempre, à igreja com a Sra. Brink esta manhã. Depois disso, entretanto, eu fiquei no meu quarto, só saindo para comer um pouco de frango e peixe preparado especialmente por Ruth para mim. Quando me deram um copo de vinho quente, eu me acalmei e fiquei sentada ouvindo as vozes das pessoas que chegavam no salão. Quando finalmente a Sra. Brink me levou para junto delas, e vi as cadeiras arrumadas diante da cabine e as senhoras olhando, comecei a tremer.

— Não sei o que vai acontecer esta noite, principalmente porque há desconhecidos aqui. Mas meu guia me pediu para realizar uma sessão com vocês e tenho que obedecer.

— Por que moveu a cabine para a frente da porta? — alguém perguntou. A Sra. Brink explicou que o magnetismo era melhor ali, e não era preciso se incomodar com a porta, pois ela nunca tinha sido aberta depois que a empregada perdeu a chave. Além disso, ela tinha colocado uma tela na frente.

Então todas ficaram em silêncio e olharam para mim. Expliquei que deveríamos nos sentar no escuro e esperar uma mensagem e, passados dez minutos, houve algumas batidas. Esclareci que tinham me comunicado que eu deveria tomar o meu lugar dentro da cabine e que deveriam destampar a jarra de óleo. Fizera isso, eu vi a luz azulada refletida no teto, no topo da parede, onde a cortina não alcança. Orientei que elas precisavam cantar. Cantaram dois hinos inteiros e eu comecei a cogitar se ia funcionar ou não, e não sabia se estava triste ou contente. Mas justo nesse momento em que comecei a duvidar, senti uma comoção ao meu lado e anunciei:

— O espírito chegou!

Nada ocorreu como previa, havia *um homem* ali, com *braços grandes, suíças pretas, lábios vermelhos*. Eu olhei para ele tremendo e disse baixinho:

— Deus, você é real? — Ele ouviu minha voz angustiada, sua testa ficou lisa como água e ele sorriu e assentiu com a cabeça.

— O que foi, Srta. Dawes, quem está aí? — perguntou a Sra. Brink.

— Eu não sei o que devo dizer. — Ele se inclinou e pôs a boca bem perto da minha orelha.

— Diga que é o seu mestre — repeti e ele entrou na sala. Eu ouvi algumas mulheres gritarem.

— Misericórdia! É um espírito!

— Quem é você, espírito? — questionou a Sra. Morris. E ele respondeu numa voz poderosa:

— Meu nome espiritual é *Irresistível*, mas o terreno era *Peter Ligeiro*. Vocês, mortais, devem me chamar assim, pois é como homem que eu aparecerei para vocês! — Eu ouvi alguém dizer “Peter Ligeiro” e quando estas palavras foram ditas eu as repeti junto com ela, porque até aquele momento eu não sabia qual era o nome dele.

Ouvi a Sra. Brink dizer:

— Você vai passar entre nós, Peter? — Mas ele não fez isso, ficou ali parado e ouviu as perguntas. Elas se maravilharam com tantas respostas verdadeiras. Em seguida, ele fumou um cigarro providenciado para ele, depois tomou um copo de limonada, e riu ao prová-la, dizendo:

— Bem, vocês poderiam ao menos ter colocado uma gota de *bebida alcoólica*.

Quando alguém perguntou onde ficaria a limonada depois que ele se fosse, pensou por um momento e respondeu:

— No estômago da Srta. Dawes. — Ao vê-lo segurar o copo, a Sra. Reynolds pediu:

— Posso segurar sua mão, Peter, para ver se ela é sólida? — Ele ficou na dúvida, mas finalmente mandou ela se aproximar.

— Pronto, o que a senhora acha?

— Ela é quente e dura!

Ele riu e acrescentou:

— Ah, eu gostaria que a segurasse por mais tempo; eu sou da fronteira, onde não há mulheres bonitas como a senhora. — Contudo, falou virado para a cortina, não para me provocar, mas como que para dizer, “Está ouvindo? O que ela sabe sobre quem eu acho bonita?” A Sra. Reynolds deu uma risadinha, e quando ele voltou para trás da cortina pôs a mão no meu rosto e eu tive a impressão de sentir o cheiro da Sra. Reynolds na palma da mão dele. Gritei para que cantassem bem alto de novo.

— Será que ela está bem? — indagou alguém. E a Sra. Brink explicou que eu estava recolhendo o espírito para dentro do meu corpo, e elas não deveriam me atrapalhar até que a troca fosse completada.

Logo após, fiquei sozinha de novo. Eu pedi que o lampião fosse aceso e fui ao encontro delas, mas tremia tanto que mal podia andar. Ao ver isso, elas me fizeram deitar no sofá. A Sra. Brink tocou a sineta e primeiro veio Jenny, depois Ruth, que indagou:

— O que foi que aconteceu? Foi maravilhoso? Por que a Srta. Dawes está tão pálida?

Quando ouvi a voz dela, eu tremi mais ainda, e ao perceber isso a Sra. Brink esfregou minhas mãos.

— Você não está fraca demais?

Ruth tirou meus sapatos, segurou meus pés e soprou ar quente neles. Finalmente, a mais velha das Srtas. Adairs disse:

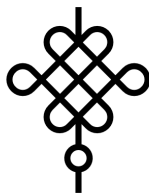
— Já chega, deixe-me cuidar dela agora. — A moça se sentou ao meu lado e outra dama segurou minha mão. A Srta. Adair revelou baixinho:

— Ah, Srta. Dawes, eu nunca vi nada que se comparasse a esse espírito! O que a senhorita sentiu quando ele apareceu no escuro?

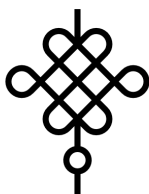
Ao sair, duas ou três deixaram dinheiro para mim com Ruth, ouvi o barulho das moedas. Contudo, estava tão cansada que nem liguei para a quantia deixada, eu só queria poder ir para um lugar escuro e me deitar. Eu fiquei no sofá, ouvindo Ruth trancar a porta, e a Sra. Brink andando no quarto dela, depois indo para a cama e esperando. Na mesma hora, eu soube por quem ela estava esperando. Eu me dirigi para a escada e pus a mão no rosto. Ruth olhou para mim e assentiu.

— Boa menina.

PARTE TRÊS



5 DE NOVEMBRO DE 1874



ONTEM FEZ DOIS ANOS QUE MEU querido pai morreu; e hoje minha irmã Priscilla finalmente se casou, na igreja de Chelsea, com Arthur Barclay. Ela partiu de Londres e só deve voltar no início do ano que vem. Depois de dez semanas de lua de mel, vão viajar direto da Itália para Warwickshire, e ouvi dizer que vamos passar uma temporada lá com eles, de janeiro até a primavera — embora eu não queira pensar nisso neste momento. Eu me sentei na igreja ao lado de mamãe e de Helen, e Pris entrou com Stephen e uma das crianças da família Barclay seguia na frente carregando uma cesta de flores. Ela usava um véu branco de renda, e quando veio da sacristia, depois de Arthur ter levantado o véu... bem, o fato de ter mantido o rosto relaxado durante seis semanas foi muito eficaz, porque eu nunca a tinha visto tão bonita. Mamãe enxugou os olhos com o lenço e eu ouvi Ellis soluçando na porta da igreja. Agora, Pris tem sua própria criada, é claro, enviada pela governanta de Marishes.

Eu tinha achado que ia ser difícil ver minha irmã entrar na igreja. Não foi; só fiquei um pouco triste quando me despedi dos dois e vi as malas fechadas e etiquetadas, Priscilla resplandecente em uma capa cor de mostarda — a primeira peça de roupa colorida da família em 24 meses, é claro — e prometendo nos mandar presentes de Milão. Eu percebi alguns olhares de curiosidade ou de piedade endereçados a mim, mas não tantos quanto no casamento de Stephen, tenho certeza. Na época, suponho, eu era um fardo para minha mãe. Agora eu sou o seu *consolo*. Eu ouvi algumas pessoas dizendo, no café da manhã:

— A senhora deve se sentir grata por ter Margaret, Sra. Prior. Tão parecida com o pai! Ela será um consolo para a senhora.

Eu não sou um consolo para ela. Ela não quer ver o rosto e os hábitos do marido em sua *filha*! Depois que os convidados foram embora, eu a encontrei vagando pela casa, balançando a cabeça e suspirando.

— Como a casa está silenciosa! — disse ela, como se minha irmã fosse uma criança e ela sentisse falta dos seus berros na escada. Eu a segui até a porta do quarto de Priscilla e contemplei junto com ela as prateleiras vazias. Tudo tinha sido encaixotado e enviado para Marishes, até as coisas dela de menina; acho que Priscilla vai guardá-las para as próprias filhas. Nossa casa está ficando com os

quartos vazios — e mamãe tornou a suspirar.

Em seguida, foi até a cama e tirou o cortinado e a colcha, justificando que não devia deixá-los ali para mofar. Ela chamou Vigers e mandou que descobrisse o colchão, depois levasse os tapetes para batê-los e raspasse a lareira. Nós ficamos ouvindo o barulho de Vigers cumprindo essas ordens, sentadas na sala de visitas. Mamãe reclamava que Vigers era “desajeitada como um bezerro”; ou olhava para o relógio da lareira e suspirava de novo. “Priscilla deve estar em Southampton agora” ou “Eles devem estar atravessando o Canal...”

— Como esse relógio é barulhento! — disse mais tarde; e então, virando-se para onde o papagaio costumava ficar: — Como está silencioso aqui, agora que Gulliver foi embora.

Segundo ela, essa era a desvantagem de trazer bichos de estimação para casa: a gente se acostuma com eles e se entristece com sua perda.

O relógio continuou marcando a passagem das horas. Nós conversamos sobre o casamento, os aposentos de Marishes e as belas irmãs de Arthur e seus vestidos; e algum tempo depois, mamãe pegou sua costura e começou a trabalhar. Em torno de 21 horas eu me levantei, como sempre, para dar boa noite a ela, e quando fiz isso ela me lançou um olhar estranho e exclamou:

— Você não vai me deixar aqui sozinha, eu espero. Vá buscar o seu livro e volte para cá. Você pode ler para mim, eu não tenho ninguém que faça isso desde que seu pai morreu. — Argumentei, sentindo uma onda de pânico dentro de mim, que ela não ia gostar de nenhum dos meus livros. Ela respondeu que eu devia procurar algo que ela *fosse* gostar, um romance; e enquanto eu a fitava, mamãe se levantou, foi até a estante ao lado da lareira e pegou um livro ao acaso. Era o primeiro volume de *Little Dorrit*.

Diante disso, li para ela, e ela continuou costurando, lançou mais olhares ao relógio. Logo depois tocou a campainha para pedir chá e bolo, e ralhou com Vigers por bater com o bule na xícara; de Cremorne, veio o som de fogos de artifício, e da rua, de vez em quando, alguns gritos e risadas. Eu lia — ela não parecia estar prestando muita atenção, não sorria nem mexia com a cabeça —, mas quando eu parava, ela dizia:

— Continue, Margaret. Continue, passe para o próximo capítulo.

Eu lia e a observava por baixo dos meus cílios. Naquele momento, tive uma visão nítida e terrível.

Eu a vi envelhecendo. Eu a vi ficando velha, curvada e resmungona; talvez um pouco surda. Eu a vi ficando amarga, porque o filho e a filha favorita moravam em outro lugar, tinham lares mais alegres, com filhos, correria, rapazes e vestidos novos; lares que, se não fosse pela presença da filha solteirona — seu *consolo*, que preferia prisões e poesia a desfiles e jantares, e que, portanto, não era nenhum consolo —, ela seria convidada a compartilhar. Por que eu não tinha adivinhado que seria assim quando Pris partisse? Eu só tinha pensado na minha própria inveja. Agora eu via minha mãe e tinha medo. Sentia vergonha do meu temor.

Quando mamãe se levantou e foi para o quarto, eu fui até a janela e fiquei

olhando pela vidraça. Ainda soltavam fogos atrás das árvores em Cremorne, embora estivesse chovendo.

Isso foi hoje à noite. Amanhã à noite, Helen vem aqui com sua amiga, Srta. Palmer, prestes a se casar.

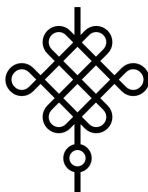
Eu tenho 29 anos. Daqui a três meses vou fazer 30. Mamãe começa a ficar curvada e resmungona. O que eu irei me tornar?

Ficarei seca, pálida e macilenta — como uma folha prensada nas páginas de um horrível livro preto e esquecida lá dentro. Eu encontrei uma folha dessas ontem, de hera, no meio dos livros nas prateleiras atrás da escrivaninha de papai. Eu fui até lá, dizendo a mamãe que ia começar a examinar as cartas dele, mas fui mesmo para pensar nele. A sala está como ele deixou, com a caneta sobre o mataborrão, o selo, a faca para os charutos, o espelho...

Eu me lembro dele parado diante do espelho, duas semanas depois de descobrirem que tinha câncer, virando o rosto com um sorriso apavorante. Sua babá tinha dito a ele, quando menino, que os doentes não deviam olhar seu reflexo porque suas almas iriam voar para dentro do espelho e eles morreriam.

Eu fiquei um longo tempo diante do espelho, procurando-o lá dentro — procurando alguma coisa do tempo em que ele estava vivo. Mas só havia eu mesma.

10 DE NOVEMBRO DE 1874



ESTA MANHÃ EU DESCI E ENCONTREI três chapéus de papai no porta-chapéus, e sua bengala no seu antigo lugar, encostada na parede. Por um momento, fui tomada pelo medo, lembrando-me do meu medalhão. Eu pensei, “*Selina* fez isso e agora como é que eu vou explicar para as pessoas?” Então Ellis apareceu, olhou espantada para mim e esclareceu tudo. Mamãe mandou pôr as coisas ali: acha que irá afugentar os ladrões porque vão pensar que há um cavalheiro em casa! Ela também pediu um policial para patrulhar a rua e toda vez que saio, ele me cumprimenta — *Boa tarde, Srta. Prior*. Acho que em seguida ela vai obrigar a cozinheira a dormir com uma pistola carregada embaixo do travesseiro, como os Carlyles. E a coitada vai se revirar na cama de noite e levar um tiro na cabeça, e mamãe vai se lamentar, nunca houve uma cozinheira tão boa quanto a Sra. Vincent para preparar costeletas e ensopados...

Eu estou ficando sarcástica, segundo Helen. Ela esteve aqui esta noite, junto com Stephen. Eu deixei os dois conversando com mamãe, mas Helen bateu na porta do meu quarto mais tarde. Ela costuma fazer isso, vem me dar boa noite, eu já estou habituada. No entanto, dessa vez, eu vi que ela tinha alguma coisa na mão, que carregava um tanto sem jeito. Era o meu remédio para dormir.

— Sua mãe viu que eu estava vindo vê-la e me pediu para trazer o seu remédio. Mencionei que talvez você não gostasse. Mas ela reclamou que o lance extra de escada faz suas pernas doerem, e confia mais em mim do que numa criada.

Acho que eu preferiria que Vigers trouxesse o remédio em vez de Helen.

— Da próxima vez ela vai me fazer tomar o remédio na sala de visitas, vai me estender uma colher na frente dos outros. E ela a deixou apanhá-lo em seu quarto, sozinha? É uma honra, saber onde ela o guarda. Para mim ela não diz.

Helen se deu ao trabalho de misturar o pó na água. Quando me entregou, eu coloquei a mistura sobre a escrivaninha e a deixei lá, até que ela alertou:

— Eu tenho que ficar até você tomar o remédio — avisei que ia tomá-lo logo, que ela não precisava se preocupar: eu não ia deixá-lo ali apenas para obrigá-la a ficar mais tempo. Ao ouvir isso, ela ficou vermelha e virou o rosto.

Arthur e Pris tinham enviado uma carta de Paris naquela manhã e

conversamos um pouco sobre isso.

— Sabe o quanto eu me sinto sufocada desde o casamento? — questionei. — Você me acha egoísta por causa disso? — hesitou. Por fim, respondeu que devia ser mesmo um período difícil para mim, com minha irmã casada...

Eu olhei para ela e balancei a cabeça. Ah, eu tinha ouvido isso tantas vezes! Quando Stephen foi para a escola eu tinha 10 anos: alertaram que seria um “período difícil” porque, é claro, eu era muito inteligente e não ia entender por que tinha que continuar a estudar com minha governanta. Quando ele foi para Cambridge, foi o mesmo; e depois, quando ele voltou para casa e começou a trabalhar como advogado. Quando Pris se tornou uma moça muito bonita, comentaram que ia ser difícil, que devíamos nos preparar, porque, é claro, eu era feia. E na época que Stephen se casou, em que papai morreu e Georgy nasceu — um evento após o outro — diziam apenas, sempre, que era natural, era de se esperar que eu sentisse o peso de tudo isso; que irmãs mais velhas, solteiras, sempre sentiam.

— Mas, Helen, se esperam que seja difícil, por que não mudar as coisas para que fiquem mais fáceis? Eu sinto que se ao menos eu tivesse um pouco mais de liberdade...

Liberdade para fazer o quê, perguntou ela. E como não respondi, ela disse que eu devia ir mais a Garden Court.

— Para olhar para você e Stephen — desabafei. — Para olhar para Georgy. — Ela disse que quando Pris voltasse, nós seríamos convidados para Marishes, o que seria uma mudança na minha rotina. — Marishes! — exclamei. — E vão me colocar ao lado do filho do vigário na hora do jantar; e vou passar os dias com a prima solteirona de Arthur... ajudando-a a prender besouros pretos num recipiente coberto de feltro verde.

Helen ficou me olhando e foi aí que disse que eu tinha ficado sarcástica. Esclareci que sempre tinha sido assim, ela é que nunca percebeu. Ela costumava dizer que eu era *corajosa e original*. Parecia me admirar por isso.

Helen enrubesceu de novo; mas também suspirou. Aproximou-se da minha cama, e eu disse na mesma hora:

— Não chegue perto da cama! Não sabe que ela está assombrada, por nossos antigos beijos? Eles virão assustá-la.

— Oh! — exclamou então, e bateu com o punho na cabeceira. Em seguida, sentou-se na cama e cobriu o rosto com as mãos. Ela perguntou se eu iria atormentá-la para sempre. Ela tinha mesmo me achado muito corajosa, ainda me acha corajosa. Mas eu, argumentou, tinha achado que ela era corajosa também.

— E eu nunca fui corajosa, Margaret, não o bastante, não para o que você queria. E agora, quando você ainda podia ser minha amiga... ah! Eu queria tanto ser sua amiga! Mas você faz disso uma batalha! Eu estou tão cansada.

Ela balançou a cabeça e fechou os olhos. Eu senti o cansaço dela e, junto com ele, o meu. O cansaço se abateu sobre mim, mais escuro e pesado do que qualquer droga que eu já tenha tomado, escuro e pesado como a morte. Olhei para a cama. Antes, tive mesmo a impressão de ver nossos beijos lá algumas vezes,

eu os vi pendurados nas cortinas, como morcegos, prontos para dar voos rasantes. No entanto, agora, eu pensei, se eu balançá-las, eles vão cair e virar pó.

— Sinto muito — disse, embora não sentisse, nunca tivesse sentido. Jamais me alegraria com aquilo. Acrescentei: — Estou contente que você esteja com Stephen. Acho que ele deve ser um homem bom.

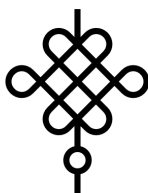
Ela respondeu que ele era o homem mais gentil que jamais conhecera. Depois ela hesitou, e disse que se eu me tornasse um pouco mais sociável acharia outros homens bondosos...

“Eles podem ser bons”, eu pensei. “Podem ser sensíveis e bons. Mas não serão iguais a você.”

Mas eu não falei isso. Eu sabia que não significaria nada para ela. Fiz um comentário comum e sem importância, não me lembro o quê. E após algum tempo ela me deu um beijo no rosto e foi embora.

Ela levou o remédio, mas tinha esquecido de me ver tomá-lo. Ele ainda estava na minha escrivaninha, a água clara, transparente e diluta como lágrimas, o pó do remédio depositado no fundo. Há poucos instantes eu me levantei, joguei fora a água e tomei o pó com uma colher, passando o dedo pelos pedacinhos que não consegui alcançar e lambendo-o. Agora minha boca está muito amarga, e totalmente anestesiada. Acho que se eu mordesse a língua até sangrar não iria sentir nada.

14 DE NOVEMBRO DE 1874



BEM, MAMÃE E EU JÁ LEMOS vinte capítulos de *Little Dorrit*, e eu fui extremamente boa e paciente a semana inteira. Fomos tomar chá com os Wallaces e jantar em Garden Court com a Srta. Palmer e o namorado; fomos até às lojas de vestidos de Hanover Street juntas. E, ah! Que coisa desagradável, ficar vendo as moças de queixo pequeno, cara afetada e pescoço redondo desfilar enquanto as senhoras levantam as dobras da saia para mostrar a *faillie*, a *groseille*, ou o detalhe de *foulard* por dentro. Eu perguntei se tinham algo na cor cinza, e a senhora pareceu na dúvida. Perguntei se tinham alguma coisa simples e elegante. Mostraram-me uma moça com um vestido que parecia uma couraça. Ela era pequena e bem-feita de corpo — parecia um tornozelo numa bota bem torneada. Eu sabia que se usasse o mesmo vestido ficaria parecendo uma espada numa bainha.

Eu comprei um par de luvas de pele e desejei poder comprar uma dúzia mais para levar para Selina na sua cela fria.

Mesmo assim, mamãe achou que estávamos progredindo muito. Esta manhã, enquanto eu tomava café, ela me deu um presente, dentro de uma caixa de prata. Era um conjunto de cartões de visita que ela tinha mandado imprimir. Eles tinham a beirada arredondada, preta, e traziam nossos dois nomes, o dela em primeiro lugar e o meu, abaixo, numa letra mais simples.

Eu olhei para eles e senti o estômago fechar, como um punho.

Não toquei no assunto da prisão com mamãe, e há uma semana não vou lá para estar livre para nossos programas. Eu achei que ela devia ter notado e ficado agradecida. Mas quando ela trouxe os cartões esta manhã, disse que planejava fazer uma visita e perguntou se eu ia com ela ou se preferia ficar em casa lendo. Respondi na mesma hora que iria até Millbank, e ela me olhou surpreendida.

— Millbank? — indagou. — Eu achei que você já tinha terminado com isso.

— Terminado? Mamãe, como pode pensar tal coisa?

Ela fechou a bolsa com um estalo.

— Faça o que quiser — respondeu.

Eu disse que ia fazer o que vinha fazendo antes da partida de Priscilla.

— Nada mudou, não é, fora isso? — Ela não respondeu.

Seu novo nervosismo, a semana “cheia” e os vinte capítulos de *Little Dorrit*, a terrível suposição de que eu tinha “terminado” com minhas visitas, tudo isso me deixou num estado horrível. Até Millbank, como sempre acontece quando eu passo muito tempo longe, me pareceu um lugar miserável e as mulheres mais infelizes do que nunca. Ellen Power está com febre e tosse. Ela tosse tanto que perde o fôlego e deixa manchas de sangue no pano com que enxuga os lábios, de nada adiantaram a porção extra de carne e o lenço de lã vermelha, da bondosa Sra. Jelf. A moça cigana, a que faz abortos, conhecida como “menina dos olhos negros”, usa uma atadura suja no rosto e é obrigada a comer a carne de carneiro com os dedos. Não fazia três semanas que ela estava na cela quando tentou, por desespero ou loucura, arrancar um dos olhos com a faca; sua carcereira disse que o olho foi furado e ela não enxerga mais com ele. As celas ainda estão frias como uma geladeira. Eu perguntei à Srta. Ridley, que me acompanhava pelas alas, como poderia fazer bem às mulheres viver com tanto frio e desespero, quase doentes.

— Nós não estamos aqui para ajudá-las, madame, mas para castigá-las. Existem muitas mulheres boas pobres, doentes ou passando fome, portanto não devemos nos preocupar com as más. — Explicou que elas ficariam aquecidas se “costurassem com vigor.”

Eu fui ver Power, como mencionei; depois Cook e outra mulher, Hamer; no fim fui visitar Selina. Ela levantou a cabeça quando ouviu meus passos, e olhou para mim por cima do ombro da carcereira. Seus olhos brilharam. Percebi na hora como tinha sido difícil ficar longe, não apenas de Millbank, mas dela. Eu senti aquela *aceleração*. Imagino que seja a sensação de uma mulher quando o bebê em seu ventre dá o primeiro chute.

É ruim eu sentir isso, uma vez que é tão discreto, silencioso e secreto?

Não pareceu fazer mal, naquele momento, na cela de Selina. Ela estava tão agradecida por eu ter ido visitá-la!

— Você foi paciente comigo da última vez, quando eu estava tão desesperada. E então, quando você passou tanto tempo sem vir... eu sei que não foi tanto assim, mas me pareceu um tempo enorme, aqui em Millbank. E como você não veio, eu pensei que talvez tivesse mudado de ideia e nunca mais viesse nos visitar...

Eu me lembrei daquela visita e do quanto ela tinha me deixado traumatizada e confusa. Pedi que não pensasse daquele jeito; e olhei para o chão de pedra da cela enquanto falava. Não havia nenhuma marca branca, nenhum traço de cera, gordura ou limo. Expliquei que tinha sido obrigada a ficar afastada por certo tempo. Eu tinha estado muito ocupada em casa.

Ela assentiu com a cabeça, mas pareceu triste. Comentou que eu devia ter muitos amigos e entendia que eu preferisse passar meus dias com eles a ir até Millbank.

Se ela soubesse o quanto meus dias são aborrecidos e vazios — tão lentos quanto os dela! Eu fui até a cadeira e me sentei, e pus o braço sobre a mesa. Contei que Priscilla tinha se casado e minha mãe precisava mais de mim em casa neste momento.

— Sua irmã se casou. Ela fez um bom casamento? — respondi que sim.

Selina concluiu:

— Então você deve estar feliz por ela.

Quando eu sorri e não respondi, ela chegou mais perto de mim.

— Eu acho, Aurora, que talvez você tenha um pouco de inveja da sua irmã.

Eu sorri, disse que ela tinha razão, que eu tinha inveja de Priscilla.

— Não — acrescentei — por ela ter um marido, não por isso, ah, não! Mas porque ela... como posso explicar? Ela *evoluiu*, como um dos seus espíritos. Ela seguiu em frente. E eu fiquei para trás, mais *involuída* do que nunca.

— Você é como eu — disse. — Realmente, você é como todas nós, em Millbank.

Concordei. Entretanto, elas tinham uma pena a cumprir, que um dia iria terminar.

Eu baixei os olhos, mas senti o olhar dela sobre mim. Ela me perguntou se eu podia contar mais sobre minha irmã. Retruquei que ela ia me achar egoísta.

— Ah! — disse Selina na mesma hora — Eu jamais acharia isso.

— Você vai achar sim. Sabe de uma coisa, eu não consegui olhar para a minha irmã quando ela partiu para a lua de mel. Eu não consegui beijá-la nem dar adeus. Como eu senti inveja dela! Ah, parecia que eu tinha vinagre nas veias em vez de sangue!

Hesitei. Ela ainda estava me observando. E, finalmente, disse baixinho que eu não devia ter vergonha de contar meus pensamentos ali em Millbank. Que ali só havia as pedras das paredes para me escutar e ela, que era mantida muda como uma pedra e, portanto, não podia contar a ninguém.

Ela já tinha dito isso antes; mas eu não havia sentido a força de suas palavras como senti hoje, e quando tornei a falar, foi como se as palavras fossem arrancadas de dentro de mim, como se antes estivessem presas no meu peito.

— Minha irmã partiu, Selina, para a Itália; e eu devia ter viajado para lá, com meu pai e... uma amiga. — É claro que nunca mencionei o nome de Helen em Millbank. Só mencionei naquele momento que tínhamos planejado ir para Florença e para Roma; que papai ia estudar os arquivos e as galerias de lá, e que minha amiga e eu íamos ajudá-lo. Revelei que a Itália tinha se tornado uma obsessão para mim, uma espécie de símbolo. — Nós íamos fazer a viagem antes do casamento de Priscilla, para que minha mãe não ficasse sozinha. Agora Priscilla está casada. Ela foi para lá, sem pensar em todos os meus planos. E eu...

Fazia muitos meses que eu não derramava uma lágrima, mas, para meu horror e vergonha, comecei a chorar e me virei para a parede cheia de limo. Quando tornei a olhar para Selina, vi que ela estava bem junto de mim. Ela havia se agachado perto da mesa e estava com os cotovelos sobre ela, o queixo apoiado nos pulsos.

Ela disse que eu era muito corajosa — o mesmo que Helen há uma semana. Ao ouvir isso de novo, eu quase ri. Corajosa! Corajosa por tolerar a mim mesma, sempre reclamando! Eu preferiria me livrar deste eu, mas não posso, não pude, até isso me foi negado...

— Corajosa — tornou a dizer, balançando a cabeça — por ter vindo para Millbank, para todas nós que esperamos por você...

Selina estava perto de mim e a cela estava fria. Eu senti o calor dela, a vida que havia nela. Mas, sem tirar os olhos de mim, ela se levantou.

— Sua irmã... de quem você tem tanta inveja. O que inveja nela, realmente? O que ela fez de tão maravilhoso? Acha que ela *evoluiu*, mas será mesmo? Fazendo o mesmo que todo mundo? Ela apenas continua a fazer o que sempre fez. Qual a inteligência de agir assim?

Eu pensei em Pris, que sempre, como Stephen, se pareceu mais com mamãe, enquanto eu sou como papai. Eu a imaginei daqui a vinte anos, repreendendo as filhas.

Mas as pessoas, argumentei, não querem inteligência, pelo menos não nas mulheres.

As mulheres são *educadas* para fazer sempre o mesmo. Essa é a função delas. Só aquelas que são como eu negam o sistema, deixam-no desequilibrado...

Porém, ela justificou que fazer sempre o mesmo nos mantinha “presos à terra”; que nós fomos feitos para subir para outro plano, mas nunca o faríamos enquanto não *mudássemos*. Quanto a *mulheres e homens*, esclareceu, bem, essa era a primeira característica a ser descartada.

Eu não entendi. Ela sorriu.

— Quando nós vamos para o plano superior, você acha que levamos nossas características terrenas conosco? São só os espíritos novos, confusos, que procuram em si as coisas da carne. Quando os guias se aproximam, os espíritos olham para eles e não sabem como se comunicar, perguntam se você é um homem ou uma mulher. Mas os guias não são nem um nem outro, são ambos; e os espíritos também. Só depois que eles compreendem isso é que estão prontos para serem levados.

Eu tentei imaginar o mundo que ela descrevia, o mundo no qual ela diz que papai está. Eu o imaginei, sem roupas e assexuado, comigo ao lado dele. Foi uma visão horrorosa, que me fez suar.

Não, rejeitei. A explicação de Selina não fazia sentido. Não podia ser verdade. Como poderia? Seria um caos!

— Significaria liberdade.

— Seria um mundo sem distinção. Sem amor.

— É um mundo *feito* de amor. Você acha que só existe o tipo de amor que sua irmã sente pelo marido? Que tem que haver para isso um homem de suíças e uma mulher de vestido? Já não expliquei que não há suíças nem vestidos no mundo dos espíritos? E o que sua irmã fará se o marido morrer e ela se casar com outro? Para junto de qual deles irá quando cruzar as esferas? Porque ela irá para junto de alguém, nós todos iremos, todos retornaremos à matéria brilhante da qual nossas almas foram retiradas junto com outra, duas metades iguais. Pode ser que a alma do marido de sua irmã tenha afinidade com a dela, espero que sim. Mas talvez ela só tenha afinidade com um segundo marido, ou pode ser que não tenha com nenhum dos dois. Pode ser alguém que ela jamais pensou em procurar

na terra, alguém separado dela por alguma falsa barreira...

Eu vejo agora o quanto essa conversa foi extraordinária — nós duas trancadas na cela e com a Sra. Jelf patrulhando os corredores, as tosses, gemidos e suspiros de trezentas mulheres ao nosso redor e o barulho de fechaduras e chaves. Mas com os olhos verdes de Selina me observando não pensei nisso. Só conseguia vê-la na minha frente, ouvi sua voz e, quando finalmente falei, foi para perguntar:

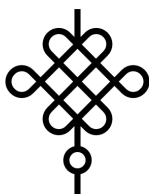
— Como uma pessoa irá saber, Selina, que a alma com a qual tem afinidade está perto?

— Ela irá saber. Alguém procura o ar antes de respirar? Este amor será levado até ela; e quando ele chegar, ela irá saber. E fará tudo para conservar esse amor junto dela. Porque perdê-lo será como a morte.

Ela ainda me fitava, contudo o olhar dela tinha ficado estranho. Ela me encarava como se não me conhecesse. Até que virou o rosto como se tivesse se exposto demais e estivesse com vergonha.

Eu tornei a olhar para o chão da cela, procurando aquela mancha de cera. Não havia nada.

20 DE NOVEMBRO DE 1874



HOJE CHEGOU OUTRA CARTA DE PRISCILLA e Arthur — dessa vez da Itália, de Piacenza. Quando contei a Selina, ela me fez repetir o nome três ou quatro vezes:

— *Piacenza, Piacenza...* — e sorriu ao me ouvir pronunciá-lo. — Parece uma palavra tirada de um poema.

Confessei que já tinha pensado o mesmo, que quando papai era vivo, eu ficava deitada na cama, acordada e, em vez de recitar orações ou versos, eu enumerava todas as cidades da Itália — *Verona, Reggio, Rimini, Como, Parma, Piacenza, Cosenza, Milão...* Passava muitas horas pensando em como ia ser quando eu visse aqueles lugares.

Ela disse que eu ainda poderia visitá-los.

— Acho que não — respondi sorrindo.

— Mas você tem tantos anos ainda para viajar para a Itália!

— Talvez. Mas não como eu era antes.

— Como você é *agora*, Aurora. Ou como será, em breve — sugeriu, me encarando até eu desviar o olhar.

Então Selina me perguntou o que eu admirava tanto na Itália.

— Ah, Itália! Acho que deve ser o lugar mais perfeito da terra... — Eu disse que ela devia imaginar como deve ter sido, para mim, passar tantos anos ajudando meu pai com o trabalho dele; ter visto todas as pinturas e estátuas maravilhosas da Itália em livros e gravuras em tons de preto e branco, cinza e vermelhos manchados. — Mas visitar o Uffizi e o Vaticano, entrar numa igreja simples do campo com um afresco lá dentro... acho que seria como entrar na cor e na luz! — Eu contei a ela sobre a casa em Florença, na Via Ghibellina, onde se pode visitar os aposentos de Michelangelo e ver seus chinelos e sua bengala, o escritório onde ele escrevia. — Imagine, ver uma coisa dessas! Imagine ver o túmulo de Dante em Ravenna. Pense nos dias, longos e quentes o ano inteiro. Em ter uma fonte em cada esquina e laranjeiras em flor, as ruas tomadas pelo perfume delas, enquanto nossas vias vivem cobertas de neblina! As pessoas lá são amáveis e simpáticas. As inglesas podem andar livremente, eu acho, pelas ruas. Imagine como a água deve brilhar! E Veneza: uma cidade tão integrada com o mar que é preciso alugar um barco para atravessá-la...

Eu continuei falando, até tomar consciência, de repente, da minha própria voz e de que Selina estava escutando, sorrindo da minha animação. O rosto dela estava meio virado para a janela, e a luz que o iluminava suavizava suas feições fortes e assimétricas. Eu me lembrei da sensação que tive ao observá-la pela primeira vez, e do quanto ela tinha me lembrado a *Veritas* de Crivelli. Acho que essa lembrança fez minha expressão mudar, porque ela me perguntou por que eu me calei, o que tinha em mente.

Respondi que estava pensando numa galeria de Florença e em uma de suas pinturas.

Uma pintura que eu queria estudar, ela me perguntou, com meu pai e minha amiga?

Não, uma pintura que não significava nada para mim quando eu tinha feito aqueles planos...

Ela franziu a testa, sem entender; e como eu não falei mais nada, ela sacudiu a cabeça e riu.

Selina tem que tomar cuidado para não rir da próxima vez. Quando a Sra. Jelf abriu a porta para mim e atravessamos as alas até chegarmos ao portão que leva à prisão masculina, ouvi chamarem meu nome; olhei em volta e vi a Srta. Haxby se aproximando, com o rosto fechado. Eu não a via desde a visita à cela do castigo; eu me lembrei que havia me apoiado nela no escuro quando tropecei e fiquei vermelha. Ela me perguntou se eu tinha um momento para conversar, e quando respondi que sim, ela liberou a agente que havia me acompanhado e me conduziu pelo portão e pelos corredores do outro lado.

— Como vai passando, Srta. Prior? — perguntou. — Nós nos encontramos em circunstâncias terríveis da última vez, e eu não tive oportunidade de discutir seu progresso conosco. A senhorita deve me achar muito displicente. — Relatou que tinha me deixado entregue aos cuidados das agentes e recebeu, em troca, informações — em especial, da minha substituta, Srta. Ridley — sugerindo que eu tinha me virado bem sem a ajuda dela.

Nunca havia me ocorrido antes que eu pudesse ser objeto de “relatórios”, ou de qualquer outro tipo de troca de informações entre a Srta. Haxby e sua equipe. Eu pensei no enorme livro preto que ela tem sobre a mesa. É possível que tenha uma parte dedicada a “Damas visitantes”.

O que eu disse, no entanto, foi que suas agentes haviam sido muito atenciosas comigo e muito amáveis. Nós paramos enquanto um guarda abria um portão para nós — é claro, o molho de chaves dela é inútil nas alas dos homens.

Em seguida, perguntou sobre as mulheres. Contou que uma ou duas delas — Ellen Power, Mary Ann Cook — sempre falavam bem de mim.

— Acho que a senhorita fez algumas amigas! Elas vão sentir o valor disso. Pois quando uma dama se interessa por elas, isso as incentiva, é claro, a se interessarem por si mesmas.

Eu disse que esperava que sim. Ela me fitou, depois desviou os olhos. É claro, argumentou, que sempre havia o perigo de que tal amizade iludisse a presa, a fizesse se interessar *demaix* por si mesma.

— Nossas mulheres são obrigadas a passar muitas horas sozinhas, e isso às vezes as leva a ter estranhas fantasias. Uma dama chega, chama uma delas de “amiga” e volta para o próprio mundo; a presa não vê nada disso, é claro. — Ela esperava que eu pudesse avaliar os perigos disso. Eu disse que podia sim. Para a Srta. Haxby, às vezes, essas situações eram mais fáceis de perceber do que de consertar...

— Eu imagino se o seu interesse por algumas de nossas presas não é um pouco mais... específico do que devia ser.

Acho que diminuí o passo por alguns segundos; depois continuei andando, um pouco mais depressa do que antes. É claro que eu sabia a quem ela estava se referindo, eu soube na mesma hora. Mas perguntei:

— Por qual presa, Srta. Haxby?

— Por uma em especial, Srta. Prior.

— A senhorita se refere, eu suponho, a Selina Dawes? — indaguei, sem olhar para ela.

Ela assentiu com a cabeça. De acordo com as agentes, eu passava a maior parte das minhas visitas na cela de Dawes.

A Srta. Ridley contou, eu pensei com amargura. Eu pensei, *é claro* que elas vão fazer isso com Selina. Cortaram seu cabelo e a privaram de suas roupas. Elas a fazem suar num uniforme imundo, machucam suas mãos delicadas com um trabalho inútil; *é claro* que vão tentar tirar dela as migalhas de consolo e alívio que recebe de mim. E, de novo, eu me lembrei de como a vi pela primeira vez, segurando uma violeta. Eu tinha entendido — mesmo então, eu tinha entendido — que, se encontrassem a flor em seus pertences, elas a teriam tirado e destruído. Da mesma forma que queriam destruir nossa amizade. Era *contra as regras*.

Entretanto, é claro que não deixei transparecer minha amargura. Expressei apenas que tinha me interessado especialmente pelo caso de Dawes; e achava que era comum que as damas visitantes dessem uma atenção especial a certas presas. A Srta. Haxby concordou e contou que as damas foram de auxílio a muitas presas, ajudando na busca por empregos apropriados ao seu nível social, no início de uma nova vida, longe de seus crimes e das más influências, às vezes distante da Inglaterra, encontrando casamento para elas nas colônias.

Ela olhou para mim e perguntou se eu tinha um plano desse tipo para Selina Dawes.

Respondi que não tinha nenhum plano para Selina. Que buscava apenas trazer-lhe um pouco de consolo.

— Deve ter percebido, a senhora que conhece a história dela, o quanto as circunstâncias de sua prisão são extraordinárias. — Dawes não era uma moça que pudesse ser empregada como criada. Era ponderada e sensível, quase uma dama, realmente. — Acho que os rigores da vida na prisão a afetam mais do que a outras mulheres.

“A senhorita trouxe ideias próprias para dentro da prisão”, disse a Srta. Haxby após alguns momentos. “Mas nossos métodos em Millbank, como pode ver, são bem rígidos.” Ela sorriu, pois tínhamos entrado num corredor estreito

que nos obrigou a prender as saias e a caminhar uma atrás da outra. Determinou que não se faziam distinções ali, exceto quando elas, funcionárias, decidiam fazê-las, e Dawes já tinha sido beneficiada por elas. Avisou que se eu continuasse a dar mais atenção a uma das moças, eu a deixaria mais descontente com sua sorte e não menos; e acabaria incomodando as demais presas.

Em suma, ela e sua equipe agradeceriam se, no futuro, eu visitasse Dawes com menos frequência e os encontros fossem breves.

Eu desviei os olhos dela. A amargura do início tinha começado a se transformar numa espécie de medo. Eu me lembrei da risada de Selina: ela nem sorriu quando a visitei pela primeira vez, estava triste e aborrecida. Eu me lembrei que ela tinha dito que aguardava ansiosamente as minhas visitas e ficava triste quando eu não ia, porque as horas em Millbank custavam muito a passar. Eu pensei, “se elas me impedirem de vê-la, são bem capazes de levá-la para a cela escura e a deixarem lá!”

Uma parte de mim cogitou, talvez elas *me* levem para lá.

Eu não queria transparecer meu temor para a Srta. Haxby. No entanto, ela ainda parecia me observar. Logo, nós chegamos ao portão do Pentágono Um — eu vi que o guarda também me olhava com curiosidade e senti meu rosto ficar ainda mais vermelho. Apertei as mãos na frente do corpo; então escutei passos no corredor atrás de nós, e me virei para ver quem era. Era o Sr. Shillitoe. Ele chamou o meu nome. Que sorte ele ter me encontrado! Ele cumprimentou a Srta. Haxby, depois pegou minha mão. Perguntou como vão indo as visitas.

— As visitas estão indo bem — respondi com a voz firme, apesar de tudo.
— Mas a Srta. Haxby estava me alertando.

— Ah — disse ele.

A Srta. Haxby contou que me aconselhava a não privilegiar nenhuma detenta em especial. Que eu tinha uma “protégée” — ela pronunciou a palavra de um jeito estranho — e ela achava que essa presa era menos estável do que parecia. A moça era Dawes, a “espírita”.

O Sr. Shillitoe repetiu o “ah” num tom ligeiramente diferente ao ouvir isso. Confessou que pensava frequentemente em Selina Dawes e ficava imaginando se seus novos hábitos combinavam com ela.

Eu disse a ele que não. Relatei que Selina estava fraca, e ele respondeu na mesma hora que isso não o surpreendia. Todos como ela eram fracos, era essa característica que fazia deles um veículo para as influências anormais que chamavam de *espirituais*. Elas podiam ser espirituais, mas não “havia nada de Deus nelas”, nada sagrado, nada bom, e no fim todas se revelavam nocivas. Ora, Dawes era uma prova disso! Ele gostaria de ver todo espírita da Inglaterra numa cela de prisão, trancado junto com ela!

Eu fiquei olhando espantada para ele. Ao meu lado, a Srta. Haxby ajeitou a capa nos ombros. Eu disse que ele tinha razão. Que Dawes, na minha opinião, havia sido usada, contagiada, por algum estranho poder. Mas era uma moça delicada e a solidão da vida na prisão a tinha afetado. Quando lhe vinha uma ideia fantasiosa, ela não era capaz de abandoná-la. Precisava de orientação.

— Ela tem a orientação das carcereiras — disse a Srta. Haxby —, assim como todas as outras mulheres.

Aleguei que ela precisava da orientação de uma visitante, de uma amiga de fora da prisão. Ela precisava de algo em que pensar enquanto trabalhava ou ficava deitada, em silêncio à noite, quando as alas estavam quietas.

— Porque é nesta hora que estas mórbidas influências se manifestam. E ela é fraca, como eu disse. Eu acho que elas a deixam confusa.

Em contraposição, a agente disse que se eles fossem dar uma atenção especial às mulheres toda vez que elas se sentissem *confusas*, teriam que trazer uma tropa de damas para fazer o trabalho!

Entretanto, o Sr. Shillitoe apertara um pouco os olhos, e começou a bater com o pé nos ladrilhos do corredor, refletindo. Eu fiquei observando o rosto dele, e a Srta. Haxby também: ficamos diante dele como as duas mães ferozes — uma verdadeira, uma falsa — diante de Salomão, brigando por uma criança...

E então, finalmente, ele se virou para a agente penitenciária e disse que achava que “a Srta. Prior talvez tivesse razão”. Eles tinham deveres a cumprir com seus presos, o de protegê-los, bem como de castigá-los. Talvez essa proteção, no caso de Dawes, pudesse ser feita de forma mais... refletida. Eles precisavam mesmo de uma tropa de damas!

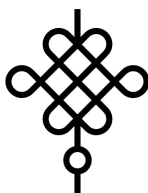
— Nós devíamos ficar agradecidos pelo fato de a Srta. Prior estar disposta a dedicar o tempo *dela* a essa tarefa.

Desse modo, a Srta. Haxby disse estar agradecida. Fez uma reverência e seu molho de chaves tilintou.

Depois que a agente partiu, o Sr. Shillitoe tornou a segurar minha mão e exclamou:

— Seu pai ficaria muito orgulhoso, se pudesse vê-la agora!

10 DE MARÇO DE 1873



TANTAS PESSOAS VÊM PARA AS SESSÕES agora que nós temos que colocar Jenny na porta quando a sala está cheia para receber seus cartões e pedir que voltem outra noite. Na maioria são senhoras, mas algumas trazem cavalheiros. Peter prefere as damas. Ele caminha no meio delas e deixa que segurem a mão dele e toquem suas suíças. Ele pede que elas acendam cigarros para ele e exclama:

— Mas como você é bonita! É a moça mais bonita que eu já vi deste lado do Paraíso!

Ele faz esses comentários e elas riem e respondem:

— Ah, como você é travesso! — Elas acham que não há problema em beijar Peter Ligeiro.

Ele provoca os rapazes.

— Eu o vi na semana passada, visitando uma bela moça. Ela adorou as flores que você levou para ela!

Em seguida, olha para as esposas dos cavalheiros, assobia e diz:

— Bem estou vendo como são as coisas aqui, e não vou falar mais nada. Eu sou um cara que sabe guardar segredo! — Esta noite havia um cavalheiro na sessão, um Sr. Harvey, usando um chapéu de seda. Peter pegou o chapéu e colocou na própria cabeça. Caminhou pela sala se gabando: — Agora eu sou um homem elegante. Podem me chamar de Peter Ligeiro da Savile Row. Quem dera que meus camaradas espíritos pudessem me ver.

— Bem, pode ficar com ele — afirmou o Sr. Harvey.

— Posso?

A voz de Peter tinha um tom maravilhado. Mas quando ele voltou para a cabine, me mostrou o chapéu e cochichou: “O que vamos fazer com isso? Devo colocá-lo no urinol do quarto da Sra. Brink?” — Achei graça e eles me ouviram lá fora.

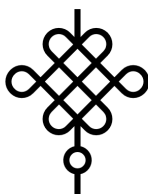
— Ah, o Peter está me provocando — expliquei.

Quando examinaram a cabine mais tarde, estava vazia. Todos ficaram espantados pensando em Peter passeando no mundo dos espíritos com o chapéu do Sr. Harvey. Mas depois acharam o chapéu. Ele fora colocado no corrimão e sua aba estava quebrada. O Sr. Harvey observou que ele era sólido demais para

viajar pelas esferas, mas que Peter tinha sido muito corajoso ao tentar levá-lo. Ele o segurou como se fosse de vidro e mencionou que vai colocá-lo numa moldura como um troféu espiritual.

No entanto, Ruth revelou, mais tarde, que o chapéu não era da Savile Row, mas de uma loja barata de chapéus em Bayswater. Para ela, o Sr. Harvey podia posar de homem rico, mas não tinha bom gosto em termos de chapéus.

21 DE NOVEMBRO DE 1874



AINDA NÃO É MEIA-NOITE, ESTÁ MUITO frio e eu estou cansada e tonta por causa do remédio para dormir, mas a casa está silenciosa e tenho que escrever isto. Eu tive outra daquelas visitas ou sinais dos espíritos de Selina. E onde posso contar isso a não ser aqui?

Aconteceu quando eu estava em Garden Court. Eu fui lá hoje de manhã e fiquei até às 15 horas, e quando voltei para casa vim direto, como sempre faço, para este quarto. Soube de imediato que alguma coisa tinha sido tocada, levada ou manuseada. O quarto estava escuro, eu não podia ver nenhuma mudança, apenas senti. Minha primeira ideia, terrível, foi que talvez mamãe tivesse se aproximado da minha escrivaninha, encontrado este caderno e o lido.

Mas não era o diário; e quando dei mais um passo, eu vi. Havia flores aqui, num vaso sobre a lareira. O vaso foi colocado na minha escrivaninha e tinha flores de laranjeira — flores de laranjeira, no meio do inverno inglês!

Eu não consegui me aproximar dele. Fiquei parada, ainda vestida com minha capa e apertando as luvas nas mãos. O fogo estava aceso e o ar quente e perfumado pelas flores — acho que era isso que eu havia sentido quando cheguei. Comecei a tremer. Pensei: “Ela fez isso para me agradar, e me assustou.” As flores me deixaram com medo dela!

Então eu continuei: “Como sou tola!”. Aconteceu o mesmo quando vi o chapéu de papai no porta-chapéus. Elas devem ter sido mandadas por Priscilla. Foi ela quem enviou flores da Itália... Sendo assim, eu me aproximei e encostei o rosto nas pétalas. Foi Pris, foi apenas Pris. E da mesma forma que sentira medo, senti agora uma pontada de decepção.

No entanto, não tive certeza. Achei que precisava me assegurar. Larguei o vaso e chamei Ellis, perambulei pelo quarto até ouvir a mão dela batendo na porta. Mas não era Ellis, e sim Vigers, com seu rosto comprido mais magro e mais pálido do que nunca e as mangas arregaçadas até os cotovelos. Contou que Ellis estava pondo a mesa na sala de jantar: só havia ela e a cozinheira para me atender.

— Não tem problema. Estas flores... quem foi que trouxe?

Ela olhou estupidamente para a escrivaninha, para o vaso, e depois de novo

para mim.

— Como é, senhorita?

As flores! Elas não estavam aqui quando eu saí. Foram trazidas para casa e colocadas no vaso. Tinha sido ela? Não, não tinha. Ela ficara em casa o dia inteiro? Ela disse que sim. Nesse caso, um entregador deve ter chegado com embrulhos. Quem enviara os embrulhos? Minha irmã, a Srta. Priscilla — Sra. Barclay —, da Itália?

Ela não sabia.

Eu perguntei se ela sabia de alguma coisa. Eu mandei que chamasse Ellis. Ela saiu depressa e voltou com Ellis e as duas ficaram olhando espantadas para mim enquanto eu andava de um lado para outro e dizia, “As flores! As flores!”. Quem tinha trazido as flores para o meu quarto e as colocado no vaso? Quem havia recebido o embrulho enviado pela minha irmã?

— Embrulho, senhorita? — Não tinha chegado nenhum embrulho.

— Nenhum presente de Priscilla?

— Não, de ninguém.

Eu tornei a ficar com medo. Eu pus a mão nos lábios, e acho que Ellis viu que eu estava tremendo. Ela perguntou se devia levar as flores embora — e eu não sabia o que dizer, não sabia o que fazer. Ela esperou, e Vigers também; continuei ali parada, hesitante, até que ouvi um barulho na porta: era mamãe.

— Ellis? Ellis, você está aí? — Ela tinha tocado a campainha para chamá-la.

— É só isso! Deixem as flores e saiam, as duas! — pedi, depressa. Mas mamãe foi mais rápida. Ela saíra para o hall, olhara para cima e vira as empregadas paradas na porta do meu quarto.

— O que foi, Ellis? Margaret, é você? — Seus passos soaram na escada. Eu vi Ellis se virar e responder que a Srta. Margaret estava perguntando sobre umas flores. E então a voz de mamãe outra vez:

— Flores? Que flores?

— Não é nada, mamãe! — gritei. Ellis e Vigers hesitaram na porta. — Podem ir — eu disse. — Vão. — Mas mamãe já estava atrás delas, bloqueando o caminho. Ela olhou para mim, depois para a escrivainha.

— Ora, que belas flores!

Perguntou o que tinha acontecido, por que eu estava tão pálida, por que estava tão escuro aqui. Ela fez Vigers avivar o fogo e acendeu o lampião.

Respondi que não havia acontecido nada, que cometi um erro e sentia muito ter incomodado as empregadas.

— Erro? — disse ela. — Que tipo de erro?

— Ellis?

— A Srta. Prior disse que não sabia quem tinha trazido as flores, madame.

— Não sabia? Margaret, como você pode não saber?

Expliquei que sabia, mas me confundi. Balbuciei que eu mesma tinha trazido as flores. Eu desviei os olhos, mas senti que ela me fitou com mais atenção. Finalmente, deu uma ordem para as empregadas, que saíram na mesma hora, e então ela entrou no quarto e fechou a porta. Eu fiquei nervosa com a

presença dela ali — normalmente ela só vem à noite. Mamãe perguntou que bobagem era aquela. Eu respondi, sem olhar para ela, que não era nenhuma bobagem, apenas um erro tolo. Que ela não precisava ficar. Que eu ia tirar os sapatos e me trocar. Pendurei minha capa, deixei cair minhas luvas, peguei-as de volta, deixei-as cair uma segunda vez.

Ela perguntou o que eu queria dizer com *erro*. Como eu podia ter comprado as flores e depois esquecido? O que eu estava pensando? E depois, ficar tão nervosa na frente das empregadas...

Retruquei que não tinha ficado nervosa, mas naquele momento percebi o tremor na minha voz. Ela chegou mais perto. Pus a mão sobre o braço, eu acho, antes que ela pudesse apertá-lo entre os dedos, e virei de costas. Mas acabei me deparando com as flores diante de mim, tornei a sentir o perfume delas e a me virar para não vê-las. Se ela não sair, eu pensei, eu vou chorar ou então agredi-la!

Mas ela não desistiu.

— Você está bem? — Como eu não respondi, insistiu: — Você não está bem...

Mamãe reclamou que sabia que isso estava para acontecer. Eu ficava muito tempo fora de casa, o que não era bom para mim. Acabaria doente de novo.

— Mas eu estou perfeitamente bem.

Perfeitamente bem? Será que eu não estava ouvindo o som da minha própria voz? Eu não percebia que as empregadas notaram e deviam estar comentando baixinho na cozinha...

— Eu não estou doente! — gritei. — Estou muito bem, inteiramente curada! Todo mundo comentou. Até a própria Sra. Wallace.

Mamãe alegou que a Sra. Wallace não me via quando eu estava assim. Não me via quando eu voltava de Millbank, pálida como um fantasma. Ela não me via sentada na minha escrivaninha, insone e nervosa, até tarde da noite...

Quando ouvi o comentário, soube então que, por mais que eu tivesse sido cuidadosa, silenciosa e reservada no meu quarto no andar superior, mamãe continuava me vigiando, como a Srta. Ridley e a Srta. Haxby. Justifiquei que sempre havia tido insônia, mesmo antes de papai morrer, mesmo quando eu era pequena. Que a insônia não significava nada, e que o remédio sempre me fazia descansar. Ela se lamuriou, agarrando-se a esse pequeno detalhe, dizendo que quando eu era pequena ela fora indulgente comigo. Tinha me deixado demais a cargo de papai e ele havia me estragado com mimos. O fato de eu ter sido mimada levou ao exagero da minha tristeza.

— Eu sempre disse isso! E agora, ver você teimando e querendo ficar doente de novo...

Gritei que se ela não me deixasse em paz eu ia mesmo ficar doente! Afastei-me e fiquei parada com o rosto perto da janela. Não me lembro do que mamãe disse em seguida: eu não queria ouvir e nem responder. Finalmente, ela pediu para eu descer para fazer companhia a ela, que se eu não descesse em vinte minutos ela ia mandar Ellis me buscar. E saiu.

Eu fiquei olhando pela janela. Havia um barco no rio, com um homem

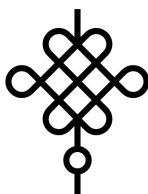
martelando uma folha de aço. Eu observei o braço dele subindo e descendo, subindo e descendo. Eu vi centelhas saltando do metal, mas cada golpe levava um segundo para soar — o martelo sempre tornava a subir antes que o barulho do metal ecoasse.

Contei trinta pancadas, então desci para junto de mamãe.

Ela não disse nada, mas eu vi que estava observando meu rosto e minhas mãos de novo em busca de sinais de fraqueza. Contudo, não demonstrei sinal algum. Mais tarde, eu li *Little Dorrit* para ela, com voz firme, e agora abaixei bem a luz do meu lampião. Estou movendo a pena pelo papel com tanto cuidado — é possível ser cuidadosa mesmo tendo tomado o remédio — que mesmo que ela encoste o ouvido na porta do meu quarto ela não vai conseguir ouvir nada. Ela poderia se ajoelhar e olhar pela fechadura. Enfie um pano no buraco.

Os botões de laranjeira estão diante de mim. O perfume deles é tão forte que me deixa tonta.

23 DE NOVEMBRO DE 1874



HOJE, VOLTEI AO SALÃO DE LEITURA da Associação Espírita. Fui descobrir mais sobre a história de Selina, estudar o perturbador retrato de Peter Ligeiro e contemplar o armário de moldes. Eu o encontrei, é claro, exatamente como o deixei da última vez, com as prateleiras e os membros de cera e de gesso cobertos por uma camada de poeira, intactos.

Enquanto olhava para eles, o Sr. Hither se aproximou. Dessa vez, ele usava um par de sandálias turcas e havia um flor em sua lapela. Afirmou que ele e a Srta. Kislingbury tinham certeza de que eu voltaria.

— Aqui está a senhorita, e eu estou muito contente. — Então ele me examinou melhor. — Mas o que é isso? A senhorita está com uma expressão tão séria! Nossas peças a deixaram pensativa, estou vendo. Isso é bom. Mas elas não a deveriam deixar de testa franzida, Srta. Prior, mas fazê-la sorrir.

Portanto, eu sorri; ele sorriu também, e seus olhos ficaram mais claros e bondosos do que nunca. Como não havia nenhum outro leitor na sala, nós ficamos conversando por quase uma hora. Eu perguntei, entre outras coisas, há quanto tempo ele era espírita e por que tinha se tornado um.

— Foi o meu irmão quem entrou primeiro para o movimento. Eu achei que ele era crédulo demais para se juntar a essa bobagem. Ele disse que podia ver nossa mãe e nosso pai no céu, observando tudo o que nós fazíamos. Não pude imaginar nada mais terrível!

Perguntei o que o tinha feito mudar de ideia. O Sr. Hither hesitou, depois respondeu que o irmão havia morrido. Eu disse logo que sentia muito; mas ele sacudiu a cabeça e quase riu.

— Não, a senhorita não deve dizer isso, não *aqui*. Pois, um mês depois da sua morte, meu irmão voltou para mim. Ele veio e me abraçou, era tão real quanto a senhorita, mais bem-disposto do que em vida, sem nenhum sinal de doença. Ele veio e me disse para acreditar. Mas, mesmo assim, eu me recusei a ver a verdade. Achei que a visita dele era uma espécie de fantasia; e quando vi mais sinais, eu também achei uma explicação para eles. É incrível o tipo de desculpas que arrumamos por teimosia! Entretanto, finalmente aceitei. Agora meu irmão é meu melhor amigo.

— Então o senhor percebe a existência de espíritos à sua volta?

Ah, respondeu, ele os vê quando *aparecem* para ele. Ele não tem o poder de um grande médium.

— Eu vejo apenas “um pequeno flash, um sinal místico”, como diz o Sr. Tennyson, e não propriamente visões. Eu ouço notas, uma melodia simples, quando tenho sorte. Outros, Srta. Prior, ouvem sinfonias.

— Perceber a presença de espíritos...

— Não se pode deixar de percebê-los, depois de tê-los visto uma vez! E no entanto — ele sorriu — olhar para eles também pode ser assustador. — Ele cruzou os braços; depois me deu um exemplo curioso. Mandou-me imaginar que nove décimos da população da Inglaterra tinham uma doença nos olhos, que os impedia de enxergar, digamos, a cor vermelha. Eu devia imaginar que tinha essa doença. Eu ia andar por Londres, ver um céu azul, uma flor amarela, eu ia pensar que o mundo era um belo lugar. Não saberia que tinha uma doença que me impedia de ver uma parte dele; e quando algumas pessoas especiais me dissessem o que eu tinha e me falassem de uma outra cor maravilhosa, eu ia achar que elas eram tolas. Meus amigos iriam concordar comigo. Os jornais iriam concordar comigo. Tudo que eu lesse iria confirmar minha crença de que aquelas pessoas eram tolas; o *Punch* iria até imprimir quadrinhos para demonstrar a tolice delas! Eu iria rir desse deboche e ficar bem contente.

— Até que — continuou — uma manhã você acorda e seu olho ficou bom. Agora consegue ver lábios, papoulas, cerejas e jaquetas de guardas. Enxerga todos os fantásticos tons de vermelho, escarlate, rubi, rosa, vinho... Vai querer tapar os olhos, a princípio, maravilhada e assustada. Depois você vai olhar e contar aos amigos, à família, e eles vão rir da sua cara, vão mandá-la ir a um clínico ou a um psiquiatra. Vai ser muito difícil enxergar todas essas maravilhosas coisas vermelhas. E, no entanto, diga-me, Srta. Prior, depois de vê-las, a senhorita aguentaria nunca mais enxergá-las, e ver apenas azul, amarelo e verde?

Eu não respondi logo, porque essas palavras me fizeram refletir. Finalmente, disse:

— Suponha que uma pessoa seja como o senhor descreveu — eu estava pensando, é claro, em Selina. — Suponha que ela veja o vermelho. O que deve fazer?

— Ela deve procurar outros iguais a ela! — respondeu de imediato. — Esses semelhantes irão orientá-la e resguardá-la dos perigos que isso representa...

De acordo com o Sr. Hither, o surgimento da mediunidade espírita é um assunto sério, ainda não muito bem entendido. A pessoa estaria sujeita a muitas mudanças no corpo e na mente. Ela seria levada ao limiar de outro mundo e convidada a olhar para o outro lado; mas embora encontrasse lá “guias sábios”, preparados para aconselhá-la, também se depararia com “espíritos vis, obsessores”. Tais espíritos poderão parecer bons e encantadores, mas eles só estarão querendo usá-la em proveito próprio. Eles vão querer que ela os leve aos tesouros terrenos que perderam e que desejavam muito...

Eu perguntei como essa pessoa poderia se proteger de espíritos assim. Ele

explicou que ela deveria tomar cuidado ao escolher seus amigos terrenos.

— Quantas jovens foram levadas ao desespero, à loucura, pela aplicação imprópria dos seus poderes? Podem ser levadas a invocar os espíritos por esporte, mas não devem fazer isso. Podem ser convencidas a participar com muita frequência de sessões, de círculos organizados de forma descuidada, e isso irá cansá-las e corrompê-las. Podem ser encorajadas a invocar espíritos sozinhas; essa é a pior maneira, Srta. Prior, de utilizarem seus poderes. Sei de um homem, um rapaz, um cavalheiro. Eu o conheci porque fui levado a ele pelo capelão de um hospital, um amigo meu. O cavalheiro foi admitido na ala do capelão depois de ter sido encontrado quase morto, com um corte profundo na garganta; e ele fez uma confissão curiosa ao meu amigo. Ele era um psicógrafo, a senhorita conhece o termo? Ele fora encorajado por um amigo insensato a se sentar com uma caneta e um papel, e após algum tempo, começou a receber mensagens dos espíritos por meio de movimentos independentes do seu braço...

Segundo o Sr. Hither, esse é um ótimo procedimento espírita; diversos médiuns o realizam, de forma sensata. O rapaz a que se referia, entretanto, não foi sensato. Ele começou a se sentar sozinho à noite, e percebeu que as mensagens começaram a chegar mais depressa do que nunca. Passou a ser despertado do sono. Sua mão o acordava, mexendo-se sobre a colcha. Ela se mexia até ele pegar uma caneta; então ele escrevia no papel, nas paredes do quarto, na própria pele! Continuava até os dedos ficarem feridos. A princípio, ele achou que as mensagens vinham dos seus parentes mortos.

— Mas pode ter certeza, nenhuma alma boa atormentaria um médium desse jeito. Os escritos eram obra de um único espírito perverso.

Finalmente, o espírito se revelou ao cavalheiro da forma mais terrível. O Sr. Hither contou que ele apareceu para o rapaz na forma de um sapo.

— E entrou no corpo dele aqui — ele tocou o ombro, de leve —, na articulação do pescoço. Quando o espírito mau entrou nele, passou a dominá-lo. E acabou por fazê-lo cometer um monte de atos horríveis; e o homem não podia fazer nada...

O Sr. Hither contou que foi uma tortura. No final, o espírito mandou o homem pegar uma navalha e cortar fora um dos próprios dedos. E o coitado pegou a navalha; mas em vez de cortar o dedo, ele cortou a garganta.

— Ele estava tentando tirar o espírito de dentro dele e foi isso que o levou ao hospital. Salvaram a vida dele lá; mas o espírito obsessivo ainda o tinha sob seu poder. Seus velhos hábitos vis retornaram, e ele foi declarado louco. Acho que agora está num hospício. Pobre homem! Sua história poderia ser bem diferente, entende?, se ele tivesse procurado pessoas iguais a ele, que pudessem aconselhá-lo bem...

Eu me lembro dele baixando a voz ao pronunciar essas últimas palavras e olhando para mim de um modo muito significativo. Acho que adivinhou que eu estava pensando em Selina Dawes, uma vez que eu tinha demonstrado tanto interesse nela da última vez. Nós ficamos alguns instantes em silêncio. Ele pareceu estar esperando que eu dissesse alguma coisa. Mas eu não abri a boca,

não houve tempo, porque fomos interrompidos pela Srta. Kislingbury, que entrou na sala de leitura e chamou o Sr. Hither.

— Um momento, Srta. Kislingbury! — disse ele, e pôs a mão no meu braço, murmurando: — Eu gostaria de conversar mais. A senhorita gostaria? Volte outra hora, está bem? E me procure quando eu estiver menos ocupado.

Eu também fiquei com pena por ele ter que sair. Afinal, eu gostaria de saber mais sua opinião sobre Selina e de como deve ter sido para ela ser obrigada a ver aquelas coisas vermelhas de que ele tinha falado. Eu sei que ela ficou com medo, mas teve sorte como contou uma vez: ela teve amigos sábios para guiá-la, para moldar seus dons e torná-los *únicos*.

Portanto, eu acho que ela acredita. Mas quem a guiou, realmente? Ela teve a tia, que a transformou em espírita. Ela teve a Sra. Brink, de Sydenham, que trouxe estranhos para vê-la, mandou pendurar uma cortina para fazer sua cabine e ser amarrada com uma coleira de veludo e uma corda; que a mantinha presa por causa da mãe — e para que Peter Ligeiro pudesse achá-la.

O que foi que *ele* fez a ela, ou a obrigou a fazer, que a levou a Millbank?

E quem ela tem agora para protegê-la lá dentro? A Srta. Haxby, a Srta. Ridley, a Srta. Craven. Em toda a prisão, ninguém é bondoso com ela, exceto a doce Sra. Jelf.

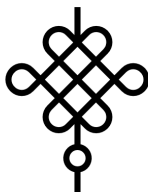
Eu ouvi a voz do Sr. Hither, da Srta. Kislingbury e de outro visitante; mas a porta da sala de leitura continuou fechada, ninguém entrou. Ainda estava parada diante do armário de moldes de espíritos; então me inclinei para observá-los outra vez. A mão de Peter Ligeiro estava no seu velho lugar na prateleira de baixo, com os dedos grossos e o polegar inchado perto do vidro. Ela me pareceu sólida da última vez que a olhei. Hoje, entretanto, eu fiz o que não tive coragem antes, fui até o lado do armário para olhá-la de perto. Pude ver que a cera terminava no osso do pulso. Era totalmente oca. Lá dentro, bem marcados na superfície amarelada da cera, estão os vincos e espirais de uma palma, as depressões das juntas.

Tinha a impressão de que era uma mão, e muito sólida; mas, na verdade, era uma espécie de *lupa*. Ela poderia ter sido colocada lá segundos antes e ainda estar com o calor dos dedos que a usaram. Essa ideia me deixou nervosa, de repente, na sala vazia. Eu saí e voltei para casa.

Sei que Stephen está aqui, eu posso ouvi-lo conversando com mamãe, com a voz alterada e um tanto nervosa. Ele tem um caso cujo julgamento era amanhã, mas o cliente fugiu para a França e a polícia não pode ir atrás dele. Stephen tem que desistir do processo e perder os honorários. Lá está ele falando de novo, mais alto do que antes.

Por que as vozes dos cavalheiros são ouvidas de longe com tanta nitidez enquanto as das mulheres são tão facilmente abafadas?

24 DE NOVEMBRO DE 1874



FUI A MILLBANK, PARA VER SELINA. Antes de encontrá-la, primeiro fui ver uma ou duas mulheres e fingi estar anotando o que elas diziam no meu caderno. Mas fui vê-la finalmente, e ela perguntou na mesma hora se eu tinha gostado das flores. Contou que foram mandadas para me fazer lembrar da Itália, dos dias quentes de lá.

— Os espíritos as levaram. Você pode conservá-las por um mês, não vão murchar.

Confessei que elas me deixaram assustada.

Fiquei meia hora com Selina. Passado esse tempo, um portão bateu e eu ouvi o som de passos.

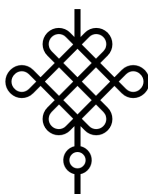
— Srta. Ridley — comentou Selina, e eu fui até as grades. Quando a carcereira passou pela cela, fiz sinal para ela me soltar. Permaneci imóvel, bem empertigada.

— Até logo, Dawes — disse apenas. Selina colocara as mãos na frente do corpo e seu rosto tinha uma expressão dócil; ela fez uma reverência e respondeu:

— Até logo, Srta. Prior. — Eu sei que ela fez isso para a carcereira ver.

Eu fiquei observando a Srta. Ridley fechar o portão da cela de Selina. Enquanto a chave girava na fechadura, desejei que fosse minha.

2 DE ABRIL DE 1873



PETER DIZ QUE EU TENHO QUE ficar presa dentro da cabine. Ele apareceu esta noite na sessão, pôs a mão com força sobre mim e quando passou para o outro lado da cortina, disse:

— Não posso estar com vocês até ter cumprido uma tarefa que me foi confiada. Sabem que eu sou enviado a vocês para mostrar a verdade do espiritismo. Bem, há muitos descrentes nesta cidade, que duvidam da existência dos espíritos. Eles debocham dos poderes de nossos médiuns, acham que eles saem de onde estão e se movimentam no meio dos participantes da sessão usando disfarces. Não podemos aparecer onde existe dúvida e descrença.

— Não há descrentes aqui, Peter, você pode vir para junto de nós como sempre fez — disse a Sra. Brink.

— Não, há uma coisa que precisa ser feita. Olhem para cá e verão a minha médium, e vocês irão contar e escrever sobre isto e então, talvez, os descrentes passem a acreditar. — Nesse momento, ele pegou a cortina e a abriu vagarosamente...

Ele nunca tinha agido assim antes. Eu estava em transe, mas senti todos me olharem.

— Você está vendo ela? — perguntou uma dama.

E outra respondeu:

— Estou vendo o vulto dela na cadeira.

— É doloroso para a minha médium sentir o olhar de vocês enquanto eu estou aqui. A dúvida me obriga a fazer isso, mas há outra coisa que eu posso fazer, e servirá de teste. Vocês devem abrir a gaveta da mesa e me trazer o que acharem lá.

Eu ouvi a gaveta abrir.

— Tem cordas aqui. — Ouvi alguém comentar.

— Sim, tragam-nas para mim. — Logo após, ele me amarrou na cadeira, dizendo: — Devem fazer isto em todas as sessões. Caso contrário, eu não virei. — Ele amarrou meus pulsos e meus tornozelos e colocou uma venda nos meus olhos. Então ele tornou a ir para a sala e eu ouvi uma cadeira ser arrastada.

— Venha comigo — pediu Peter. Ele trouxe uma dama até onde eu estava,

chamada Srta. D'Esterre. — Está vendo, Srta. D'Esterre, como a minha médium está amarrada? Ponha a mão nela e me diga se estas cordas estão apertadas. Tire a luva. — Eu ouvi a luva ser tirada e então os dedos dela tocaram em mim pressionados e aquecidos pelos dedos de Peter.

— Ela está tremendo! — exclamou.

— É por ela que eu estou fazendo isto.

Peter mandou a Srta. D'Esterre de volta para o lugar e se inclinou para mim, murmurando:

— É por você que eu faço isto.

— Sim, Peter — respondi.

— Eu sou o seu poder — e eu disse que sabia disso.

Em seguida pôs uma faixa de seda sobre a minha boca, fechou a cortina e foi para o meio da sala.

— Eu não sei, Peter. — Ouvi o cavalheiro dizer. — Não me sinto bem com isso. Os dons da Srta. Dawes não vão ser prejudicados com ela amarrada desse jeito?

Peter riu.

— Bem, ela seria uma médium muito ruim se três ou quatro cordas fossem capazes de enfraquecê-la! — Explicou que as cordas prendiam minhas partes mortais mas o meu espírito jamais poderia ser amarrado ou trancado. — Nem os espíritos nem o amor podem ser presos pelos serralheiros. Nós rimos deles.

Quando vieram me soltar, entretanto, viram que as cordas tinham ferido meus pulsos e meus tornozelos, fazendo-os sangrar.

— Ah, como aquele espírito é bruto, fazer isso com a pobre patroa. Srta. D'Esterre, pode me ajudar a levar a Srta. Dawes para o quarto dela? — perguntou Ruth. As duas me trouxeram para cá e Ruth passou um unguento em mim, enquanto a Srta. D'Esterre segurava um pote. A Sra. D'Esterre disse que ficou muito surpresa quando Peter a levou até a cabine. Ruth argumentou que ele devia ter visto algum sinal, algo que o levou direto para ela, uma característica especial que nenhuma das outras damas têm. A Srta. D'Esterre olhou para ela, depois para mim.

— Você acha? — perguntou. — Eu sinto isso, às vezes. — Então ela olhou para o chão.

Eu vi que Ruth a fitava e ouvi a voz de Peter Ligeiro murmurando palavras na minha cabeça.

— Ruth tem razão, Peter parece tê-la escolhido por algum motivo. Talvez a senhorita devesse encontrá-lo outra vez, mais calmamente. O que acha? Quer vir outro dia? Vou ver se consigo trazê-lo de volta, só para nós duas. — A Srta. D'Esterre não disse nada, ficou olhando para o pote de pomada. Após alguns momentos, Ruth comentou:

— Bem, pense nele esta noite quando estiver sozinha em seu quarto. Ele gostou da senhorita. Pode ser que tente visitá-la sem a ajuda de sua médium. Mas eu acho que seria melhor encontrá-lo aqui, com a Srta. Dawes, do que no seu quarto escuro.

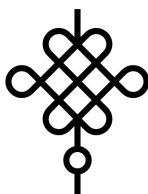
— Eu vou dormir na cama da minha irmã.

— Bem, ainda assim ele conseguirá encontrá-la lá — argumentou Ruth. Ela pegou a pomada e fechou a tampa.

— Pronto, a senhorita vai se sentir melhor agora. — Em seguida, desceu, sem dizer nada.

Então eu pensei nela, quando fui ver a Sra. Brink.

28 DE NOVEMBRO DE 1874



FUI A MILLBANK HOJE — UMA visita horrível, estou envergonhada de escrever sobre ela.

Fui recebida no portão da prisão feminina pela carcereira de feições grosseiras, Srta. Craven: veio ser minha acompanhante no lugar da Srta. Ridley, que estava ocupada. Eu fiquei contente ao vê-la. Pensei: “Isso é bom. Vou visitar Selina, e a Srta. Ridley e a Srta. Haxby nunca precisarão saber...”

Mesmo assim, nós não fomos imediatamente para as alas, porque enquanto caminhávamos ela me perguntou se havia outra parte da prisão que eu gostaria de conhecer primeiro.

— Ou a senhorita só quer ir às celas? — indagou. Provavelmente era uma novidade servir de guia e a Srta. Craven queria aproveitar a oportunidade. Mas tive a impressão de que ela estava a par da situação e logo pensei que talvez ela tivesse sido encarregada de me vigiar. Resolvi tomar cuidado. Portanto, respondi que ela podia me levar para onde quisesse; que eu imaginava que as mulheres nas alas não se importariam de esperar mais um pouco. — Tenho certeza de que não, senhorita.

No final das contas, ela me levou ao banheiro e ao depósito de uniformes de prisão.

Não há muito a dizer. O banheiro é um cômodo com uma grande gamela na qual as presas são obrigadas, quando chegam, a se sentar e se ensaboar, todas juntas; hoje, como nenhuma presa nova chegou, o banheiro estava vazio, exceto por meia dúzia de besouros fuçando o limo. No depósito de roupas havia prateleiras com uniformes marrons e toucas brancas, de todos os tamanhos, e botas. Estas são guardadas com os cadarços amarrados, em pares. A Srta. Craven ergueu um par que achou que daria em mim — umas coisas monstruosas, é claro, e eu acho que ela sorriu na hora. Observou que os sapatos da prisão eram os mais fortes que havia, ainda mais resistentes do que botas de soldados. Ela disse que ouviu falar, uma vez, de uma mulher de Millbank que, após ter batido na carcereira e roubado a capa e as chaves dela, foi até o portão e teria fugido se não fosse por um guarda que olhou para os pés dela e viu, pelas botas, que ela era uma presa. Em consequência, foi levada para a cela escura.

Ela me contou isso, depois guardou as botas na caixa e riu. Em seguida, a

Srta. Craven me levou a outro depósito, chamado de “sala de roupas pessoais”. Este é o lugar — eu não tinha me dado conta da existência de tal local — onde são guardados todos os vestidos, chapéus, sapatos e outros artigos levados pelas mulheres quando chegam em Millbank.

Este aposento consegue ser fantástico e terrível ao mesmo tempo. As paredes têm a forma de um hexágono, devido à paixão de Millbank por essa estranha geometria, e estão cobertas do chão ao teto de prateleiras cheias de caixas. Estas são feitas de cartolina, reforçadas com metal: são compridas e estreitas e têm placas com os nomes das presas. Parecem com pequenos caixões; e o próprio aposento, quando entrei lá, me fez estremecer, pois parecia um mausoléu infantil, ou um necrotério.

A Srta. Craven me viu estremecer e pôs as mãos nos quadris.

— Esquisito, não é? — perguntou, olhando em volta. — Sabe o que eu penso, senhorita, quando entro aqui? Em um zumbido. Acho que sei como se sente uma abelha ou uma vespa quando ela volta para o seu ninho.

Nós ficamos juntas, contemplando as paredes. Eu perguntei a ela se havia mesmo uma caixa para cada presa. E ela assentiu:

— Uma para cada uma, e algumas ainda vazias. — A Srta. Craven foi até as prateleiras, tirou uma caixa ao acaso e a pôs sobre uma mesa junto de uma cadeira. Quando a abriu, sentimos um cheiro vagamente sulfúreo. Explicou que punham no vapor quente todas as roupas antes de guardar porque a maioria estava infectada com vermes — no entanto, alguns vestidos, é claro, aguentam esse processo melhor do que outros.

Ela tirou a roupa que estava dentro da caixa. Era um vestido estampado que claramente não tinha suportado bem o processo de limpeza, porque a gola estava rasgada e os punhos pareciam queimados. Debaixo dele havia um conjunto de roupas íntimas amareladas, um par de sapatos de couro vermelho, já gastos, um chapéu com um alfinete de pérolas, e uma aliança de casamento, que tinha ficado preta. Eu olhei para a placa na caixa: estava escrito *Mary Breen*. É a presa que eu visitei uma vez, com marcas dos próprios dentes no braço, as quais alegou serem mordidas de ratos.

Depois que a Srta. Craven fechou a caixa e tornou a guardá-la na prateleira, eu cheguei mais perto da parede e comecei a examinar, distraidamente, os nomes. Ela continuou a mexer nas caixas, levantando as tampas e olhando para dentro.

— A senhorita se espantaria ao ver como algumas mulheres chegam aqui com trapos — disse, espiando dentro de uma caixa.

Eu me aproximei para ver o que queria mostrar: um vestido preto desbotado, um par de sandálias de lona e uma chave pendurada num barbante. Eu imaginei o que a chave abriria. Ela fechou a caixa e fez um gesto de reprovação:

— Nem um lenço para cobrir a cabeça. — Depois, foi caminhando ao longo da fileira, e eu junto com ela, espiando o conteúdo de todas as caixas. Uma delas tinha um bonito vestido e um chapéu de veludo com um pássaro empalhado em cima, completo, com bico e olhos; mas a roupa de baixo estava

tão encardida e rasgada que parecia ter sido pisoteada por cavalos. Outra continha uma anágua cheia de manchas marrons que eu vi, horrorizada, que deviam ser de sangue; outra me espantou, tinha um vestido, anágua, sapatos e meias, mas também uma mecha marrom-avermelhada, presa como o rabo de um cavalo ou um estranho chicotinho. Era o cabelo cortado assim que a condenada chegava na prisão. — Ela deve estar guardando para fazer um aplique quando for solta. Mas não vai adiantar muito para *ela*! Trata-se de Chaplin, a senhorita a conhece? Uma envenenadora, quase mandada para a forca. Sua bela cabeleira vermelha já terá ficado grisalha quando ela receber *isto* de volta.

Ela fechou a caixa e a colocou na prateleira com um gesto ágil e mal-humorado; o próprio cabelo, saindo de baixo da touca, era feio como pelo de rato. Na hora, eu me lembrei da agente da recepção examinando os cachos da “menina de olhos negros”, a cigana, e tive uma visão súbita e desagradável dessa agente e da Srta. Craven cochichando uma com a outra sobre as tranças cortadas, ou sobre um vestido, ou sobre o chapéu enfeitado com o pássaro: *“Experimente — ora, quem é que vai ver? Como o seu namorado a admiraria usando isso! E quem vai saber quem usou isso por último, daqui a quatro anos?”*

A visão e os cochichos foram tão nítidos que eu precisei me virar e apertar o rosto com as mãos para afastá-los, e quando tornei a olhar para a Srta. Craven, ela tinha passado para outra caixa e estava rindo do conteúdo. Eu a observei. De repente, aquilo me pareceu vergonhoso, espiar os tristes despojos das vidas daquelas mulheres. Era como se as caixas fossem caixões e nós estivéssemos examinando seus pequenos ocupantes enquanto suas mãos choravam, ignorantes da nossa presença. Porém, ao mesmo tempo que era vergonhoso, era fascinante; e quando a Srta. Craven continuou seu passeio pelas prateleiras, eu fui atrás dela. Vimos a caixa de Agnes Nash, a falsária; e a da pobre Ellen Power, que tinha dentro o retrato de uma garotinha, sua neta, eu suponho. Talvez ela tivesse achado que a deixariam guardar o retrato em sua cela.

E então, foi inevitável. Comecei a procurar a caixa de Selina. Imaginei como ela seria, o que conteria. Eu pensei, se ao menos eu pudesse ver algum pertence — eu não sabia o quê —, algum objeto ou roupa, qualquer coisa que pudesse explicá-la, trazê-la mais para perto de mim... A Srta. Craven continuou examinando as caixas, comentando a respeito das peças tristes ou bonitas que elas continham, às vezes rindo de algo fora de moda. Eu fiquei perto dela, mas não olhei para o que mostrava. Em vez disso, comecei a olhar em volta, procurando.

— Qual é a ordem de arrumação aqui? Como as caixas estão organizadas? — perguntei, finalmente.

Enquanto a carcereira explicava e apontava, eu encontrei a placa que estava procurando. Ela estava fora de alcance; porque era preciso subir uma escada encostada nas prateleiras. A Srta. Craven já tinha começado a limpar os dedos, pronta para me levar de volta às alas. Pôs as mãos nos quadris, ergueu os olhos e voltou a murmurar baixinho o zumbido das abelhas.

Eu precisava me livrar dela e só pude pensar num jeito de fazer isso. Soltei um gemido e pus a mão na testa. Disse que estava um pouco tonta de tanto olhar

para aquelas caixas! É claro que eu estava mesmo tonta, de apreensão — e devo ter ficado pálida, porque a Srta. Craven deu um grito e veio na minha direção. Continuei com a mão na testa. Eu disse que não ia desmaiar, mas perguntei se ela poderia buscar um copo d'água?

Ela me fez sentar numa cadeira.

— Será que posso deixá-la aqui sozinha? Há saís no consultório médico, eu acho; mas ele está na enfermaria, eu vou levar um ou dois minutos para buscar as chaves, estão com a Srta. Ridley. Se a senhorita cair...

Prometi que não ia cair. Ela juntou as mãos; ah, ela não estava esperando por uma situação dessas! Em seguida, saiu apressada. Eu ouvi o tilintar do seu molho de chaves, seus passos, e um portão batendo.

Rapidamente eu me levantei, peguei a escada e a levei para o lugar certo; ergui minhas saias e subi, depois puxei a caixa de Selina e abri a tampa.

Senti, na mesma hora, um cheiro amargo de enxofre que me fez virar a cabeça e fechar os olhos. Logo percebi que, com a luz atrás de mim, minha sombra obscurecia a caixa, e eu não conseguia enxergar o interior. Por isso me inclinei na escada, apertando o rosto contra a beirada da prateleira. Até que comecei a distinguir peças de roupa — o casaco, o chapéu, o vestido de veludo preto; os sapatos, as anáguas e as meias de seda branca...

Eu segurei e levantei cada peça, olhando, embora não soubesse para quê. Afinal, aquelas roupas poderiam ser de qualquer mulher. O vestido e o chapéu pareciam novos, quase sem uso. Os sapatos estavam duros e engraxados, com as solas sem marcas. Até os brincos simples e negros que encontrei, enrolados numa ponta do lenço, estavam perfeitos. O próprio lenço estava bem engomado, com a beirada de seda preta, sem vincos. Não havia nada ali, nada. Era como se ela tivesse sido vestida por uma funcionária de uma funerária. Não conseguia encontrar nenhum traço da vida que ela levava, nenhuma pista de como aquelas roupas ficariam no seu corpo esbelto. Não havia nada.

Foi o que pensei, até revirar mais uma vez o veludo e a seda, e me dar conta de que havia mais uma coisa na caixa, enrolada no fundo, como uma serpente adormecida...

O cabelo de Selina. A mecha formava uma longa trança, e estava amarrada onde havia sido cortada, com um barbante grosseiro da prisão. Eu toquei nele. Era grosso e seco, como dizem que são as serpentes, apesar de seu brilho. Onde a luz batia, ele tinha um brilho dourado, mas misturado com outras cores. Havia fios prateados e outros quase esverdeados.

Eu me lembrei de ter estudado o retrato de Selina e de ter visto seu penteado elaborado. Isso a tinha tornado real para mim. A caixa que parecia um caixão, a sala abafada — tudo aquilo pareceu um lugar horrível para abrigar o cabelo dela. Eu pensei, *se ao menos ele pudesse receber um pouco de luz, um pouco de ar...* Tive de novo a visão das carcereiras cochichando entre si. E se elas rissem da trança ou mexessem na madeixa com suas mãos grosseiras?

Tive a sensação de que se não o tirasse dali, elas viriam e o estragariam. Eu peguei a trança e a dobrei. Acho que pensei em guardá-la no bolso do meu casaco

ou dentro da minha blusa. Mas enquanto eu a segurava, com hesitação, ainda pendurada na escada sentindo o rosto apertado contra a prateleira, eu ouvi a porta bater no final do corredor e então o som de vozes. Era a Srta. Craven e, com ela, a Srta. Ridley! O susto quase me fez cair. Naquele momento, a trança pareceu mesmo uma cobra: eu a atirei longe, como se o animal tivesse acordado de repente e me mostrado as presas, depois fechei a tampa da caixa e desci depressa a escada, com as vozes das agentes se aproximando cada vez mais.

Elas me acharam com a mão apoiada na cadeira, tremendo de medo e de vergonha, com a marca da prateleira no meu rosto e o casaco empoeirado. A Srta. Craven se aproximou de mim com a caixa de saís, mas a Srta. Ridley me olhou desconfiada. Uma hora eu achei que ela observava a escada, a prateleira e as caixas sobre ela, as quais, na pressa e no nervosismo, eu posso ter deixado desarrumadas, não sei. Eu não me virei para ver. Olhei apenas uma vez para ela; depois comecei a tremer. Pois foram os olhos da Srta. Ridley que me deixaram passando tão mal quanto a Srta. Craven, com seus saís, tinha imaginado. Porque percebi, na mesma hora, o que a Srta. Ridley teria testemunhado há alguns minutos. Eu vi toda a cena, ainda vejo agora, com uma terrível clareza.

Eu, uma solteirona, pálida, feia, suada e nervosa, pendurada numa escada de prisão, segurando as tranças louras cortadas de uma bela moça...

Eu deixei a Srta. Craven me ajudar a beber um pouco de água. Eu sabia que Selina estava sentada, triste e aflita, na sua cela fria; mas não consegui ir vê-la; eu teria odiado a mim mesma se tivesse ido naquela hora. Avisei que não ia poder visitar as alas hoje. A Srta. Ridley concordou que era melhor assim. Ela mesma me levou até a saída.

Esta noite, enquanto eu estava lendo para mamãe, ela perguntou que marca era aquela no meu rosto, eu olhei no espelho e vi uma mancha roxa — a prateleira tinha me machucado. Depois disso, minha voz ficou trêmula e eu larguei o livro. Eu disse que queria tomar um banho e mandei Vigers encher a banheira diante da lareira do meu quarto. Deitei na água morna, analisando meu corpo, e depois mergulhei o rosto. Quando abri os olhos, Vigers estava lá com a toalha, e seu olhar parecia sombrio, seu rosto tão pálido quanto o meu.

— A senhorita machucou o rosto — disse ela, como mamãe. Falou que ia passar um pouco de vinagre no machucado. Eu deixei que ela encostasse um pano no meu rosto, dócil como uma criança.

Vigers comentou que fora uma pena eu ter saído hoje porque a Sra. Prior, quer dizer, a Sra. Helen Prior, esposa do meu irmão, fez uma visita, trazendo o bebê com ela, e tinha ficado triste por eu não estar.

— Como ela é bonita, não é, senhorita?

Ao ouvir isso, eu empurrei a mão dela, dizendo que o vinagre me deixava enjoada. Pedi para encerrar o banho e depois avisar a mamãe para trazer meu remédio: eu queria tomá-lo imediatamente.

— O que há com você? — perguntou mamãe, assim que chegou.

— Nada, mamãe — respondi. Mas minha mão tremia tanto que ela não me deixou segurar o copo, ficou segurando-o para mim, assim como a Srta. Craven

fizera.

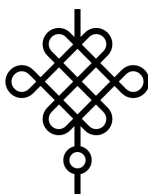
Ela perguntou se eu tinha visto alguma coisa ruim na prisão, algo que tivesse me deixado nervosa. Alertou que eu não devia mais fazer as visitas, se elas me deixavam naquele estado.

Depois que ela saiu, eu fiquei andando pelo quarto, torcendo as mãos e pensando, *Sua tola, sua tola...* Então eu peguei este diário e comecei a folhear as páginas. Eu me lembrei daquele comentário de Arthur, de que os cadernos das mulheres só podiam ser *diários do coração*. Considerei que, fazendo minhas visitas a Millbank e anotando-as aqui, eu iria de alguma forma desmenti-lo ou contrariá-lo. Achei que podia transformar minha vida num livro que não contivesse nem vida nem amor, que fosse apenas um catálogo, uma espécie de lista. Agora eu vejo que o meu coração se derramou nestas páginas, afinal. Vejo a trajetória dele, como se torna mais sólida com o tempo. Tão sólida que murmura um nome...

Selina.

Quase queimei o diário esta noite, assim como fiz com o anterior. Não consegui. Mas quando ergui os olhos do caderno, eu vi o vaso sobre minha escrivaninha, com os botões de laranjeira: eles se mantiveram brancos e perfumados este tempo todo, como ela prometeu. Tirei as flores, pingando água, de dentro do vaso; e foram elas que eu queimei no carvão em brasa, observando enquanto se retorciam e chamuscavam. Só guardei um botão. Eu o coloquei aqui dentro e vou manter o caderno fechado. Pois se tornar a folheá-lo, o perfume irá sair para me alertar. Sairá, ligeiro, penetrante e perigoso, como a lâmina de uma faca.

2 DE DEZEMBRO DE 1874



NEM SEI COMO ESCREVER SOBRE O que aconteceu. Eu mal consigo andar, ou falar ou fazer qualquer coisa. Estou fora de mim há um dia e meio, o médico veio me ver, Helen também — até Stephen veio, ficou parado no pé da minha cama, olhando para mim ali vestida com uma camisola. Eu os ouvi cochichando quando pensaram que eu estava dormindo. E o tempo todo eu sabia que ficaria bem se eles me deixassem sozinha e eu pudesse pensar e escrever. Puseram até Vigers sentada numa cadeira do lado de fora da porta, que ficou aberta para o caso de eu chamá-la; mas vim sem fazer barulho até minha escrivanhinha e estou, finalmente, diante do meu diário. É o único lugar onde posso ser sincera, e mal consigo enxergar para escrever.

Puseram Selina na cela escura! Por minha causa. E eu devia ir vê-la, mas estou com medo.

Tomei a terrível decisão de me afastar dela depois da minha última ida à prisão. Eu sabia que minhas visitas a ela tinham me deixado esquisita, diferente do que eu sou — ou pior, *parecida demais* com o que eu sou, com o que eu era, com a *Aurora* que existe em mim. Depois, quando tentei tornar a ser *Margaret* de novo, não consegui. Tive a impressão de que ela havia encolhido, como uma roupa. Eu não sabia o que ela fazia, como se movimentava e falava. Eu me sentava ao lado de mamãe como uma boneca feita de papel, assentindo com a cabeça. E quando Helen vinha nos visitar, eu não conseguia olhar para ela. Quando ela me beijava, eu estremecia, sentindo a secura do meu rosto contra seus lábios.

Assim meus dias foram passando, desde a última visita a Millbank. Ontem, decidi ir, sozinha, à National Gallery, na esperança de que os quadros pudessem me distrair. Era o dia da visita dos estudantes, e havia uma moça lá, com o cavalete armado diante da *Anunciação* de Crivelli, e estava esboçando, com um lápis, o rosto e as mãos da Virgem, muito parecida com Selina e mais real do que o meu próprio rosto. De repente, não entendi por que eu tinha me afastado dela. Eram 17h30 e mamãe tinha convidados para o jantar. Eu não pensei em nada disso. Fui na mesma hora para Millbank e fiz uma agente me levar até as celas. Encontrei as mulheres terminando a ceia, limpando os pratos com cascas de pão;

e quando cheguei no portão da ala de Selina, ouvi a voz da Sra. Jelf. Ela estava no ângulo dos corredores, recitando a oração da noite, e a acústica do local fazia sua voz tremer.

Quando me encontrou esperando por ela, tomou um susto. Ela me levou para ver duas ou três mulheres — a última foi Ellen Power, que estava tão mudada, tão doente e tão grata por eu ter ido visitá-la que não pude ir logo embora; sentei ao lado dela e segurei sua mão, passando os dedos pelas juntas inchadas da mão de Power para acalmá-la. Ela não consegue mais falar sem tossir. O médico deu remédios para ela, mas Power não pôde ir para a enfermaria porque os leitos estão tomados por mulheres mais jovens. Ao lado dela havia uma peça de lá e um par de meias por terminar — ainda a obrigavam a costurar, doente como está, e Power disse que prefere trabalhar a ficar deitada sem fazer nada.

— Isso não está certo. Eu vou falar com a Srta. Haxby. — Mas ela disse na mesma hora que não adiantaria e preferia que eu não fizesse isso.

— Daqui a sete semanas minha pena acaba. Se acharem que eu estou criando caso, vão me fazer ficar mais tempo aqui. — Argumentei que eu é que estaria criando caso e não ela, mas, ao dizer isso, fiquei com medo de que, se interferisse no caso, a Srta. Haxby pudesse usar isso contra mim, talvez impedindo que eu continuasse com minhas visitas...

— A senhorita não deve pensar em fazer isso, de jeito nenhum — justificou Power. Contou que viu vinte mulheres no pátio de exercícios, em condições iguais às dela; e que se mudassem as regras para ela, teriam que mudar para todas. — E por que fariam isso? — Ela bateu no peito. — Eu tenho meu pedaço de flanela — disse, tentando piscar um olho. — Eu ainda tenho isso, graças a Deus!

Eu perguntei à Sra. Jelf, quando ela foi me soltar, se era verdade que não iam dar um leito na enfermaria para Power. Explicou que quando tentou falar com o médico a respeito da presa, este tinha respondido que sabia o que estava fazendo. Segundo ela, ele chama Power de “*a alcoviteira*”.

— A Srta. Ridley — continuou —, tem mais influência sobre ele; mas ela tem convicções fortes a respeito de castigos. E é a ela que eu respondo — interrompeu, desviando os olhos —, não a Ellen Power ou a qualquer outra presa.

Então, eu pensei, é tão prisioneira de Millbank quanto elas.

Em seguida, ela me levou a Selina; e eu esqueci Ellen Power. Fiquei parada no portão de sua cela, tremendo.

— A senhorita está com frio! — perguntou a Sra. Jelf. Até aquele momento, eu não havia me dado conta disso. Eu tinha estado anestesiada; mas o olhar de Selina me deixou viva de novo, e foi maravilhoso, mas também muito duro e sofrido. Eu compreendi que tinha sido uma tola em me afastar dela — meus sentimentos haviam se intensificado naquele período de ausência, em vez de se atenuarem. Ela me olhou com uma expressão temerosa. “Sinto muito”, disse ela. Eu perguntei por que ela estava se desculpando. Ela respondeu que, talvez, pelas flores. Que a intenção tinha sido me dar um presente. No entanto, como sumi,

ela se lembrara que eu tinha dito que as flores haviam me deixado assustada. Achou que talvez eu a estivesse *castigando*.

— Ora, Selina, como você pode pensar isso? — indaguei. — Eu só me afastei porque, porque eu temia...

Eu temia minha própria paixão, eu poderia ter dito. Mas me calei. Porque tive de novo aquela visão grosseira da solteirona agarrada a uma mecha de cabelo...

Eu apenas segurei a mão dela, brevemente; e depois larguei.

— Não temia nada — eu disse e virei o rosto. Dei a desculpa de que tinha muito o que fazer em casa, agora que Priscilla estava casada.

Nós continuamos a conversar, ela atenta, ainda temerosa; eu, distraída, com medo de me aproximar muito, com medo até de olhar para Selina. De repente, ouvi passos e a Sra. Jelf apareceu no portão com outra agente penitenciária ao lado dela. Eu não a reconheci até ver sua pasta de couro; percebi então que era a Srta. Brewer, a secretária do capelão, que distribui a correspondência das presas. Ela sorriu para mim e para Selina, como se soubesse de algo que desconhecíamos. Parecia trazer um presente escondido. Eu adivinhei, eu soube na mesma hora! E acho que Selina também. Pensei: “Ela está trazendo alguma coisa que vai nos prejudicar. Ela está trazendo *problemas*”.

Nesse momento, escuto Vigers se mexendo na cadeira atrás da porta e suspirando. Eu tenho que escrever sem fazer nenhum barulho, senão ela vem tirar meu caderno e me obrigar a dormir. Como eu posso dormir, sabendo o que sei?

A Srta. Brewer entrou na cela. A Sra. Jelf ficou no portão, mas não o trancou e eu a ouvi avançar mais um pouco pelo corredor e depois parar, talvez para atender a outra presa. A Srta. Brewer revelou estar contente por me encontrar ali; tinha novidades para Dawes, sabia que eu ia gostar de ouvir. Selina pôs a mão na garganta e perguntou que novidades eram essas. A Srta. Brewer anunciou, satisfeita.

— A senhorita vai ser transferida! Daqui a três dias, para a prisão de Fulham.

Transferida?, perguntou Selina. Transferida para Fulham? A Srta. Brewer confirmou. Tinha chegado uma ordem para que todas as presas da Classe Estrela fossem transferidas. A Srta. Haxby mandou informar as mulheres imediatamente.

— Pense só nisso — disse ela para mim. — Os hábitos em Fulham são mais suaves: as mulheres trabalham juntas e até conversam entre si. A comida, eu acho, é melhor. Eles têm até chocolate em vez de chá! O que você acha disso, Dawes?

Selina não disse nada. Ela tinha ficado dura, e ainda estava com a mão na garganta; só seus olhos pareciam se mover um pouco, como os de uma boneca. Eu levara um choque ao ouvir as palavras da Srta. Brewer, mas eu sabia que tinha que falar algo, sem me trair.

— Para Fulham, Selina — disse pensando, “como é que eu vou te visitar lá?”

O tom da minha voz e o meu rosto devem ter me traído de algum modo. A agente pareceu espantada.

Finalmente, Selina exclamou:

— Eu não vou. Eu não vou deixar Millbank. — A Srta. Brewer olhou para mim. Não vai?, indagou. Como assim? Ela não tinha entendido. Aquilo não era um castigo. — Eu não quero ir — disse Selina.

— Mas você tem que ir! Você tem que ir! — repeti friamente. — Estão dizendo que é para você ir.

— *Não.* — Seus olhos ainda estavam se movendo, mas ela não olhou para mim. Ela quis saber por que a estavam mandando para lá. Ela não tinha sido boa e feito o seu trabalho? Ela não tinha feito tudo o que queriam sem reclamar? A voz dela soou esquisita, diferente.

— Eu não disse todas as minhas preces na capela? Não aprendi minhas lições com as professoras? Não tomei minha sopa? Não conservei minha cela limpa?

A Srta. Brewer sorriu e assentiu com a cabeça. Ela disse que era justamente por Dawes ser boa que a estavam transferindo. Dawes não desejava ser premiada? A voz dela ficou mais suave. Disse que ela devia estar apenas surpresa. Sabia como era difícil para as mulheres de Millbank entender que havia outros lugares mais confortáveis no mundo.

Ela deu um passo na direção do portão.

— Vou deixá-la com a Srta. Prior agora para ela ajudá-la a se acostumar com a ideia. — Informou que a Srta. Haxby viria mais tarde para explicar melhor.

Talvez a Srta. Brewer esperasse por uma resposta, mas como não veio nenhuma, ficou intrigada de novo. Eu não sei ao certo. A agente se virou para o portão — talvez tenha apoiado a mão nele, não sei. Eu vi Selina se mover; foi tão depressa que eu achei que ela tinha desmaiado e dei um passo para segurá-la. Mas não. Ela se atirara na direção da prateleira atrás da mesa para apanhar alguma coisa lá. Houve um barulho quando sua caneca, sua colher e seu livro caíram no chão — a Srta. Brewer ouviu, é claro, e se virou. Em consequência, o rosto dela se alterou. Selina tinha erguido o braço, com seu prato de madeira na mão. A Srta. Brewer levantou o próprio braço, mas não foi suficientemente rápida. O prato bateu em cheio no rosto dela, na altura dos olhos, eu acho, porque ela os tapou com as mãos, depois com os braços, para proteger o rosto de outros golpes.

A Srta. Brewer caiu e ficou estendida no chão, tonta, com as saias levantadas, as grossas meias de lã aparecendo, as ligas, a pele rosada de suas coxas.

A cena aconteceu mais depressa do que o tempo que eu levei para escrever; e o mais silenciosamente possível, os únicos sons depois do barulho da caneca e da colher caindo no chão foram a pancada do prato, a respiração ofegante da Srta. Brewer, o rangido da fivela da sua pasta raspando na parede. Eu tinha posto as mãos no rosto. Acho que eu disse “Meu Deus” — senti as palavras se formarem sobre meus dedos — e me aproximei, finalmente, da Srta. Brewer. Nessa hora, percebi que Selina ainda segurava o prato com força. Eu vi o rosto dela, que estava branco, suado e estranho.

Por um momento, eu me lembrei da moça, Srta. Silvester, que foi ferida.

Pensei: “Você *realmente* bateu nela! E eu estou fechada numa cela com você!” Dei um passo para trás, horrorizada, e me apoiei na cadeira.

Então Selina largou o prato e caiu sentada na rede dobrada. Vi que estava tremendo mais do que eu.

A Srta. Brewer começou a balbuciar e a tentar se apoiar na parede e na mesa, até que me ajoelhei ao lado dela e pus minha mão trêmula sob sua cabeça.

— Fique deitada. Fique deitada, Srta. Brewer — disse, mas ela tinha começado a chorar. Dei um grito na direção do corredor: — Sra. Jelf! Sra. Jelf, venha depressa!

Ela veio na mesma hora, correndo pelo corredor, e se agarrou nas grades do portão para se equilibrar. E quando viu, ela deu um grito.

— A Srta. Brewer está ferida — eu disse. Depois, falando mais baixo: — Ela levou uma pancada no rosto.

A Sra. Jelf ficou branca, olhou assustada para Selina, ficou um instante parada com a mão no coração. Depois, abriu o portão que ficou preso nas saias e nas pernas da Srta. Brewer: nós passamos alguns minutos sofrendo para puxar o vestido dela, virando suas pernas. Selina continuava muda, trêmula, nos fitando. Os olhos da Srta. Brewer tinham começado a inchar e a fechar, e manchas roxas já estavam aparecendo no seu rosto e na sua testa; o vestido e a touca sujos de lodo da parede da cela.

— A senhorita tem que me ajudar a levá-la para o meu quarto, entre as alas — pediu a Sra. Jelf. — Depois uma de nós tem que ir chamar o médico, e... e a Srta. Ridley. — Ela me fitou por um segundo, depois olhou para Selina, que tinha encostado os joelhos no peito e passado os braços por eles, baixando a cabeça. A estrela torta em sua manga brilhava nas sombras. De repente, me pareceu horrível deixá-la assim, tremendo, sem uma palavra de consolo, sabendo nas mãos de quem ela estaria em seguida.

— Selina — disse, sem me importar que a carcereira ouvisse, e ela levantou a cabeça. O olhar dela era frio e parecia desfocado: eu não sabia se ela estava olhando para mim, para a Sra. Jelf ou para a moça caída no chão, chorando; eu acho que era para mim. Mas ela ficou muda e finalmente eu me virei para a carcereira. Ela trancou o portão, depois hesitou, e então fechou a segunda porta, de madeira, e passou o ferrolho.

Nós percorremos a distância até o quarto da carcereira — que calvário! Como as mulheres tinham me ouvido gritar, a carcereira berrar e a Srta. Brewer chorar, estavam todas nos portões, com os rostos apertados contra as grades e os olhos grudados em nós. Uma delas perguntou quem foi que feriu a Srta. Brewer. E outra respondeu:

— Dawes! Selina Dawes quebrou toda a cela! Selina Dawes acertou a Srta. Brewer no rosto! — Selina Dawes! O nome foi passando de presa em presa, de cela em cela, como uma onda de água imunda. A Sra. Jelf gritou para elas ficarem caladas; mas não adiantou nada e os berros continuaram. No fim, uma voz sobressaiu sobre as outras, não para relatar ou perguntar desta vez, mas para rir:

— Selina Dawes finalmente enlouqueceu! *Selina Dawes, vai direto para a*

camisa de força e o quarto escuro!

— Meu Deus, elas não vão calar a boca? — perguntei, achando que iam me levar à loucura. Mas nesse instante escutei um portão batendo, e outro grito que não consegui entender. As vozes se calaram na mesma hora — eram a Srta. Ridley e a Sra. Linda que vieram da ala inferior por causa da gritaria. Nós tínhamos chegado no quarto da carcereira. A Sra. Jelf abriu a porta, levou a Srta. Brewer para uma cadeira e umedeceu um lenço para ela colocar sobre os olhos. — Vão mesmo levar Selina para o quarto escuro? — perguntei depressa.

— Sim — respondeu ela, no mesmo tom de voz baixo. Depois ela se inclinou sobre a Srta. Brewer. A Srta. Ridley finalmente apareceu.

— Bem, Sra. Jelf, Srta. Prior, que incidente lamentável foi esse? — Ela já estava com a mão firme e o rosto impassível.

— Selina Dawes atingiu a Srta. Brewer com seu prato — explicou a Sra. Jelf.

A Srta. Ridley olhou para dentro, depois se aproximou da Srta. Brewer para perguntar a gravidade da pancada.

— Eu não consigo enxergar — disse a Srta. Brewer. A Sra. Linda ouviu isso e se aproximou para ver melhor. A Srta. Ridley removeu o lenço.

— Seus olhos incharam e estão fechados. Acho que não é nada grave. Mas é melhor a Sra. Jelf chamar o médico. — A Sra. Jelf foi na mesma hora. A Srta. Ridley pôs o lenço de novo no lugar e manteve uma das mãos sobre ele; a outra ela pôs no pescoço da Srta. Brewer. Ela não olhou para mim, virou-se para a Sra. Linda.

— *Dawes* — disse. E, quando a carcereira se dirigiu para o corredor, ela acrescentou: — Chame por mim se ela chutar.

Eu só pude ficar ali parada, ouvindo. Ouvi os passos apressados da Sra. Linda sobre os ladrilhos cobertos de areia, depois o ferrolho da porta de madeira da cela de Selina sendo aberto, o barulho da chave no portão. Eu ouvi um murmúrio; talvez mesmo um grito. Em seguida, um silêncio, logo após, passos rápidos e pesados e passes mais leves, de alguém que andava tropeçando ou era arrastado. Uma outra porta bateu. Depois disso, mais nada.

Senti os olhos da Srta. Ridley sobre mim.

— A senhorita estava com a presa quando a confusão começou? — perguntou. Eu assenti com a cabeça. Ela me perguntou a razão. Eu disse que não sabia ao certo. — Por que ela atingiu a Srta. Brewer e não a senhorita? — Eu tornei a dizer que não sabia, que não sabia por que ela tinha agredido alguém. — A Srta. Brewer foi dar a notícia a ela.

— E foi a notícia que a descontrolou?

— Sim.

— Que notícia foi essa, Srta. Brewer?

— Que ela vai ser transferida — respondeu a Srta. Brewer, com um ar infeliz. Ela pôs a mão na mesa ao seu lado: havia um baralho ali, arrumado pela Sra. Jelf para um jogo de paciência, que agora estava todo desarrumado. — Que vai ser transferida para a prisão de Fulham.

A Srta. Ridley bufou.

— *Ia* ser transferida — disse, com uma satisfação amarga.

O rosto dela estremeceu, como a face de um relógio às vezes estremece com o movimento das engrenagens, e ela tornou a olhar para mim.

Na hora, adivinhei o que ela tinha em mente, e então pensei: *Meu Deus*.

Eu virei de costas para ela, que não disse mais nada. Um minuto depois, a Sra. Jelf voltou, junto com o médico da prisão. Ele me viu e me cumprimentou, depois tomou o lugar da Srta. Ridley ao lado da Srta. Brewer, fez um sinal de reprovação ao ver o machucado e entregou um pó para a Sra. Jelf misturar com água num copo. Eu reconheci o cheiro. Fiquei vendo a Srta. Brewer tomar o remédio, e quando ela derramou um pouco, eu tive vontade de pegar o que ela havia desperdiçado.

— A senhorita vai ficar com hematomas — admitiu. Mas eles iam desaparecer: ela tinha sorte de o golpe não ter atingido o nariz ou algum osso do rosto. Depois de fazer um curativo nos olhos dela, ele me perguntou: — A senhorita viu tudo? A presa não a atacou? — Eu disse que não estava machucada. Ele respondeu que duvidava: que não era cena para uma dama presenciar. Ele me aconselhou a chamar minha criada para ela me levar imediatamente para casa; e quando a Srta. Ridley protestou dizendo que eu ainda não tinha contado a minha versão do incidente para a Srta. Haxby, ele respondeu que não achava que a Srta. Haxby fosse se importar com isso, “em se tratando da Srta. Prior”. Esse foi o homem, eu me lembro agora, que recusou um leito na enfermaria para a pobre Ellen Power. Mas na hora eu não pensei nisso. Eu só fiquei grata a ele, porque se tivesse que tolerar as perguntas e insinuações da Srta. Haxby naquele momento, acho que morreria. Eu percorri a ala junto com ele, e ao passarmos pela cela de Selina, caminhei mais devagar e estremei ao ver a desordem lá dentro: as portas abertas, o prato, a caneca e a colher no chão, a rede desdobrada, o livro *O guia do preso* rasgado e cheio de lodo. Eu olhei e percebi que o médico também fez um sinal de reprovação.

— Uma moça calma, pelo que ouvi dizer. Mas a cadela mais mansa às vezes ataca a própria dona — concluiu.

Ele sugeriu que eu chamasse uma criada e tomasse uma carruagem; achei que não conseguiria aguentar o confinamento, imaginando Selina em seu próprio espaço enclausurado. Fui a pé para casa, caminhando rapidamente, no escuro, sem me preocupar com a minha segurança. Só no final da Tite Street diminuí o passo, deixando o vento bater no meu rosto para esfriá-lo. Mamãe poderia perguntar como foi a visita, e eu sabia que a resposta precisaria ser firme. Eu não poderia dizer “uma moça teve um colapso nervoso hoje, mamãe, e agrediu uma carcereira. Uma moça enlouqueceu e criou uma confusão”. Eu não poderia contar isso. Não só porque ela precisava achar que as mulheres eram dóceis, e não perigosas, e que estavam arrependidas, não só por isso. Mas porque eu não poderia contar sem chorar, tremer ou revelar a verdade...

Que após atingir uma carcereira bem nos olhos, Selina Dawes tinha sido enfiada numa camisa de força e levada para uma cela escura porque não suportava

a ideia de ir embora de Millbank, de se afastar de mim.

Então eu resolvi ficar calma, não contar nada e ir direto para o meu quarto. Decidi dizer que não estava me sentindo bem, que precisava dormir. Mas quando Ellis abriu a porta para mim, eu vi o olhar dela; e quando ela se afastou para eu entrar, avistei, na sala de jantar, a mesa cheia de flores, velas e pratos de porcelana. Mamãe chegou na beira da escada, com o rosto branco de preocupação e aborrecimento:

— Como você pode ser tão irresponsável! Como tem coragem de me assustar desse jeito!

Era o nosso primeiro jantar desde o casamento de Prissy, os convidados já estavam para chegar e eu tinha me esquecido. Ela se aproximou de mim e levantou a mão; achei que ela ia me bater e me encolhi.

Mas não me bateu. Ela tirou o meu casaco e enfiou os dedos na minha gola.

— Tire o vestido dela aqui, Ellis! — gritou. — Não quero que esta sujeira seja levada lá para cima, que fique entranhada nos tapetes. — Percebi que estava manchada de limo, que devia ter me sujado ao ajudar a Srta. Brewer. Eu fiquei parada, confusa, enquanto mamãe agarrava uma de minhas mangas e Ellis a outra. Elas tiraram minha blusa e eu deixei a saia escorregar para o chão; depois elas pegaram o chapéu, as luvas e sapatos, que estavam cheios de lama. Ellis levou embora as roupas e mamãe me pegou pelo braço, me arrastou para a sala de jantar e fechou a porta.

Como tinha planejado, justifiquei que não estava me sentindo bem; mas quando ela ouviu isso, deu uma risada amarga.

— Não está passando bem? Não, não, Margaret. Você usa essa desculpa quando lhe convém. Fica doente quando é conveniente.

— Eu estou doente agora, e a senhora está me fazendo ficar ainda mais.

— Você está suficientemente bem, eu acho, para as mulheres de Millbank! — Eu pus a mão na cabeça. Ela a afastou com um empurrão. — Você é egoísta e voluntariosa. Eu não vou tolerar isso.

— *Por favor. Por favor.* Se ao menos eu pudesse ir para o meu quarto e me deitar.

Ela me mandou ir para o quarto para me vestir, e eu ia ter que fazer isso sozinha porque as empregadas estavam ocupadas demais para ajudar. Expliquei que não ia conseguir e resolvi dizer que estava muito nervosa, pois havia testemunhado uma cena terrível na prisão.

— O seu lugar é aqui! — gritou —, não na prisão. E está na hora de você mostrar que sabe disso. Agora que Priscilla está casada, você precisa cumprir suas obrigações nesta casa. O seu lugar é aqui, aqui. Você vai estar aqui, ao lado da sua mãe, para receber nossos convidados quando eles chegarem...

E ela continuou nesse tom. Eu disse que ela podia contar com Stephen e Helen, o que a deixou ainda mais zangada. *Não!* Ela não ia tolerar isso! Não ia tolerar que nossos amigos achassem que eu sou fraca, ou *excêntrica* — ela quase cuspiu a palavra.

— Você não é a Sra. Browning, Margaret, por mais que queira. Você não é,

de fato, a *Sra. Seja quem for*. É apenas a *Srta. Prior*. E o seu lugar... quantas vezes eu tenho que dizer isso? O seu lugar é aqui, ao lado da sua mãe.

Minha cabeça, que tinha começado a doer em Millbank, parecia que ia rachar ao meio. Mas quando disse isso a ela, ela só sugeriu que eu devia tomar uma dose de cloral. Ela não tinha tempo de ir buscá-lo para mim, por isso eu devia tomar o remédio sozinha. E me disse onde o guardava. "Ele fica na gaveta da sua cômoda".

Então eu vim aqui. Passei por Vigers no hall e virei o rosto ao vê-la olhar espantada para meus braços nus, minhas anáguas e meias. Encontrei meu vestido estendido na cama e o broche que eu devia prender nele; e quando comecei a me vestir ouvi a primeira carruagem parando na porta. Era uma de aluguel, trazendo Stephen e Helen. Eu não conseguia me vestir direito sem Ellis: um pedaço de arame se soltou na cintura do meu vestido e eu não conseguia consertá-lo. Eu não conseguia enxergar direito, sentia apenas a dor martelando na minha cabeça. Tirei o limo do cabelo com a escova e esta parecia coberta de alfinetes. Eu vi meu rosto no espelho e meus olhos estavam escuros como hematomas, os ossos da minha garganta saltados. Ouvi a voz de Stephen, dois andares abaixo, e quando me certifiquei de que a porta da sala de visitas estava fechada, fui até o quarto de mamãe e achei o cloral. Tomei a dose habitual, e, depois de ter ficado ali sentada esperando que fizesse efeito sem sentir nada, tomei mais meia dose.

De repente, senti o sangue correndo de novo nas veias, meu rosto pareceu engrossar e a dor de cabeça melhorou; logo soube que o remédio estava funcionando. Tornei a guardar o cloral na gaveta, com muito cuidado, como mamãe gostaria. Depois desci e fiquei ao lado dela, sorrindo para os convidados. Ela me observou quando eu apareci, para ver se eu estava arrumada; depois disso, ela não tornou mais a olhar para mim. Helen, no entanto, veio me beijar.

— Vocês andaram brigando, eu sei — cochichou ela.

— Ah, Helen, como eu queria que Priscilla não tivesse ido embora! — Temi que ela sentisse o cheiro do remédio em minha boca. Peguei uma taça de vinho na bandeja de Vigers para disfarçar o hálito.

Na mesma hora, Vigers olhou para mim, e disse baixinho:

— Os grampos do seu cabelo estão se soltando, senhorita. — Ela apoiou a bandeja no quadril e ajeitou meu cabelo. Isso me pareceu, de repente, o gesto mais bondoso que alguém já tinha feito para comigo.

Em seguida, Ellis tocou a sineta do jantar. Stephen acompanhou mamãe e Helen deu o braço ao Sr. Wallace. Eu fui levada pelo namorado da Srta. Palmer, o Sr. Dance, que tinha suíças e uma testa muito larga. Fiz um comentário, mas sinto como se outra pessoa tivesse feito:

— Sr. Dance, o seu rosto é tão curioso! Meu pai costumava desenhar rostos como o seu para mim, quando eu era menina. Quando o papel era virado de cabeça para baixo, podíamos ver outro rosto ali. Stephen, você se lembra daqueles desenhos? — O Sr. Dance riu. Helen me lançou um olhar espantado. Acrescentei: — O senhor devia ficar de cabeça para baixo e nos deixar ver o outro rosto que tem escondido!

O Sr. Dance tornou a achar graça. Eu me lembro dele rindo muito, na verdade, o jantar inteiro, até que a risada dele me deixou cansada e eu cobri os olhos com as mãos. Diante disso, a Sra. Wallace comentou:

— Margaret está diferente esta noite. Você está cansada, Margaret? Você tem dado muita atenção àquelas suas mulheres. — Eu abri os olhos e as luzes sobre a mesa me pareceram muito brilhantes. O Sr. Dance perguntou, “Que mulheres são essas, Srta. Prior?” E a Sra. Wallace respondeu por mim que eu estava fazendo visitas à Penitenciária de Millbank e tinha feito amizade com todas as detentas. O Sr. Dance limpou a boca e disse, “Que coisa curiosa”. Eu senti o arame do meu vestido me espetando de novo.

— Pelo que Margaret conta — ouvi a Sra. Wallace dizer — os hábitos lá são muito severos. Mas as presas estão acostumadas, é claro, a uma vida cruel. — Eu olhei para ela, depois para o Sr. Dance.

— E a Srta. Prior vai lá para observá-las? Para instruí-las?

— Para confortá-las e inspirá-las — respondeu a Sra. Wallace. — Para orientá-las, como uma *dama*...

— Ah, como uma *dama*...

Foi a minha vez de rir, e o Sr. Dance olhou para mim, espantado.

— Imagino que a senhorita tenha presenciado muito sofrimento lá.

Eu me lembro de ter olhado para o prato dele e de ter visto a bolacha que havia lá, o pedaço de queijo com veias azuis, a faca de cabo de marfim com um pedacinho de manteiga na ponta que tinha gotículas de água, parecendo suor. Eu respondi, devagar, que sim, que tinha presenciado muito sofrimento em Millbank. Conteí que conheci mulheres que não podiam falar porque as carcereiras as obrigavam a ficar em silêncio. Outras feriam a si mesmas para escapar da rotina. Muitas enlouqueciam. Uma presa estava morrendo porque era mal alimentada e mal agasalhada. Outra arrancou o próprio olho...

O Sr. Dance tinha erguido a faca de cabo de marfim; ele a pôs no prato de novo ao ouvir isso. A Srta. Palmer deu um grito.

— Margaret! — interveio mamãe. E eu vi Helen olhar para Stephen. Entretanto, as palavras começaram a jorrar, eu parecia sentir a forma e o gosto delas quando saíam da minha boca. Eu poderia ter vomitado em cima da mesa; eles não seriam capazes de me fazer calar.

— Eu vi a sala das correntes e a cela escura. A das correntes tem algemas, camisas de força e arreios que prendem os pulsos e os tornozelos das detentas às suas coxas; por isso, são obrigadas a ser alimentadas com colher, como um bebê, e se elas se sujarem, têm que ficar no meio da própria porcaria. — Mamãe tornou a falar, com mais rispidez do que antes, e Stephen fez coro com ela. Prossegui: — A *cela escura* tem um portão, e uma porta, e depois mais outra, acolchoada. As presas são colocadas lá com os braços presos, e a escuridão as sufoca. Tem uma moça lá dentro agora e, sabe de uma coisa, Sr. Dance, algo muito curioso? — Eu me inclinei para ele e cochichei: — Eu é que devia ter sido colocada lá dentro, e não ela!

Ele se virou para a Sra. Wallace, que fez uma expressão de surpresa ao me

ouvir cochichar. Alguém perguntou nervosamente o que eu estava querendo dizer.

— Mas os senhores não sabiam — respondi — que os suicidas são mandados para a prisão?

Rapidamente, mamãe me interrompeu.

— Margaret esteve doente, Sr. Dance, quando seu pobre pai morreu. E durante essa fase houve um acidente! Ela confundiu a dosagem do seu remédio

— Eu tomei morfina, Sr. Dance! — falei em um tom de voz mais alto — e teria morrido se não tivessem me achado. Foi um descuido da minha parte deixar que me encontrassem. Mas não aconteceu nada comigo, entende? Fui salva e pronto. O senhor não acha isso estranho? Que uma mulher comum, de feições rudes, tome morfina e seja mandada para a prisão por causa disso, enquanto eu sou salva e vou visitá-la só porque sou uma *dama*?

Eu estava, talvez, meio louca; entretanto, falava com uma clareza destemida que podia parecer uma demonstração do meu mau gênio. Eu olhei em volta e ninguém me encarava, ninguém exceto mamãe — ela olhava para mim como se não me conhecesse.

— Helen, você pode levar Margaret para o quarto dela? — disse finalmente, baixinho. Helen se levantou, todas as damas se levantaram, e logo depois os cavalheiros fizeram o mesmo e uma reverência. As cadeiras causaram um barulho desagradável ao serem arrastadas e os pratos e copos balançaram em cima da mesa. Helen se aproximou de mim.

— *Você* não precisa pôr as mãos em mim! — Ela se encolheu, temendo, eu acho, o que eu pudesse dizer em seguida. Apenas envolveu minha cintura com o braço e me conduziu até a porta, passando pelo Sr. Wallace, pelo Sr. Dance e por Vigers. Mamãe levou as damas para a sala de visitas, nós seguimos um pouco atrás, depois as ultrapassamos.

— O que aconteceu, Margaret? — indagou Helen. — Eu nunca vi você assim, tão fora de si.

Eu estava um pouco mais calma. Pedi que não se preocupasse, eu só estava cansada, com dor de cabeça e o vestido me machucava. Eu não deixei que entrasse comigo no quarto, mas pedi que voltasse para ajudar mamãe. Avisei que ia dormir e estaria melhor pela manhã. Helen pareceu na dúvida, mas quando eu encostei a mão no rosto dela — só por gentileza, para tranquilizá-la — senti que ela se encolheu, e percebi que estava com medo de mim, do que eu poderia fazer ou revelar e do que outras pessoas pudessem ouvir. Eu simplesmente ri; e ela foi embora, olhando para trás enquanto andava, seu rosto diminuindo e se tornando mais pálido e vago nas sombras da escada.

Meu quarto estava escuro e silencioso, a única iluminação era o brilho fraco do fogo na lareira, a luz da rua entrando pela beirada da cortina. Fiquei satisfeita com a escuridão, nem pensei em acender o lampião. Apenas caminhei da porta até a janela e da janela até a porta, tentando soltar os ganchos do vestido apertado. Mas meus dedos estavam desajeitados — o vestido só escorregou um pouco pelos meus braços, prendendo-me ainda mais. Continuei andando. Pensei,

Não está suficientemente escuro! Eu queria que o quarto ficasse ainda mais escuro. *Onde estará assim?* Eu olhei para a porta semiaberta do armário; lá dentro, no entanto, havia um canto que parecia mais escuro do que o resto. Eu fui para lá, me agachei e descansei a cabeça nos joelhos. Desse modo, o vestido me prendia como um punho, e quanto mais eu me debatia para me livrar, mais apertado ficava. *Tem um parafuso nas minhas costas, eu pensei, cada vez mais atarraxado!*

De imediato, soube onde estava. Eu estava com *ela*, perto dela, muito perto dela. O que foi que ela disse uma vez? *Grudada como cera*. Eu senti a cela, a camisa de força...

Entretanto, meus olhos também pareciam estar vendados com um pano de seda. E no meu pescoço havia uma coleira de veludo.

Não sei por quanto tempo fiquei agachada lá dentro. Uma hora, ouvi passos na escada, uma batida de leve na porta entreaberta, e um sussurro.

— *Você está acordada?* — Pode ter sido Helen ou uma das empregadas, não acho que tenha sido mamãe. Eu não respondi e a pessoa não entrou, deve ter achado que eu estava dormindo, e eu pensei vagamente, por que pensaria isso, vendo uma cama vazia? Então eu ouvi vozes no hall, Stephen assobiando para chamar uma carruagem. Ouvi a risada do Sr. Dance na rua, embaixo da minha janela, a porta da frente sendo fechada e trancada, a voz de mamãe enquanto ia de sala em sala, apagando velas. Eu tapei os ouvidos. Quando tornei a escutar, só havia o som de Vigers se movendo no quarto acima do meu e, em seguida, o barulho das molas da cama dela.

Quando tentei me levantar, fiquei tonta: minhas pernas estavam frias, com câibras, e eu não consegui esticá-las. O vestido ainda me prendia na altura dos cotovelos. Assim que consegui ficar em pé, o vestido caiu facilmente. Não sei se eu ainda estava sob o efeito do remédio ou não, mas achei por um momento que ia vomitar. Fui Tateando no escuro e lavei o rosto e a boca, depois fiquei curvada sobre a bacia até passar a náusea. Havia dois ou três pedaços de carvão ainda acesos na lareira e eu estendi as mãos sobre eles e acendi uma vela. Meus lábios, minha língua e meus olhos estavam esquisitos, e acho que quis ir até o espelho para ver se minhas feições estavam mudadas. Porém, quando me virei eu vi a cama, e algo sobre o travesseiro; minhas mãos tremeram tanto que a vela caiu.

Eu achei que havia uma cabeça lá. Pensei ter visto *minha própria cabeça* lá, por cima do lençol. Fiquei paralisada de medo, certa de que eu estava deitada na cama, adormecida durante o tempo todo que passei no armário. Agora iria acordar, me levantar, me aproximar de onde estava meu corpo e *me abraçar*. Eu pensei: *você precisa de luz!* Você precisa de luz! Não pode deixar que ela se aproxime de você no escuro! Eu me abaixei, encontrei a vela que acendi e segurei com as duas mãos para que não apagasse. Fui até o travesseiro para ver o que havia lá.

Não era uma cabeça. Era uma trança de cabelo louro, grossa como meus punhos. Era o cabelo que eu tinha tentado roubar de Millbank, a mecha de Selina. Ela o tinha mandado para mim da sua escuridão, do outro lado da cidade, no meio da noite. Eu encostei o rosto nela, cheirava a enxofre.

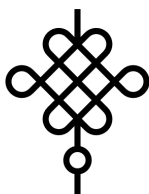
Eu acordei, às 6 horas desta manhã, acreditando ouvir a sineta de Millbank. Despertei como alguém que volta da morte, ainda envolta pela escuridão, ainda enterrada. Encontrei o cabelo de Selina do meu lado, um pouco esmaecido onde a trança estava mais frouxa — eu tinha dormido com ela na cama. Ao vê-la, e ao me lembrar da noite, tremi; mas fui esperta o bastante para enrolá-la numa echarpe e escondê-la na gaveta onde guardo este diário. O tapete pareceu oscilar como o deque de um navio quando eu me levantei; pareceu oscilar até quando eu me deitei, imóvel. Quando Ellis chegou, ela foi imediatamente chamar mamãe, que embora tenha entrado emburrada, pronta para brigar comigo, gritou ao me ver pálida e trêmula. Mandou Vigers buscar o Dr. Ashe; assim que ele chegou, eu comecei a chorar. Justifiquei dizendo que estava no meu período menstrual, só isso. Ele disse que eu devia tomar láudano e não cloral e ficar em casa.

Quando ele saiu, mamãe mandou Vigers providenciar uma compressa de água quente para eu colocar na minha barriga dolorida. Depois, ela trouxe o láudano. Ele tem um gosto melhor, pelo menos, do que meu outro remédio.

— É claro que eu não teria obrigado você a estar presente ontem no jantar se soubesse que estava tão mal. — Prometeu que, no futuro, iam tomar mais cuidado com o modo como eu passava os meus dias. Então ela trouxe Helen e Stephen e eu os ouvi cochichando. Acho que uma hora eu dormi, depois acordei chorando e gritando e fiquei confusa por mais de meia hora. A partir daí, comecei a ter medo do que poderia dizer se delirasse de febre enquanto eles estavam me vigiando. Finalmente, pedi para me deixarem sozinha, que eu ia melhorar.

— Deixar você sozinha? Que tolice! Deixar você aqui sozinha, doente? — responderam. Acho que mamãe tinha a intenção de ficar sentada ao lado da minha cama a noite toda. No fim, eu fiquei deitada, bem calma, e eles concordaram que uma das empregadas ficasse me vigiando. Agora Vigers está encarregada de permanecer sentada perto da porta até amanhecer. Eu ouvi mamãe pedir para não deixar que eu me agitasse e me cansasse, mas se ela me ouviu virando estas páginas, não interferiu. Um determinado momento, ela entrou silenciosamente no quarto, trazendo uma xícara de leite fervido, adoçado com melado e engrossado com um ovo. Explicou que se eu tomasse uma xícara por dia, ficaria melhor. Mas eu não consegui beber. Depois de uma hora, Vigers levou a xícara embora, com uma expressão triste no rosto. Eu só consegui beber água e comer um pedacinho de pão; e fiquei deitada com as cortinas fechadas, à luz de velas. Quando mamãe acendeu um lampião, eu protegi os olhos da luz.

26 DE MAIO DE 1873



ESTA TARDE, ENQUANTO EU ESTAVA CALMAMENTE no meu quarto, ouvi a campainha tocar e Ruth trouxe uma pessoa para me ver. Era uma dama chamada Srta. Isherwood, que participou de uma sessão na última quarta-feira. Ela olhou para mim e começou a chorar, dizendo que não tinha dormido uma única noite desde então, e tudo por causa de Peter Ligeiro. Contou que ele tocou o rosto e as mãos dela e que ela ainda podia sentir os dedos dele, que deixaram marcas invisíveis das quais purgavam um líquido ou uma gosma, que ela sentia saindo dela como água.

— Dê-me sua mão — eu disse. — Você está sentindo essa gosma agora? — Ela confirmou e a observei por um momento. — *Eu também.* — Em seguida, ela olhou para mim e eu ri. É claro que eu sabia qual era o problema. — A senhorita é igual a mim, Srta. Isherwood, e não sabe disso. A senhorita tem poderes! Está tão cheia de matéria espiritual que ela está purgando da senhorita. Esse é o fluido que a senhorita sente, ele quer sair. Temos que ajudá-lo a vir para fora, e então seus poderes ficarão fortes como devem ser. Eles só querem o que nós chamamos de *desenvolvimento*. Se não os conhecermos, irão murchar ou se contorcer dentro do seu corpo, fazendo-a adoecer. — Eu olhei para o rosto dela, terrivelmente pálido. — Acho que a senhorita já sentiu esses poderes se contorcendo, não é? — Ela disse que sim. Conclui: — Bem, eles não a incomodarão mais. Já não se sente um pouco melhor, agora que eu a toquei? Imagine o quanto eu posso ajudá-la, com a mão de Peter Ligeiro para guiar a minha. — Pedi a Ruth para preparar a sala e toquei para chamar Jenny e orientá-la a não entrar naquela sala nem nos aposentos próximos por uma hora.

Esperei, depois levei a Srta. Isherwood para o andar de baixo. Nós passamos pela Sra. Brink e comentei que ela tinha vindo para uma sessão particular, e quando ouviu isso, disse:

— Oh, Srta. Isherwood, como é afortunada! Mas espero que não vá deixar o meu anjo muito cansado. — A senhorita disse que não. Quando entramos na sala, vimos que Ruth tinha pendurado a cortina, mas que não havia tido tempo de preparar um jarro de óleo fosforizado. Deixara apenas um lampião com a luz bem fraquinha.

— Vamos manter este lampião aceso, e a senhorita avisa quando achar que

Peter Ligeiro chegou. Se você tiver poderes ele virá, é só durante as sessões que eu tenho que me sentar atrás de uma cortina para me proteger das emanções que vêm de olhos comuns. — Nós nos sentamos por cerca de vinte minutos, e o tempo todo a Srta. Isherwood se mostrou muito nervosa, até que finalmente houve uma batida na parede e ela murmurou:

— O que é isso?

— Não sei ao certo. — Então a batida ficou mais forte.

— Eu acho que ele está aqui! — E Peter saiu da cabine balançando a cabeça e resmungando:

— Por que você me trouxe nessa hora tão estranha?

— Há uma dama aqui que precisa da sua ajuda. Acho que ela tem o poder de evocar espíritos, mas suas habilidades ainda precisam ser desenvolvidas. Creio que você a despertou para este trabalho.

— É a Srta. Isherwood? — perguntou Peter. — Sim, posso ver as marcas que deixei nela. Bem, senhorita, esta é uma grande tarefa, não é para ser feita levemente. O que a senhorita possui é chamado às vezes de um *dom fatal*. Os acontecimentos nesta sala parecem estranhos aos ouvidos insensíveis. A senhorita precisa guardar os segredos dos espíritos ou se arriscar a ser vítima do ódio deles. Pode fazer isso?

— Acho que sim — respondeu a Srta. Isherwood. — O que a Srta. Dawes diz deve ser verdade. Acredito que tenho uma natureza muito parecida com a dela, ou que pode ficar igual à dela.

Olhei para Peter e o vi sorrir, explicando.

— A natureza da minha médium é muito especial. A senhorita acredita que para ser uma médium é preciso pôr de lado o seu espírito para deixar outro entrar. Mas não é assim. É preciso ser uma serva dos espíritos, um instrumento flexível nas mãos deles. É preciso deixar seu espírito ser *usado*, sua prece deve ser sempre *Que eu possa ser usada*. Diga isso, Selina. — Eu repeti, e então ele voltou-se para a Srta. Isherwood.

— Peça a ela para dizer isso.

— Diga isso, Srta. Dawes — e eu repeti:

— Que eu possa ser usada.

— Está vendo? A minha médium é obrigada a obedecer. A senhorita acha que ela está acordada, mas ela está em transe. Diga a ela para fazer outra coisa.

Eu ouvi a Srta. Isherwood engolir em seco, depois pedir:

— Pode se levantar, Srta. Dawes?

— A senhorita não deve pedir, deve ordenar.

— *Levante-se, Srta. Dawes.* — mandou a Srta. Isherwood. E eu me levantei.

— Diga outra coisa — continuou Peter.

— Junte as mãos, abra e feche os olhos, diga amém.— Eu fiz tudo isso e Peter riu cada vez mais alto.

— Diga a ela para beijá-la.

— Beije-me, Srta. Dawes!

— Diga a ela para me beijar!

— Srta. Dawes, beije Peter! — Até que ele falou:
— Diga a ela para tirar o vestido!
— Eu não posso fazer isso!
— *Diga a ela!* — gritou. E então ela obedeceu. — Ajude-a com os botões — ordenou, e quando ela ajudou, disse:

— Como o coração dela está batendo rápido! A senhorita está vendo a minha médium sem roupa. É assim que o espírito aparece quando fica sem o corpo. Ponha as mãos nela, Srta. Isherwood. Ela está quente? — A Srta. Isherwood confirmou. Peter explicou:

— Isso é porque o espírito dela está muito perto da superfície da carne. A senhorita também tem que ficar quente.

— Realmente, eu estou muito quente.

— Isso é bom, mas a senhorita ainda não está quente o bastante para o desenvolvimento, tem que deixar a minha médium fazê-la ficar ainda mais quente. Tire o vestido e abrace a Srta. Dawes. — Eu a senti fazer isso, ainda de olhos fechados, porque Peter não tinha permitido que eu os abrisse. Senti os braços dela em volta de mim e o rosto perto do meu.

— Como está se sentindo agora, Srta. Isherwood?

— Não sei ao certo, senhor.

— Diga-me de novo, qual deve ser a sua prece? — insistiu.

— Que eu possa ser usada.

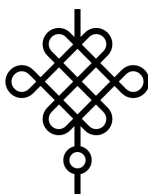
— Então diga. — Ela repetiu e ele ordenou que falasse mais depressa, e ela obedeceu. De repente, ele pôs a mão no pescoço dela e ela levou um susto.

— Seu espírito ainda não está bastante quente! Ele deve ficar tão quente que pareça estar derretendo, e então a senhorita sentirá o meu espírito chegar e tomar o lugar dele! — Peter nos abraçou. A Srta. Isherwood no meio, presa entre nós. Ela começou a tremer.

— Qual é a prece da médium, Srta. Isherwood? Qual é a prece da médium? — E ela ficou repetindo, sem parar, até sua voz ficar fraca, até Peter murmurar para mim:

— Abra os olhos.

11 DE DEZEMBRO DE 1874



CONTINUEI A ACORDAR A SEMANA INTEIRA com aquele som impossível, o da sineta de Millbank chamando as mulheres para o serviço. Eu as imaginava acordando, vestindo as meias de lã e os uniformes grosseiros. Eu as imaginava paradas no portão com suas facas e pratos, aquecendo as mãos no calor das canecas de chá, depois se preparando para trabalhar e sentindo as mãos ficarem frias novamente. Selina, acho, está de novo entre elas, porque senti a escuridão diminuir um pouco naquela parte de mim que dividiu sua cela. Mas eu sei que ela está infeliz; e não fui visitá-la.

No início, o medo e a vergonha me impediram de ir vê-la. Agora é mamãe. Ela ficou rabugenta de novo depois que eu melhorei. No dia seguinte à visita do médico, ela veio se sentar ao meu lado, viu Vigers trazendo outro prato e ralhou:

— Você não estaria tão doente se fosse casada.

Ontem, ela ficou olhando enquanto eu me banhava, mas não deixou que eu pusesse um vestido. Mandou eu ficar no quarto, de camisola. Até que Vigers trouxe do armário o vestido que fiz para ir a Millbank: ele foi guardado lá e esquecido na noite do jantar, e acho que ela queria lavá-lo. Olhei para ele, vi as manchas de lodo, e me lembrei da Srta. Brewer escorregando pela parede. Mamãe olhou para mim, depois fez um sinal para Vigers. Ordenou que a roupa fosse lavada e depois guardada. E quando eu disse para ela esperar, pois eu ia precisar do vestido para ir a Millbank, mamãe disse que não era possível eu continuar com minhas visitas depois de tudo o que havia acontecido.

Em seguida, ela voltou-se para Vigers, mais calmamente:

— Leve o vestido e saia. — E Vigers olhou uma vez para mim e depois saiu. Eu ouvi os passos dela, rápidos, na escada.

Depois tivemos a mesma discussão cansativa.

— Eu não vou deixar você ir a Millbank, já que sempre volta tão doente de lá. — Eu disse que ela não poderia me impedir. — Seu próprio decoro deveria impedi-la. Seu sentimento de lealdade para com sua mãe.

Aleguei que não havia nada de impróprio nas minhas visitas, nem de desleal, como ela podia pensar uma coisa dessas? Ela perguntou se não tinha sido deslealdade envergonhá-la na frente do Sr. Dance e da Srta. Palmer no jantar.

Afirmou que sempre soubera, mas agora até o Dr. Ashe confirmava: as visitas a Millbank tinham me deixado doente de novo, quando eu já estava melhorando. Eu havia tido liberdade demais, e isso não era bom para mim. Eu era muito suscetível, e visitar as presas me fazia perder a noção de decoro. Eu tinha tempo demais sem fazer nada e começava a criar fantasias etc. etc.

— O Sr. Shillitoe — revelou finalmente — mandou um bilhete pedindo notícias suas. — Uma carta chegara no dia seguinte da minha visita. Mamãe disse que ia responder dizendo que eu estava doente demais para voltar.

Eu protestei e fiquei fraca. Percebi como ela era e senti uma onda de raiva. Pensei, *Dane-se, sua desgraçada!* Eu ouvi as palavras claramente em minha cabeça, e, por um segundo, na minha boca. Cheguei a me encolher, achando que mamãe também tinha ouvido. Mas ela foi apenas até a porta e não olhou para trás; e quando eu vi como os passos dela eram firmes, eu soube como eu devia ser. Peguei um lenço e enxuguei a boca. Avisei que ela não precisava escrever a carta, que eu ia mandar um bilhete para o Sr. Shillitoe.

Eu disse que ela tinha razão. Que eu ia desistir de Millbank. Porém, não a encarei, acho que ela interpretou isso como vergonha, porque voltou para perto de mim e pôs a mão no meu rosto.

— Eu só estou pensando na sua saúde — retrucou.

Senti seus anéis frios contra meu rosto. Então eu me lembrei de como ela tinha aparecido quando eu fui salva da morfina. Usava seu vestido preto e o cabelo solto. Ela encostara a cabeça no meu peito e deixara minha camisola toda molhada com suas lágrimas.

Mamãe me entregou um papel e uma pena e ficou no pé da cama, vendome escrever. Eu escrevi:

Selina Dawes

Selina Dawes

Selina Dawes

Selina Dawes

E, ao ver a pena se movendo pelo papel, ela me deixou. Logo depois, queimei o papel na lareira.

Em seguida, toquei a campainha para chamar Vigers e expliquei que tinha havido um engano, que ela deveria lavar meu vestido e depois devolvê-lo para mim, mais tarde, depois que minha mãe tivesse saído; e a Sra. Prior não precisa saber de nada disso, nem Ellis.

Também perguntei se ela tinha alguma carta para pôr no correio e ela me disse que tinha uma. Pedi a Vigers para levar logo a carta para o correio e, se alguém perguntasse, ela devia dizer que a carta era minha. Ela manteve os olhos baixos e fez uma reverência. Isso foi ontem. Mais tarde, mamãe veio e tornou a pôr a mão no meu rosto. Dessa vez, no entanto, eu fingi que estava dormindo e não olhei para ela.

Ouçõ uma carruagem na rua. A Sra. Wallace está chegando para levar

mamãe a um concerto. Antes de partir, ela passará aqui para me dar o remédio.

Eu estive em Millbank e vi Selina; e agora tudo mudou.

Estavam me esperando lá, é claro. Acho que o porteiro fora informado, porque ele me pareceu prevenido quando eu falei com ele; quando cheguei na prisão das mulheres, uma agente estava me esperando e ela me levou imediatamente para a sala da Srta. Haxby, onde também estavam o Sr. Shillitoe e a Srta. Ridley. Foi como minha primeira entrevista — que parece ter acontecido numa outra vida, embora eu não tenha lembrado dela dessa forma esta tarde. Mesmo assim, eu senti a mudança entre aquele momento e este, porque a Srta. Haxby não sorriu, e até o Sr. Shillitoe tinha um ar grave.

Ele disse que estava contente em me ver ali de novo. Temia, depois que sua carta ficou sem resposta, que o incidente da semana anterior pudesse ter me afastado de lá para sempre. Eu disse que tinha estado adoentada e que a carta fora esquecida por uma criada relaxada. Eu vi a Srta. Haxby analisando minhas feições enquanto eu falava — acho que meus olhos estavam escuros por causa da dose de láudano. Mas acho que eu estaria pior sem ele, porque fazia uma semana que eu não saía do quarto e o remédio me deu certa força.

A Srta. Haxby disse que esperava que eu já estivesse recuperada; depois, que sentia muito não ter falado comigo após o incidente.

— Não havia ninguém para nos contar o que tinha acontecido, fora a pobre Srta. Brewer. Dawes tem sido muito teimosa.

Eu ouvi o barulho dos sapatos da Srta. Ridley; ela os ajeitava para que ficassem mais confortáveis. O Sr. Shillitoe permaneceu. Eu perguntei quanto tempo Selina tinha ficado na cela escura.

— Três dias — responderam. Que é o máximo permitido “sem uma ordem legal”.

— Três dias parece um castigo muito duro.

Por agredir uma agente? A Srta. Haxby não concordava. Contou que a Srta. Brewer ficou tão machucada e abalada que deixou Millbank, abandonara o serviço carcerário.

— Um incidente muito grave — atalhou o Sr. Shillitoe com um sinal de reprovação.

— E como vai Dawes? — perguntei.

— Ela está tão infeliz como era de se esperar. — Observou a Srta. Haxby. Contou que trabalhava com fibra de coco na ala da Sra. Linda, e o plano de enviá-la para Fulham foi esquecido. — Imagino que a senhorita, pelo menos, esteja satisfeita com isso — completou me encarando.

Já tinha pensado nisso. Eu disse, com firmeza, que estava sim. Porque agora, mais do que nunca, Dawes ia precisar de uma amiga para aconselhá-la. Neste momento, mais do que antes, ela ia precisar da compaixão de uma visitante...

— Não — disse a Srta. Haxby. — Não, Srta. Prior. — Como eu podia dizer isso se foi a minha compaixão por Dawes que a afetou, que a fez agredir uma agente e destruir sua cela? Quando minhas atenções para com ela a levaram a esta crise? — A senhorita pode se declarar amiga dela. Entretanto, antes de suas

visitas, ela era a presa mais calma de Millbank! Que tipo de amizade é essa que pode provocar tais paixões numa moça como ela? — perguntou.

— A senhorita pretende impedir-me de visitá-la?

— Eu pretendo mantê-la calma, para seu próprio bem. Ela não vai ficar calma com suas visitas.

— Ela não vai ficar calma sem mim!

— Então ela vai ter que aprender a se acalmar.

— Srta. Haxby — pronunciei, mas me atrapalhei com as palavras, quase a chamei de *mamãe*! Pus a mão na garganta e olhei para o Sr. Shillitoe.

— A crise foi muito séria. Suponha, Srta. Prior, que ela ataque a senhorita da próxima vez? — indagou ele.

— Ela não vai *me* atacar! — retruquei. Eles não podiam ver como era terrível o castigo dela e como minhas visitas o tinham suavizado? Eles precisavam pensar nela: uma moça inteligente, delicada, a mais tranquila, segundo a Srta. Haxby, em toda Millbank! Eles deviam pensar no que a prisão tinha feito a ela, em como a tornou não arrependida, nem boa, mas infeliz, incapaz de imaginar o mundo além da sua cela; por isso agrediu a agente que tinha vindo anunciar que ela ia deixar aquele lugar! — Mantenham-na em silêncio, mantenham-na sem receber visitas. Acho que os senhores irão enlouquecê-la... ou então, matá-la...

Eu não poderia ter sido mais eloquente se estivesse defendendo minha própria vida — agora eu sei, *era* a minha vida que eu estava defendendo; e acho que a voz que falava vinha de outra pessoa. Eu vi o Sr. Shillitoe ficar pensativo, como antes. Não sei ao certo o que foi dito entre eles então. Só sei que ele concordou, finalmente, que eu a visitasse, e eles veriam se ela ia melhorar.

— A carcereira dela — disse ele —, a Sra. Jelf, também falou em sua defesa. — Isso pareceu tê-lo influenciado.

A Srta. Haxby estava com os olhos baixos; só depois que o Sr. Shillitoe se retirou e eu me levantei para ir para as alas, foi que ela tornou a olhar para mim. Então eu fiquei surpresa com a expressão dela, porque não era de raiva, era mais de vergonha. Eu pensei, ela foi humilhada na minha frente e deve estar constrangida.

— Não vamos brigar, Srta. Haxby — e ela respondeu na mesma hora que não tinha desejo de brigar comigo. Mas que eu havia entrado em sua prisão sem saber nada a respeito dela. Ela hesitou, olhou rapidamente para a Srta. Ridley.

— Eu respondo, é claro, ao Sr. Shillitoe; mas ele não pode dirigir este local porque é uma prisão de mulheres. O Sr. Shillitoe não compreende seus temperamentos e humores. Uma vez eu disse para a senhorita, brincando, que já tinha cumprido muitas penas na prisão, e é verdade, Srta. Prior. Conheço as distorções que podem ocorrer. Eu acho que, assim como o Sr. Shillitoe, a senhorita não conhece, não pode adivinhar, a natureza do... — ela pareceu procurar a palavra certa, depois repetiu — ... do *temperamento*, a estranheza do temperamento de uma moça como Dawes, quando presa...

Ela parecia não achar as palavras certas: era como se fosse uma das presas, buscando um termo no vocabulário simplório, sem encontrá-lo. Mas eu entendi

o que ela queria dizer. Entretanto, se referia a um temperamento grosseiro, comum, como o de Jane Jarvis ou de Emma White, não o de Selina, nem o meu. Prometi, antes que continuasse falando, que eu me lembraria de suas preocupações. A Srta. Haxby me analisou mais um pouco e deixou a Srta. Ridley me levar para as celas.

Eu sentia o efeito do remédio em mim enquanto caminhávamos pelos corredores brancos da prisão; senti esse efeito mais do que nunca quando chegamos nas alas, porque o vento fazia a chama dos lampiões a gás tremeluzir, de modo que todas as superfícies sólidas pareciam oscilar. Fui surpreendida, como sempre, pelo horror da penitenciária, seu ar fétido, seu silêncio; e quando a Sra. Linda me viu chegar, me lançou um olhar malicioso, e seu rosto me pareceu largo e esquisito, como se refletido numa superfície de metal.

— Muito bem, Srta. Prior — disse ela, e tenho certeza de que falou isso. — Está de volta para ver sua ovelhinha malvada? — Ela me levou até uma porta, e encostou o olho na abertura, de um jeito bem dissimulado. Em seguida, destrancou a porta e tirou a tranca do portão atrás dela. — Pode entrar, madame. Ela tem estado muito dócil depois de sua temporada no escuro.

A cela onde a puseram é menor do que as das alas comuns, e as barras de ferro em sua janela, junto com a rede em volta dos lampiões para impedir que as mulheres se aproximem da chama, dão um ar desesperadamente deprimente. Não havia mesa nem cadeira: eu a encontrei sentada na cama, debruçada sobre uma bandeja de fibra de coco. Selina a pôs de lado quando abriram a porta para mim, e tentou ficar em pé; porém, perdeu o equilíbrio e teve que se apoiar na parede. Tiraram a estrela de sua manga e deram a ela um uniforme que me pareceu grande demais. O rosto dela estava branco, suas têmporas e lábios azulados, e em sua testa havia um hematoma amarelado. Suas unhas quebraram de tanto trabalhar com o coco que deixava fibras espalhadas por sua touca, avental, pulsos e roupa de cama.

Depois que a Sra. Linda fechou e trancou a porta, dei um passo na direção de Selina. Inicialmente, não falamos nada, só nos olhamos, assustadas; então eu acho que murmurei:

— O que fizeram com você? — Ao ouvir isso ela levantou a cabeça, sorriu, mas o riso se dissolveu como se fosse de cera, e ela tapou o rosto com as mãos e chorou. Eu a abracei, fiz com que sentasse de volta na cama e acariciei seu rosto machucado até ela se acalmar. Selina encostou a cabeça na gola do meu casaco e se agarrou em mim. Quando falou, foi num fio de voz:

— Como você deve me achar fraca.

— Fraca, Selina?

— É que eu queria tanto que você viesse.

Ela estremeceu, mas depois se acalmou. Eu segurei a mão dela, comentei sobre suas unhas quebradas, e ela contou que tem que descascar oito quilos de coco todo dia:

— Senão a Sra. Linda traz mais no dia seguinte. A fibra do coco fica suspensa no ar, você tem a impressão de que vai sufocar com ela. — Desabafou

que só tinha água e pão preto para comer; e que, quando vai à capela, tem que usar *correntes*.

Eu fiquei horrorizada. Mas quando tornei a segurar a mão dela, ela ficou dura e retirou os dedos.

— Sra. Linda — murmurou. — Ela vem nos espiar...

De repente, eu ouvi um movimento na porta e vi a portinhola de inspeção ser aberta por dedos grossos e brancos.

— Não precisa nos vigiar, Sra. Linda! — resmunguei e a carcereira riu, dizendo que elas sempre tinham que vigiar, *nesta* ala. Mas tornou a fechar a portinhola; e eu a ouvi se afastando e depois parando em outra porta.

Nós ficamos sentadas em silêncio. Olhei para o machucado na cabeça de Selina — ela tinha tropeçado quando a puseram na cela escura e estremeceu ao se lembrar.

— Foi um horror lá. *Você* deve saber como foi terrível. Eu não teria sido capaz de suportar se você não estivesse lá para levar com você um pouco da escuridão — confessou.

Eu olhei espantada para ela.

— Lá eu soube o quanto você foi boa em vir para junto de mim depois de tudo o que tinha visto. Durante minha primeira hora lá, sabe o que mais me assustou? Ah, foi um tormento para mim, muito pior do que qualquer castigo. Foi a ideia de que você fosse se afastar de mim; a ideia de que eu pudesse tê-la afastado quando tudo o que eu queria era mantê-la por perto!

Eu sabia disso, mas foi por saber que eu fiquei tão mal. Eu não podia deixar que ela dissesse isso.

— Você não deve, você não deve... — implorei, mas ela respondeu num sussurro feroz que *devia sim*! Ah, pensar naquela pobre dama, a Srta. Brewer! Ela nunca quis fazer mal a ela. Mas ser transferida, ficar livre, como diziam, para conversar com outras presas!

— Por que eu ia querer conversar com mulheres condenadas, quando não podia conversar com *você*? — perguntou.

Acho que tapei sua boca com a mão. Repeti que ela não devia dizer aquelas coisas, não *devia*. Finalmente, ela afastou meus dedos e revelou que foi para dizer essas coisas que ela tinha machucado a Srta. Brewer, que por essa razão tinha tolerado a camisa de força e a cela escura. Eu a obrigaria a ficar calada depois *disso*?

Eu a segurei pelos braços e vociferei, perguntando o que ela tinha ganhado com isso. Só consegui que nos observassem com mais atenção! Selina não sabia que a Srta. Haxby queria manter-me longe dela? Que a Srta. Ridley ia verificar quanto tempo nós passávamos juntas? Que a Sra. Linda ia nos vigiar? — Até o Sr. Shillitoe faria o mesmo? Você sabe o quanto vamos ter que ser cuidadosas agora, o quanto vamos ter que ser astutas?

Eu a tinha puxado para mim. Então tomei consciência dos seus olhos, da sua boca, do seu hálito quente e azedo. Eu ouvi minha voz e minha confissão.

Abri as mãos e me afastei dela.

— Aurora — disse ela.

Eu respondi na mesma hora:

— Não diga isso.

Mas ela tornou a repetir. *Aurora. Aurora.*

— Você não deve dizer isso.

— Por que não? Eu disse isso no escuro para você, e ficou contente de ouvir, e me respondeu! Por que você se afasta de mim agora?

Eu tinha me levantado da cama e afirmei.

— É preciso.

— Por quê?

Argumentei que não era certo ficarmos tão próximas. Que era contra as regras de Millbank. No entanto, Selina se levantou e, como a cela era muito apertada, eu não tinha para onde fugir dela. Minha saia bateu na bandeja de fibras de coco e levantou a poeira, mas ela não se incomodou e chegou mais perto, e pôs a mão no meu braço.

— Você me quer perto. — E quando eu respondi que *Não, eu não*: — Sim, você me quer — repetiu. — Senão, por que você teria meu nome escrito nas páginas do seu diário? Por que tem as minhas flores? *Por que, Aurora, você tem o meu cabelo?*

— Você me enviou essas coisas! — exclamei. — Eu nunca as pedi!

— Eu não poderia tê-las enviado se você não as desejasse.

Eu não pude dizer nada; quando ela viu o meu rosto, se afastou de mim e sua expressão mudou. Alertou que eu devia tomar cuidado e ficar calma, porque a Sra. Linda poderia espiar. Pediu para eu ouvir o que ela tinha a dizer. Porque ela estivera na escuridão e sabia tudo. E agora eu também tinha que saber...

Selina inclinou um pouco a cabeça, mas manteve os olhos em mim, e eles me pareceram maiores do que nunca e escuros como os de um mágico. Ela já tinha contado uma vez que foi presa por um propósito. Que os espíritos iriam revelá-lo. Eles vieram, Aurora, enquanto eu estava naquela cela. Eles vieram e me contaram. Você não consegue adivinhar? Acho que eu adivinhei. Foi isso que me deixou assustada.

Ela passou a língua nos lábios e engoliu em seco. Eu a observava, sem me mexer. Eu perguntei por quê? Por quê eles a puseram lá?

Por sua causa, disse finalmente. Para que pudéssemos nos conhecer e, nos conhecendo, saber, e sabendo, nos unir...

Era como se ela tivesse enfiado uma faca em mim: eu senti o coração bater com força e, por trás dos batimentos um outro movimento, mais agudo — aquela *aceleração*, mais violenta do que nunca. E senti uma reação semelhante nela...

Era uma espécie de agonia.

Pois o que ela tinha dito me pareceu terrível.

— Você não deve falar assim. Por que está dizendo essas coisas? De que adiantam as revelações dos espíritos? Todas essas palavras loucas... nós não podemos agir impetuosamente agora, temos que ser calmas, temos que ser

sóbrias. Se eu vier visitá-la, até você ser solta...

— Quatro anos — reclamou e perguntou se eu achava que eles iam continuar a permitir que eu fosse lá por todo esse tempo. Se eu achava que a Srta. Haxby ia permitir. Se eu achava que minha mãe ia deixar. E mesmo que permitissem, se eu pudesse ir uma vez por semana, uma vez por mês, durante meia hora... bem, será que eu iria suportar?

Expliquei que tinha suportado até agora. Poderíamos apelar da sentença dela. Se ao menos tomássemos cuidado...

— Você suportaria — indagou — depois do que aconteceu hoje? Você poderia continuar a ser apenas *cuidadosa e calma*? Não — implorou quando dei um passo na direção dela. — Não, não se mexa! Fique aí, longe de mim. A Sra. Linda pode ver...

Eu torci as mãos até as luvas fazerem minha pele queimar. Que escolha nós tínhamos? Ela estava me atormentando! Dizer que tínhamos que nos *unir ali*, em Millbank! Perguntei de novo por que os espíritos diziam essas coisas para ela. E por que ela repetia isso para mim?

— Repito — respondeu, falando tão baixo que eu tive que me inclinar no meio da poeira para escutar — porque há uma escolha e você precisa fazê-la. *Eu posso fugir*.

Acho que eu ri. Acho que tapei a boca com a mão e ri. Ela ficou olhando e esperando. O rosto dela estava sério, e pensei, pela primeira vez, que talvez a permanência na cela escura tivesse toldado sua razão. Fitei suas feições pálidas, sua testa machucada, e fiquei mais calma.

— Você já falou demais — eu disse serenamente.

— Eu posso fazer isso — respondeu no mesmo tom.

— Não, isso seria um grande erro.

— Seria um erro, mas só pelas leis deles.

Não. Além disso, como ela conseguiria fugir de Millbank? Há portões trancados em cada corredor, carcereiras, guardas... eu olhei em volta, para a porta de madeira, para as barras de ferro nas janelas.

— Você precisaria de chaves, de coisas inimagináveis. E o que você faria, mesmo que conseguisse fugir? Para onde iria?

Selina continuava a me observar. Seus olhos estavam muito escuros. Até que respondeu:

— Eu não precisaria de chave nenhuma se eu tivesse ajuda dos espíritos. E eu iria para junto de você, Aurora. E nós iríamos embora, juntas.

Apesar de Selina falar com toda a naturalidade, não ri. Perguntei se ela achava que eu iria embora com ela.

Ela disse que eu teria que ir.

Ela achava que eu ia deixar...

— Deixar quem? Deixar quem?

Deixar mamãe. Deixar Helen e Stephen, Georgy e os outros sobrinhos que ainda viriam. Deixar o túmulo de papai. Deixar meu tiquete de acesso à sala de leitura do British Museum.

— Deixar a minha vida — eu disse finalmente.

Ela respondeu que me daria uma vida melhor.

— Nós não teríamos nada.

— Nós teríamos o seu dinheiro.

— O dinheiro é da minha mãe!

— Você deve ter um dinheiro seu. Deve haver coisas que você pode vender...

Isso era tolice. Era pior que tolice, era idiotice, loucura! Como poderíamos viver juntas, sozinhas? Para onde iríamos?

Mas mesmo enquanto eu falava, eu vi os olhos dela, e soube...

— Pense nisso! Pense em viver com o sol sempre brilhando. Os lugares ensolarados que você quer visitar: Reggio, Parma, Milão e Veneza. Nós podíamos morar num desses lugares. Nós estaríamos livres.

Eu fiquei olhando para ela — até que ouvi o som dos passos da Sra. Linda do outro lado da porta, o rangido da areia sob suas botas. Desabafei, num sussurro:

— Nós estamos loucas, Selina. *Fugir* de Millbank! Você não conseguiria, seria apanhada na mesma hora. — Ela disse que seus amigos espíritos a manteriam segura; e então, quando eu disse que não, não acreditava nisso, indagou, por que não? E me lembrou de todos os presentes já enviados pelos espíritos. Por que ela não poderia mandar também *a si mesma*.

Eu continuei dizendo que não, que não podia ser verdade.

— Se fosse verdade, você teria ido embora daqui há um ano. — Ela disse que estava esperando, que precisava de *mim* para isso. Precisava de mim para levá-la.

— E se você não me levar, bem, quando puserem um fim às suas visitas, o que você fará? Vai continuar invejando a vida da sua irmã? Vai continuar sendo uma prisioneira em sua própria cela escura para sempre? — provocou.

E eu tornei a ter aquela terrível visão, de mamãe envelhecendo e ficando cada vez mais rabugenta, ralhando comigo por eu ler muito devagar ou muito depressa. Eu me vi ao lado dela usando o uniforme marrom-lama.

— Mas nós seríamos capturadas. A polícia nos prenderia.

— Eles não poderão nos prender depois que deixarmos a Inglaterra.

— As pessoas saberiam o que tínhamos feito. Eu seria vista e reconhecida. Nós seríamos marginalizadas pela sociedade!

Ela perguntou quando foi que eu me importei com esse tipo de sociedade. Por que eu me importaria com o que pensam de mim. Nós acharíamos um lugar longe de tudo isso, que fosse perfeito para nós. Ela já teria feito o trabalho para o qual estava destinada...

— A minha vida inteira — disse suspirando — eu achei que entendia. Durante todas as semanas, meses e anos, achei que sim, eu não sabia de nada. Eu achava que estava na luz, quando o tempo todo meus olhos estavam fechados! Cada pobre dama que me procurava, que tocava a minha mão, que levava com ela uma pequena parte do meu espírito, não passava de uma sombra. Aurora, elas

eram sombras de você! Eu estava procurando por você, assim como você estava procurando por mim. Você estava procurando por mim, *a sua própria afinidade*. E se você deixar que eles me afastem de você agora, acho que vou morrer!

Minha própria afinidade. Eu já sabia disso? Ela confirmou.

— Você adivinhou, você sentiu. Acho que você sentiu isso antes de mim! Desde a primeira vez que me viu.

Então eu me lembrei de a ter observado em sua cela clara — o rosto virado para o sol, a violeta em sua mão. Havia um propósito no meu olhar, como Selina sugeria.

Eu levei a mão à boca.

— Não tenho certeza. Não tenho certeza.

— Não tem certeza? Olhe para os seus dedos. Você não tem certeza de que são seus? Olhe para qualquer parte de você, é como se você estivesse olhando para mim! Nós somos iguais, você e eu. Nós fomos retiradas, duas metades iguais, da mesma matéria. Ah, eu poderia dizer, *eu te amo*, algo simples de dizer, o tipo de declaração que sua irmã poderia fazer para o marido. Eu poderia dizer isso numa carta escrita da prisão, quatro vezes por ano. Mas meu espírito não ama o seu; ele está *entrelaçado* com o seu. Nossa carne não ama: nossa carne é a mesma e deseja se unir. Ela tem que fazer isso ou então murchará! *Você é igual a mim*. Você sentiu o que é deixar a vida, abandonar o seu eu, despir-se dele como se fosse um vestido. Eles o apanharam, não foi, antes que o seu eu fosse abandonado? Eles a pegaram e a trouxeram de volta. Você não queria voltar...

Ela perguntou se eu achava que os espíritos os deixariam fazer isso se eles não tivessem um objetivo. Eu não sabia que meu pai teria me levado se soubesse que eu precisava partir?

— Ele a mandou de volta, e agora eu tenho você. Você foi descuidada com sua vida; mas agora eu a tenho. Você ainda quer lutar contra isso?

Meu coração batia violentamente no peito. Batia no lugar onde meu medalhão costumava ficar, como uma dor, uma martelada.

— Você diz que eu sou igual a você. Você diz que minha carne é sua carne, que eu saí da mesma matéria luminosa. Acho que nunca olhou para mim — declarei.

— Eu olhei para você — disse Selina serenamente. — Mas você acha que a enxergo com os olhos *deles*? Você acha que eu não a vi depois que tirou aquele vestido cinza apertado? Depois que você soltou seu cabelo e se deitou, branca como leite, no escuro...? Você acha que eu vou ser igual a *ela*, que trocou você pelo seu irmão?

Então eu soube. Eu soube que tudo o que ela disse, tudo o que ela jamais dissera, era verdade. Comecei a chorar e a tremer, e ela não fez nada para me consolar. Ela apenas observou, assentindo.

— Agora você entende. Agora sabe por que não podemos ser cautelosas, mas apenas astutas. Sabe por que se sente atraída por mim; por que sua carne se insinua para a minha e para quê. Deixe que ela venha, Aurora. Venha para mim, venha para mim...

Ela falava num sussurro lento, apaixonado. Senti o remédio, ainda presente no meu organismo, pulsando nas minhas veias. Senti seu encanto, sua atração, sua força, me senti puxada na direção da sua boca. Eu me agarrei na parede da cela, mas ela era lisa e escorregadia. Cheguei a me apoiar nela, mas a senti escorregar. Comecei a achar que estava esticando, inchando; achei que meu rosto estava crescendo, meus dedos aumentando de tamanho dentro das luvas...

Eu olhei para as minhas mãos. Ela tinha dito que eram suas, mas eram grandes e estranhas. Eu senti a pele das minhas mãos, senti suas linhas e saliências.

Senti que endureciam e ficavam ásperas.

Depois amoleciam e começavam a gotejar.

De repente, eu soube que mãos eram aquelas. Não eram as mãos dela, eram as *dela* — elas tinham feito aqueles moldes de cera, elas tinham ido até a cela dela à noite e deixado aquelas marcas. Elas eram as minhas mãos e eram também as de Peter Ligeiro! Aquele pensamento foi assustador.

— *Não, não posso fazer isso, não vou fazer isso!* — gritei, e o inchaço parou imediatamente. Afastei-me e pus a mão na porta; era a minha própria mão, numa luva de seda preta.

— Aurora.

— Não me chame assim, isso não é verdade! Nunca foi verdade, nunca. — Eu bati na porta e gritei:

— Sra. Linda! Sra. Linda! — E quando me virei para olhar para Selina, o rosto dela estava com uma mancha vermelha, como se ela tivesse levado um tapa. Ela estava parada, dura, chocada e infeliz. Então começou a chorar.

— Nós vamos encontrar outra maneira.

Ela balançou a cabeça e murmurou.

— Você não entende? Não entende que não existe outra maneira? — Uma lágrima brilhou no canto do seu olho, depois escorreu e ficou enlameada pela poeira da fibra de coco.

A Sra. Linda chegou e fez sinal para eu passar. Saí sem me virar, porque sabia que, se me virasse, as lágrimas de Selina, seus machucados e meu desejo feroz me mandariam de volta para ela, e então eu estaria perdida. A porta foi fechada e trancada, e eu *fui embora*, como se estivesse sendo torturada, sufocada e aguilhoada e sentindo a carne ser desprendida dos meus ossos.

Fui até a escadaria da torre. A Sra. Linda me deixou lá, achando que eu ia descer. Mas eu não descí. Fiquei parada nas sombras, e encostei o rosto na parede fria; e só me mexi quando ouvi passos nos degraus acima de mim. Achei que devia ser a Srta. Ridley, e me virei e limpei o rosto, com medo de que houvesse lágrimas ou limo nele. Os passos se aproximaram.

Não era a Srta. Ridley, era a Sra. Jelf.

Ela me viu e levou um susto. Ela tinha ouvido um movimento nas escadas e imaginado o que seria... Fiz um sinal de negação. Quando contei a ela que tinha acabado de estar com Selina Dawes, ela estremeceu; parecia quase tão infeliz quanto eu.

— Minha ala está muito mudada, agora que a levaram embora de lá. Todas as mulheres Classe Estrela foram embora, e eu tenho novas presas nas celas, e algumas são desconhecidas para mim. E Ellen Power... Ellen Power também se foi — revelou a Sra. Jelf.

— Power foi embora? — perguntei estupidamente. — Fico feliz por ela, pelo menos. Talvez sejam mais bondosos com ela em Fulham.

Quando me ouviu dizer isso, entretanto, ela pareceu mais infeliz do que nunca.

— Ela não foi para Fulham, senhorita — disse. Explicou que sentia muito que eu não soubesse, mas eles tinham removido Power para a enfermaria, finalmente, cinco dias antes, e ela tinha morrido lá; a neta viera buscar o corpo. O cuidado da Sra. Jelf não tinha adiantado nada, e quando encontraram o pedaço de flanela vermelha debaixo da camisola de Power, ralharam com ela por causa disso; e a Sra. Jelf, como castigo, foi descontada em seu salário.

Eu ouvi isso horrorizada.

— Meu Deus, como toleramos isso? Por quanto tempo vamos continuar tolerando isso? — *“Por mais quatro anos”*, pensei.

Ela escondeu o rosto com a mão e me deu as costas. Eu a ouvi subindo as escadas, até não ouvir mais seus passos.

Finalmente desci para a ala da Srta. Manning, percorri toda a extensão do corredor e olhei para as presas sentadas em suas celas, todas curvadas e tremendo, infelizes, doentes ou quase doentes, famintas ou nauseadas e com os dedos rachados do trabalho e do frio. No final da ala, encontrei outra carcereira para me levar até o portão do Pentágono Dois, e depois um guarda para me acompanhar pela prisão masculina — eu não falei com nenhum dos dois. Na extremidade da faixa de cascalho que vai dar na cabine do porteiro, eu vi que o dia estava nublado, o vento proveniente do rio carregado de granizo. Eu me despedi e caminhei com dificuldade contra o vento. A minha volta, erguia-se a prisão de Millbank, gelada como um túmulo, silenciosa e, entretanto, cheia de homens e mulheres desgraçados. Nunca, em todas as minhas visitas anteriores, eu tinha sentido o peso do desespero coletivo como naquele momento. Eu pensei em Power, que uma vez tinha me abençoado e agora estava morta. Pensei em Selina, chorando, machucada, chamando-me de sua *afinidade*, dizendo que estávamos à procura uma da outra e que se nos afastássemos agora iríamos morrer. Pensei na vista do meu quarto para o Tâmis, e em Vigers na sua cadeira ao lado da porta. O porteiro ainda estava lá balançando suas chaves, ele mandara um homem buscar uma carruagem para mim. Eu pensei, “que horas são?” Podiam ser 18 horas ou meia-noite. “E se mamãe estiver em casa, o que eu vou dizer?” Tenho um pouco de limo na roupa e o cheiro da prisão. E se ela escrever para o Sr. Shillitoe ou mandar chamar o Dr. Ashe?

Eu hesitei. Fiquei parada na portaria. Acima de mim estava o céu sujo, coberto de nevoeiro, de Londres; debaixo dos meus pés, o solo fétido de Millbank, onde não cresce nenhuma flor. O granizo baila no meu rosto, parecendo agulhas. O porteiro estava pronto para me conduzir, mas eu

continuava hesitante.

— Srta. Prior? O que foi? — perguntou limpando o rosto com a mão para enxugar a água.

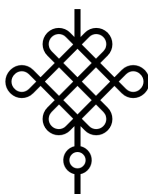
— Espere — sussurrei, e ele teve que se inclinar para tentar ouvir. Então eu tornei a dizer — Espere — mais alto. — *Espere*, você tem que *esperar*, eu preciso voltar, eu preciso voltar! — Eu disse que tinha esquecido de fazer uma coisa, que precisava voltar.

Talvez ele tenha dito alguma coisa, não ouvi. Eu me virei e voltei para a prisão — quase correndo, entortando os saltos no cascalho. Para cada guarda que eu encontrava, eu repetia o mesmo, que precisava voltar! Que precisava voltar à prisão das mulheres! Embora eles me olhassem espantados, me deixaram passar. Na prisão feminina, encontrei a Srta. Craven, que tinha iniciado seu turno no portão. Ela me conhecia o suficiente para me deixar passar, e quando justifiquei que não precisava de guia, que tinha apenas esquecido algo, ela me deu passagem e nem olhou mais para mim. Conte a mesma história para entrar nas alas do térreo; e em seguida subi a escada da torre. Prestei atenção nos passos da Sra. Linda e, quando ela passou para a ala seguinte, corri até a porta da cela de Selina e olhei pela abertura. Ela estava sentada ao lado da bandeja de fibras de coco, separando-as com os dedos feridos. Os olhos dela ainda estavam úmidos e vermelhos, e seus ombros tremiam. Eu não chamei por ela; mas enquanto eu a observava, ela ergueu os olhos e levou um susto.

— Venha depressa, venha depressa até a porta! — murmurei. Ela correu e se apoiou na parede até estar com o rosto perto do meu e eu sentir sua respiração. — Eu aceito — declarei. — Eu vou embora com você. Eu amo você e não quero perdê-la. Diga-me o que eu preciso fazer e eu o farei.

Vi os olhos de Selina, estavam pretos e meu rosto flutuava dentro deles, pálido como uma pérola. E então, foi como papai e o espelho. Minha alma me abandonou; eu a senti sair de mim e se alojar nela.

30 DE MAIO DE 1873



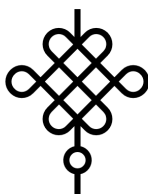
NA NOITE PASSADA EU TIVE UM pesadelo. Sonhei que acordava e minhas pernas estavam duras e eu não conseguia movê-las, meus olhos estavam colados e eu não conseguia abri-los e a cola tinha escorrido para a minha boca, mantendo meus lábios fechados também. Eu quis chamar Ruth ou a Sra. Brink, mas, por causa da cola, não consegui, e só soltei um gemido. Comecei a ter medo de ficar deitada daquele jeito até sufocar ou morrer de fome, e ao pensar nisso comecei a chorar. Então minhas lágrimas começaram a remover a cola dos meus olhos até haver uma pequena abertura para eu enxergar, e eu pensei, “Agora eu vou poder pelo menos ver o meu quarto”. Porém, não esperava ver meus aposentos em Sydenham, mas no hotel do Sr. Vincy.

No entanto, quando consegui enxergar, só vi que o lugar onde me encontrava era inteiramente escuro, até que eu soube que estava em meu caixão, fui colocada lá porque achavam que eu havia morrido. Fiquei ali deitada, chorando no meu caixão até as lágrimas derreterem a cola que cobria a minha boca, e urrei, pensando, “Se eu gritar bastante, alguém vai ouvir e me tirar daqui”. Mas não veio ninguém, e quando eu levantei a cabeça, ela bateu na madeira do caixão e pelo som da pancada eu soube que acima havia muita terra e que eu já estava enterrada no túmulo. Por fim, constatei, ninguém iria me ouvir por mais alto que eu gritasse.

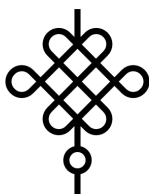
Fiquei imóvel, imaginando o que fazer, até que ouvi um sussurro ao meu lado, bem junto ao meu ouvido, que me fez estremecer.

— Você achou que estava sozinha? — disse a voz. — Você não sabia que eu estava aqui? — Tentei olhar para quem falava, mas estava escuro demais para enxergá-la, só sentia sua boca perto da minha orelha. Eu não sabia se era Ruth, a Sra. Brink, titia, ou alguém que eu não conhecia. Só pude discernir, pelo som, que a pessoa estava sorrindo.

PARTE QUATRO



21 DE DEZEMBRO DE 1874



SELINA ME ENVIA LEMBRANÇAS TODOS OS dias. São flores, perfumes; às vezes apenas uma sutil alteração nos detalhes do meu quarto. Sempre que volto a ele encontro um enfeite torto, a porta do armário aberta e os vestidos com marcas de dedos no veludo e na seda, uma almofada amassada, como se alguém tivesse deitado ali. Nunca recebo os presentes quando eu estou aqui, vigiando. Eu gostaria que sim. Eu não ficaria assustada. No entanto, ficaria se eles não aparecessem mais! Pois quando aparecem, eu sei que é para nos aproximar ainda mais. Eles formam um elo entre Millbank e Cheyne Walk através do qual ela também virá para mim.

Esse elo fica mais forte à noite, enquanto eu durmo sob o efeito do láudano. Por que não adivinhei isso? Agora eu tomo o remédio de boa vontade. E às vezes, quando mamãe não está, vou até a gaveta dela e roubo uma dose extra, porque este elo também precisa existir durante o dia.

Não vou mais precisar do meu remédio, é claro, quando eu estiver na Itália.

Mamãe passou a ser paciente.

— Margaret está longe de Millbank há três semanas — diz, para Helen e os Wallaces — e vejam só a mudança nela! — Ela comenta que não me vê tão bem desde que papai morreu. Ela não sabe das minhas idas secretas à prisão, enquanto ela está fora de casa. Ela não sabe que meu vestido cinzento de visita à prisão fica guardado na sala de passar roupa. Vigers é uma boa moça, nunca contou nada a ela, e é Vigers quem me veste agora, em vez de Ellis. Mamãe não sabe da promessa que fiz, da minha intenção ousada e terrível de abandoná-la e desgraçá-la.

Às vezes, eu tremo um pouco ao pensar nisso.

Entretanto, *tenho* que pensar nisso. O elo existe, mas se formos mesmo embora, se ela conseguir mesmo *fugir* — e como essa palavra soa estranha! Como se nós fôssemos um par de ladrões ordinários —, se ela vier, tem que ser logo, tem que ser planejado, eu tenho que estar preparada, vai ser perigoso. Vou perder uma dia para ganhar outra. Será como morrer.

Um dia, achei que morrer fosse simples mas foi muito difícil. E isto, com certeza, vai ser mais difícil ainda.

Eu fui visitá-la hoje, enquanto mamãe estava fora. Selina ainda está na ala

da Sra. Linda, está infeliz, com os dedos mais feridos do que nunca, mas ela não chora. Ela é como eu.

— Eu posso suportar tudo, agora que sei por que estou passando por isso — confessa. Sua ousadia não desapareceu, mas está controlada, como uma chama dentro do vidro de um lampião. Eu tenho medo de que as carcereiras a vejam e adivinhem. Eu fiquei assustada hoje, quando elas olharam para mim. Caminhei encolhida pelos corredores, como se fosse minha primeira visita à prisão; tornei a tomar consciência do seu enorme tamanho, do peso esmagador das paredes, trancas, ferrolhos e fechaduras, dos guardas atentos em suas roupas de lã e couro, dos cheiros, do barulho. Pensei, enquanto andava, sobre a nossa tolice ao imaginar que ela poderia fugir dali! Foi então que me dei conta da sua audácia e determinação e fiquei calma de novo.

Nós conversamos sobre os preparativos necessários. Ela disse que íamos precisar de dinheiro, de tudo que eu pudesse conseguir; e de roupas, sapatos e caixas para guardar tudo. Explicou que não devíamos esperar até chegar na França para comprar esses itens, porque não podíamos parecer esquisitas no trem, tínhamos que parecer uma dama e sua acompanhante e ter bagagem para comprovar isso. Eu não tinha pensado nisso. Às vezes parece uma bobagem pensar nessas coisas no meu quarto. Mas não pareceu bobagem ao ouvi-la planejar e dar ordens, animadamente, com os olhos brilhantes.

— Vamos precisar de passagens para o trem e para o barco — cochichou Selina. — Vamos precisar de passaportes. — Eu disse que podia consegui-los, porque me lembro de Arthur falando sobre isso. Eu sei tudo o que é preciso fazer para viajar para a Itália, porque ouvi minha irmã falar sem parar sobre isso enquanto planejava a lua de mel.

— Você tem que estar preparada quando eu for buscá-la — continuou Selina, e como ela ainda não tinha explicado como seria, eu me vi tremendo.

— Estou com medo! — admiti. — Vai ser alguma coisa estranha? Eu vou ter que me sentar no escuro ou dizer palavras mágicas?

— Você acha que é assim que funciona? Não, funciona através do... amor; e do desejo. Você só precisa me querer, e eu irei — explicou sorrindo.

Orientou que eu só tenho que fazer o que ela mandou.

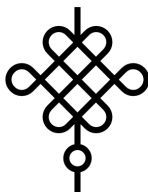
Esta noite, quando mamãe me pediu para ler para ela, eu peguei *Aurora Leigh*. Nunca teria feito isso um mês atrás. Ela viu o livro.

— Leia a parte em que Romney volta, pobre homem, cego e cheio de cicatrizes. — Entretanto, eu não quis ler aquilo. Acho que nunca mais vou ler este trecho. Escolhi o Livro Sete, com os discursos de Aurora para Marian Erle. Eu li por uma hora, e quando terminei, mamãe sorriu e comentou:

— Como sua voz está doce esta noite, Margaret!

Eu não segurei na mão de Selina hoje. Ela não me deixa mais fazer isso, com medo de que alguma carcereira veja. Mas nós conversamos e ela ficou bem perto de mim, e eu encostei meu pé no dela, meu sapato bruto em sua bota ainda mais rústica. E erguemos um pouquinho nossas saias de algodão e seda para que o couro pudesse se beijar.

23 DE DEZEMBRO DE 1874



NÓS RECEBEMOS HOJE UM PACOTE DE Pris e Arthur, com uma carta dando notícias de que retornam no dia 6 de janeiro, convidando a todos — mamãe, eu, Stephen, Helen e Georgy — para ficar com eles em Marishes até a primavera. Já se falava nisso havia meses; mas eu não sabia que mamãe pretendia que fôssemos tão cedo. Ela fala em partir na segunda semana depois do Ano-Novo, no dia 9, daqui a menos de três semanas. A notícia me deixou em pânico. Eu perguntei se eles queriam mesmo nos receber pouco depois de voltarem? Aleguei que Pris ia comandar uma casa enorme, cheia de criados. Não devíamos dar tempo a ela para se acostumar com as novas tarefas? Ela respondeu que é numa hora dessas que uma recém-casada precisa da mãe.

— Não podemos confiar na ajuda das irmãs de Arthur — declarou.

Mamãe pediu que *eu* fosse mais gentil com Priscilla do que tinha sido no dia do casamento.

Ela acha que conhece todas as minhas fraquezas. Mas é claro que ela não conhece a maior de todas. A verdade é que já faz mais de um mês que eu não penso em Pris e suas conquistas simplórias. Já deixei isso para trás. Estou me afastando, na verdade, de tudo o que diz respeito à minha antiga vida, e de todas as pessoas — mamãe, Stephen, Georgy...

Até de Helen eu me sinto distante agora. Ela esteve aqui ontem à noite e perguntou:

— É verdade o que sua mãe contou, que você está mais calma e mais forte? — No fundo, ela pensa que só estou mais calada, que guardo meus problemas para mim mesma, mais do que nunca.

Eu olhei para ela, para seu rosto bondoso e pensei, será que devo contar? O que ela acharia? E por um momento eu achei que sim, que isto seria a coisa mais fácil do mundo, pois, afinal, ela é a pessoa que mais poderia me entender. Eu só precisaria dizer “Eu estou apaixonada, Helen! Eu estou apaixonada! Existe uma moça tão diferente e maravilhosa e estranha, e... Helen, ela é toda a minha vida!”

Eu me imaginei dizendo isso, tão nitidamente que a paixão das palavras quase me levou às lágrimas; e então eu achei que tinha mesmo falado. Mas não tinha, Helen ainda estava olhando para mim com uma expressão amável e

ansiosa, aguardando que eu dissesse alguma coisa. Então eu me virei para a gravura de Crivelli, pendurada na parede sobre a minha escrivaninha, passei os dedos sobre ela e indaguei, para testá-la:

— Você acha bonito?

Helen piscou os olhos, espantada. Ela disse que achava o quadro bonito a seu modo. Chegou mais perto da gravura e observou:

— Mas eu mal consigo distinguir as feições da moça. O rosto dela, pobrezinha, parece ter sido apagado do papel.

De imediato eu soube que jamais deveria contar a ela sobre Selina. Se eu contasse, ela não me escutaria. Se eu lhe mostrasse Selina agora, ela não a veria, assim como não conseguia ver as linhas escuras e impetuosas na *Veritas*. São sutis demais para ela.

Eu também estou ficando sutil, sem substância. Eu estou *evoluindo*. Mas ninguém notou. Eles olham para mim e me veem corada, sorrindo — mamãe diz que estou ficando com a cintura mais grossa! Não sabem que quando estou com eles, eu só fico ali por pura força de vontade. É muito cansativo. Quando estou sozinha, como agora, é muito diferente. Olho para o meu corpo e vejo os ossos pálidos por baixo da carne. Eles ficam mais esmaecidos a cada dia.

Minha carne está sumindo. Eu estou me tornando meu próprio fantasma!

Acho que vou assombrar este quarto quando iniciar minha nova vida.

No entanto, preciso continuar mais um pouco na minha antiga vida. Esta tarde, em Garden Court, enquanto mamãe e Helen brincavam com Georgy, eu fui para junto de Stephen e fiz uma pergunta.

— Eu queria que você me explicasse a questão do meu dinheiro e do de mamãe. Eu não sei nada sobre isso. — Ele respondeu, como sempre fez, que eu não *precisava* saber nada a respeito disso, pois ele administrava meus bens; mas dessa vez eu insisti. Agradei sua generosidade em se encarregar de nossas finanças depois da morte de papai, mas eu precisava me inteirar um pouco sobre o assunto.

— Eu acho que mamãe se preocupa com a segurança da nossa casa, com a renda que eu vou ter, caso ela morra. — Justifiquei que se eu soubesse mais, poderia conversar com ela.

Ele hesitou por um segundo, depois pôs a mão sobre o meu pulso. Disse calmamente que achava que talvez *eu* também estivesse um pouco preocupada. Stephen esperava que eu soubesse que sempre haveria um lugar para mim, não importava o que acontecesse com mamãe — junto dele e de Helen, na casa deles.

O homem mais bondoso que eu já vi, segundo Helen. No entanto, a bondade dele parecia apavorante. Eu pensei de repente, “como Stephen será afetado, como advogado, pelo que estou planejando fazer?”. Pois quando nós partirmos, eles vão pensar, é claro, que fui eu, e não os espíritos, quem ajudou Selina a fugir da prisão. Vão descobrir sobre as passagens, os passaportes...

Porém, eu me lembrei como os advogados a tinham magoado, agradei a ele e não disse nada.

— Quanto à segurança da casa de mamãe, você não precisa perder o seu

tempo se preocupando com isso! — continuou ele. Papai tinha sido muito providente. Quem dera a metade dos pais de cujos negócios ele trata fosse tão cuidadosa quanto o nosso! Ele disse que mamãe é uma mulher rica e vai continuar sendo.

— Você também, Margaret, é uma mulher rica por si mesma.

Já sabia disso, é claro; mas, para mim, esse conhecimento sempre foi vazio, inútil, uma vez que minha riqueza não tinha nenhum propósito. Eu olhei para mamãe. Ela fazia um bonequinho pendurado num arame dançar para Georgy, e seus pezinhos de porcelana sapateavam na mesa. Eu me inclinei mais para Stephen. Queria saber o *quanto* eu era rica, o valor total da minha riqueza e dos meus rendimentos.

— Só quero saber em teoria — acrescentei depressa, e ele riu. Disse que sabia disso. Eu queria a teoria de tudo, sempre tinha sido assim, segundo meu irmão.

No entanto, Stephen não podia me dar os números imediatamente, porque a maioria dos papéis necessários estão aqui, no escritório de papai. Nós combinamos de passar uma hora juntos, amanhã à noite.

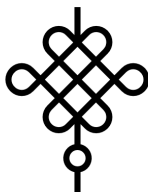
— Você não se importa de fazer isso na véspera de Natal? — Eu tinha esquecido por um momento que *era* Natal, e isso o fez sorrir de novo.

Nesse momento, mamãe nos chamou para ver Georgy rindo do boneco. E quando ela viu o quanto eu estava pensativa, disse.

— Stephen, o que andou dizendo para a sua irmã? Não deve incentivá-la a ser tão séria! Você sabe que não haverá mais nada disso dentro de um mês ou dois?

Mamãe tem muitos planos para preencher meus dias, no novo ano.

24 DE DEZEMBRO DE 1874



BEM, ACABEI DE CHEGAR DA MINHA reunião com Stephen. Ele escreveu os números para mim num papel e quando olhei para eles, tremi.

— Você está surpresa — exclamou; mas não era isso. Eu tremi porque me pareceu curioso que papai tivesse tido o cuidado de garantir minha fortuna. Era como se ele tivesse visto, através do véu de sua doença, todos os planos que eu iria fazer quando ficasse livre da minha enfermidade e procurasse me ajudar. Selina diz que o vê olhando para mim e sorrindo; mas não tenho certeza. Como ele poderia contemplar todos os meus estranhos desejos, meu plano desesperado e minha falsidade, e apenas *sorrir*? Segundo Selina, ele enxerga através dos olhos do espírito, que veem o mundo de forma diferente.

Eu me sentei na cadeira do escritório.

— Você está surpresa. Não tinha adivinhado o tamanho dos seus negócios — disse Stephen. Grande parte da minha riqueza está em propriedades e ações. Mas forma um rendimento, junto com o dinheiro deixado por papai, que é inteiramente meu.

— A menos, é claro, que você se case.

Sorrimos um para o outro, embora eu ache que por razões diferentes. Perguntei se meus rendimentos poderiam ser recebidos onde quer eu que morasse. Explicou que eles não precisavam ser recebidos em Cheyne Walk. Mas não era isso que eu queria dizer. Eu perguntei, e se eu fosse para o estrangeiro? Ele me olhou espantado. Eu disse que ele não devia ficar surpreso, que eu estava pensando, caso mamãe pudesse ser convencida disso, em fazer uma viagem, “com alguma amiga”.

Talvez ele imagine que eu tenha alguma amiga solteirona que conheci em Millbank ou no British Museum. Stephen achou a ideia excelente. Quando à renda, ela é minha, eu posso gastá-la como quiser, recebê-la em qualquer lugar. Ela não pode ser tocada.

— Não poderia mexer no dinheiro, perguntei — e voltei a tremer — se eu desagradasse seriamente a mamãe?

Ele tornou a dizer que o dinheiro era meu, não dela; e, enquanto ele o administrasse, ninguém tocaria nele.

— E se eu o desagradasse, Stephen?

Ele olhou para mim. De algum cômodo da casa ouvimos a voz de Helen, chamando Georgy. Ambos estavam com mamãe: aleguei que íamos conversar sobre os bens de papai, um aspecto literário, mamãe tinha resmungado e Helen apenas sorrido. Stephen pôs a mão nos papéis à sua frente e disse que, no que se referia aos rendimentos, ele tinha a mesma posição que papai.

— Enquanto você estiver lúcida, e a menos que se deixe dominar por influências nocivas, a menos que seja convencida a aplicar sua renda de modo a prejudicá-la... Bem, eu prometo que nunca a impedirei de recebê-la.

Foram as palavras dele; e ao dizê-las ele riu, de modo que eu imaginei, por um momento, se toda a sua gentileza não seria uma espécie de representação, se não tinha adivinhado o meu segredo e falado com crueldade. Eu não podia ter certeza. Então, perguntei em seguida se eu precisasse de dinheiro agora, em Londres — quer dizer, mais dinheiro do que mamãe me dá —, como eu poderia consegui-lo?

Respondeu que eu só precisava ir ao banco e retirá-lo, levando uma ordem de pagamento assinada também por ele. Tirou uma delas do meio dos papéis, pegou a caneta e assinou. Eu só precisava pôr meu nome ao lado do dele e completar os detalhes.

Analisei a assinatura e imaginei se seria válida. Acho que sim. Stephen me observava e disse:

— Você pode me pedir uma ordem dessas quando quiser.

Segurei o papel diante de mim. Havia um lugar nele em branco onde eu devo escrever a quantia, e fiquei olhando para aquele espaço enquanto Stephen guardava os documentos, até que o espaço me pareceu grande demais, tão grande quanto a minha mão. Talvez ele tenha visto o modo estranho com que eu estava observando o papel, porque pôs os dedos sobre ele e baixou a voz.

— Não preciso dizer, é claro, o quanto você deve ter cuidado com isso. Não é algo que as empregadas devam ver. E você não vai — ele sorriu — levar para Millbank, não é?

Temí que ele tentasse pegar o papel de volta. Eu o dobrei e enfiei no cinto do vestido e nós nos levantamos.

— Você sabe que minhas visitas a Millbank terminaram — declarei e saímos para o hall, fechando a porta do escritório de papai. Expliquei que era por isso que eu tinha melhorado.

Admitiu que tinha esquecido. Soube por Helen que eu estava muito bem... Mais uma vez ele me olhou com atenção, e quando eu sorri e fiz menção de me afastar, ele pôs a mão no meu braço.

— Não me ache intrometido, Margaret. — disse ele rapidamente. — É claro que mamãe e o Dr. Ashe sabem cuidar de você melhor do que eu. Mas Helen me disse que eles a estão fazendo tomar láudano agora, e não posso deixar de pensar que, depois do cloral... bem, não sei ao certo qual o efeito de remédios como esses, combinados dessa forma. — Eu olhei para ele. Ele ficara vermelho e eu senti meu rosto enrubescer também. Acrescentou: — Você não teve nenhum

sintoma? Nenhuma alucinação ou medos, ou fantasias?

Então eu pensei: “Ele não quer tomar o dinheiro. É o remédio que ele quer! Ele quer impedir que Selina venha! Ele quer o remédio para ele, para que ela *vá para junto dele!*”

A mão dele ainda estava sobre meu braço, as veias verdes com pelos pretos sobre elas; ouvi passos na escada, e uma das criadas apareceu. Era Vigers, com um balde de carvão. Quando Stephen a viu, ele retirou a mão e eu me afastei dele. Afirmar que estava muito bem, que ele podia perguntar a qualquer pessoa que me conhecesse.

— Pode perguntar a Vigers. Vigers, queira dizer ao Sr. Prior como eu estou bem?

Vigers me olhou assustada, depois afastou o balde para que não tivéssemos que olhar para o carvão lá dentro. O rosto dela ficou vermelho, agora nós três estávamos ruborizados!

— Tenho certeza de que a senhorita está bem. — Em seguida, ela olhou para Stephen, e eu também. Ele ficara sem graça.

— Bem, fico contente com isso — Ele soube que não ia poder ficar com Selina. Ele inclinou a cabeça para mim, depois foi para a sala de visitas. Eu ouvi a porta sendo aberta e depois fechada.

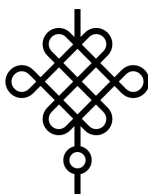
Logo após, subi a escada e vim para cá; sentei-me e abri a ordem de pagamento. Fiquei olhando para ela até que aquele espaço relativo à quantia pareceu se expandir, dando a impressão de ser um pedaço de vidro coberto de gelo que, quanto mais eu fitava, mais parecia derreter. Então eu soube que o que eu estava vendo, sob o gelo, eram as linhas e as cores do meu próprio futuro.

De repente, ouvi ruídos nos aposentos abaixo do meu, e no mesmo instante abri a gaveta, tirei este diário e virei as páginas para guardar a ordem de pagamento entre elas. Mas o caderno pareceu um pouco inchado; e quando eu o inclinei, alguma coisa escorregou de dentro dele, um objeto fino e preto, que caiu na minha saia. Quando eu o toquei, pareceu quente.

Eu nunca tinha visto aquilo antes, mas reconheci na mesma hora. Era uma gargantilha de veludo com uma presilha de metal. Era a coleira que Selina costumava usar, e ela a tinha mandado para mim; era a minha recompensa, eu acho, por ter sido tão esperta com Stephen.

Fiquei em pé diante do espelho e a preendi no pescoço. Ela cabe, mas fica apertada: eu a sinto apertar a cada pulsação do meu coração, como se Selina segurasse o fio ao qual ela está presa e às vezes o puxasse para me lembrar que ela está perto de mim.

6 DE JANEIRO DE 1875



FAZ CINCO DIAS QUE ESTIVE EM Millbank pela última vez; mas é muito fácil ficar sem ir lá agora que Selina me visita, que sei que ela virá em breve e nunca mais irá embora! Eu fico satisfeita em ficar em casa, em conversar com os convidados, até em conversar a sós com mamãe. Ela também tem ficado mais em casa do que habitualmente. Passa o tempo escolhendo os vestidos que vai levar para Marishes e mandando as criadas ao sótão para apanhar baús, caixas e lençóis para cobrir a mobília e os tapetes depois de nossa partida.

Depois de nossa partida, eu escrevi, porque houve ao menos um progresso. Eu encontrei um modo de usar os planos dela para encobrirem os meus.

Nós nos sentamos juntas uma noite, há uma semana, ela com papel e caneta, fazendo listas; eu com um livro no colo e uma faca. Eu estava abrindo as páginas, mas fitava o fogo, e acho que estava imóvel. Mas só percebi quando mamãe levantou a cabeça e estalou a língua. Perguntou como eu podia ficar ali sentada, tão calma e ociosa? Nós íamos partir para Marishes dentro de dez dias e havia uma centena de providências a tomar antes de irmos. Eu já tinha falado com Ellis sobre meus vestidos?

Não tirei os olhos do fogo, nem parei de abrir o livro com a faca.

— Bem, estou vendo um progresso aqui, mamãe. Um mês atrás, você me censurava porque eu estava nervosa. Agora você me censura por excesso de calma, não é engraçado?

Eu falei no tom que uso neste caderno, não no tom que uso para falar com ela. Ao ouvir isso, ela largou a lista, dizendo que não era a minha calma, e sim a minha impertinência que ela devia estar censurando!

Eu olhei para ela. Não me sentia ociosa. Eu me sentia... bem, talvez fosse Selina falando por mim, mas eu me sentia banhada por um brilho que não era meu e afirmei.

— Eu não sou uma empregada para ser repreendida e despedida. Aliás, eu não sou uma criança, como você mesma disse. Mas ainda me trata como se eu o fosse.

— Chega! — gritou. — Não quero ouvir esse tipo de coisa na minha própria casa, da minha própria filha. E também não vou tolerar isso em

Marishes...

Não, repeti. É claro que não. Porque eu não estaria em Marishes, pelo menos por um ou dois meses. Comuniquei que tinha resolvido ficar aqui, sozinha, quando ela viajasse com Stephen e Helen.

Ficar aqui sozinha? Que bobagem era essa? Eu disse que não era bobagem. Pelo contrário, era perfeitamente sensato.

— É a sua velha teimosia, é isso! Margaret, nós já tivemos discussões como esta uma porção de vezes...

— Mais um motivo, então, para não termos outra agora. — Realmente, não havia nada a dizer. Eu queria ficar sozinha por uma ou duas semanas. E tinha certeza de que todo mundo em Marishes ficaria mais contente comigo em Chelsea!

Mamãe não respondeu. Eu tornei a passar a faca nas páginas do livro, mais depressa dessa vez, e quando ela ouviu o papel rasgando, vacilou. Perguntou o que nossos amigos iam pensar dela, se partisse e me deixasse aqui. Eu disse que eles podiam pensar o que quisessem, que ela podia dar a desculpa que quisesse. Ela podia dizer que eu estava preparando as cartas de papai para publicação; na verdade, talvez eu comesse a fazer isso mesmo, com a casa tão silenciosa.

— Você esteve doente — disse, fazendo um sinal de reprovação. — Suponha que adoça de novo, sem ninguém aqui para cuidar de você.

Afirmar que não ia adoecer; e nem ia ficar sozinha, porque haveria a cozinha, e ela poderia trazer um rapaz para dormir lá embaixo, como tinha feito depois da morte de papai. E Vigers. Ela podia deixar Vigers comigo e levar Ellis com ela para Warwickshire...

Eu disse tudo isso. Eu não tinha pensado em nada disso antes daquele momento, mas parecia que as palavras voavam do livro no meu colo a cada movimento rápido e hábil da faca. Vi mamãe ficar pensativa, mas ela ainda estava preocupada.

— Se você ficar doente... — repetiu.

— Por que eu ficaria doente? Veja como eu estou bem!

Então ela fitou meus olhos, que acho que graças ao láudano tinham ficado brilhantes; e o meu rosto, que o fogo, ou talvez o movimento de minha mão cortando o papel, tornou rubro. Ela olhou para o meu vestido, que era antigo, cor de ameixa, que eu tinha mandado Vigers apertar porque nenhum dos meus trajes cinzentos e pretos têm a gola alta o suficiente para esconder a coleira de veludo.

Acho que o vestido a convenceu.

— Diga que vai me deixar ficar, mamãe — insisti. — Não temos que ficar juntas o tempo todo, temos? Não vai ser mais agradável para Stephen e Helen, pelo menos, passar umas férias sem a *minha* presença?

Parece que foi esperteza minha dizer isso; mas eu não quis dizer nada, nada. Eu jamais imaginaria, antes daquele momento, que mamãe tinha alguma opinião a respeito dos meus sentimentos em relação a Helen. Eu não achava que ela tivesse reparado nos meus olhares para ela, que tivesse ouvido quando eu dizia o

nome dela, ou que tivesse reparado que eu desviava o olhar sempre que ela beijava Stephen. Quando ela percebeu a naturalidade com que eu disse isso, vi uma expressão no rosto dela — não exatamente de alívio ou de satisfação, mas algo bem próximo disso, bem próximo mesmo — e eu soube na mesma hora que ela tinha visto tudo. Soube que ela tinha prestado atenção em tudo aquilo durante dois anos e meio.

E imagino agora como tudo teria sido diferente entre nós se eu tivesse ocultado melhor o meu amor; ou se nunca o tivesse sentido.

Ela se mexeu na cadeira e alisou a saia. Comentou que não parecia muito correto. Mas ela supunha que se Vigers ficasse, e eu viajasse com ela após três ou quatro semanas...

Explicou que tinha que conversar com Helen e Stephen sobre o assunto, antes de me dar seu consentimento; e quando nós fomos visitá-los da próxima vez, na véspera do Ano-Novo — bem, eu vi que não precisava mais olhar para Helen, e quando Stephen a beijou à meia-noite, eu apenas sorri. Mamãe contou a eles dos meus planos e ambos olharam para mim e disseram “Que mal podia ter eu ficar sozinha na minha própria casa, onde já passava tantas horas sozinha?”. E a Sra. Wallace, que estava jantando conosco, opinou que era mesmo mais sensato eu ficar em Cheyne Walk do que arriscar a saúde viajando de trem!

Nós voltamos para casa às 2 horas da manhã. Depois de trancar as portas, fiquei um longo tempo na janela, ainda vestindo minha capa, erguendo um pouco a veneziana para sentir a chuva fina do Ano-Novo. Às 3 horas, ainda havia barcos tocando sinos, vozes de homens no rio e meninos correndo pela rua; mas por um momento, enquanto eu olhava, o barulho cessou e a madrugada ficou perfeitamente silenciosa. A chuva era fina demais para perturbar a superfície do Tâmis, que brilhava como vidro, e onde os lampiões das pontes e das escadas batiam, formavam pequenas serpentes de luz amarela e vermelha. As calçadas tinham um brilho azul, pareciam travessas de porcelana.

Eu jamais imaginaria que uma noite tão escura pudesse ter tantas cores.

No dia seguinte, mamãe saiu e eu fui para Millbank, visitar Selina. Eles a puseram de volta na ala normal, onde passou a receber o jantar da prisão. Ela agora trabalha com lã e não fibra de coco, e voltou aos cuidados de sua antiga carcereira, Sra. Jelf, que é tão atenciosa com ela. Fui até sua cela, lembrando-me de como antes eu tinha prazer em retardar esta visita, em encontrar outras mulheres e reservar meu olhar para quando pudesse fitar livremente Selina. Agora, como posso ficar longe dela? Que importância tem para mim o que as outras pensam? Parei no portão de uma ou duas para desejar “feliz Ano-Novo” e dar um aperto de mãos; mas a ala me pareceu diferente. Olhei em volta e só vi diversas mulheres pálidas usando vestidos cor de lama. Duas ou três das presas que eu costumava visitar foram transferidas para Fulham; e Ellen Power, é claro, morreu, e a novata em sua cela não me conhece. Mary Ann Cook pareceu contente em me ver, assim como Agnes Nash, a falsária. Mas era Selina quem eu queria encontrar.

— O que você fez por nós? — perguntou. E eu contei a conversa com

Stephen. Ela acha que não podemos ter certeza quanto ao rendimento, que é melhor eu ir ao banco e tirar o máximo de dinheiro que puder e guardá-lo até estarmos prontas. Eu contei a ela sobre a visita de mamãe a Marishes e ela sorriu, me elogiando:

— Você é esperta, Aurora. — Eu disse que a esperteza era toda dela, e estava apenas funcionando através de mim, eu era o veículo.

— Você é a minha médium — declarou.

Selina se aproximou um pouco mais de mim e eu a vi olhando para o meu vestido e depois para a minha garganta.

— Você me sentiu perto de você? Sentiu minha presença em toda parte? Meu espírito vai para junto de você, à noite.

— Eu sei — respondi.

— Você está usando a coleira? Deixe-me ver.

Eu puxei a gola e mostrei a ela a faixa de veludo, quente e apertada por baixo. Ela assentiu com a cabeça e a coleira se arrochou mais.

— Isso é muito bom — murmurou; sua voz era como uma carícia. — Isto me atrairá para você, no escuro. *Não* — ordenou quando me aproximei. — Não. Se nos virem agora, talvez me levem para longe de você. Você tem que esperar um pouco. Em breve você me terá. E então... bem, você poderá ficar tão perto de mim quanto desejar.

Eu olhei para ela e meus pensamentos voaram.

— *Quando*, Selina? — perguntei.

Ela disse que cabia a mim decidir. Tinha que ser numa noite em que eu tivesse certeza de estar sozinha, depois da partida da minha mãe, já de posse de tudo que nós iríamos precisar.

— Mamãe vai partir no dia 9. Acho que pode ser qualquer noite depois dessa...

Então eu pensei numa coisa. Sorri, acho que devo ter rido em voz alta, porque me lembro dela dizendo:

— Fale baixo senão a Sra. Jelf vai ouvir!

— Desculpe. É só que... bem, podemos escolher uma noite, se você não achar bobagem — declarei. Ela não entendeu e eu quase tornei a rir.

— Vinte de janeiro, Selina. Véspera de Santa Inês!

Entretanto, continuou sem entender. Passados alguns segundos, ela perguntou se era meu aniversário...?

Neguei, explicando: “Véspera de Santa Inês!”

— *Elas deslizam como fantasmas, para dentro do grande salão...*

Como fantasmas, deslizam até a entrada de ferro,

Onde o porteiro dorme um sono inquieto.

Um a um, os ferrolhos se abrem com facilidade,

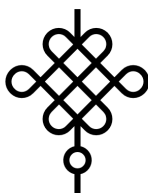
As correntes caem sem fazer barulho no chão de pedra,

As chaves giram! E a porta geme em suas dobradiças...^[1]

Ela ficou olhando, sem saber, sem entender! E finalmente eu me calei. Senti um alvoroço no peito — parte desânimo, parte medo, parte simplesmente amor. Então eu pensei, por que ela saberia? Ela nunca teve ninguém para lhe ensinar coisas como esta.

Eu pensei, *Isso acontecerá.*

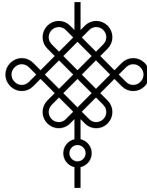
14 DE JUNHO DE 1873



SESSÃO ESPÍRITA, E DEPOIS A SRTA. Driver ficou. Ela é amiga da Srta. Isherwood, que veio mês passado para ver Peter em particular. Comentou que a Srta. Isherwood nunca se sentiu tão bem quanto agora e tudo graças aos espíritos.

— Srta. Dawes, pode pedir a Peter para me ajudar também? — perguntou. Eu ando muito inquieta e tenho tido umas crises estranhas. Acho que devo ser como a Srta. Isherwood, e preciso me desenvolver. — Ela ficou uma hora e meia, e seu tratamento foi igual ao da amiga, mas levou mais tempo. Peter disse que ela tem que voltar. 1 libra.

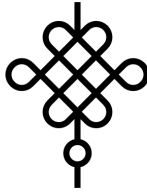
21 DE JUNHO DE 1873



DESENVOLVIMENTO, SRTA. DRIVER 1 HORA, 2 libras.

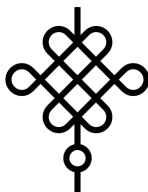
Primeira sessão, Sra. Tilney e Srta. Noakes. Srta. Noakes tem dores nas articulações. 1 libra.

25 DE JUNHO DE 1873



DESENVOLVIMENTO, SRTA. NOAKES. PETER SEGURA-A PELA cabeça enquanto eu me ajoelho e sopro sobre ela. 2 horas. 3 libras.

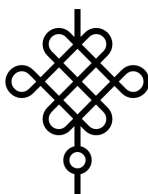
3 DE JULHO DE 1873



SRTA. MORTIMER, DOR LOMBAR. NERVOSA DEMAIS.

Srta. Wilson, dores. Feia demais aos olhos de Peter.

15 DE JANEIRO DE 1875



TODOS FORAM PARA WARWICKSHIRE HÁ UMA semana. Fiquei na porta e vi a bagagem ser colocada na carruagem. Enquanto partiam, acenaram da janela; depois subi e chorei. Deixei que mamãe me beijasse. Chamei Helen de lado.

— Deus te abençoe! — disse a ela. Não consegui pensar em mais nada. Mas quando disse isso, ela riu, achou estranho meu comentário.

— Vejo você daqui a um mês. Vai me escrever antes disso? — perguntou. Nós nunca estivemos tanto tempo separadas. Prometi que sim, mas já se passou uma semana e eu não mandei nenhuma carta. Eu vou escrever para Helen. Mas não agora.

A casa está mais silenciosa do que nunca. A cozinheira trouxe o sobrinho para dormir no andar de baixo, mas esta noite eles já estão deitados. Não havia nada para eles fazerem, depois que Vigers trouxe o carvão e a água para o meu quarto. A porta da casa foi trancada às 21h30.

Mas como está silencioso! Se minha pena pudesse sussurrar, eu a forçaria a fazer isso agora mesmo. *Já estou com nosso dinheiro.* Tenho *1.300 libras*. Tirei do banco ontem. É meu próprio dinheiro, mas me sinto como uma ladra ao manuseá-lo. Eu entreguei a ordem de pagamento de Stephen; ficaram meio desconfiados, eu achei — o caixa saiu por um momento do guichê para falar com um funcionário mais graduado, e depois voltou para me perguntar se eu não preferia um cheque. Recusei, justificando que um cheque não ia servir. Eu tremia o tempo todo, achando que perceberiam minha intenção e tentariam chamar Stephen. Mas, afinal, o que eles podiam fazer? Eu sou uma dama e o dinheiro é meu. Eles me trouxeram a quantia num envelope de papel. O caixa me cumprimentou com uma reverência. Aleguei que o dinheiro era para caridade, e seria usado para comprar passagens para o estrangeiro para meninas pobres de um reformatório. Comentou, com um ar azedo, que essa era uma boa causa.

Quando saí do banco, tomei um trole para Waterloo, para comprar passagens de trem; e depois fui ao consulado em Victoria. Eles me deram um passaporte para mim e outro para minha acompanhante. Eu disse que o nome dela era *Marian Erle*, e o funcionário escreveu, sem ver nada de estranho nisso, perguntando apenas como se escrevia. Desde então, eu tenho imaginado todas as

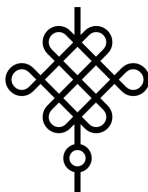
repartições que poderia visitar e as mentiras que contaria. Fico fantasiando quantos cavalheiros eu seria capaz de enganar antes de ser apanhada.

Até que, esta manhã, eu estava na janela e vi o guarda patrulhando Cheyne Walk. Mamãe pediu a ele para vigiar a casa com mais cuidado, agora que estou aqui sozinha. Ele me cumprimentou e meu coração deu um salto; quando contei a Selina hoje, entretanto, ela sorriu.

— Você está com medo? — perguntou. — Não precisa ter medo! Quando descobrirem que eu fugi, por que você acha que vão pensar que estou com você?

De acordo com Selina, muitos dias irão se passar antes que pensem *nisso*.

16 DE JANEIRO DE 1875



A SRA. WALLACE VEIO ATÉ AQUI hoje. Justifiquei que estava ocupada com as cartas de papai e queria trabalhar sem ser incomodada. Se ela tornar a vir, vou mandar Vigers dizer que eu saí. Se ela vier daqui a cinco dias, é claro, já não estarei mais aqui. Ah, como estou aflita! No momento, só me resta aguardar ansiosa. Todo o resto está desaparecendo: eu estou me afastando cada vez mais deste lugar, a cada volta dos ponteiros do relógio. Mamãe deixou um pouco de láudano; eu já tomei tudo e comprei mais. Foi muito fácil ir até a farmácia e comprar! Eu posso fazer qualquer coisa. Posso passar a noite toda acordada se quiser, e dormir durante o dia. Eu me lembro de uma brincadeira da infância: *O que você vai fazer quando crescer e tiver sua própria casa? Eu vou ter uma torre no telhado e disparar um canhão de lá! Eu só vou comer balas! Vou vestir cachorros com paletós de mordomo, vou deixar um camundongo dormir no meu travesseiro...* Agora eu tenho mais liberdade do que jamais tive na vida, mas só faço as coisas que sempre fiz. Antes minhas ações eram mecânicas, mas Selina deu sentido a elas, faço tudo por ela. Estou esperando por ela, mas acho que *esperando* é uma palavra pobre demais para isso. Conto cada minuto. Sinto minha pele tremer, como a superfície do mar com a proximidade da lua. Se pego um livro, é como se nunca tivesse visto uma linha impressa antes; os textos estão cheios de mensagens dirigidas unicamente a mim. Uma hora atrás, eu achei isto:

*O sangue está atento no meu corpo,
E uma multidão de sombras, rápidas e espessas,
Caem nos meus olhos transbordantes...^[2]*

É como se cada poeta que um dia escreveu um verso para o seu amor escrevesse secretamente para mim e para Selina. O *meu* sangue — neste momento, enquanto escrevo estas linhas —, meus músculos e cada fibra do meu ser estão atentos a *ela*. Quando durmo, é para sonhar com *ela*. Quando sombras caem sobre meus olhos, eu sei que são sombras *dela*. Meu quarto está quieto, mas nunca silencioso; eu escuto o coração de Selina batendo a noite inteira no mesmo compasso do meu. Meu quarto está escuro, mas a escuridão agora é diferente. Eu

conheço todas as suas profundezas e texturas — escuridão de veludo, escuridão de feltro, escuridão áspera como fibra de coco ou lã trabalhadas na prisão.

A casa está mudada, imóvel. É como se estivesse enfeitiçada! Como figuras num relógio carrilhão, as empregadas realizam as tarefas, acendendo as lareiras para aquecer os aposentos vazios, fechando as cortinas à noite e tornando a abri-las na manhã seguinte. Não há ninguém para olhar pelas janelas, mas mesmo assim as cortinas são abertas. A cozinheira me envia bandejas de comida. Já expliquei que não precisa mandar todos os pratos, basta a sopa, o peixe ou o frango. Mas ela não consegue romper com velhos hábitos. As bandejas vêm, e eu as mando de volta com uma sensação de culpa, a carne escondida debaixo do legume e da batata, como uma criança. Eu não tenho apetite. Suponho que o sobrinho dela coma as sobras, que estejam todos comendo muito bem na cozinha. Eu gostaria de ir até eles e dizer *Comam! Comam tudo! O* que me importa o que eles façam, agora?

Até Vigers mantém seus horários, levantando-se às 6 horas — como se ela também pudesse sentir nas veias o som do sino de Millbank —, embora eu tenha dito que ela não precisa seguir meus hábitos, que pode ficar na cama até as 7 horas. Uma ou duas vezes ela veio até meu quarto e me fitou estranhamente; na noite passada, ela viu minha bandeja intocada.

— A senhorita precisa comer! — disse. — O que a Sra. Prior diria se soubesse que a senhorita não está se alimentando direito?

Ri ao ouvir o comentário e ela sorriu. Vigers tem um sorriso sem graça, mas seus olhos são quase bonitos. Ela não me incomoda. Eu já a vi olhando curiosamente para a fivela da coleira de veludo, quando pensa que não estou vendo; mas só uma vez ela chegou a perguntar se era uma faixa de luto por meu pai.

Às vezes, acho que minha paixão deve afetá-la. Às vezes meus sonhos são tão intensos que tenho certeza de que ela deve perceber a forma e a cor deles enquanto dorme.

Às vezes, eu acho que poderia contar sobre meus planos e ela apenas assentiria com a cabeça com um ar grave. Acho que, se pedisse, talvez ela até fosse conosco...

Entretanto, penso que teria ciúmes das mãos que tocassem em Selina, mesmo que fossem as de uma criada. Hoje eu fui a uma loja grande em Oxford Street para caminhar no meio das fileiras de vestidos, comprar casacos e chapéus, sapatos e roupa de baixo. Eu não tinha imaginado como seria fazer essas coisas por ela, criar um lugar para ela no mundo. Nunca liguei para tecidos, feitiços e tons como Priscilla e mamãe, quando tinha que escolher roupas para mim; mas ao comprar vestidos para Selina, eu os notei. É claro que não sabia o tamanho dela, no entanto, percebi que sabia, sim. Eu sei sua altura, da lembrança do seu rosto contra o meu queixo; e conheço sua magreza, ao recordar nossos abraços. Eu escolhi primeiro um traje simples de viagem, cor de vinho. Eu pensei: “Bem, isso vai servir por ora, e compraremos outras coisas quando chegarmos na França.” Porém, enquanto segurava um vestido, avistei outro, de cashmere cinza-

pérola, com uma saia por dentro de seda esverdeada, que vai combinar com os olhos dela. O cashmere seria suficientemente quente para um inverno italiano.

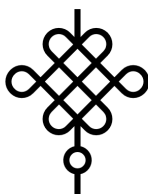
Eu comprei os dois trajés e em seguida outro, um vestido branco, debruado de veludo, com uma cintura bem apertada. É uma roupa que vai realçar a feminilidade dela, subjugada em Millbank.

Percebi que, como ela não pode usar um vestido sem uma anágua, eu comprei várias e, também, espartilhos, camisolas e meias pretas. E como meias são inúteis sem calçados, eu comprei sapatos pretos e botas de couro claro, além de sapatilhas de veludo branco para combinar com o vestido feminino. Comprei chapéus grandes, com véus, para cobrir seu pobre cabelo até ele tornar a crescer. Comprei um casaco e uma capa para o vestido de cashmere, e um dólmã com uma franja de seda amarela, que vai balançar quando ela caminhar ao meu lado sob o sol italiano e brilhar na luz.

Guardei as compras no meu armário, ainda dentro das caixas. Às vezes, eu abro o armário e ponho a mão na caixa. Tenho a impressão de ouvir a seda e o cashmere respirando. Pareço sentir a pulsação do tecido.

Assim, sei que, como eu, os tecidos estão esperando que Selina se aposse deles, que os torne reais, que os faça palpitar com resplendor e vida.

19 DE JANEIRO DE 1875



JÁ PROVIDENCIEI TUDO PARA A NOSSA viagem; porém, havia mais uma coisa que precisava fazer hoje por mim mesma. Eu fui até o cemitério Westminster e passei uma hora junto ao túmulo de papai, pensando nele. Foi o dia mais frio deste novo ano. Quando um cortejo fúnebre chegou, ouvi as vozes das pessoas no ar frio e parado de janeiro; e então começaram a cair alguns flocos de neve, até que meu casaco, e os de todos os participantes do cortejo, ficaram salpicados de branco. Um dia eu tive a intenção de levar flores, junto com papai, para os túmulos de Keats e Shelley em Roma; hoje eu coloquei uma coroa de azevinho no túmulo dele. A neve cobriu as florezinhas vermelhas, mas as pontas das folhas ficaram de fora, afiadas como alfinetes. Eu ouvi o discurso do pároco, depois começaram a jogar terra sobre o caixão no túmulo aberto. A terra estava dura e bateu no caixão como se fosse um tiro, e quando os parentes do defunto ouviram, houve um certo murmúrio e uma mulher gritou. O caixão era pequeno, acho que era de uma criança.

Eu não senti papai perto de mim; mas isso não deixou de ser uma bênção. Eu tinha ido me despedir dele. Acho que vou encontrá-lo de novo na Itália.

Fui do cemitério para o centro da cidade e andei de rua em rua, contemplando tudo que não vou tornar a ver talvez por muitos anos. Andei das 14 horas até 18h30.

Logo após, fui para Millbank, para a minha última visita.

Cheguei na prisão muito depois do término do jantar — um horário bem mais tardio do que o de costume. Encontrei as presas da ala da Sra. Jelf no final do seu trabalho. Essa é a melhor hora do dia para elas. Quando a sineta toca às 19 horas, elas põem de lado o trabalho; a carcereira solta uma mulher de sua cela e ambas vão pelos corredores, recolhendo e contando todos os alfinetes, agulhas e tesouras de ponta grossa usados pelas presas durante o dia. Eu fiquei assistindo a Sra. Jelf fazer isso. Ela usava um avental de feltro, no qual ia prendendo os alfinetes e agulhas; as tesouras ela enfiava num arame, como se fossem peixes. Às 19h45 as redes devem ser abertas e penduradas, e às 20 horas as portas são trancadas e o gás desligado, mas até essa hora as detentas podem fazer o que quiserem. Era estranho vê-las: algumas liam cartas, outras estudavam a Bíblia;

uma delas despejava água numa vasilha para se lavar, outra, sem touca, fazia papalotes no cabelo com sobras de lã do trabalho do dia. Já me sentia um fantasma em Cheyne Walk; e era como se fosse um espectro esta noite, em Millbank. Atravessei aquelas duas alas e as mulheres mal levantaram os olhos para mim, e quando eu me dirigi às que conhecia, elas me cumprimentaram, distraídas. Costumavam largar o trabalho para falar comigo, bem satisfeitas; mas pude perceber que aquela hora do dia era delas, e entendi como seria estranho abrirem mão daquele momento de privacidade.

Eu não era um fantasma, é claro, para Selina. Ela tinha me visto passar por sua cela e estava esperando quando voltei. O rosto dela estava imóvel e pálido, mas uma veia pulsava rápida em seu pescoço. Quando a vi, meu coração também bateu mais depressa.

Agora já não fazia diferença se alguém soubesse quanto tempo eu tinha passado com ela, ou o quanto estávamos perto uma da outra. Portanto, ficamos bem pertinho e ela me falou, num sussurro, como ia ser amanhã à noite.

— Você deve sentar numa cadeira e esperar, pensando em mim. Fique no seu quarto, acenda uma única vela do seu lado, com a chama protegida. Eu irei em algum momento, antes do amanhecer...

Selina falou com tanta seriedade que eu comecei a ter medo.

— *Como* você vai fazer isso? Ah, Selina, como pode ser verdade? Como você vai conseguir ir até mim pelo ar? — perguntei.

Ela olhou para mim e sorriu, depois pegou minha mão. Ela virou os meus dedos, abriu minha luva e segurou meu pulso diante de sua boca.

— O que há entre minha boca e seu braço nu? Você não me sente quando faço isto? — Então ela soprou no meu pulso, sobre as veias azuis. Ela pareceu juntar todo o calor do meu corpo naquele ponto, e eu estremeci. — É assim que eu vou chegar até você, amanhã — disse.

Eu comecei a imaginar como seria. Eu a imaginei esticada como uma flecha, um fio de cabelo, a corda de um violino, uma linha num labirinto, longa, trêmula e retesada, tão tensa que poderia se partir! Quando me viu tremer, pediu que eu não tivesse medo, senão tornaria a sua viagem mais difícil. Fiquei apavorada — tive medo do próprio medo, que pesaria sobre ela, que talvez a machucasse, talvez a impedisse de vir até mim. Perguntei o que aconteceria se eu prejudicasse seus poderes sem querer. E se os poderes falhassem? Pensei na hipótese de Selina não vir. Pensei em como seria, não para ela, mas para mim. De repente, vi o que ela fez comigo, no que me transformou, e vi isso com uma espécie de horror.

— Se você não vier, Selina, eu vou morrer — exclamei. Já ouvi o mesmo dela, é claro; mas desabafei com tanta simplicidade, com tanto desânimo, que ela olhou para mim e seu rosto ficou estranho, branco, retesado e *vazio*. Ela me abraçou e encostou o rosto em minha garganta.

— *Minha afinidade* — murmurou. E embora ela ficasse imóvel, quando se afastou de mim, minha gola estava molhada de suas lágrimas.

Nesse momento, a Sra. Jelf anunciou o término da hora livre. Selina passou a mão nos olhos e deu as costas para mim. Segurei as grades do seu portão e a vi

prender sua rede na parede, sacudir os lençóis e os cobertores, tirar a poeira do seu travesseiro cinzento. Seu coração ainda batia tão violentamente quanto o meu, eu sei disso, e suas mãos tremiam um pouco, assim como as minhas; entretanto, ela fez tudo direitinho, como uma boneca, dando nós na roupa de cama, arrumando a dobra do cobertor para mostrar uma faixa branca. Era como se, tendo sido caprichosa durante um ano, também precisasse ser esta noite, mais ainda, talvez, do que nunca.

Eu não tive coragem de olhar para ela. Dei as costas e ouvi o barulho das mulheres, em suas celas, seguindo a mesma rotina; e quando tornei a me virar, ela estava desabotoando o vestido.

— Nós temos que estar na cama antes do gás ser desligado — explicou, envergonhada, sem olhar para mim, mas nem assim eu chamei a Sra. Jelf.

— Deixa eu te ver. — Não imaginei que pudesse pedir isso, e me assustei com o som da minha própria voz. Ela também levou um susto e hesitou. Em seguida, deixou o vestido escorregar e tirou a anágua, as botas e, após outros segundos de indecisão, a touca, até ficar parada, tremendo um pouco, só de meias e roupa de baixo. Ela ficou dura, com o rosto virado para o outro lado, como se o meu olhar a machucasse, mas ela suportasse a dor por minha causa. Suas clavículas eram saltadas como teclas de marfim de um exótico instrumento musical. Seus braços eram mais claros do que sua roupa de baixo amarelada, com veias azuis do pulso até o cotovelo. Seu cabelo — eu nunca tinha visto sua cabeça descoberta — caía até a altura das orelhas, como o de um menino. Ele tinha um belo tom dourado.

— Como você é linda! — declarei e ela me olhou espantada.

— Você não acha que estou muito mudada? — murmurou.

Eu perguntei como ela podia pensar isso, e ela sacudiu a cabeça e tornou a estremecer.

As portas estavam sendo fechadas ao longo do corredor, ferrolhos eram passados, eu ouvi vozes e murmúrios cada vez mais próximos. Escutei a voz da Sra. Jelf perguntando, a cada porta que trancava:

— Está tudo bem?

E as mulheres respondiam:

— Tudo bem, boa noite. — Eu ainda estava olhando para Selina, sem dizer nada, mal conseguindo respirar, eu acho. Então o portão dela começou a tremer com as portas sendo fechadas cada vez mais perto, e imediatamente, ela se deitou e se cobriu com o cobertor.

De repente, a Sra. Jelf chegou e por um estranho momento ela e eu hesitamos, olhando para Selina na cama, como pais preocupados na porta do quarto da filha.

— Está vendo como fica deitada quietinha, Srta. Prior? — disse baixinho a carcereira. E então ela murmurou para Selina: — Você está bem?

Selina assentiu com a cabeça. Ela estava olhando para mim, ainda trêmula, acho que podia sentir o desejo em minha carne.

— Boa noite. Boa noite, Srta. Prior — disse, com muita seriedade, por

causa da carcereira, eu acho. Fiquei olhando para ela até o portão ser trancado; então a Sra. Jelf fechou a porta de madeira, correu o ferrolho e foi para a cela seguinte.

Depois de ficar alguns segundos olhando para a porta de madeira com seus ferrolhos, eu fui atrás dela e a acompanhei pelo resto da ala E e por toda a ala F — ela falava o tempo todo, com as presas, que respondiam:

— Boa noite, Deus a abençoe. Mais um dia que passou e eu estou mais perto de sair.

Excitada e nervosa do jeito que eu estava, foi um certo consolo acompanhá-la em sua ronda, ouvir os chamados, as portas batendo. Finalmente, na extremidade da segunda ala, ela girou a manivela que fechava o gás que alimentava os lampiões nas celas; e ao longo do corredor as chamas pareceram dar um salto e brilhar mais fortes.

— Lá vem a Srta. Cadman, a carcereira da noite, para me render — comentou ela, baixinho. — Como vai, Srta. Cadman? Esta é a Srta. Prior, nossa visitante. — A moça me desejou boa-noite, depois tirou as luvas e bocejou. Usava a capa de carcereira, mas o capuz estava caído sobre seus ombros.

— Tivemos alguém criando caso hoje, Sra. Jelf? — perguntou, tornando a bocejar. Quando ela se dirigiu para o quarto das carcereiras, vi que suas botas tinham solas de borracha e não faziam quase nenhum ruído nos ladrilhos cobertos de areia. As mulheres têm um nome para essas botas, eu acabei de me lembrar. Elas as chamam de *sorradeiras*.

Apertei a mão da Sra. Jelf e percebi que estava com pena de deixá-la lá, agora que eu ia partir.

— A senhora é boa — disse a ela. — É a carcereira mais bondosa da prisão. — Ela apertou meus dedos assentindo com a cabeça, e minhas palavras, meu estado de espírito, ou sua ronda noturna, pareceram deixá-la triste.

— Deus a abençoe, senhorita! — disse.

Eu não encontrei a Srta. Ridley no meu trajeto pela prisão; eu tinha quase desejado encontrá-la. Mas vi a Sra. Linda, conversando na escada da torre com a carcereira da noite de suas alas, vestindo as luvas, flexionando os pulsos para a luva de couro entrar; e também passei pela Srta. Haxby. Ela havia sido chamada para repreender uma detenta que estava fazendo confusão numa cela do térreo.

— Como a senhorita está saindo tarde! — exclamou.

Vai parecer estranho se eu escrever aqui que foi difícil sair daquele lugar? Que caminhei devagar, me demorando no caminho de cascalho, dispensando o homem que tinha me acompanhado até lá? Já pensei muitas vezes que minhas visitas deveriam ter me transformado num objeto feito de limo ou de ferro — talvez fosse verdade, porque esta noite Millbank me atraía como um ímã. Fui até a portaria e então parei e me virei; logo em seguida senti um movimento ao meu lado. Era o porteiro, que veio ver por que eu estava hesitando na porta. Quando me reconheceu no escuro, ele me desejou boa-noite. Em seguida, olhou na mesma direção que eu e esfregou as mãos por causa do frio, talvez; mas também com certa satisfação.

— Ela é uma criatura estranha, não é, senhorita? — disse, fazendo um gesto na direção das paredes brilhantes, das janelas escuras. — Uma criatura terrível, embora eu seja seu guardião. E ela transborda, sabia disso? Antigamente havia enchentes, ah, sim, muitas. É este solo, este solo desgraçado. Nada cresce, e nada se ergue direito nele, nem mesmo uma fera enorme e assustadora como Millbank.

Fiquei calada, escutando. O porteiro tinha tirado um cachimbo do bolso e pressionado o polegar no seu bojo, e então se virou para riscar um fósforo nos tijolos, e protegeu a chama perto do muro — suas bochechas ficaram chupadas e a chama pegou. Ele jogou fora o fósforo e tornou a acenar na direção da prisão.

— A senhorita diria que um monstro desses seria capaz de balançar sobre suas fundações? — Eu balancei negativamente a cabeça e ele continuou. — E nem ninguém. Mas o porteiro aqui antes de mim... bem, *ele* sim poderia contar sobre isso, sobre as enchentes! Sobre as explosões, como trovões na noite! Sobre o diretor chegando uma manhã e encontrando um dos pentágonos partido ao meio, com dez homens correndo pela abertura! Sobre mais seis homens afogados nas celas escuras, onde os esgotos da prisão romperam e o Tâmis inundou. Então foram colocados galões de cimento nas fundações; mas isso não a impediu de entortar. Pergunte às carcereiras se elas têm problemas com as fechaduras, porque as portas ficaram emperradas. Se janelas racham sem que ninguém tenha mexido nelas. Essa fera parece calma para a senhorita, eu imagino. Mas certas noites, Srta. Prior, quando não tem um sopro de vento, eu já a escutei *gem*er, como se fosse uma mulher.

Ele pôs a mão no ouvido, escutando o barulho do rio, ao longe, o ronco de um trem, o tilintar de um sino numa carruagem...

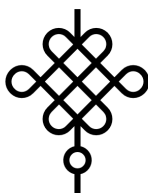
— Um dia desses ela vai desabar, eu tenho certeza, e nos levar com ela! Ou então, esta terra malvada sobre a qual ela está de pé vai deslizar e nós todos vamos descer junto — disse com temor.

Ele sugou o cachimbo, depois tossiu. Mais uma vez, prestamos atenção... Mas a prisão estava silenciosa, a terra bem dura, as pontas dos caniços afiadas como agulhas; e o vento ficou tão forte que não pudemos mais ficar ali, eu tinha começado a tremer. Ele me fez entrar na portaria e eu fiquei diante do fogo até arranjam uma carruagem para mim.

Enquanto eu esperava lá dentro, uma carcereira chegou. Eu só a reconheci quando ela afastou um pouco a capa e eu vi que era a Sra. Jelf. Ela me cumprimentou e o porteiro a deixou sair; da janela da minha carruagem acho que tornei a vê-la, caminhando apressada na rua vazia, ansiosa, eu imagino, em retomar sua vida normal.

Como será a vida dela? Não consigo imaginar.

20 DE JANEIRO DE 1875



VÉSPERA DE SANTA INÊS — FINALMENTE chegou o grande dia.

A noite está muito fria. O vento geme na chaminé e sacode as vidraças; o carvão do fogo assobia quando atingido pelo granizo.

São 21 horas e a casa está silenciosa. Eu dispensei a Sra. Vincent e o sobrinho, mas mantive Vigers aqui.

— Se eu ficar com medo — disse — e chamá-la, você virá?

— Está com medo de ladrões, senhorita? — perguntou. Depois ela me mostrou seu braço, que é muito grosso, e riu. Vigers me assegurou de que ia trancar todas as portas e janelas e que eu não precisava me preocupar. Mas embora eu a tenha ouvido correr os ferrolhos, acho que ela voltou para checar se estão bem fechados. Agora ela está subindo sem fazer barulho e girando a chave na sua fechadura...

No final das contas, eu a deixei nervosa.

Em Millbank, a carcereira da noite, Srta. Cadman, está fazendo a ronda. As luzes foram apagadas há uma hora. *Eu irei em algum momento, antes do amanhecer*, foram as palavras de Selina. A noite do lado de fora da minha janela está muito escura. Tenho a impressão de que nunca mais haverá um amanhecer.

Eu não quero que alvoreça caso ela não venha.

Estou no meu quarto desde que o dia começou a escurecer, às 16 horas. O cômodo me parece estranho, com suas prateleiras vazias, porque metade dos meus livros está empacotada. A princípio, guardei tudo num baú que ficou pesado demais. Só podemos levar o que pudermos carregar, eu não tinha pensado nisso até hoje. Eu gostaria de ter me precavido, pois poderia ter mandado uma caixa de livros para Paris. Agora é tarde. Por isso, tive que escolher quais livros levar e quais deixar aqui. Levei uma Bíblia em vez de Coleridge só por ter as iniciais de Helen — o livro de Coleridge, eu suponho, pode ser substituído. Do escritório de papai, eu tirei um peso de papel, um meio globo de vidro com um par de cavalos-marinheiros dentro, que eu gostava de observar quando criança. As roupas de Selina estão guardadas num baú — todas, menos o traje de viagem cor de vinho, o casaco, um par de meias e sapatos. Estes eu deixei sobre a cama, e se olhar para eles agora, através das sombras, é como se ela estivesse ali deitada,

dormindo ou desmaiada.

Eu nem sei se ela virá usando seu uniforme de prisão, ou se eles a trarão nua para mim, como uma criança.

Ouvi um rangido na cama de Vigers e o carvão estalando na lareira.

São 21h45.

São quase 23 horas.

Esta manhã, eu recebi uma carta de Helen, de Marishes, contando que a casa é imponente, mas que as irmãs de Arthur são um tanto orgulhosas. Priscilla acha que está grávida. Segundo Helen, a propriedade possui um lago gelado onde eles têm patinado. Li esta frase e fechei os olhos. Tive uma visão clara de Selina com os cabelos soltos nos ombros, um chapéu vermelho, um casaco de veludo, patins... eu devo estar me lembrando de algum quadro. Eu imaginei a mim mesma ao lado dela, respirando o ar gelado. Cogitei como seria se eu a levasse não para a Itália, mas para Marishes, para a casa da minha irmã; se eu me sentasse à mesa de jantar com ela, se ficassemos no mesmo quarto e a beijasse...

Eu não sei o que os assustaria mais — o fato de ela ser uma médium, uma condenada ou uma moça.

“Soubemos pela Sra. Wallace”, diz Helen na carta, “que você está trabalhando e está mal-humorada. Pelo que sei, você deve estar bem! Mas não deve trabalhar tanto, a ponto de se esquecer de nos encontrar aqui. Eu preciso da minha cunhada para me salvar de Priscilla! Você vai me escrever, pelo menos?”

Escrevi para ela esta tarde, depois entreguei a carta a Vigers e a vi levá-la para o correio — agora não há mais como recuperá-la. Mas eu não a enderecei para Marishes e, sim, para Garden Court; e anotei, “Para ser guardada até a volta da Sra. Prior”. Ela diz o seguinte:

Querida Helen,

Que carta curiosa de escrever! A mais curiosa que jamais escrevi para alguém, e do tipo que — desde que meus planos sejam bem-sucedidos — eu jamais tornarei a escrever. Espero ser bem hábil em minha narrativa.

Não quero que me odeie ou sinta pena de mim pelo que estou prestes a fazer. Uma parte de mim odeia a mim mesma, pois sei que isto será uma desgraça para mamãe, Stephen e Pris. Desejo que lamente apenas o fato de eu estar indo para longe de você, mas não a forma como fiz isso. Desejo que se lembre de mim com carinho e não com tristeza. Seu sofrimento não me ajudará, onde vou. Mas o seu carinho irá ajudar minha mãe e meu irmão, como já ocorreu antes.

Eu desejo que, caso alguém procure motivos para isto, os procure em mim, em mim e na minha natureza estranha, que me fez tão diferente e contrária às regras do mundo que eu não consigo encontrar um lugar nele para viver feliz. Isto sempre foi verdade... bem, você sabe disso melhor do que ninguém. Mas você não sabe

das visões que tive, da existência de um outro lugar, maravilhoso, que parece me receber de braços abertos! Eu fui levada a esse lugar, Helen, por uma pessoa fantástica e estranha. Você não sabe disso. Eles falarão dela para você, e a farão parecer desprezível e baixa, eles transformarão minha paixão em algo grosseiro e errado. *Você* irá saber que não é uma coisa nem outra. É apenas amor, Helen, apenas isso.

Eu não posso viver sem estar ao lado dela!

Mamãe costumava me achar voluntariosa. Ela vai achar que *isto* é teimosia. Mas como poderia ser? Eu não queria que isso acontecesse, eu estou me entregando! Eu estou desistindo de uma vida para ganhar outra nova e melhor. Eu vou para bem longe daqui, como estava destinada — eu acho — desde sempre. Eu estou

*Correndo para chegar mais perto do sol,
Onde os homens dormem melhor.*^[3]

Estou contente por você, Helen, por saber que meu irmão é bom.

E então assino a carta. A citação me agrada e eu a escrevi com uma sensação estranha, pensando: “Esta é a última vez que farei uma citação como esta. Porque quando Selina vier para junto de mim, eu irei *viver*!”

Quando ela virá? Já é meia-noite. O tempo frio e desagradável se tornou selvagem. Por que noites tempestuosas sempre pioram à meia-noite? Selina não vai perceber nada disso em sua cela em Millbank. Talvez ela entre na noite despreparada e seja açoitada, machucada e destruída, e eu não posso fazer nada a não ser esperar. Quando ela virá? Ela disse, *antes do amanhecer*. Quando o dia vai nascer? Daqui a seis horas.

Eu vou tomar uma dose de láudano e talvez isso a guiará até mim.

Vou acariciar com os dedos o veludo negro no meu pescoço — ela disse que a coleira a faria vir.

Agora é 1 hora da madrugada.

São 2 horas, já se passou mais uma hora. Como o tempo passa depressa na página de um caderno! Eu vivi um ano esta noite.

Quando ela virá? Já são 3h30 — a hora, dizem, em que as pessoas morrem, embora não tenha sido assim com papai, ele morreu em plena luz do dia. Não me sinto tão vigilante, tão determinada, desde a última noite dele. Não desejei tanto que ele ficasse comigo quanto desejo que Selina venha. Será que ele está mesmo olhando para mim, como ela disse? Será que ele vê a pena se mover sobre o papel? Ah, papai, se você estiver me vendo agora, se você a estiver vendo, procurando por mim na escuridão, junte nossas almas! Se você me amou, ajude a trazer o meu amor para junto de mim.

Começo a ficar com medo, o que não devo fazer. Eu sei que ela virá, porque

ela não pode deixar de ser atraída pelos meus pensamentos. Mas *como* Selina virá? Eu imagino que ela virá desbotada, pálida como a morte, doente ou enlouquecida! Eu tirei do baú todas as roupas dela, não apenas o traje de viagem, mas o vestido cinza-pérola, com a saia da cor dos seus olhos, e o vestido branco debruado de veludo. Eu as espalhei pelo quarto, para serem iluminadas pela luz da minha vela. É como se ela estivesse ao meu redor, refletida num prisma.

Eu peguei seu cabelo e o penteei e fiz uma trança com ele; e de vez em quando eu o beijo.

Quando ela virá? Já são 5 horas, e ainda está escuro, mas a violência do meu desejo me deixa doente! Fui até a janela e levantei a vidraça. O vento entrou e agitou o fogo, despenteou o meu cabelo, atirou granizo no meu rosto até eu achar que ia sangrar, mas mesmo assim eu me debruço na noite, procurando por ela. Acho que chamei o seu nome, e o vento pareceu repeti-lo. Acho que sacudi a casa de tal modo que até Vigers pôde sentir. Eu ouvi as tábuas do assoalho rangendo sob a cama que se mexia com seu sono agitado — ela pareceu virar e minha coleira ficou mais apertada. Ela deve ter se assustado quando gritei *Quando você virá? Quando você virá?*, até eu chamar de novo, *Selina!* E então, mais uma vez, o grito ecoou na noite e retornou para mim junto com o granizo...

Só que foi a voz de Selina que acho que ouvi, e foi meu nome que ela chamou. Fiquei imóvel, tentando ouvi-lo de novo. Vigers estava quieta, deve ter parado de sonhar, até o vento pareceu diminuir um pouco e o granizo melhorou. A água do rio também ficou escura e calma.

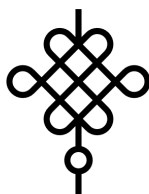
Nenhuma voz veio, entretanto, eu a sinto bem perto de mim. E se ela vier, com certeza será logo.

Será logo, nos últimos momentos de escuridão.

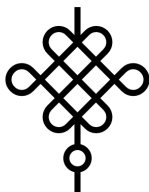
Já são quase 7 horas e a noite terminou; carroças passam na rua, cães estão latindo, galos cantando. Os vestidos de Selina estão espalhados ao meu redor, e já não brilham mais; daqui a pouco eu vou me levantar e dobrá-los, e tornar a guardá-los em seus embrulhos de papel. O vento diminuiu e o granizo se transformou em neve. O Tâmis está coberto pelo nevoeiro. Vigers se levanta da cama para acender o fogo do novo dia. Que estranho! Eu não ouvi o sino de Millbank.

Selina não veio.

PARTE CINCO



21 DE JANEIRO DE 1875



UMA VEZ, HÁ DOIS ANOS, TOMEI uma dose de morfina, querendo acabar com minha vida. Minha mãe me encontrou antes que eu deixasse de viver, o médico tirou o veneno do meu estômago com uma seringa, e quando eu acordei foi com o som do meu próprio choro. Eu esperava abrir os olhos no Céu, onde meu pai estava; e fui puxada de volta para o Inferno.

— Você foi descuidada com sua vida — disse-me Selina há um mês, mas agora ela é minha. Então eu soube por que tinha sido salva. Achei que ela tivesse se apossado de mim naquele dia. Eu senti minha vida ir na direção dela! No entanto, ela já tinha começado a puxar seus fios. Vejo que ela os enrola em seus dedos finos, nas sombras da noite, em Millbank; eu ainda sinto seu desemaranhar cuidadoso. Afinal, é um processo lento e delicado perder a própria vida! Não é algo que aconteça de uma hora para outra.

As mãos vão parar, com o tempo. Eu posso esperar por isso, assim como ela.

Fui procurá-la, em Millbank. O que mais podia fazer? Selina prometeu que viria na escuridão, mas não veio. O que mais eu podia fazer a não ser ir atrás dela? Eu ainda estava vestida, porque não tinha chegado a trocar de roupa na noite anterior. Nem toquei a campainha para chamar Vigers — não posso tolerar que ela me veja. Talvez eu tenha hesitado na porta, ao perceber o dia tão vasto e branco; mas fui sensata o suficiente para tomar uma carruagem. Acho que, no fundo, eu estava calma. A noite em claro me deixou atordoada.

Senti uma voz sussurrando em meu ouvido, no caminho. Era um sapo falando, muito perto de mim:

— Sim, assim está certo! É melhor assim! Mesmo que demore quatro anos, é o *certo*. Você achou mesmo que havia outra maneira? Achou mesmo? *Logo você?*

A voz me pareceu familiar. Talvez ela estivesse lá o tempo todo e eu apenas me recusei a ouvi-la. Agora escutava este sussurro e me mantive firme. O que importava o que ela estava dizendo? Era em Selina que eu estava pensando. Eu a imaginei pálida, alquebrada, derrotada, talvez doente.

O que mais eu podia fazer a não ser ir ao encontro dela? É claro que ela sabia que eu iria, e estava esperando.

A noite tinha sido agitada; a manhã estava calma. Era cedo quando o

cocheiro me deixou no portão de Millbank. Eu encontrei o topo das torres da prisão cobertos pelo nevoeiro, as paredes manchadas do branco da neve, e na portaria substituíam o carvão queimado da lareira por lenha. Quando o porteiro veio abrir a porta, eu pensei, pela primeira vez, no quanto eu devia estar abatida, porque a expressão dele estava muito esquisita.

— Ora, senhorita, não pensei em vê-la aqui de novo, tão cedo — disse pensativo. Comentou que supunha que tinham mandado me chamar, das alas das mulheres, e balancei a cabeça. — Vão nos culpar muito por isso, Srta. Prior. Pode ter certeza.

Fiquei calada, sem entender as palavras dele, estava perturbada demais para isso. A prisão, quando a atravessei, me pareceu diferente, mas eu tinha esperado que fosse assim. Achei que eu é que a tinha mudado, eu e meu nervosismo que, por sua vez, deixava os guardas nervosos. Um dos homens me perguntou se eu tinha um papel, que só podia me deixar passar por seu portão com autorização do Sr. Shillitoe. Nenhum guarda havia agido assim antes, em todas as minhas visitas, e eu senti um pânico crescendo dentro de mim. Eu pensei, “então elas resolveram finalmente me manter longe dela...”

De repente, outro homem veio correndo, dizendo:

— É a dama visitante, seu tolo. Pode deixá-la passar! — Eles me cumprimentaram, abriram o portão e depois eu os ouvi cochichando.

Na prisão feminina, foi tudo igual. Eu fui recebida pela Srta. Craven, que me olhou com um ar estranho, assim como o porteiro; e então ela disse, como ele:

— Mandaram chamá-la! Bem! O que a senhorita acha disso? Imagino que não pensou em voltar aqui tão cedo e num dia como este!

Não consegui dizer nada, apenas assenti com a cabeça. Ela foi andando rapidamente comigo ao longo das alas, também silenciosas e quietas, as mulheres com ar esquisito. Comecei a ficar com medo. Não temia as palavras da carcereira, sem significado para mim; mas o que ia acontecer quando eu olhasse para Selina, ainda atrás das grades.

Nós fomos andando e eu me apoiei nas paredes para não me desequilibrar. Fazia um dia e meio que eu não comia nada. Após uma noite em claro, nervosa, eu tinha chorado debruçada na janela, numa noite gelada, depois ficara imóvel diante das cinzas da lareira. Quando a Srta. Craven tornou a falar, eu tive que olhar atentamente para ela para entender as palavras.

— A senhorita veio, eu imagino, para dar uma olhada na cela dela? — perguntou.

— Na cela? — repeti.

— *Na cela.* — assenti com o rosto ruborizado e a voz estranha.

— Eu vim visitar Selina Dawes — esclareci, e a surpresa da carcereira foi tão grande que ela me agarrou pelos braços.

Ah! Exclamou, então eu não sabia?

Dawes tinha sumido.

— Fugiu! Desapareceu da cela! Não deixou nada fora de ordem, não há

nenhuma fechadura arrombada ou aberta em toda a prisão! As carcereiras não conseguem acreditar. As presas dizem que o demônio veio buscá-la.

— *Fugiu* — repeti. E em seguida: — *Não!* Ela não fez isso.

— Foi o que a Srta. Haxby disse, hoje de manhã. Foi o que todas nós dissemos.

Ela continuou falando, e eu dei as costas para ela, tremendo, apavorada, pensando: “Meu Deus, ela foi me encontrar, em Cheyne Walk! E eu não estou lá, e ela deve estar perdida! Eu preciso ir para casa! Eu preciso ir para casa!”

Então tornei a ouvir as palavras da Srta. Craven: *Foi o que a Srta. Haxby disse, hoje de manhã...*

Pus a mão nela e perguntei a que horas descobriram o sumiço de Selina.

Foi às 6 horas, respondeu, quando vieram tocar o sino para acordar as mulheres.

— *Às 6?* Então a que horas ela fugiu?

— Ninguém sabe. A Srta. Cadman a ouviu mexer-se na cela por volta da meia-noite; mas quando foi olhar, ela disse que Dawes estava dormindo em sua cama. Foi a Sra. Jelf que encontrou a rede vazia, quando as portas foram abertas às 6 horas. Só o que sabem é que a fuga foi durante a noite...

Durante a noite. Mas eu tinha passado a noite toda acordada, contando as horas, beijando o cabelo dela, acariciando sua coleira, sentindo-a perto de mim, para depois perdê-la.

Para onde os espíritos a tinham levado, se não para junto de mim?

— Eu não sei o que fazer. Eu não sei o que fazer, Srta. Craven. O que eu devo fazer? — perguntei olhando a carcereira.

Ela ficou espantada. Disse que não sabia. Perguntou se eu queria ver a cela. Ela achava que a Srta. Haxby estava lá, junto com o Sr. Shillitoe... Fiquei muda. Ela tornou a pegar o meu braço.

— Ora, a senhorita está tremendo! — exclamou e subiu comigo a escada da torre. Na entrada das alas do terceiro andar, no entanto, eu a fiz parar e hesitei. A fileira de celas, como as outras que tínhamos percorrido, estava esquisita e muito silenciosa. As mulheres estavam paradas no portão, com o rosto encostado nas grades, não inquietas, não cochichando, apenas paradas e atentas, e parecia não haver ninguém ali para mandar que voltassem ao trabalho. Quando eu apareci com a Srta. Craven, elas se viraram para olhar para mim; e uma delas — Mary Ann Cook, eu acho — fez um gesto. Mas eu não olhei para nenhuma delas. Apenas continuei andando, devagar e cambaleando, com a Srta. Craven me conduzindo, até a ala onde ficava a cela de Selina.

A porta estava aberta e a Srta. Haxby e o Sr. Shillitoe estavam parados, olhando para dentro. Seus rostos tinham expressões tão graves e pálidas que eu pensei por um momento que a Srta. Craven havia se confundido com a notícia. Eu tive certeza de que Selina estava lá, de que, no desespero, ela se enforcara nas cordas da rede, e que eu tinha chegado tarde demais.

Até que a Srta. Haxby se virou, voltando-se para mim com uma expressão zangada. Mas então eu falei; e o desespero em meu rosto e minha voz a fez

hesitar. Perguntei se era verdade o que a Srta. Craven tinha me contado. Ela não respondeu, apenas deu um passo para o lado para que eu pudesse ver por mim mesma a cela de Selina, vazia, com sua rede estendida, os cobertores sobre ela, o chão limpo, a caneca e o prato arrumados na prateleira.

Acho que dei um grito, e o Sr. Shillitoe se aproximou para me amparar.

— A senhorita precisa sair daqui — ele disse. — Este fato a chocou, chocou a todos. — Deu uma olhada para a Srta. Haxby, depois me fez um afago, como se a minha surpresa e o meu horror me dessem um grande crédito.

— Selina Dawes, senhor. Selina Dawes! — balbuciei.

— Isto foi uma lição, Srta. Prior! Tinha grandes planos para ela, e veja como se aproveitou da senhorita. A Srta. Haxby tinha razão, eu acho, quando nos preveniu. Mas quem poderia imaginar que ela fosse tão astuta? Fugir de Millbank, como se nossas trancas fossem feitas de manteiga!

Olhei para o portão, para a porta, para as grades da janela.

— E ninguém, em toda a prisão, a viu sair, ninguém ouviu nada ou deu por falta dela até esta manhã?

Ele tornou a olhar para a Srta. Haxby que pronunciou bem baixinho:

— Alguém a viu, disso nós temos certeza. Alguém a ajudou a fugir. — Ela afirmou que uma capa e um par de sapatos foram roubados do depósito da prisão. Eles achavam que Dawes fugira vestida como uma carcereira.

Eu a tinha imaginado tensa como uma flecha. Eu havia pensado que ela viria nua, machucada e trêmula.

— Vestida como uma carcereira? — perguntei, e a Srta. Haxby respondeu com amargura:

— De que outro modo? A menos que eu achasse, como as presas, que o demônio a tinha levado.

Então ela me deu as costas e conversou em voz baixa com o Sr. Shillitoe. Fiquei olhando para a cela vazia. Eu estava me sentindo realmente péssima. Finalmente me senti tão mal que achei que ia vomitar.

— Preciso voltar para casa, Sr. Shillitoe. Isso me deixou muito nervosa, mais do que o senhor possa imaginar — implorei.

Ele apertou minha mão e fez um gesto para a Srta. Craven me acompanhar. Ao me entregar aos cuidados dela, disse:

— E Dawes não lhe disse nada, Srta. Prior? Nada que sugerisse o planejamento deste crime?

Eu o encarei e neguei com veemência; o movimento me deixou ainda mais enjoada. A Srta. Haxby me observava.

— Precisamos conversar em outra hora, quando a senhorita estiver mais calma — continuou ele. — Dawes ainda pode ser recapturada; esperamos que sim! Mas sendo ou não, haverá, é claro, um inquérito, diversos inquéritos, eu diria. A senhorita pode ser chamada para depor sobre a conduta dela, diante do comitê da prisão... — O Sr. Shillitoe perguntou se eu conseguiria suportar isso. Pediu que eu tentasse me lembrar de alguma coisa que ela tivesse dito, algum sinal de suas intenções, alguma pista a respeito de alguém que possa tê-la ajudado

ou abrigado.

Eu disse que ia tentar, sem me preocupar comigo mesma. Se eu estava assustada, era por ela e não, ainda, por mim.

Dei o braço à Srta. Craven e comecei a caminhar no meio da fileira de mulheres vigilantes. Da cela ao lado da de Selina, Agnes Nash olhou para mim e balançou lentamente a cabeça. Desviei os olhos.

— Onde está a Sra. Jelf? — perguntei. A carcereira disse que ela tinha passado mal com o choque e que fora mandada para casa pelo médico da prisão. Mas eu estava me sentindo tão mal que não prestei atenção nas palavras dela.

Contudo, tive que enfrentar outra provação. Na escada, na junção das alas inferiores — onde um dia eu tinha esperado a Sra. Linda passar para poder correr até a porta da cela de Selina e sentir minha vida voar na direção da dela —, eu encontrei a Srta. Ridley. Ela me viu, levou um susto, depois sorriu.

— Bem — disse. — Que feliz coincidência vê-la, Srta. Prior, na nossa prisão, logo *hoje!* Não me diga que Dawes foi procurá-la e a senhorita a trouxe de volta para nós? — Ela cruzou os braços e firmou o corpo no degrau. Suas chaves tilintaram e as botas de couro rangeram. Ao meu lado, senti a Srta. Craven hesitar.

— Por favor, deixe-me passar, Srta. Ridley — disse, ainda achando que ia vomitar, chorar ou ter uma crise histérica. Eu ainda alimentava a esperança de que se pudesse chegar em casa, no meu quarto, Selina seria guiada até mim e eu ficaria bem outra vez. Eu ainda acreditava nisso!

A Srta. Ridley viu o meu nervosismo e se afastou um pouco para a direita — mas só um pouco, de modo que eu tive que passar entre ela e a parede e senti minha saia roçar na dela. Nossos rostos ficaram próximos um do outro, e ela estreitou os olhos.

— Então — disse baixinho — ela está ou não com a senhorita? É seu dever, como deve saber, entregá-la de volta para nós.

Eu tinha começado a virar o rosto, mas ao vê-la, ao ouvir sua voz, eu tornei a me virar para ela.

— Entregá-la? — perguntei. — Entregá-la para a senhora, aqui? Eu gostaria que ela estivesse comigo para poder mantê-la longe daqui! Entregá-la? Seria o mesmo que entregar um cordeiro para ser sacrificado!

A expressão dela permaneceu serena.

— Cordeiros devem ser devorados — vociferou na mesma hora — e moças más, punidas.

Fiquei horrorizada e a acusei de ser um demônio! Disse que eu tinha pena das mulheres sob o jugo dela e das carcereiras que a tinham como modelo.

— É a senhora que é má. É a senhora e este lugar...

Enquanto eu falava, suas feições mudaram e suas pálpebras tremeram.

— Eu sou má! — Exclamou enquanto eu engolia em seco e recuperava o fôlego. — A senhorita tem pena das mulheres sob o meu jugo? A senhorita pode dizer isso agora que Dawes se foi. Mas não achava nossas trancas tão pesadas, nem nossas carcereiras tão duras... quando elas a mantinham quieta e comportada

para a senhorita espiar!

Foi como se ela tivesse me batido: eu estremeci, me afastei dela e me apoiei na parede. A Srta. Craven ficou ali parada, de cara fechada. Mais adiante, eu vi que a Sra. Linda tinha virado a esquina da ala e parado para nos observar. A Srta. Ridley se aproximou de mim, passando a mão nos lábios. Gritou que não sabia o que eu tinha dito à Srta. Haxby e ao diretor. Talvez eles se sentissem obrigados a acreditar em mim porque eu era uma dama, mas ela não. O que ela sabia era que eu podia tê-los enganado, mas não iludira a mais ninguém naquelas alas. A fuga de Dawes era muito esquisita, depois de ela ter recebido tanta atenção da minha parte, era muito esquisita mesmo! E se descobrissem que eu havia exercido algum papel nisso...

— Bem — ela olhou para as carcereiras vigilantes —, nós também temos *damas* aqui em nossas alas, não é, Sra. Linda? Ah, sim! Sabemos receber muito bem as *damas*, aqui em Millbank!

Senti seu hálito quente em meu rosto quando falou — quente, forte e com cheiro de carneiro. No corredor, eu ouvi a Sra. Linda rir.

Na mesma hora, eu fugi delas; desci voando a escada circular, corri pela ala do térreo, pelos pentágonos. Porque tive a impressão de que, se ficasse mais um minuto, elas iam achar uma maneira de me manter lá dentro para sempre. Elas me trancafiariam, me obrigariam a vestir o uniforme de Selina; e ela ficaria lá fora perdida, cega, me procurando, sem saber que tinham me colocado no lugar dela.

Eu fugi, mas parecia que eu ainda estava ouvindo a voz da Srta. Ridley, sentindo seu hálito no meu rosto, quente como o de um cão. Fugi; parei no portão e me encostei no muro. Limpei a boca, cheia de uma coisa azeda, com a mão.

Então o porteiro e seus homens não conseguiram achar uma carruagem para mim. Tinha caído mais neve nas ruas, e os cocheiros não conseguiam passar; pediram para eu esperar até os varredores limparem as ruas. No entanto, achei que queriam me manter ali, para que Selina continuasse perdida. A Srta. Haxby ou a Srta. Ridley deviam ter avisado o porteiro antes de eu chegar. Gritei que tinha que ir embora, que não podia ficar lá, e devo tê-los assustado, mais ainda do que a Srta. Ridley, porque eles me deixaram sair e eu corri, e os vi me observando da portaria. Saí desarvorada até a margem do rio e fui seguindo o muro, mantendo-me bem perto dele. Observei a água, que corria mais rápida do que eu, e desejei poder tomar um barco e fugir.

Percebi que embora andasse depressa, eu avançava devagar: a neve prendia minha saia e me fazia tropeçar, e logo fiquei cansada. Em Pimlico Pier, parei e olhei para trás, e pus a mão na costela; ela estava doendo, como uma agulha me espetando. Depois continuei andando, e fui até a Albert Bridge.

E quando cheguei lá, não olhei para trás, mas para as casas próximas de Cheyne Walk. Avistei a minha janela, que aparece claramente quando as folhas caem das árvores.

Esperei ver Selina. Mas a janela estava vazia, só se via a vidraça embaçada. Abaixo dela, havia a fachada branca da casa, e mais abaixo os degraus e arbustos

brancos de neve.

Nos degraus, hesitante, como se não soubesse se subia ou descia, havia uma sombra...

Era uma mulher, com uma capa de carcereira.

Ao ver isso, tornei a correr. Corri, tropeçando no gelo que cobria a rua. O ar estava tão frio que parecia que o gelo entrava nos meus pulmões, me sufocando. Corri até a grade da casa; a mulher ainda estava ali, ela tinha subido os degraus e já ia bater na porta, mas quando me ouviu chegar, ela se virou. O capuz cobria o rosto, e quando me aproximei, eu a vi tremer. Quando gritei: — “*Selina!*” — ela tremeu mais ainda. Então o capuz caiu.

— Ah, Srta. Prior!

Não era Selina, não mesmo. Era a Sra. Jelf, de Millbank.

A Sra. Jelf. A primeira ideia que tive, depois do choque da decepção, foi que tinham mandado me buscar para me levar de volta para a prisão; e quando ela se aproximou, eu a empurrei, me virei, tropecei e quis correr de novo. Contudo, minha saia estava muito pesada; e meus pulmões pareciam cheios de gelo. Afinal, para onde eu fugiria? Então, quando ela se aproximou e pôs a mão no meu braço, eu me virei e a agarrei; ela me segurou e eu me vi chorando. Fiquei tremendo em seus braços. Era como se ela fosse uma enfermeira, ou minha mãe.

— A senhora veio — eu disse finalmente — por causa *dela*. — Ela assentiu com a cabeça. Eu a olhei, e foi como se olhasse para dentro de um vidro, porque o rosto da Sra. Jelf estava amarelo contra a neve, e os olhos vermelhos de tanto chorar ou vigiar. Percebi que, embora Selina não significasse nada para ela, ela tinha sentido sua perda de uma forma terrível; e viera me procurar em busca de ajuda ou consolo.

A Sra. Jelf era o que eu tinha de mais próximo de Selina naquele momento. Eu tornei a olhar para as janelas vazias da casa, depois estendi os braços para ela. Ela me ajudou a ir até a entrada e eu lhe dei minha chave, para abrir a porta; eu não conseguia abri-la. Nós entramos em silêncio, Vigers não apareceu. O interior da casa estava silencioso e ainda sob a influência da minha espera, muito frio e quieto.

Eu a levei para o escritório de papai e fechei a porta. A Sra. Jelf pareceu nervosa lá dentro, retirando a capa com a mão trêmula. Por baixo, vi seu uniforme da prisão, todo amassado; mas ela não estava com a touca de carcereira, e seu cabelo estava caído até a altura das orelhas — era castanho com mechas grisalhas. Acendi um lampião, mas não tive coragem de chamar Vigers para acender a lareira. Ficamos sentadas, ainda de casacos e luvas, e tremendo um pouco.

— O que a senhorita vai pensar de mim, vindo à sua casa desse jeito? Se eu ainda não soubesse o quanto a senhorita é boa, ah! — exclamou botando as mãos no rosto e começou a se balançar um pouco na cadeira. — Ah, Srta. Prior! — desabafou, as palavras contidas pelas luvas. — A senhorita não vai conseguir adivinhar o que eu fiz! Não vai conseguir adivinhar.

Ela começou a chorar com as mãos no rosto, como eu chorei em seu ombro.

Até que sua tristeza, tão estranha, começou a me assustar.

— O que foi? O que foi? Pode me contar. Seja o que for.

— Acho que posso — sussurrou, acalmando-se um pouco ao ouvir minhas palavras. — Acho que *tenho* que contar! E o que importa o que me acontecer agora? — Ela ergueu os olhos vermelhos para mim. — A senhorita esteve em Millbank? Sabe que ela fugiu? Eles disseram como conseguiu?

Pela primeira vez eu fui cautelosa. Pensei de repente, “*Talvez ela saiba*. Talvez ela saiba dos espíritos, das passagens e dos planos, e tenha vindo pedir dinheiro, negociar ou ameaçar.”

— As presas dizem que foi o demônio — disse, e estremeceu. — Mas a Srta. Haxby e o Sr. Shillitoe acham que uma capa e um par de botas de carcereira foram roubados.

Ela encostou os dedos nos lábios e fez pressão contra os dentes, como se fosse mastigá-los, olhando-me com seus olhos escuros.

— Eles acham que alguém deve tê-la ajudado, de dentro da prisão — declarei. — Mas quem faria uma coisa dessas, Sra. Jelf? Ninguém gosta dela lá dentro, ninguém gosta dela em lugar nenhum! Só eu pensava nela com carinho. Só eu, Sra. Jelf, e...

Ela continuou me encarando e mordeu os lábios. Depois piscou os olhos e murmurou:

— Só a senhorita... e eu.

Ela virou o rosto e baixou os olhos quando exclamei “Meu Deus”.

— Então a senhorita me acha má, afinal de contas! — gritou a Sra. Jelf. — E ela prometeu, ela prometeu...

Seis horas antes, eu tinha me debruçado na noite gelada, e não havia mais conseguido me aquecer. Ao ouvi-la, fiquei fria como mármore, fria e dura, mas com o coração batendo tão forte no peito que parecia que ia arrebentar.

— O que foi que ela prometeu à senhora? — perguntei num sussurro.

— Que a senhorita ficaria contente! — respondeu. — Que a senhorita iria adivinhar, mas não iria dizer nada! Eu achei que tinha adivinhado. Às vezes, quando a senhorita ia visitar a prisão, parecia olhar para mim e saber...

— Foram os espíritos que a levaram — eu disse. — Foram seus amigos espíritos...

De repente, aquelas palavras pareceram ridículas. Elas me fizeram engasgar. E quando a Sra. Jelf me ouviu, soltou um gemido.

— Ah, se tivessem sido eles! Mas fui eu, Srta. Prior! Fui eu que roubei a capa para ela, e os sapatos de carcereira, e os escondi! Fui eu que atravessei toda a prisão com ela e disse aos guardas que ela era a Srta. Godfrey, que estava com dor de garganta e por isso estava usando um cachecol.

— A senhora a acompanhou? — perguntei e ela assentiu: às 21h. Tão assustada, que achou que ia passar mal ou começar a gritar.

Às 21h? Mas a carcereira da noite, Srta. Cadman, ouviu um barulho à meia-noite. E viu Selina dormindo...

A Sra. Jelf baixou a cabeça.

— A Srta. Cadman não viu nada, ficou longe da ala até termos terminado tudo, e depois inventou uma história. Eu dei dinheiro para ela, Srta. Prior, e a fiz pecar. E agora, se a pegarem, ela também irá para a prisão. E a culpa é toda minha, meu Deus!

Ela voltou a gemer e a chorar e a balançar o corpo. Fiquei olhando para a Sra. Jelf, ainda tentando entender, mas as palavras dela foram como um objeto quente e afiado; eu não conseguia agarrá-las, só revirá-las na cabeça, sentindo um pânico crescente. Não houvera nenhuma ajuda dos espíritos, apenas as carcereiras. Fora a Sra. Jelf, um roubo e um mísero suborno. Meu coração ainda estava disparado. Eu ainda estava imóvel como uma estátua.

— *Por quê?* Por que a senhora fez tudo isso... por *ela*? — indaguei finalmente.

A Sra. Jelf me olhou de forma óbvia.

— Mas a senhorita não sabe? Não consegue adivinhar? — Ela respirou fundo. — Ela trouxe o meu menino para mim, Srta. Prior! Ela me trouxe mensagens do meu filhinho, que está no Céu! Ela me trouxe mensagens e presentes, assim como trouxe mensagens do seu pai!

Fiquei pasma. Ela tinha parado de chorar e sua voz, antes alquebrada, tinha ficado quase alegre.

— Em Millbank, acham que sou viúva. — Como continuei calada, ela prosseguiu. Meu coração batia violentamente a cada palavra dela, e a Sra. Jelf tomou isso como um incentivo, e tornou a falar. Contou tudo. — Em Millbank, acham que sou viúva; e eu disse uma vez para a senhorita que eu tinha sido empregada doméstica. Nada disso é verdade. Fui casada, mas meu marido não morreu, pelo menos, não que eu saiba; eu não o vejo há muitos anos. Eu me casei muito jovem, e me arrependi depois, porque logo conheci outro homem, um cavalheiro, que parecia me amar mais. Eu tinha duas filhas com meu marido, e gostava muito delas; até descobrir que ia ter mais um bebê, sinto vergonha em dizer, senhorita, que era do cavalheiro...

O cavalheiro a tinha abandonado; portanto, o marido deu uma surra nela e a expulsou de casa, ficando com as filhas. Ela passou a ter pensamentos maus sobre o filho que carregava na barriga. Ela nunca fora muito severa em Millbank com aquelas pobres moças presas por matar seus bebês. Deus sabia o quanto ela estivera perto disso, de se tornar uma delas!

Ela suspirou. Eu continuei olhando para ela, sem dizer nada.

— Foi muito difícil para mim, na época — confessou — e eu fiquei muito deprimida. Mas quando o bebê nasceu, eu o amei! Ele nasceu prematuro, com problemas de saúde. Acho que se eu o tivesse rejeitado, ele teria morrido. Mas ele não morreu; e eu trabalhei muito, só por ele, porque eu não estava me importando comigo. Eu trabalhava longas horas, em lugares horríveis, só por causa dele.

Ela engoliu em seco. Então, quando o garoto estava com 4 anos, ele morreu. Ela achou que sua vida tinha acabado. “Bem, *a senhorita* sabe como é perder quem a gente mais ama.” Como já tinha trabalhado um pouco, em lugares piores

do que antes, achou que podia ir para o próprio inferno sem se importar...

Até que uma conhecida falou de Millbank. Os salários são bons, porque ninguém quer trabalhar lá; bastava para ela que lhe dessem comida e um quarto com uma lareira e uma cadeira. As mulheres pareciam todas iguais, no início.

— Até mesmo *ela*, senhorita! Então, depois de um mês, ela tocou o meu rosto um dia e perguntou por que eu era tão triste? Se eu não sabia que ele me observava, chorando quando me via sofrer, querendo que eu fosse feliz? Que susto ela me deu! Eu nunca tinha ouvido falar em espiritismo. Eu não sabia que ela tinha aqueles dons...

Nesse momento, comecei a tremer. Ela olhou para mim e inclinou a cabeça.

— Ninguém sabe tão bem quanto nós, não é, senhorita? Cada vez que eu a via, Selina tinha uma mensagem nova para mim. Ele falava com ela à noite; está grande agora, tem quase 8 anos! Como eu queria poder vê-lo! Como ela foi boa para mim! Como eu gostava dela e a ajudava. Acho que fiz coisas que não deveria ter feito, a *senhorita* sabe o que eu quero dizer, tudo por causa dele... E então, quando a senhorita veio... ah, como eu fiquei com ciúmes! Eu não tolerava vê-la junto dela! No entanto, ela disse que tinha poder suficiente para trazer as doces mensagens do meu filho e as palavras do seu pai.

— *Ela* lhe disse isso? — perguntei inexpressiva.

— Ela contou que a senhorita a procurava muito para ter notícias dele. E depois que suas visitas começaram, meu filho passou a se manifestar com mais força ainda! Ele me mandava beijos através de sua boca. Ele me mandou... ah, Srta. Prior, esse foi o dia mais feliz da minha vida! Ele me mandou isto, para eu usar sempre. — Ela levou a mão ao pescoço e eu a vi puxar um cordão de ouro.

De repente, meu coração deu um salto, meu corpo pareceu estilhaçar, e toda a minha força, minha vida, meu amor, minha esperança, tudo me abandonou, deixando-me sem nada. Até então, havia pensado: *Tudo isso é mentira, ela é louca, isso é bobagem, Selina vai explicar tudo quando chegar aqui!* Mas a Sra. Jelf puxou o medalhão, e me mostrou; ela o abriu e seus olhos se encheram de lágrimas, seu rosto ficou alegre de novo.

— Veja — disse, mostrando a mecha loura de Helen. — Os anjos cortaram este cacho da cabecinha dele, no Céu!

Eu olhei e chorei; ela deve ter achado que eu estava chorando por causa do filho dela.

— Saber que ele tinha aparecido para ela em sua cela, Srta. Prior! Pensar que ele tinha estendido a mão para ela, e dado um beijo em seu rosto, para ela dar para mim... ah, que vontade eu tive de abraçá-lo! Meu coração doeu! — Ela fechou o medalhão e o colocou de volta sob o vestido. Ele esteve pendurado no pescoço dela, é claro, durante todas as minhas visitas à prisão...

Finalmente, Selina tinha dito que havia um jeito. Mas não podia ser feito na prisão. Primeiro, a Sra. Jelf precisava ajudá-la a fugir, depois Selina traria o menino. Ela o traria, ela jurou, à casa da Sra. Jelf.

Ela só precisava esperar e vigiar, só uma noite. E Selina chegaria antes do dia amanhecer.

— E a senhorita não deve pensar que eu a teria ajudado por qualquer outro motivo! O que eu podia fazer? Se eu não o ajudar a vir... bem, ela diz que há muitas damas onde ele está, que ficariam felizes em cuidar de um garotinho órfão. Ela me disse isso, senhorita, e chorou. Ela é tão boa e delicada, boa demais para ficar em Millbank! A senhorita mesma não expressou o mesmo para a Srta. Ridley? Ah! Srta. Ridley! Como eu tive medo dela! Eu tive medo de que ela me pegasse recebendo os beijos do meu bebê. Eu tive medo de que ela me pegasse sendo *amável* na ala e então me transferisse de lá.

— Foi por sua causa que Selina não quis ser transferida para Fulham. Foi por sua causa que ela atacou a Srta. Brewer, foi por sua causa que ela sofreu na cela escura — declarei.

Ela tornou a inclinar a cabeça com uma humildade grotesca, e contou que ficou desesperada com a ideia de perdê-la. Desesperada e, depois, grata. Como ela ficou envergonhada, arrependida e agradecida quando a pobre Srta. Brewer foi agredida!

— Mas agora — exclamou, levantando os olhos escuros e límpidos para mim. — Como será difícil passar pela antiga cela dela e ver outra mulher lá dentro.

Eu olhei para ela. Perguntei como ela podia dizer isso, como podia pensar nisso, depois de ter tido Selina com ela?

— Tê-la comigo? — negou, perguntando o que eu estava querendo dizer. Por que eu achava que ela tinha ido lá?

— Ela não apareceu na minha casa! Ela não veio! Eu fiquei esperando a noite inteira e ela não veio!

Contudo, ambas tinham saído juntas da prisão! A Sra. Jelf contou que na portaria elas haviam se separado e Selina fora embora sozinha.

— Selina disse que precisava apanhar umas coisas para que o meu filho viesse melhor. Ela disse que eu só precisava ficar sentada, esperando, que ela o traria; e eu fiquei vigiando, aguardando, e no fim tive certeza de que a tinham recapturado. O que mais eu podia fazer a não ser ir até Millbank? Mas ela não foi recapturada e eu ainda não tive nenhuma notícia dela, nenhum sinal, nada. Estou com tanto medo, senhorita, por ela, e por mim mesma, e por meu filhinho querido! Acho que este medo, Srta. Prior, vai me matar!

Eu tinha me levantado e estava parada ao lado da escrivaninha de papai, então me apoiei nela e virei o rosto para o outro lado. Afinal de contas, algumas partes de seu relato eram estranhas. Selina ficara em Millbank para ser libertada por ela. No entanto, eu tinha sentido Selina perto de mim, no escuro, e em outras ocasiões; e Selina sabia de coisas a meu respeito nunca contadas a ninguém, apenas neste diário. A Sra. Jelf tinha ganhado beijos dela, mas para mim ela tinha mandado flores, sua coleira e até o seu *cabelo*. Nós estávamos unidas pelo espírito e pelo corpo; eu era sua *afinidade*. Nós éramos duas metades da mesma matéria brilhante.

— Ela mentiu para a senhora, Sra. Jelf. Ela mentiu para nós duas. Mas acho que irá explicar, quando a encontrarmos. Deve haver um propósito em tudo isso,

que não conseguimos enxergar. A senhora não imagina para onde ela pode ter ido? Não há ninguém que a possa estar abrigando? — indaguei.

Ela explicou que era por isso que tinha vindo aqui.

— No entanto, não sei de nada! Sei menos do que a senhora, Sra. Jelf!

Minha voz soou alta no silêncio. Ela ouviu e hesitou. Por fim, concluiu:

— *A senhorita* não sabe nada — e me olhou de um modo estranho. — Mas não foi a *senhorita* que eu vim incomodar. Foi a outra moça que mora aqui.

A *outra* moça? Eu tornei a me virar para ela. Certamente, ela não estava se referindo à minha mãe ou à Priscilla.

Mas seu olhar ficou ainda mais estranho. E se sáíssem sapos ou pedras de sua boca eu não teria ficado mais assustada do que com o que foi revelado a seguir.

Explicou que não tinha vindo falar comigo. Ela viera procurar a criada de Selina, Ruth Vigers.

Eu olhei atônita para ela. Um relógio soava delicadamente na lareira — o relógio de papai, diante do qual ele parava para acertar o de pulso. Fora isso, a casa estava perfeitamente silenciosa.

Vigers, eu disse então. *Minha criada*, eu disse. *Vigers, minha criada e criada de Selina*.

— É claro, *senhorita* — respondeu, e então, ao ver o meu rosto, perguntou como eu podia não saber disso. Ela sempre achava que era por causa de Selina que eu mantinha *Vigers* na minha casa.

— *Vigers* veio para cá não sei de onde. Não faço a mínima ideia. — Eu nem sabia da existência de Selina Dawes quando minha mãe contratou *Vigers*. De que modo o fato de eu ter *Vigers* perto de mim poderia ajudar Selina?

A Sra. Jelf achava que era uma gentileza de minha parte e que eu gostava de ter a mesma criada de Selina. Além disso, ela achava que, às vezes, Selina me mandava presentes através das cartas que eram trocadas entre a Srta. *Vigers* e a prisão...

— Cartas... — balbuciei. Então eu comecei a perceber o horror, a monstruosidade da situação. Então *Selina* e *Vigers* trocavam cartas?

Ah, ela disse na mesma hora, elas sempre se correspondiam! Até mesmo antes de eu começar minhas visitas. Selina não gostava que a Srta. *Vigers* fosse visitá-la em Millbank, e, bem, a Sra. Jelf entendia por que uma dama não gostaria que sua criada a visse naquele lugar.

— Eu achei que era um pequeno favor que podia prestar a ela, levar aquelas cartas, pela bondade dela com o meu menino. As outras carcereiras levam pacotes para as presas, da parte de amigos, mas a *senhorita* não pode dizer a elas que eu contei isso, elas irão negar. — *As outras* fazem isso por dinheiro. Para a Sra. Jelf, bastava que Selina ficasse contente com as cartas. Não havia nada de mal nelas — acrescentou — nada a não ser palavras amáveis e, às vezes, flores. Ela tinha visto Selina chorar ao receber as flores, muitas vezes. Ela tinha que desviar os olhos para não chorar também.

Como isso poderia prejudicar Selina? E que mal faria a ela o fato de a Sra.

Jelf levar as cartas de sua cela? Ela não estava prejudicando ninguém quando lhe dava papel, tinta e uma vela para escrever. A carcereira da noite não se importava; a Sra. Jelf lhe dava um xelim. E de manhã a vela já tinha queimado. Elas só precisavam tomar cuidado para não derramar cera no chão...

— Então, quando as cartas começaram a enviar recados para a senhorita; e quando ela quis mandar algumas lembranças, uma delas tirada da própria caixa... Bem — disse e seu rosto ficou vermelho — não se pode chamar isso de roubo, não é? Pegar o que pertencia a ela?

— O cabelo dela — murmurei.

— Mas era dela! — respondeu na mesma hora. — Quem iria dar por falta dele?

A Sra. Jelf tinha enviado, embrulhado em papel marrom; e Vigers o recebera aqui. Foi ela que o colocou debaixo do meu travesseiro.

— Selina disse que foram os espíritos que o trouxeram...

A Sra. Jelf ouviu isso e franziu a testa.

— Ela disse que foram os espíritos? Mas, Srta. Prior, por que ela diria isso?

Eu não respondi. Eu começara a tremer de novo. Devo ter ido até a lareira e encostado a testa no mármore, e a Sra. Jelf se levantou, se aproximou e apoiou a mão no meu braço.

— A senhora sabe o que fez? A senhora sabe? Elas nos enganaram, e a senhora as ajudou! A *senhora*, com suas *gentilezas*! — gritei.

Enganaram? Ela respondeu. Não, não, eu não tinha entendido...

Eu disse que finalmente tinha entendido tudo, embora não completamente. Mas o que eu já sabia parecia suficiente para me matar. Fiquei um instante parada, depois levantei a cabeça e tornei a baixá-la.

E quando minha testa bateu no mármore, senti o puxão da coleira em meu pescoço; enfiei os dedos no pescoço e comecei a puxar. A Sra. Jelf olhou para mim, cobrindo a boca com a mão. Eu me virei de costas para ela e continuei a puxar a coleira, tentando rasgar o veludo e arrancar o fecho com as unhas. Mas não consegui, a coleira não saía! Parecia ficar ainda mais apertada. Finalmente, eu olhei em volta, procurando alguma coisa que pudesse ajudar; acho que teria agarrado a própria Sra. Jelf e apertado sua boca contra a minha garganta para obrigá-la a rasgar o veludo com os dentes, até que vi a faca de cortar charuto de papai e comecei a destroçar a coleira.

Ao me ver fazer isso, a Sra. Jelf deu um grito; dizendo que eu ia me machucar! Que eu ia cortar minha garganta! Com isso, a faca escorregou. Eu senti o sangue em meus dedos incrivelmente quente, saindo da minha carne gelada. Mas também senti que a coleira tinha finalmente rasgado. Eu a atirei no chão; e a vi retorcida no tapete, na forma de um S.

Então larguei a faca e fiquei tremendo ao lado da escrivãzinha, meu quadril batendo com força na madeira, fazendo a caneta e o lápis de papai chacoalharem. A Sra. Jelf se aproximou, nervosa, e segurou minha mão, usando seu lenço para estancar o sangue em minha garganta.

— Srta. Prior. Acho que a senhorita está muito doente. Deixe-me chamar a

Srta. Vigers. Ela irá acalmá-la. Ela irá acalmar nós duas! Chame a Srta. Vigers e pergunte a ela...

E ela continuou repetindo *Srta. Vigers, Srta. Vigers* e o nome pareceu cortar-me como uma lâmina. Eu tornei a pensar no cabelo de Selina, colocado no meu travesseiro. Pensei no medalhão, tirado do meu quarto enquanto eu dormia.

Os objetos em cima da escrivaninha continuavam a pular por causa de meu corpo trêmulo.

— Por que elas fizeram isso, Sra. Jelf? Por que elas fizeram isso, tão *cuidadosamente*? — perguntei.

Pensei nas flores de laranjeira e na coleira que tinha encontrado entre as páginas deste diário.

Pensei neste caderno, onde escrevia todos os meus segredos, toda a minha paixão, todo o meu amor, todos os detalhes da nossa fuga...

De imediato, as canetas pararam de chacoalhar. Eu tapei a boca com a mão.

— *Não* — gritei. — Ah, Sra. Jelf, isso não, isso não!

Ela tornou a me segurar, mas eu me soltei. Saí tropeçando da sala para o hall escuro e silencioso.

— *Vigers!* — chamei, um grito terrível que ecoou na casa vazia e foi abafado por um silêncio ainda mais terrível. Puxei a sineta até o fio partir. Fui até a porta ao lado da escada e gritei na direção do porão completamente escuro. Voltei para o hall, vi a Sra. Jelf olhando assustada para mim, o lenço sujo de sangue ainda em sua mão. Subi a escada e fui primeiro para a sala de visitas, depois para o quarto de mamãe e por último para o de Pris, chamando o tempo todo, *Vigers! Vigers!*

Mas não veio nenhuma resposta, nenhum som exceto o da minha respiração entrecortada, o barulho dos meus passos na escada.

E finalmente cheguei na porta do meu quarto, que estava aberta. Ela não tinha pensado em fechá-la, em sua pressa.

Ela levava tudo, menos os livros: estes ela tirou das caixas e empilhou de qualquer jeito no tapete; no lugar deles roubou artigos do meu armário — vestidos e casacos, chapéus, botas, luvas e broches — coisas, eu suponho, que a fizessem parecer uma dama, peças que ela tinha manuseado no tempo em que trabalhou aqui, que tinha limpadado, passado, dobrado e mantido em ordem, prontas. Ela levava tudo isso e, é claro, as roupas compradas para Selina. E o dinheiro, as passagens e os passaportes com os nomes de *Margaret Prior* e *Marian Erle*.

Vigers levou até a trança de cabelo, que eu penteei com cuidado, para pôr na cabeça de Selina e disfarçar o corte feito na prisão. Ela só me deixou este caderno, para eu escrever. Ela o deixou pronto, com a capa limpa, como uma boa empregada faria com um livro de receitas depois de ter consultado uma delas.

Vigers. Repeti o nome e cuspi; era como veneno para mim, eu o senti subindo, envenenando a minha carne. *Vigers*. O que ela significava para mim? Eu nem me lembrava direito do rosto dela, do seu olhar, dos seus modos. Eu não sabia dizer qual era a cor dos seus cabelos, dos seus olhos, só sabia que ela era feia, mais feia até do que eu. E no entanto, sou obrigada a pensar, *Ela tirou Selina de*

mim. Sou obrigada a pensar, Selina chorava de saudades dela.

Sou obrigada a pensar, *Selina se apossou da minha vida para poder ter uma vida junto de Vigers!*

Agora eu sei. Antes eu não sabia. Eu só achava que Vigers tinha me enganado; que ela devia ter algum poder sobre Selina, alguma coisa que a tinha obrigado a fazer isso. Eu ainda pensava, *Selina me ama*. Então, quando eu saí do quarto, não fui até o hall, onde a Sra. Jelf ainda estava esperando; fui para a escada estreita do sótão, que ia dar nos quartos das empregadas. Não sei qual a última vez que eu subi essas escadas, antes de hoje — talvez quando eu era bem pequena. Certa vez, uma criada me pegou olhando e me deu um beliscão de fazer chorar; depois disso fiquei com medo da escada. Eu costumava dizer a Pris que um monstro morava lá em cima, e que as empregadas iam para seus quartos não para dormir, mas para servirem a ele.

Subi a escada e me senti uma criança de novo. Pensei, *E se ela estiver lá, ou se ela chegar e me encontrar lá?*

Mas é claro que Vigers não estava. O quarto estava frio e quase vazio — mais vazio que se poderia imaginar, foi o que me pareceu à primeira vista: um quarto que não tinha *nada*, como as celas de Millbank, sem conteúdo, textura, cheiro. Suas paredes eram sem cor, seu chão vazio exceto por um pedaço de tapete, gasto e puído. Ele tinha uma prateleira, com uma vasilha e uma jarra enferrujada, e uma cama com lençóis amarelados, amassados e revirados.

Só seu baú de latão ficou esquecido, a mala que ela trouxe, com suas iniciais gravadas grosseiramente com a ponta de um prego. R.V.

Eu a vi e a imaginei pregando as letras na carne vermelha e macia do coração de Selina.

Mas se ela fez isso, então acho que Selina deve ter afastado os ossos do seu peito para que o fizesse. Ela deve ter agarrado seus próprios ossos e, chorando, os afastado, assim como, agora, eu estava abrindo o baú, chorando, para ver o que havia lá dentro.

Um vestido marrom, de Millbank, e um vestido preto de criada, com seu avental branco. Eles estavam enrolados juntos, como amantes adormecidos; e quando eu tentei soltar o uniforme da prisão, ele se agarrou no tecido do outro e não se soltou.

Eles podem ter sido colocados ali por crueldade; ou deixados ali na pressa. Seja como for, eu entendi a mensagem. Não houvera nenhuma trapaça por parte de Vigers, apenas um triunfo astuto e terrível. Ela levava Selina para lá, para o quarto bem em cima do meu. Ela tinha passado com ela pela minha porta, elas haviam subido a escada enquanto eu ficava esperando, com minha vela acesa. O tempo todo em que aguardei, nas longas horas da noite, elas estavam aqui, juntas na cama, sussurrando baixinho, ou sem dizer nada. E quando me ouviram andar pelo quarto, e gemer e gritar pela janela, também gemeram e gritaram para debochar de mim, ou então, foram contaminadas pela minha paixão, roubada por elas.

Contudo, esta paixão sempre foi delas. Toda vez que eu ficava na cela de

Selina, sentindo meu corpo arder de desejo por ela, era como se Vigers estivesse ali no portão, espiando, roubando o olhar de Selina. Tudo o que eu escrevia no escuro, ela lia depois, na luz do dia; e ela escrevia aquelas palavras para Selina, e as palavras ficavam sendo dela. O tempo todo em que me revirei na cama, drogada de remédios, sentindo Selina vir, era *Vigers* que vinha, era a sombra *dela* no meu olho, o coração *dela* que batia no mesmo compasso que o de Selina, enquanto o meu batia no seu ritmo fraco e irregular.

Eu vi tudo isso; e então fui até a cama, me deitei e revirei os lençóis procurando por marcas e manchas. Depois fui até onde estava a vasilha na prateleira. Ainda havia uma água suja lá dentro e eu a revolvi com os dedos até encontrar um fio de cabelo escuro e outro louro. Atirei a vasilha no chão, a quebrei em pedaços e a água correu pela tábuas do assoalho. Eu peguei a jarra para quebrá-la, mas era de latão e não quebrou, então eu a amassei até rachar. Virei o colchão, depois a cama; rasguei os lençóis. O som do algodão rasgando — como posso descrever? — foi como uma droga para mim. Rasguei sem parar, até o tecido se transformar em retalho, até minhas mãos ficarem machucadas; depois levei as costuras até a boca e as rasguei com os dentes. Destruí o tapete do chão. Peguei o baú de Vigers, tirei os vestidos lá de dentro e os rasguei. Acho que teria rasgado meu próprio vestido, teria arrancado meu próprio cabelo, se não tivesse ido até a janela, ofegante, e encostado o rosto na vidraça, tremendo. Diante de mim, Londres estava inteiramente branca e serena. A neve ainda caía, o céu parecia coberto. Lá estava o Tâmis e as árvores de Battersea, e, bem longe, à esquerda, muito longe para ver da janela do meu quarto, um andar abaixo, encontravam-se as torres de Millbank.

E em Cheyne Walk, com seu casaco escuro, o policial fazia a sua ronda.

Ao vê-lo, só pensei numa coisa: na voz da minha mãe dentro de mim. *Eu fui roubada*, pensei, *por minha própria criada! Vou contar ao policial e ele irá prendê-la — ele vai fazer o trem parar! Vou mandar as duas para Millbank! Vou fazer com que as coloquem em celas separadas, e ficar com Selina para mim!*

Saí do quarto, desci a escada do sótão, fui até o hall. Lá estava a Sra. Jelf, andando de um lado para o outro e chorando. Eu a empurrei. Abri a porta, corri pela calçada e chamei o policial, numa voz histérica que não parecia a minha, que o fez vir correndo, dizendo o meu nome. Agarrei o braço dele e vi que olhava para o meu cabelo em desalinho, para o meu rosto, com aspecto horrível, e — eu tinha me esquecido disto — para a ferida no meu pescoço, que sangrava de novo.

Gritei que tinha sido roubada. Ladras haviam estado em minha casa. Estavam num trem que ia de Waterloo para a França. Eram duas mulheres, usando as minhas roupas!

Ele me olhou com um ar estranho. Perguntou, Duas mulheres?

— Duas mulheres, e uma delas minha criada. E ela é muito esperta, e me maltratou cruelmente! E a outra... a outra...

A outra fugiu, eu ia dizer em seguida, *da prisão de Millbank!* Mas em vez disso, respirei e tapei a boca com a mão.

Pois como ele ia imaginar que eu sabia disso?

Por que havia roupas ali para ela vestir?

Por que o dinheiro estava reservado, por que havia passagens compradas?

Por que havia um passaporte com um nome falso...?

O policial estava esperando.

— Não sei direito, não sei — balbuciei.

Ele olhou em volta. Ele tirara o apito do cinto, eu vi, e então o soltou e inclinou a cabeça na minha direção.

— Acho que a senhorita não deveria ficar aqui no meio da rua, tão confusa. Deixe-me levá-la para casa e poderá me contar sua história lá dentro, num lugar mais aquecido. A senhorita machucou o pescoço e o frio vai piorar a dor.

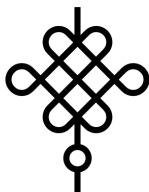
Ele estendeu o braço para eu me apoiar. Eu me afastei dele.

— Não venha — implorei e expliquei. Eu disse que estava enganada, que não tinha havido nenhum roubo, que não acontecera nada de estranho na casa. Eu me virei e saí andando. Ele me acompanhou, murmurando o meu nome, mas sem ousar tocar em mim. Quando eu fechei o portão na cara dele, ele hesitou; e eu aproveitei para correr para dentro de casa, fechar a porta e passar o trinco. Encostei-me na porta, com o rosto apertado contra a madeira.

O policial veio e tocou a campainha, eu a ouvi na cozinha. Vi o rosto dele, tingido de vermelho pelo vidro do lado da porta: ele tentou espiar e me chamou, e depois chamou uma criada. Após alguns segundos, foi embora; caminhei devagarzinho até o escritório de papai, espiei pela cortina e o vi parado no portão. Ele tirara o bloco do bolso e estava escrevendo. Fez uma anotação, depois checkou o relógio e tornou a olhar para a casa. Finalmente, olhou em volta e foi embora, andando bem devagar.

Só então eu me lembrei da Sra. Jelf. Não havia sinal dela. Mas quando fui até a cozinha, vi a porta destrancada e imaginei que ela tivesse saído por ali. Ela deve ter me visto correr para chamar o policial e fazer um gesto na direção da casa. Pobre mulher! Eu a imagino suando, apavorada, esta noite, esperando ouvir a polícia bater à sua porta, da mesma forma que na noite passada ela ficou, como eu, chorando por nada.

18 DE JULHO DE 1873



UMA TREMENDA CONFUSÃO NA SESSÃO, ESTA noite! Só havia sete pessoas reunidas, eu, a Sra. Brink, a Srta. Noakes e quatro estranhos, dois deles uma senhora e sua filha de cabelos vermelhos, e dois cavalheiros, que acho que só vieram para se divertir. Eu os vi olhando em volta e pareciam estar procurando um alçapão ou rodas na mesa. Julguei que fossem ladrões, ou que tentassem nos roubar, mais tarde. Quando entregaram seus casacos a Ruth, disseram:

— Bem, senhorita, não deixe que os espíritos levem embora nossas coisas enquanto estivermos aqui e lhe daremos meia coroa. — Quando eles me viram, fizeram reverências e riram, um deles segurou minha mão:

— A senhorita deve nos achar muito grosseiros, Srta. Dawes. Fomos informados de que era bonita, mas eu estava certo de que a senhorita era gorda e velha. Deve admitir que muitas médiuns correspondem a essa descrição.

— Eu só consigo ver com os olhos do espírito, senhor.

— Bem, então é um desperdício a cada vez que se olha no espelho. Para compensar, a senhorita deve permitir que usemos mais ainda nossos olhos terrenos para contemplá-la. — O rapaz tinha umas suíças muito feias e os braços finos como os de uma dama. Quando nos sentamos, ele fez questão de ficar ao meu lado, e quando eu disse que devíamos juntar as mãos e rezar, perguntou: — Eu tenho que dar a mão a Stanley? Não posso segurar suas mãos? — A senhora com a filha me pareceu muito incomodada nessa hora, e a Sra. Brink alertou:

— Acho que nosso círculo não está harmonioso esta noite, Srta. Dawes. Talvez não deva promover a sessão hoje. — Mas eu teria detestado perder esta oportunidade.

O cavalheiro ficou bem perto de mim enquanto esperávamos.

— Acho que isto é o que chamam de espíritos análogos. — Finalmente, ele largou a mão do amigo e a pousou sobre meu braço nu.

— O círculo foi quebrado! — eu disse na mesma hora.

— Bem, não fomos eu e Stanley que o quebramos. Eu posso sentir a mão dele, está segurando firme na minha camisa.

Quando eu fui para a cabine, ele se levantou para me ajudar, mas a Srta. Noakes interveio:

— Eu vou ajudar a Srta. Dawes esta noite. — Ela prendeu minha coleira e depois segurou a corda e o amigo do cavalheiro, Sr. Stanley, ao ver isto disse:

— Cristo, isso é mesmo necessário? Ela tem mesmo que ficar amarrada como um ganso?

— É por causa de pessoas como o senhor que fazemos isto. O senhor acha que algum de nós gosta? — respondeu a Srta. Noakes.

Quando Peter Ligeiro chegou e pôs a mão em mim, ficaram todos em silêncio. Mas quando ele saiu, um dos cavalheiros riu.

— Ele esqueceu de trocar de roupa! — Depois, quando Peter perguntou se havia alguma pergunta para os espíritos, os dois se manifestaram, queriam saber se os espíritos podiam dar a eles alguma pista sobre um tesouro enterrado.

Com isso, Peter ficou zangado.

— Vocês só vieram aqui para debochar da minha médium. Acham que ela me traz do Outro Lado só para vocês se divertirem? Vocês acham que eu trabalho só para que dois rapazes estouvados como vocês riam de mim?

— Eu não sei por que você veio — disse o primeiro cavalheiro.

— Eu vim para trazer mensagens maravilhosas, para dizer que o espiritismo é verdadeiro! Eu também vim para lhes trazer presentes. — Peter foi até a Srta. Noakes.

— Aqui está uma rosa, Srta. Noakes, para a senhorita. — Em seguida, foi até a Sra. Brink. — Aqui está uma fruta, Sra. Brink — era uma pera. Ele percorreu todo o círculo até chegar junto dos cavalheiros, e lá ele ficou esperando.

— Bem, você tem uma flor ou uma fruta para mim? — perguntou o Sr. Stanley.

— Não, eu não tenho nada para o senhor, mas tenho um presente para o seu amigo e aqui está!

Então o cavalheiro deu um grito e eu o ouvi arrastar a cadeira no chão.

— Seu demônio, o que foi que você pôs em mim? — gritou. Era um caranguejo. Peter o tinha enfiado no bolso dele e o cavalheiro estava sentindo as garras se movendo sobre ele no escuro, e ele achou que fosse algum monstro. O caranguejo era grande, tinha vindo da cozinha, onde havia dois deles num balde — é claro que eu só fiquei sabendo disso depois. Peter voltou para a cabine enquanto os cavalheiros gritavam no escuro e o Sr. Stanley se levantava para acender uma luz. Eu apenas imaginei o que teria acontecido, porque ele pôs a mão no meu rosto e ela tinha um cheiro esquisito. Quando me levaram para fora, o caranguejo estava preso sob uma cadeira e sua casca estava partida, a carne aparecendo, mas as garras ainda se moviam e o cavalheiro estava limpando a calça, suja de lama.

— Belo truque esse, em cima de mim — vociferou o rapaz.

— Os senhores não deviam ter vindo aqui. Foram vocês que deixaram Peter tão agitado e trouxeram más influências para cá. — retrucou a Sra. Brink.

Contudo, quando a dupla partiu, nós rimos.

— Ah, Srta. Dawes, como o Peter tem ciúmes da senhorita! Acho que ele seria capaz de matar um homem por sua causa! — disse a Srta. Noakes. Então,

enquanto eu tomava uma taça de vinho, a outra dama se aproximou e me puxou de lado. Ela disse que sentia muito que os cavalheiros tivessem se comportado tão mal. Comentou que outras médiuns jovens teriam deixado homens como eles as transformarem em coquetes, e ela estava contente por eu não ter feito isso. Depois perguntou:

— Será que a senhorita podia dar uma olhada na minha filha?

— O que há com ela?

— Ela não para de chorar. Tem 15 anos e acho que chora todo dia, desde os 12. Eu digo a ela que qualquer dia os olhos dela vão cair de tanto chorar.

Expliquei que precisava examiná-la de perto.

— Madeleine, venha cá.

Quando a menina se aproximou, eu segurei a mão dela, dizendo:

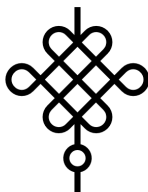
— O que você achou do que Peter fez esta noite? — Ela disse que tinha achado maravilhoso. Ganhou um figo de presente. Ela não é de Londres, é de Boston, nos Estados Unidos. Contou que viu muitos espíritos lá, mas nenhum tão bom quanto eu. Eu a achei muito jovem.

— Você pode fazer alguma coisa por ela? — indagou a mãe. Eu disse que não tinha certeza. Mas enquanto ficava ali refletindo, Ruth veio buscar minha taça, e quando ela viu a menina, pôs a mão na cabeça dela.

— Ah, que bela cabeleira vermelha! Peter Ligeiro gostaria de vê-la de novo, eu tenho certeza.

Ela diz que acha que vai ficar muito bem se passar algum tempo longe da mãe. O nome dela é Madeleine Angela Rose Silvester. Ela vai voltar amanhã, às 14h30.

SEM DATA



NÃO SEI QUE HORAS SÃO. Os relógios pararam, não há ninguém aqui para dar corda neles. Mas a cidade está tão quieta que eu acho que devem ser 3 ou 4 horas — período silencioso entre as últimas carruagens e o barulho das carroças indo para o mercado. Não há nenhum vento, nenhuma gota de chuva na rua. A janela está coberta de geada mas, embora eu a tenha observado, de olhos fixos, por mais de uma hora, sua formação é secreta demais e muito suave, eu não consigo vê-la.

Onde está Selina agora? Em que cama ela dorme? Eu envio meus pensamentos na noite, tento alcançar o elo de escuridão que parecia nos unir, como uma corda bem esticada. Mas a noite é muito densa, meus pensamentos se perdem, e o elo de escuridão...

Nunca houve esse elo, nunca houve um espaço em que nossos espíritos se tocavam. Sempre houve apenas o meu desejo — e o dela, tão semelhante que parecia meu. Não há mais desejo em mim, agora, não há aceleração; ela levou tudo isso, deixando-me sem nada. O nada é muito quieto e leve. É difícil manter a pena sobre o papel com minha carne vazia. Veja a minha mão! É como a de uma criança.

Esta é a última página que irei escrever. O diário já foi queimado, acendi o fogo na lareira e joguei as páginas lá dentro, e quando esta folha estiver coberta de linhas trêmulas, ela irá juntar-se às outras. Que estranho, escrever para a fumaça da chaminé! Mas eu preciso escrever, enquanto ainda respiro. Eu só não suporto tornar a ler o que escrevi *antes*. Quando tentei, tive a impressão de ver o olhar de Vigers sobre as páginas, branco e pegajoso.

Pensei nela, hoje. Lembrei do dia em que ela chegou e Priscilla riu e a chamou de feia. Eu pensei na outra criada, Boyd, e em como ela chorou, dizendo que a casa tinha fantasmas. Acho que ela nunca ouviu nada. Imagino que Vigers a tenha procurado, ameaçado, ou então lhe dado dinheiro...

Eu pensei em Vigers, na tola Vigers, olhando espantada quando lhe perguntei quem tinha levado flores de laranjeira para o meu quarto; ou sentada na cadeira do lado de fora do meu quarto, ouvindo-me suspirar e chorar e escrever no diário — ela parecia gentil comigo, na época. Penso nela trazendo água e acendendo meu lampião, trazendo comida da cozinha. Agora ninguém me

traz comida, e o fogo que eu acendo solta fumaça, estala e se transforma em cinzas. Não há ninguém para esvaziar meu urinol, e ele deixa um cheiro azedo no ar.

Penso nela me vestindo, escovando meu cabelo. Penso nos seus braços grandes de criada. Agora eu sei quem serviu de molde para aquela mão de cera; e quando eu me lembro dos dedos, eu os vejo inchando, amarelos nas juntas. Eu a imagino encostando o dedo em mim e o dedo ficando quente, amolecendo e manchando minha pele.

Eu penso em todas as moças tocadas, manchadas por aquelas mãos de cera — e em Selina, que deve ter beijado seus dedos enquanto eles pingavam, e me encho de horror, de inveja e de tristeza, porque eu estou intocada, abandonada e sozinha. Vi o policial voltar esta noite. Ele tocou a campainha e ficou olhando para dentro do hall — talvez ele ache que eu fui para Warwickshire, para perto de mamãe. Mas talvez não, pode ser que volte amanhã. Ele vai encontrar a cozinheira aqui, e fazê-la vir até meu quarto e bater na porta. Ela vai me achar esquisita e vai mandar chamar o Dr. Ashe, e talvez uma vizinha — a Sra. Wallace. Vão mandar buscar mamãe. E então, o quê? Lágrimas ou olhares de tristeza, e mais láudano, ou cloral de novo, ou morfina, ou elixir paregórico — eu nunca experimentei isso. Depois o divã durante meio ano, como antes, e visitas vindo até minha porta na ponta dos pés... Com o tempo, a reabsorção gradual dos hábitos de mamãe — cartas com os Wallaces, os ponteiros rastejando no relógio e convites para os batizados dos bebês de Prissy. E, enquanto isso, o inquérito em Millbank; e eu talvez não seja tão corajosa, agora que Selina foi embora, para mentir em defesa dela, e em minha própria defesa...

Não.

Tornei a guardar meus livros nas prateleiras. Fechei a porta do quarto de vestir e tranquei a janela. Lá em cima, arrumei tudo. Escondi a vasilha e a jarra quebradas, queimei na minha lareira os lençóis, o tapete e os vestidos. Queimei a gravura de Crivelli, a planta de Millbank e o botão de laranjeira que guardava dentro deste diário. Também pus fogo na coleira de veludo e no lenço manchado de sangue que a Sra. Jelf deixou cair no tapete. A faca de charuto de papai, eu guardei de volta na escrivaninha, que já está coberta por uma camada de poeira.

Imagino quem será a nova criada que irá espanar aquela poeira. Acho que não conseguiria ver uma criada me fazer uma reverência, agora, sem estremecer.

Enchi uma vasilha com água fria e lavei o rosto. Limpei a ferida no pescoço. Escovei o cabelo. Acho que não há mais nada para arrumar ou jogar fora. Não estou deixando nada fora do lugar, nem aqui nem em qualquer cômodo.

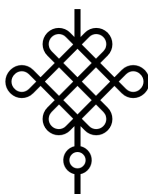
Isto é, nada exceto a carta que escrevi para Helen; mas esta deve estar, agora, no hall de Garden Court. Pois quando pensei em ir até lá e pedir à criada deles para devolvê-la, eu me lembrei do cuidado com que Vigers a tinha levado para o correio. Pensei em todas as cartas que ela deve ter levado da casa e em todos os pacotes trazidos; e em todas as vezes que ela deve ter ficado sentada, em seu quarto miserável acima do meu, escrevendo a respeito da sua paixão, assim como eu mesma fazia.

Como esta paixão era expressa no papel? Não consigo imaginar. Estou cansada demais.

Por fim, estou terrivelmente cansada! Acho que não existe, em toda Londres, ninguém mais cansada do que eu — exceto, talvez, o rio, que corre incessantemente sob o céu gelado, seguindo seu curso costumeiro até o mar. Como suas águas parecem profundas, negras, densas, esta noite! Como sua superfície parece macia. Como suas profundezas devem ser geladas.

Selina, em breve você estará num lugar ensolarado. Sua teia já está entrelaçada — você enrolou a última linha do meu coração. Queria saber se, quando a linha ficar frouxa, você irá sentir?

1 DE AGOSTO DE 1873



JÁ É MUITO TARDE, E ESTÁ muito silencioso. A Sra. Brink está em seu quarto, o cabelo caído nos ombros, amarrado com uma fita. Ela continua esperando por mim. Pode esperar mais um pouco.

Ruth permanece deitada na minha cama, sem sapatos. Fuma um dos cigarros de Peter.

— Por que você está escrevendo? — pergunta. Respondo que é para os olhos do meu Guardião, assim como tudo o que faço. — *Ele* — pronuncia Ruth e depois ri, suas sobrancelhas escuras se juntam sobre seus olhos e seus ombros sacodem. A Sra. Brink não pode nos ouvir.

Depois, Ruth ficou calada, olhando para o teto.

— O que você está pensando? — indago. Ela diz que está pensando em Madeleine Silvester. Ela esteve conosco quatro vezes nas últimas duas semanas, mas ainda está muito nervosa e eu acho que talvez seja jovem demais para Peter desenvolver.

— Deixe que ele ponha sua marca nela uma única vez e ela nunca mais deixará de vir até nós. Você sabe o quanto ela é rica?

Acho que estou ouvindo a Sra. Brink chorar. Do lado de fora, a lua está muito alta — é a lua nova que segura a lua velha em seus braços. As luzes continuam acesas no Palácio de Cristal, e o céu escuro as faz brilhar mais forte. Ruth ainda sorri. O que será que ela está pensando? Conta que está refletindo sobre o dinheiro da pequena Silvester, e no que poderíamos fazer com tanta grana.

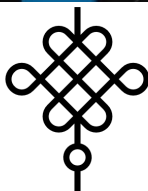
— Você achou que eu ia querer manter você em Sydenham para sempre, quando o mundo tem tantos lugares alegres? — pergunto. — Eu estou pensando no quanto você vai ficar bonita na França ou na Itália. Em todas as mulheres que vão olhar para você lá. Em todas as pálidas moças inglesas que foram para esses lugares, na esperança de que o sol lhes faça bem.

Ela apagou o cigarro.

Agora devo ir para junto da Sra. Brink.

— Lembre-se — Ruth está dizendo — a quem você pertence.

SOBRE A AUTORA



SARAH WATERS nasceu em 1966 no País de Gales e trabalhou com livreira e professora antes de se dedicar à literatura. Desde a publicação de *Toque de veludo*, seu primeiro romance, passou a colecionar prêmios e críticas elogiosas. Em 2000, o jornal inglês *The Guardian* a elegeu “autora do ano”. Foi finalista de dois importantes prêmios: o Man Booker Prize (2002, 2006 e 2009) e o Orange Prize (2002). Lançou, também pela Editora Record, *Na ponta dos dedos*, *Estranha presença* e *Toque de veludo*.





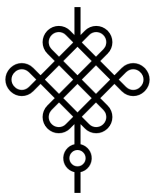
"SARAH WATERS É UMA DICKENS FEMINISTA."
THE TELEGRAPH

"UMA ESCRITORA BRILHANTE."
DAILY MAIL



Inglaterra, 1874. Para superar o trauma da morte do pai, Margaret Prior decide oferecer algum alento às detentas da Penitenciária de Millbank. Rodeada por assassinas e ladras, ela se torna próxima de Selina Dawes, uma médium que cumpre pena por fraude e roubo. Margaret logo embarca em uma jornada de encantos, sombras e fantasmas – tudo em nome de uma paixão recém-descoberta.





[1] Tradução livre do trecho do poema “The Eve of St. Agnes” [A véspera de St. Inês], de John Keats. (*N. do E.*)

[2] Tradução livre de trecho do poema “To Constantia, Singing” [Para Constantia, Canto] de Percy Bysshe Shelley. (*N. do E.*)

[3] Tradução livre de trecho do poema “Aurora Leigh”, de Elizabeth Barrett Browning. (*N. do E.*)